

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO

INTERAÇÃO DOS RITOS E SÍMBOLOS CRISTÃOS COM A
TERAPIA NARRATIVA NO ACOMPANHAMENTO PASTORAL
DA FAMÍLIA RECASADA

EURÍPEDES PEREIRA DE BRITO

DOUTORADO EM TEOLOGIA

Área de Concentração: Teologia Prática

São Leopoldo, agosto de 2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

INTERAÇÃO DOS RITOS E SÍMBOLOS CRISTÃOS
COM A TERAPIA NARRATIVA
NO ACOMPANHAMENTO PASTORAL DA FAMÍLIA RECASADA

TESE DE DOUTORADO

Por

Eurípedes Pereira de Brito

em cumprimento parcial das exigências
do Instituto de Pós-Graduação em Teologia
para obtenção do grau de
Doutor em Teologia

Escola Superior de Teologia

São Leopoldo, RS, Brasil

Agosto de 2005

“Eu sou o bom pastor.
O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.”

Jesus

BRITO, Euripedes P. *Interação dos Ritos e Símbolos Cristãos com a Terapia Narrativa no Acompanhamento Pastoral da Família Recasada*. São Leopoldo : Escola Superior de Teologia, 2005.

SÍNOPSE

Este trabalho ocorre na área de concentração da Teologia Prática e versa sobre a Interação dos Ritos e Símbolos Cristãos com a Terapia Narrativa no Acompanhamento Pastoral da Família Recasada. A pesquisa foi dividida em duas partes. A primeira compreende os capítulos de 1 a 4, na qual apresentou-se a parte teórica. No primeiro capítulo trabalhou-se a questão da família recasada no contexto social brasileiro. No segundo capítulo foram abordados os aspectos do aconselhamento pastoral. No terceiro capítulo, foram analisados os aspectos teóricos da Terapia Narrativa e suas contribuições para o trabalho com a família recasada. No quarto capítulo, foram avaliados os ritos e símbolos, buscando-se uma compreensão antropológica e teológica dos mesmos. Em seguida, foram apresentados alguns ritos da tradição cristã, relevantes ao acompanhamento da família recasada. A segunda parte compreende o quinto capítulo, no qual foi apresentada uma experiência de acompanhamento de famílias recasadas. Apresentou-se a descrição do método de trabalho e os estudos de caso. No primeiro caso *Medo de errar de novo, álcool e agressões na família recasada*, verificou-se como as questões não resolvidas no passado podem afetar o relacionamento presente. Já, no segundo caso *Crise de papéis na família recasada*, examinou-se a difícil tarefa de se trabalhar o assunto dos papéis dos membros dessas famílias. Nesses dois casos foram analisadas e constatadas as possibilidades terapêuticas do modelo narrativo de terapia, associado aos ritos e símbolos cristãos.

BRITO, Euripedes P. *Interação dos Ritos e Símbolos Cristãos com a Terapia Narrativa no Acompanhamento Pastoral da Família Recasada*. São Leopoldo : Escola Superior de Teologia, 2005.

ABSTRACT

This thesis is in the area of Practical Theology and deals with the Interaction of Christian Rites and Symbols with Narrative Therapy in the Pastoral Care of the Remarried Family. The study is divided into two parts. The first part has four chapters concerning theoretical issues. In the first chapter the issue of the remarried family in the Brazilian context is discussed. In the second chapter pastoral counseling aspects are treated. Chapter three analyzes theoretical aspects of Narrative Therapy and its contributions to the work with remarried family. Chapter four evaluates rites and symbols, searching for their anthropological and theological understanding and presents some Christian rites relevant to the counseling of the remarried family. The second part, with chapter five, brings an experience of counseling remarried families. The research method used and two case studies are presented. In the first case study, Fear of failing again: alcohol and aggressions in the remarried family, it was shown that unresolved problems in past can affect present relationships. In the second case study, Role crisis in the remarried family, the difficult task of working through the subject of roles of the members of these families was examined. In both case studies the therapeutic possibilities of the narrative therapy model associated with Christian rites and symbols were analyzed and ascertained.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Oneide Bobsin

1º Examinador: Prof. Dra. Valburga Schmiedt Streck

2º Examinador: Prof. Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero

3º Examinador: Prof. Dr. Lothar Carlos Hoch

4º Examinador: Prof. Dra. Vera Lúcia Ramirez

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa Gláucia e às minhas filhas, Marianne, Marinna e Marília por terem suportado os momentos difíceis que passamos nesta caminhada, e pelo apoio constante a mim concedido.

Agradeço à Igreja Presbiteriana do Brasil que por meio da Junta Regional e Educação Teológica que me concedeu apoio e sustento para a realização do curso.

Agradeço à Igreja Presbiteriana do Jardim Botânico, nossa comunidade da fé, que me incentivou constantemente no decorrer da pesquisa.

Agradeço ao Prof. Rev. Luiz Gourlart da Silva, pelo apoio e pela revisão do trabalho.

Agradeço às professoras: Luciana , Lázara Ieda e Solange Alfinito, pelas correções e contribuições.

Agradeço Instituto de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia. Direção e todos os funcionários pelo ótimo atendimento dispensado.

Agradeço ao prof. Dr. Oneide Bobsin orientador, e à prof. Dra. Valburga Schmiedt Streck, co-orientadora pelas orientações críticas sem as quais este trabalho não teria sido realizado.

Agradeço aos professores Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero, Dr. Lothar Carlos Hoch, Dra. Vera Lúcia Ramirez pela participação na Banca Examinadora.

Agradeço ao Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé, por sua ajuda e apoio no início das pesquisas.

Agradeço aos familiares e amigos que indiretamente me animaram nesta caminhada.

Agradeço a Deus, meu refúgio e fortaleza.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: A FAMÍLIA RECASADA NO CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO	13
1. <i>Transformações na família no contexto social brasileiro</i>	13
2. <i>Transformações demográficas</i>	24
3. <i>Políticas sobre a família</i>	26
4. <i>O processo do divórcio e as possíveis repercussões emocionais</i>	27
5. <i>Aspectos da família recasada</i>	41
6. <i>A Igreja Presbiteriana do Brasil e a situação dos recasados</i>	48
CAPÍTULO 2: ASPECTOS DO ACONSELHAMENTO PASTORAL	56
1. <i>Aconselhamento pastoral e teologia prática</i>	56
2. <i>A ausência dos recursos espirituais</i>	58
3. <i>A recuperação dos recursos espirituais</i>	64
4. <i>A abordagem contextual de libertação</i>	67
5. <i>Iniciativa pastoral</i>	70
6. <i>A perspectiva bíblica do recasamento</i>	72
CAPÍTULO 3: A TERAPIA NARRATIVA E A FAMÍLIA RECASADA	82
1. <i>Das teorias psicodinâmicas à teoria narrativa</i>	82
2. <i>Conceitos Teóricos</i>	89
3. <i>Contribuições para o trabalho terapêutico com a família recasada</i>	97
4. <i>Avaliação Crítica</i>	103
CAPÍTULO 4: RITOS E SÍMBOLOS	108
1. <i>Noções de ritos e símbolos</i>	108
2. <i>O processo do ritual</i>	146
3. <i>Técnica dos rituais no aconselhamento pastoral</i>	148
CAPÍTULO 5: ACOMPANHAMENTO PASTORAL DE FAMÍLIAS RECASADAS	153
1. <i>“Acompanhamento de famílias recasadas por meio da comunidade</i> <i>presbiteriana”</i>	153
2. <i>CASO N. 1: Medo de errar de novo. Álcool e agressões: A família de Marcelo e</i> <i>Fátima</i>	159
3. <i>CASO N. 2: Crise nos papéis. Família de Geraldo e Márcia</i>	180
CONCLUSÃO:.....	221
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	240

INTRODUÇÃO

Observa-se que a experiência clínica acumulada já tem revelado consenso a respeito de algumas medidas preventivas que poderiam minimizar as conseqüências do divórcio para as crianças e, da mesma forma, ajudar o casal a evitar um novo fracasso no recasamento¹. Todavia, não se pode omitir que as repercussões emocionais dos processos de divórcio e recasamento constituem-se assunto emergente e cheio de desafios, mesmo na área da terapia familiar. Na esfera do aconselhamento pastoral, exige-se ainda pesquisa e reflexão aprofundada por parte da Teologia Prática, a fim de que se possa acompanhar as famílias recasadas, de tal forma que estas sejam auxiliadas no seu crescimento e fortalecimento.

Há um alto índice de famílias experimentando o divórcio no Brasil, inclusive no seio da igreja². Em contra partida, pessoas divorciadas, bem como algumas pessoas viúvas, continuam anelando pela possibilidade de ainda poderem experimentar um novo relacionamento conjugal e, assim, constituir uma nova família.

Diante desse quadro, o aconselhamento pastoral precisa, portanto, buscar as contribuições das pesquisas da Terapia Narrativa e associá-las às riquezas espirituais da tradição cristã, a fim de atuar junto às famílias recasadas de forma relevante, terapêutica e libertadora. Essa é a contribuição que esta tese procura apresentar ao analisar e integrar estes dois universos, Terapia Narrativa e riquezas espirituais.

¹ José Ovídio WALDEMAR, *Recasamento: enfrentando o desconhecido*, p. 174.

² Quando o autor usa igreja, está falando da comunidade daqueles que se reúnem em torno de Jesus Cristo. De forma mais específica da parcela desta comunidade no contexto da realidade brasileira.

Um aspecto intrigante, neste contexto, é que, a despeito dos insistentes preconceitos de algumas igrejas em relação às famílias recasadas, várias dessas famílias continuam a procurar a comunidade da fé em busca de comunhão. Parece fazerem isso por necessidade: de expiar sentimentos de culpa; de aceitação e apoio, pois, de alguma forma, ainda crêem que a religião os ajudará no fortalecimento do seu novo relacionamento.

O pressuposto subjacente à presente tese é a convicção do autor de que o aconselhamento pastoral pode contribuir de forma significativa para com as pessoas que experimentaram o divórcio e buscam edificar um novo lar. Isso só será possível, buscando-se uma metodologia mais específica para ajudar essas famílias a construírem possibilidades relacionais mais ricas e duradouras.

A revisão de literatura demonstra que as linhas de terapia familiar, inclusive a Terapia Narrativa, são de grande importância para o processo terapêutico com a família recasada. Apontam, também, uma lacuna no mundo do aconselhamento pastoral, produzida pela falta de interação entre ritos e símbolos cristãos e as contribuições da Terapia Familiar. Assim, para contribuir com o suprimento dessa lacuna, pretende-se nessa tese, integrar os recursos espirituais da tradição cristã aos procedimentos da Terapia Narrativa.

Esse projeto de integração possibilitará à igreja, assumir mais efetivamente a sua tarefa de ser inclusiva, aproximando a igreja da realidade daqueles que sofrem preconceitos e carecem de apoio. É importante afirmar que, conquanto a pesquisa proponha a interação entre a Terapia Narrativa e os ritos e símbolos cristãos para o acompanhamento da família recasada, não se pretende que o aconselhamento pastoral assuma o lugar da Terapia Familiar.

O assunto da pesquisa é Aconselhamento Pastoral e Recasamento³, e tem em vista cinco objetivos básicos: 1) analisar, por meio do acompanhamento pastoral, o uso dos ritos e símbolos cristãos integrados à Terapia Narrativa, contribuindo para o melhor acompanhamento da família recasada; 2) verificar as influências dos relacionamentos conjugais anteriores sobre a vida da nova família; 3) propor um novo método de aconselhamento para acompanhar a família recasada; 4) verificar a influência da imagem do pastor/a no aconselhamento pastoral; 5) contribuir com a sociedade acadêmica por meio de proposta de nova metodologia de aconselhamento pastoral, no acompanhamento familiar.

A pesquisa foi dividida em duas partes. A primeira compreende os capítulos de 1 a 4, na qual será apresentada a parte teórica. No primeiro capítulo será trabalhada a questão da família recasada no contexto social brasileiro, examinando a realidade das transformações sociais e culturais pelas quais passaram e enfrentam a família. No segundo capítulo serão abordados os aspectos do aconselhamento pastoral, buscando-se apresentar o aconselhamento pastoral como parte da teologia prática. Analisa-se também a ausência e o resgate dos recursos espirituais para o aconselhamento pastoral. Apresenta-se ainda, o modelo da abordagem contextual de uma poimênica de libertação no aconselhamento pastoral e terapia familiar. Por último, faz-se uma análise do aconselhamento pastoral e a perspectiva bíblica do recasamento. No terceiro capítulo, analisam-se os aspectos teóricos da Terapia Narrativa e suas contribuições para o trabalho com a família recasada. No quarto capítulo, avaliam-se os ritos e símbolos, buscando uma compreensão antropológica e teológica dos mesmos. E finalmente, apre-

³ Monica Mcgoldrick e Betty Carter afirmam ter escolhido o termo família recasada pelo fato de que “o termo: ‘família com padrasto/madrasta’ tem conotação negativa, ‘famílias reconstituídas e reestruturadas’ soa como se tudo fosse uma questão de rearrumar as partes da família. Já o termo recasados, ou família recasada, enfatiza que é o vínculo conjugal que forma a base para o complexo arranjo de várias famílias numa nova constelação.” É nesta perspectiva que tomamos o termo nesta tese. Monica MCGOLDRICK, Betty CARTER, *Construindo uma Família Recasada*, p. 344.

sentam-se alguns ritos da tradição cristã relevantes ao acompanhamento da família recasada, interpretados à luz das contribuições antropológicas.

A segunda parte compreende o quinto capítulo, no qual é apresentada uma experiência de acompanhamento de famílias recasadas. Apresenta a descrição do método de trabalho e, em seguida, os estudos de caso. No primeiro caso *Medo de errar de novo, álcool e agressões na família recasada*, verifica-se como as questões não resolvidas no passado podem afetar o relacionamento presente. Já, no segundo caso *Crise de papéis na família recasada*, examina-se a difícil tarefa de se trabalhar o assunto dos papéis dos membros da família recasada. Nesses dois casos analisou-se, outrossim, as possibilidades terapêuticas do modelo narrativo de terapia, associado aos ritos e símbolos cristãos.

No transcurso da pesquisa, as sessões de acompanhamentos foram documentadas por meio de resumos. O pesquisador trabalhou a partir das seguintes hipóteses: O aconselhamento pastoral, no uso dos ritos e símbolos cristãos interligados à Terapia Narrativa, contribui espiritual, psicológica e socialmente para o fortalecimento das famílias recasadas; a Terapia Narrativa serve como instrumento teórico para contribuir significativamente na construção de uma prática pastoral renovada junto à família recasada; o aconselhamento pastoral não pode negligenciar as experiências passadas dos membros das famílias que vêm de outro/s casamento/s; o pastor é considerado como portador da graça de Deus, o que contribui para uma ação pastoral eficaz junto à família recasada; a formulação de uma nova metodologia de acompanhamento pastoral das famílias recasadas contribuirá para o aprimoramento de futuros pesquisadores.

Capítulo 1: A família recasada no contexto social brasileiro

1. Transformações na família no contexto social brasileiro

Registram-se, nessas últimas décadas, profundas transformações na composição da família, sejam no contexto mundial ou no contexto especificamente brasileiro. Com o advento da globalização, no ocidente, as transformações na sociedade, atingem, geralmente, a todas as pessoas e famílias quase que simultaneamente. No contexto da classe média, verifica-se, por exemplo, um índice de natalidade menor, a expectativa de vida mais longa, a mudança do papel feminino e o crescente índice de divórcios e recasamentos.

1.1. Transformações sociais na América Latina

A família está inserida num todo complexo, denominado sociedade. O desenvolvimento social e as transformações advindas daí afetam diretamente a família, e precisam ser analisados. Jorge Barro entende que “o maior fenômeno da história mundial, atualmente é a urbanização.”⁴ Na especificidade da América Latina, Manuel Castells demonstra que, “o fator decisivo do crescimento urbano na América Latina é sem dúvida alguma a migração rural-urbana.”⁵

Ao se analisar o processo de urbanização da América Latina, verifica-se que o seu desenvolvimento está atrelado a uma profunda dependência, que tem provocado sérios problemas sociais. O desenvolvimento da América Latina, na história da urbanização, de acordo com Castells⁶ está atrelado à dependência. As transformações sociais ocorridas, a partir deste contexto

⁴ Jorge H. BARRO, *o pastor urbano, dez desafios práticos para um ministério urbano bem sucedido*, p. 9.

⁵ Manuel CASTELLS, *A questão urbana*, p. 81.

⁶ ID., *ibid.*, p. 65-85.

são tão profundas que, ao se referir ao processo de urbanização dessa região, Castells o qualifica de “exemplo típico de ‘hiperurbanização’, situação intermediária entre ‘desenvolvimento’ e subdesenvolvimento”⁷. Para ele, há uma coexistência de um crescimento automantido e da “marginalização” progressiva de muitas pessoas⁸.

A dependência fica evidenciada e, pode ser percebida, por dois aspectos: as formações sociais existentes na América Latina antes da penetração colonialista ibérica foram praticamente destruídas e desintegradas socialmente. E, a evolução posterior do conjunto social da América Latina e sua diversificação interna são o resultado das diferentes articulações regionais da metrópole, bem como da reorganização das relações de força entre os países dominantes⁹. “As relações ‘privilegiadas’ político-econômicas da América Latina com os Estados Unidos reforçam uma certa unidade de problemas e fundamentam a trama das formas sociais em transformação.”¹⁰

Para ele as novas sociedades, no contexto da América Latina, foram desenvolvidas no interior de uma situação de dependência, “sem quase apresentar particularidades relativas à estrutura social preexistente.”¹¹ Castells conclui que a urbanização latino-americana caracteriza-se pelos seguintes traços:

População urbana sem medida comum com o nível produtivo do sistema; ausência de relação direta entre emprego industrial e crescimento urbano; grande desequilíbrio na rede urbana em benefício de um aglomerado preponderante; aceleração crescente do processo de urbanização; falta de empregos e de serviços para as novas massas urbanas e, conseqüentemente (...) reforço da segregação no que diz respeito ao consumo.¹²

⁷ ID., *ibid.*, p. 65.

⁸ *Idem.* p. 66.

⁹ *Idem.* p. 66.

¹⁰ *Idem.* p. 66, 67.

¹¹ *Idem.* p. 66.

¹² *Idem.* p. 77.

Para Castells, a “sociedade urbana’ numa perspectiva antropológica, “quer dizer um certo sistema de valores, normas e relações sociais, possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação.¹³”

Aspecto de grande importância para esta pesquisa é a observação de Castells, de acordo com a qual, os estudos Louis Wirth¹⁴, demonstram que tanto a formação de uma economia de mercado, como o desenvolvimento das grandes organizações burocráticas, “são instrumentos de racionalização e da despersonalização exigidas pela complexidade urbana.” Surge assim, o ser humano “metropolitano”, o qual está perdido, por um lado buscando como centro a sua própria individualidade, mas visto da perda de identidade; por outro lado, o ser humano não consegue responder à sua necessidade de relacionamentos. Para Castells é necessário, uma teoria sociológica da cidade, a qual deve ultrapassar, “por um lado, os simples critérios geográficos e, por outro lado, não a reduzam à expressão de um processo econômico, por exemplo, a industrialização ou o capitalismo”¹⁵. Ainda sobre a interpretação de Castells a respeito de Wirth, o importante é “concentrar-se sobre os seres humanos e sobre as características de sua relação”¹⁶.

Nasce assim uma definição sociológica da cidade: “localização permanente, relativamente grande e densa, de indivíduos socialmente heterogêneos”¹⁷.

Pode-se verificar, então, a partir daí, as novas formas de vida social, produzidas por estas três características essenciais de dimensão, densidade e heterogeneidade dos aglomerados urbanos. Quanto à dimensão de uma cidade: a depender de seu tamanho, variam-se os aspectos individuais e

¹³ Idem., p. 100.

¹⁴ Idem., p. 102-104.

¹⁵ Idem., p. 102.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

sociais, verificando-se nos grandes centros, a ausência de elos comunitários, os quais são substituídos pelos mecanismos de controle formal e pela competição generalizada. Exemplo disso é a pessoa com um problema com o vizinho. Ele não procura o vizinho para uma solução do problema, mas a delegacia de polícia para fazer uma ocorrência.

A multiplicação das interações produz a segmentação das relações sociais e suscita o caráter ‘esquizóide’ da personalidade urbana. Os traços distintivos de um tal sistema de comportamento são, pois, o anonimato, a superficialidade, o caráter transitório das relações sociais urbanas, a anomia, e a falta de participação¹⁸.

O ser humano pode se sentir sozinho enquanto caminha em meio às grandes aglomerações urbanas “quanto mais próximos estamos fisicamente, tanto mais distantes são os contatos sociais.”¹⁹. Pela falta de contatos sociais, algumas pessoas, não tendo relacionamentos sólidos, buscam por uma “relação virtual” via internet. Para Castells, a principal consequência de tudo isso é:

Uma forte desorganização da personalidade, o que explica a progressão do crime, do suicídio, da corrupção, da loucura, nas grandes metrópoles. (...) O tipo urbano define-se por oposição simétrica ao conjunto de fatores enumerados, e está portanto centrado na desorganização social, na individualização e na secularização.²⁰

Torna-se, assim, um dos grandes desafios para o aconselhamento pastoral acompanhar as famílias dentro deste grande contexto colocado por Castells. O constante aumento do percentual das separações, pode ser atribuído à instabilidade inserida na ordem da vida moderna. Os relacionamentos estão em crise e o ser humano encontra-se profundamente instável e de-

¹⁸ Idem. p. 103.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem. p. 104.

sorganizado no seu próprio ser. Faz parte dessa tese, a hipótese de que o aconselhamento pastoral pode contribuir de forma significativa para o fortalecimento da família recasada, a qual se encontra em meio a essas grandes transformações sociais. A cidade que tem sido lugar de hostilidades, violências e desordens, inseguranças e medos. Também é alvo do amor de Deus e lugar de manifestação da sua misericórdia.

1.2. Transformações sociais no seio da família

Viver em famílias nucleares, na América Latina, possivelmente tenha sido uma tendência que emergiu da imigração de europeus. Conforme Streck²¹,

Antes da abolição da escravidão, os fazendeiros de café de São Paulo assentaram um grande número de famílias alemãs e italianas em suas plantações, porque eles contavam com o trabalho de todo o grupo familiar. Mas com o fim do colonato, os trabalhadores assalariados substituíram o trabalho das famílias, o que trouxe profundas conseqüências sociais. Os homens e as mulheres tornaram-se trabalhadores livres, que eram levados por mediadores, os assim chamados turmistas, de caminhão para as fazendas. O trabalho dos bóias-frias era sazonal. Observando-se a partir daí a diminuição do *status* social dos homens na família. Não tinham mais estabilidade e não conseguiram manter o seu papel de provedores da família. Desempregados, tinham que procurar emprego em outros lugares. As mulheres, por sua parte, trabalhavam em casa e nas fazendas, enquanto antigamente quase não saíam da sua terra. Trabalhando fora, elas ganharam mais *status* social, mas se afastaram do seu papel tradicional e diminuíram a sua presença em casa. Assim, a estrutura de trabalho contribuiu para desestruturar a família nuclear e produziu uma massa de trabalhadores rurais que, à procura de espaço e trabalho, migraram para os centros urbanos²².

O homem exercia, na sociedade, um papel de dominação; o espaço público era por ele tomado. Somente ele gozava de direitos políticos. Da mesma forma, ele controlava a família.

No que diz respeito às mulheres, observa-se que a mulher urbana ficava presa ao lar; as que eram esposas de burgueses, usufruíam os privilégios financeiros e sociais²³. Já a operária, cuidava da casa e quando possível

²¹ Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da Família*, p. 12.

²² Verena STOLCKE, *A Família que não é sagrada*, p. 74ss.

²³ Valburga Schmiedt STRECK, op. cit., p. 12.

“se esforçava em trazer para a família alguns ‘trocados’, obtidos principalmente em tarefas domésticas: faxinas, lavagens de roupa, pequenas vendas em bancas ou de porta em porta, aproveitando o menor cantinho da calçada e a mais ínfima diferença de preço²⁴”.

Neste contexto surge o tema do divórcio que, de acordo com Streck, somado ao surgimento dos anticoncepcionais nos anos sessenta, “tornaram-se fatores importantes a serem estudados nas transformações da família.” Ainda de acordo com essa autora:

As mudanças numa família e os problemas subseqüentes não dependem apenas da capacidade dos seus membros de ter uma vida sadia. A família é submetida a fortes influências exteriores, que mudam a cabeça e os costumes das pessoas. Para as gerações mais novas, a tradição familiar afrouxou fazendo com que cada um decida por si como quer viver as relações com o outro sexo, se quer ter filhos ou não, se prefere viver numa relação duradoura com um parceiro ou se prefere trocar o companheiro quando o amor esfriou. Na moral pública, a monogamia não se entende por si mesma e questiona-se a discriminação de relações homossexuais entre casais de homens e mulheres²⁵.

Não obstante essas mudanças, as regras tradicionais para a vida familiar, apoiadas pelas igrejas, ainda estão em vigor. Especialmente entre famílias que vivem no interior, onde separação, divórcio e filhos de mãe solteira são vistos ainda com certo preconceito. Mas a diferença entre a vida na cidade e no campo vem diminuindo cada vez mais, certamente pelo acesso à informação que é cada vez mais possível neste novo milênio.

²⁴ Michelle PERROT, *História da vida privada. Volume 4: Da revolução Francesa à primeira guerra.* p.144.

²⁵ Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op. cit., p. 15.

1.2. Transformações no ciclo da vida familiar

Desde décadas passadas, tem havido grandes mudanças nos padrões de ciclo da vida familiar. Betty Carter e Monica McGoldrick entedem que isso tem ocorrido, principalmente “por causa do índice de natalidade menor, da expectativa de vida mais longa, da mudança do papel feminino e do crescente índice de divórcio e recasamento.”²⁶

Possivelmente, uma das mudanças mais significativas tenha sido a do papel feminino. As mulheres, como mães e esposas, encontravam suas fases de ciclo de vida ligadas quase que exclusivamente aos seus estágios nas atividades de criação dos filhos²⁷. Elas estão atravessando o ciclo de maternidade mais rápido e estão buscando a realização dos projetos pessoais para além da família.

O movimento feminista²⁸ provocou mudanças irrefutáveis no papel das mulheres, as quais estavam em busca de uma identidade pessoal.

Tendo tido sempre a responsabilidade primária pela casa, família e cuidados às crianças, as mulheres necessariamente começaram a debater-se sob suas cargas, conforme passaram a ter mais opções em suas próprias vidas. Dado seu papel fundamental na família e sua dificuldade para estabelecer funções concorrentes fora dela, talvez não surpreenda que as mulheres tenham sido as mais propensas a desenvolver sintomas nas transições de ciclo de vida.²⁹

²⁶ Betty CARTER, Monica MCGOLDRICK, *As mudanças no ciclo de vida familiar*, p. 13.

²⁷ ID., *ibid.*, p. 14.

²⁸ Valburga, Schmiedt Streck, registra que “Achamos suas raízes na Declaração dos Direitos Humanos a partir da Revolução Francesa. Os revolucionários de Paris decidiram que a igualdade não valia para as mulheres e as excluíram do direito de cidadania. Porém, o movimento burguês pela abolição da escravidão na época da guerra civil nos Estados Unidos desembocou na organização de mulheres que lutaram por direitos iguais. Durante a primeira metade do século XX, eles foram estabelecidos na maioria das sociedades de origem européia. A revolução estudantil de 1968 deu nova ênfase ao feminismo com as suas exigências de derrubar o autoritarismo do patriarcado e revolucionar as relações dos sexos, criticando e questionando a instituição familiar e o matrimônio.” Valburga, Schmiedt STRECK, *Imagens da família*. p. 28,29.

²⁹ Betty CARTER, Monica MCGOLDRICK, *As mudanças no ciclo de vida familiar*, op. cit., p. 14.

As mulheres, mais que os homens, ao longo das décadas do século passado, e até o presente momento, estão mudando a face do tradicional ciclo de vida familiar³⁰. Elas passaram a estabelecer objetivos de vida pessoais, começaram a desenvolver uma carreira profissional, e insistem nos seus direitos diante da prevalência das diferenças e preconceitos que ainda estão presentes (ex.: mulheres ocupando mesmo cargo que homens e ganhando menos³¹). Esse é um aspecto histórico extremamente crucial para o desenvolvimento adulto das mulheres, o qual lhes foi negado no passado. Elas eram passadas dos pais aos maridos, e quase não tinham direito a pensar em seus projetos pessoais.

Na chamada fase do casal recém-casado, as mulheres de classe média, Carter e McGoldrick observam que:

As mulheres estão estabelecendo casamentos com duas carreiras, tendo filhos mais tarde, tendo menos filhos, ou simplesmente escolhendo não ter filho. Na fase de “panela de pressão” do ciclo de vida familiar – aquela das famílias com filhos pequenos – ocorre a maioria dos divórcios, muitos deles, atualmente, iniciados pelas mulheres; na fase seguinte, a das famílias com adolescentes, os casais apresentam o mais rápido crescimento de índices de divórcio atualmente. É durante essa fase que a “crise do meio da vida” envia às escolas e ao trabalho um número de mulheres sem precedente. Finalmente, quando os filhos se foram, um casal casado – se ainda está casado – pode esperar em média uma fase de vinte anos sozinhos, sendo esta a mais nova e mais longa fase do ciclo de vida familiar. Em épocas anteriores, um dos cônjuges, geralmente o marido, morria uns dois anos depois do casamento do filho mais jovem. A fase final do ciclo de vida familiar, a terceira idade, quase se tornou uma fase apenas para as mulheres, mais por elas sobreviverem aos homens que por viverem mais do que costumavam viver.³²

A migração é outro aspecto que vem alterando o ciclo da vida familiar. Conforme Carter e McGoldrick: “A quebra na continuidade cultural e fa-

³⁰ ID., Ibid. p. 104.

³¹ Valburga Schmiedt Streck, observa que “No Brasil, bem como em muitos outros países do Terceiro Mundo, as mulheres são a parte mais pobre e oprimida (no mundo 60% dos pobres são mulheres, 33,6% delas são analfabetas. (Newsweek, 28/08/95, 10-17). Atrás desses números esconde-se um drama imenso de fome, exploração no trabalho e no lar, violência e abandono.” Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op., cit., p. 31.

³² Betty CARTER, Monica MCGOLDRICK, op., cit., p. 14,15.

miliar, criada pela migração, afeta os padrões de ciclo de vida por várias gerações.”³³

Torna-se necessário, portanto, perceber a nova moldura na qual se encontra a família brasileira:

Casamentos com dois salários; estruturas domésticas permanentes de “progenitor solteiro”; casais não-casados e casais recasados; adoções por progenitores solteiros; e mulheres sozinhas de todas as idades. Começa-se assim a se retirar do vocabulário cotidiano, palavras e frases que vinculavam às normas e preconceitos do passado: filhos do divórcio, filho ilegítimo, lares sem pai, mãe que trabalha, e assim por diante.³⁴

1.3. Transformações nos papéis parentais

Dentro desse quadro das transformações destacam-se as transformações nos papéis parentais. Há uma tendência de que os papéis se tornem cada vez menos rigidamente definidos, tornando-se mais semelhantes. Na medida em que a mulher trabalha fora, transforma-se e tem menos tempo para os filhos, também o homem assume mais os cuidados...”³⁵.

A mulher tornou-se mais competente e o homem, por sua vez, vem aprendendo a sensibilidade e intuição, em busca de um crescimento nas relações. Neste sentido, Streck observa que:

O novo homem sente –se mais feminino, admite sentimentos, tenta elaborar o seu lado feminino e assumir em casa o seu papel de pai e parceiro. (...) O novo homem sente o estresse de manter a imagem do macho poderoso e invencível e sente-se no direito de mostrar as suas emoções, cultivar a sua sensibilidade e cuidar da sua aparência pessoal.”³⁶

³³ ID., *ibid.*, p. 15.

³⁴ *Idem.*

³⁵ Olga Garcia FALCETO, *As mudanças sociais e as transformações das funções parentais*, p. 189.

³⁶ Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da Família*, op., cit., p. 34.

Assim, a antiga busca da complementaridade começa a ser abandonada em busca de uma simetria, como afirma Falceto: “O casal deixa de ser complementar para tornar-se mais simétrico, com mais chances de distribuir o poder de forma eqüitativa”.³⁷

1.4. Transformações judiciais

Em 1870 foi criado o casamento civil independentemente do religioso e único com validade jurídica e civil.

Em 1890 foi regulamentado o divórcio (distinto do atual), estabelecendo a possibilidade de ações litigiosas ou amigáveis com separação de corpos e de bens, mas proibindo a contratação de novas núpcias. Em 1942, foi estabelecida a separação sem dissolução de vínculo (desquite). Em 1977, com a instituição do divórcio abriu-se a possibilidade do recasamento no Brasil. A nupcialidade, oficialmente, deixa de ser um fenômeno relativamente fechado e passa a se constituir em um fenômeno aberto. A proibição do divórcio sob a forte influência da Igreja Católica havia levado muitas pessoas a viverem as separações de forma clandestina.

A formação patriarcal, na qual a mulher era subalterna e os filhos seres tutelados e sem direitos, viveu fortes mudanças a partir da metade do século XX, com o moderno capitalismo industrial. A família passou a ter vários modelos, tendo as seguintes causas por trás dessa transformação: a urbanização, a emancipação feminista iniciada na década de 60, o reconhecimento do adolescente como um ser de direitos. Todos esses fatores contribuíram para uma divisão de poder que desestruturou o patriarcalismo.

³⁷ Olga Garcia FALCETO, *As mudanças sociais e as transformações das funções parentais*, op. cit., p.191.

É importante também observar que a família está sendo fragmentada, mas não acabando. As tradicionais fotografias nas quais se vê um casal austero, estando ele de pé e ela sentada, ao lado de uma prole, estão reservadas às páginas dos livros de história.

Em 11 de Janeiro de 2003 foi aprovado o novo Código Civil Brasileiro³⁸. O anterior, vigente durante 86 anos, passou por mudanças e atualizações que interferem em diversas áreas da vida em sociedade, incluindo o casamento. Observem-se algumas das alterações encontradas na área do casamento, as quais são mais relevantes para esta pesquisa:

1.4.1. Igualdade no casamento:

Fica estabelecida a igualdade de direitos e deveres entre os cônjuges (art. 1.511)³⁹. A direção da sociedade conjugal passa a ser exercida pelo marido e pela mulher, em conjunto, desaparecendo a figura do “chefe de família” (art. 1567)⁴⁰.

1.4.2 União estável e concubinato:

Segundo as novas disposições, aplicam-se à união estável os mesmos impedimentos válidos para o casamento, vale dizer, o relacionamento mantido por aqueles que não podem se casar não se converterá em união estável e, assim, não se sujeitará à sua disciplina (art. 1.723, § único)⁴¹.

³⁸ Novo Código Civil Brasileiro, exposição de motivos e texto sancionado. Livro IV Do direito de família p. 270 – 300.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

1.4.3. Separação Judicial, divórcio e recasamento:

O prazo mínimo de casamento para que os cônjuges possam requerer a separação judicial passa a ser de um ano (art. 1.574)⁴². A conversão da separação judicial em divórcio, que antes somente poderia ocorrer depois de realizada a partilha de bens, agora pode ser concedida sem que a mesma ainda tenha sido feita. No entanto, o direito do divorciado de casar-se novamente ficará suspenso até que seja realizada a partilha dos bens do casamento anterior (art. 1.523, III)⁴³.

2. Transformações demográficas

O divórcio tornou-se uma realidade no ciclo da vida familiar no Primeiro Mundo. “Na Alemanha, cada terceiro casamento acaba em divórcio. Nos estados Unidos, o índice é maior ainda, chegando a mais de 50%.”⁴⁴ O censo de 1990, feito no Brasil⁴⁵, indicou um total de 10,8% dos casamentos tendo acabado em divórcio. O censo Brasileiro de 2002⁴⁶ revelou um acréscimo de mais de 7% desde 1990 até aqui, perfazendo um total de mais de 17% dos casamentos realizados em 2002 que terminaram em divórcio. Dos 714.523 casamentos realizados em 2002, 126.503 terminaram em divórcio. No Distrito Federal, numa comparação dos últimos cinco anos, pode-se observar que no ano de 1997 o número de casamentos foi de 11.449 com 2.656 terminando em divórcio, perfazendo mais de 23%. No ano de 2002, o número de casamentos no Distrito Federal foi de 11.185, sendo o número de divórcios de 3.684, mais de 30% dos casamentos oficiais terminando em divórcio. O número de casamentos oficiais diminuiu, ao passo que o número de divorciados aumentou consideravelmente.

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da Família*, op. cit., p. 87,88.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ IBGE, *Censo 2002*, disponível na Internet.

Estudos demográficos afirmam que 43 a 50% dos primeiros casamentos no ocidente tendem a se dissolver, aumentando em muito o número de pessoas divorciadas e recasadas. As taxas de recasamento são de 66-75% para mulheres e 70-80% para homens. “Embora a taxa de divórcio seja elevada, as pessoas não desistiram do casamento”.⁴⁷ Por conseguinte, as projeções são que 30-40% das crianças de hoje irão viver numa família *nuclear intacta* pela idade dos 18 anos. Catorze por cento das crianças estão vivendo em uma casa de família recasada; 86% dessas crianças com suas mães e padrastos⁴⁸. As segundas famílias são o tipo de família de crescimento mais rápido nos Estados Unidos e em parte no mundo ocidental.

Estas mudanças demográficas, e outras como estas, apresentam uma nova realidade que necessita de uma avaliação crítica. Famílias recasadas, em terapia ou não, são desafiadas a gerar uma teoria de vida familiar na prática, diariamente, para inserir alternativas, e para vivificar as possibilidades excluídas pelo discurso dominante.⁴⁹

Segundo as estatísticas do IBGE de 2002, a situação não é muito diferente no Brasil. O seguinte quadro pode ser observado. Houve 76.927 recasamentos, sendo que divorciados casados com divorciados são 12.082; homens divorciados com mulheres solteiras são 40.286; homens divorciados com viúvas são 2.142; mulheres divorciadas com homens solteiros 19.278; e mulheres divorciadas com homens viúvos 3.139. Dos 714.523 novos casamentos, encontramos dentre eles, 76.927 recasamentos, perfazendo mais de 10.7% do total das novas famílias.

⁴⁷ Edward TEYBER, *Ajudando as crianças a conviver com o divórcio*, p. 11.

⁴⁸ Hetherington & Jodi. Apud. Anne C. BERNSTEIN. *Reconstructing the Brothers Grimm: New tales for Stepfamily* p. 417.

⁴⁹ Anne C. BERNSTEIN. *Reconstructing the Brothers Grimm: New Tales for Stepfamily Life*, p. 417.

No Distrito Federal encontra-se a seguinte realidade constatada nos últimos 5 anos: em 1997, o número de casamentos foi de 11.449. O número de recasamentos foi de 1.340, perfazendo a cifra de 11.7%. No ano de 2002, veja-se um quadro mais completo: homens divorciados que casaram com mulheres divorciadas, perfazem 230. Por sua vez, 379 homens divorciados casaram-se com mulheres solteiras; homens divorciados casados com mulheres viúvas, 37; mulheres divorciadas casadas com homens solteiros 869; mulher divorciada casada com homens viúvos 25, perfazendo um total de 1.540 recasamentos em 2002 no Distrito Federal. Enquanto o número de casamentos foi de 11.185 o de recasamentos alcançou a cifra de 1.540 perfazendo 13.7%. O número de casamentos oficiais diminuiu, ao passo que o número de recasamentos aumentou. Isso sem contar com o fato de que, o número de relacionamentos não formalizados oficialmente cresce de forma surpreendente.

3. Políticas sobre a família

Durante o século XX, as políticas públicas e a moral-religiosa se empenharam para conservar a familiar nuclear. O Direito Cível consolidou a Vara da Família e estabeleceu regras rigorosas de funcionamento da família nuclear, ainda que ela tenha sofrido rupturas, como separação judicial ou divórcio. Aliás, separação entre pais, numa família nuclear, com reconhecimento oficial, foi, no Brasil, recente acontecimento.

Na forma de organização da família, influenciada pelo cristianismo, segue em grande parte a orientação de Gênesis. “Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher: e serão dois numa mesma carne”. (Gn 2,24).

A família tem sido considerada sagrada em várias tradições religiosas. No cristianismo, conforme a tradição dos evangelhos, resgata-se a visão da própria família nuclear como sagrada ao se reafirmar Gênesis 2,24 através

da exortação “o que Deus ajuntou que não o separe o homem”. Por este motivo, em vários seguimentos, no ocidente, ainda se oferece resistência à instabilidade na família nuclear.

Esta resistência tem sido claramente observada principalmente na Igreja Católica Romana para qual o casamento é um sacramento, ainda que ela permaneça imutável nos seus dogmas a respeito do divórcio e recasamento, observa-se transformações internas ocorrendo no tratamento da questão. No Brasil foi criada a Pastoral de Casais em Segunda União. Dom Amaury Castanho, Bispo Diocesano de Jundiaí, informa que a implantação da Pastoral de Casais em Segunda União em pouco tempo já se consolidou bastante. “Iniciada na Diocese de Jundiaí há quase cinco anos, hoje está implantada ou em fase de implantação em cerca de sessenta Arquidioceses e Dioceses do Brasil”.⁵⁰

Outros seguimentos do cristianismo buscam pela preservação da família nuclear, mas admitem o divórcio (alguns segmentos de forma irrestrita e outros com restrições). Ademais, as igrejas protestantes e evangélicas têm recebido pessoas recasadas como membros da comunidade.

4. O processo do divórcio e as possíveis repercussões emocionais

Em quase todas as famílias recasadas há pessoas que experimentaram o divórcio⁵¹. Para um acompanhamento consistente dessas famílias, torna-se

⁵⁰ João Bosco OLIVEIRA, Aparecida de Fátima OLIVEIRA, *Casais em segunda união, uma experiência pioneira*. p. 9.

⁵¹ Há, por exemplo, pessoas recasadas que eram viúvas e se casaram com pessoas solteiras. Não se podendo afirmar que em todas as famílias recasadas há pessoas que experimentaram o divórcio. Mas, de fato, na maioria das famílias recasadas há pessoas divorciadas.

imprescindível, estudar a questão das repercussões emocionais do divórcio sobre os membros das famílias divorciadas.

No que diz respeito às causas das separações, observa-se que, dentre as causas antigas mais comuns estão: o abandono do teto matrimonial, o adultério, o alcoolismo, as brutalidades e a violência física. Já na atualidade, observa-se que o constante aumento do percentual das separações pode ser atribuído a uma certa instabilidade profundamente inserida na ordem da vida moderna. No meio cristão, possivelmente, a perspectiva do mito do casamento perfeito seja um dos principais fatores que levam à separação. Mitos de perfeição geram cobranças exacerbadas das pessoas nos relacionamentos provocando uma pressão insuportável. Em busca do mito da perfeição, é possível que as diferenças sejam negadas ou abafadas, levando o relacionamento a muitas crises.

Enquadra-se ainda, nas alegações atuais para a separação, a categoria da incompatibilidade dos cônjuges. Podendo ser considerados suficientes para justificar o rompimento do vínculo matrimonial os seguintes aspectos da incompatibilidade: a perda da intensidade e calor emotivos, a insatisfação sexual, o apagamento do prazer de estar juntos, a perda da capacidade de comunicação. A consciência dos direitos da mulher é um outro fator preponderante das separações atuais.

Acresce-se a esses fatores a avaliação das transformações sociais observadas nos estudos de Castells, segundo o qual os traços distintivos do sistema de comportamento da atualidade, diante das grandes transformações sociais são: o anonimato, a superficialidade, o caráter transitório das relações sociais urbanas, a anomia, a falta de participação. Outros aspectos importantes observados por Streck são:

A perda de uma pessoa importante logo depois do casamento; grandes diferenças nas famílias de origem; (...) - dependência financeira e/ou emocional da família de origem de um dos parceiros; (...) - gravidez no primeiro ano de casamento; (...) - problemas na relação com a família de origem de um dos cônjuges⁵².

Há de se observar que, embora não se defenda a extinção do divórcio, pode-se afirmar, todavia, ser ele também, fruto da superficialidade e do caráter transitório das relações sociais urbanas. Divórcio é rompimento, é separação, é quebra de sonhos e esperanças, é o fim de vários projetos feitos em conjunto por um grupo familiar. Para um dos membros da família divorciada pode até ser alívio no seu momento presente, ainda assim, constitui-se um evento trágico na história da família da família. Neste sentido, Peck e Manocherian afirmam:

Apesar de sua prevalência, poucos cônjuges estão preparados para o impacto emocional e físico do divórcio. O divórcio afeta os membros da família em todos os níveis geracionais, por toda a família nuclear e ampliada, provocando uma crise para a família como um todo, assim como para cada indivíduo dentro da família.⁵³

Por mais que hoje se ofereça ajuda profissional a casais em processo de separação, a fim de que os conflitos sejam amenizados e a convivência posterior possa se ajeitar da melhor maneira possível⁵⁴, e ainda que alguns até consigam tratar de vários assuntos ligados à separação de maneira amigável, o divórcio traz muitas dores e conseqüências emocionais que não devem ser tratadas superficialmente. Ao que parece, geralmente as pessoas não se casam pensando em divórcio.

⁵² Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op. cit., p. 89.

⁵³ Judith Stern PECK, Jennifer R., MANOCHERIAN, *O Divórcio nas Mudanças do Ciclo de Vida Familiar*, p.291.

⁵⁴ Um exemplo dessa busca de se ajudar os casais a enfrentarem o divórcio com o mínimo de crise possível é o trabalho de Edoardo GUISTI, *A Arte de Separar-se*.

Apesar de hoje em dia a separação ser mais aceita, ela traz ainda fortes sentimentos de fracasso, frustração, raiva e desejo de vingança. Se, por um lado, a carga maior cai para a mulher, que fica com a principal responsabilidade dos filhos e com a maior perda financeira, por outro lado, o isolamento pode levar à depressão mais facilmente no homem, especialmente se o seu contato com os filhos é pequeno⁵⁵.

A despeito do número de divórcios “As pessoas continuam agrupando-se de uma forma que chamam ‘casamento’. Portanto, parece que o ser humano tem uma necessidade básica de laços e conexões”.⁵⁶

Como já foi observado, as repercussões emocionais dos processos de divórcio e recasamento, são um assunto ainda relativamente novo, mesmo na terapia familiar, apesar do fato que o divórcio em si não o seja⁵⁷.

No contexto da Igreja, até há pouco tempo, tratava-se da questão do divórcio apenas e exclusivamente como um problema a ser rejeitado. Constata-se um grande preconceito para com as pessoas divorciadas, principalmente para com as mulheres, e, ao mesmo tempo, uma ineficácia no acompanhamento dessas pessoas e daquelas que entravam em um novo relacionamento familiar. Este tipo de reação só tem prejudicado as pessoas e o papel terapêutico da igreja. Assim sendo, faz-se necessário uma imersão no assunto das repercussões emocionais do divórcio nas vidas daquelas pessoas que passaram por esta experiência difícil e estão procurando manter um novo relacionamento familiar.

Este assunto tem sido levantado por alguns terapeutas familiares⁵⁸, os quais têm percebido que as pessoas divorciadas na maioria das vezes vêm para a nova família sem ter tratado das questões emocionais advindas da separação. Negligenciar estes aspectos implica negar toda a história de

⁵⁵ José Ovídio WALDEMAR, *Divórcios e recasamentos: Enfrentando o desconhecido*, op. cit., p. 175.

⁵⁶ ID., *ibid.*, p. 174.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Judith S. WALLERSTEIN, *Sobrevivendo à separação*, p. 316.

vida das pessoas e sua influência sobre o seu presente. Torna-se, portanto, indispensável compreender-se as pessoas sob o impacto do divórcio.

O processo do divórcio e as repercussões emocionais decorrentes sobre os membros da família, não ocorrem da mesma maneira para todas as pessoas envolvidas. No entanto, estudos recentes demonstram alguns momentos que podem ser identificados na maioria dos casos de separação, bem como demonstram as repercussões emocionais sofridas pelos membros dessas famílias⁵⁹.

4.1. Pré-Divórcio

Quando o casal enfrenta grandes crises no relacionamento, há a possibilidade do relacionamento se romper. Na fase chamada de pré-divórcio normalmente um dos cônjuges está considerando a possibilidade da separação. Em muitos casos, o outro cônjuge tenta salvar o seu casamento, muitas vezes de maneiras erradas, humilhando-se, arrastando-se, tentando segurar o outro de qualquer maneira, o que na verdade só ajuda a piorar a situação. Dobson, psicólogo e conselheiro familiar cristão, que vem trabalhando com famílias por muitos anos nos Estados Unidos, observou que:

Assim como a pessoa que está se afogando se exaure na tentativa de agarrar-se a qualquer coisa que flutue, inclusive seu salvador, o amante cheio de pânico tipicamente tenta agarrar e segurar o que está procurando fugir.⁶⁰

⁵⁹ Judith Stern PECK, Jennifer R. MANOCHERIAM, *O Divórcio nas Mudanças do Ciclo de Vida Familiar*, p. 291-320.

⁶⁰ James DOBSON C., *O amor tem que ser firme, Novas esperanças para famílias em crise*, p. 15.

Este período, é freqüentemente caracterizado por estresse aumentado, com consideráveis brigas, amarguras, acusações, desvalorização do parceiro, depressão, ansiedade e, sempre, ambivalência. Falando da ambivalência, Maldonado afirma que é comum a dúvida e a hesitação:

A separação se concretiza, na maioria dos casos, após várias tomadas de decisão – ‘há quatro dias decidimos nos separar, mas eu estou muito confuso. Não sei se quero voltar, se não quero, muda tudo a cada meia hora, não tenho certeza de nada’.⁶¹

Há outros casos nos quais os casais procuram um consenso, vivendo na esperança de que as diferenças poderão ser superadas. Nesses casos, mais cedo ou mais tarde, um ou ambos podem chegar a se desiludir por descobrir que o amor que os uniu inicialmente possivelmente desapareceu, ou que eles conseguem vivê-lo apenas em pequenos momentos. Nesse ponto surgem dúvidas e as primeiras idéias de separação.

Neste estágio, eles lidam com fantasias de separação, sentimentos de raiva, desespero, sempre tentando consertar a relação com recursos próprios. Streck observa que:

A decisão de romper é tão decisiva para toda a família, que os parceiros hesitam durante muito tempo, ficam com medo de tomar a decisão, especialmente quando só um deles vê a necessidade de divorciar-se. Na época do pré-divórcio, o casal evita ficar muito tempo sozinho. Cada um ocupa-se com tarefas e contatos fora de casa.⁶²

Para Streck, nesta fase eles, da mesma forma, têm medo de errar ou de serem irresponsável quando não insistem em manter a relação. Alguns têm a expectativa de que o outro tome a decisão, para que não leve a culpa. “Na sua insegurança, frustração, medo e raiva, um dos parceiros alia-

⁶¹ Maria Tereza MALDONADO, *Casamento, término e reconstrução*, p. 54.

⁶² Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op., cit., 93.

se freqüentemente a um terceiro. Pode ser um dos filhos, que se torna o confidente da mãe ou do pai, um amigo, um ou uma amante.”⁶³

4.2. Decisão e separação

Em relação ao referido imediatamente acima, vem, então, a decisão de separação por uma das partes. Como já foi observado, em alguns casos, a decisão vem de uma vez, quando o outro nem imaginava que isso pudesse acontecer. Em outros, a decisão vem depois de um tempo que, nesse trabalho, é chamado de pré-divórcio. Há aqueles casos históricos, nos quais os casais não eram tidos como casais com problemas, nem mesmo eles percebiam estar com dificuldades e, de repente, um dos cônjuges, abruptamente, resolve partir. Esse tipo de acontecimento tem levado terapeutas familiares a discutirem a questão da intimidade conjugal, inclusive tratando de ensinar casais a “brigarem” em busca de se exporem mais e se conhecerem melhor.⁶⁴ Conforme Streck:

Geralmente o casamento rompe quando vem à tona um relacionamento afetivo com uma terceira pessoa. Para ambos os cônjuges seria bem mais saudável se o divórcio acontecesse antes, pois evitaria que um deles fosse classificado de traidor. A família pode construir a idéia de que antes gozavam de um vida tranqüila até chegar alguém de fora tirando um dos seus membros ou que um dos cônjuges fugiu com outro. Isso dificulta a relação parental depois do divórcio, pois eles têm dificuldades para ter uma relação clara e aberta um com o outro. O foco da atenção tende a ficar centrado na traição e na terceira pessoa, que é amaldiçoada pela família. Envolve-se nessa briga, geralmente, a família de origem de ambos, bem como os filhos. Esse conflito é capaz de ocultar todas as outras dificuldades que havia entre o casal e desviar a dor da separação.⁶⁵

É um momento de grande sofrimento. Para algumas famílias, esse pode ser o momento de maior desequilíbrio. Maldonado⁶⁶ entende que:

⁶³ ID., *ibid.*, p. 93.

⁶⁴ Maggie SCARF, *Casais Íntimos: convivência, casamento, afetividade*.

⁶⁵ Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op., cit., 93.

⁶⁶ Maria Tereza MALDONADO, op. cit., p. 70,71 A autora pesquisou 300 pessoas que enfrentaram a separação, trazendo uma contribuição indispensável para o estudo do divórcio e suas conseqüências.

A decisão de separar-se pode ser a etapa final de um longo processo de desagregação do casal: a separação vai sendo construída passo a passo, de modo progressivo e inexorável. Mágoas engolidas e acumuladas, que não se dissolvem e se transformam em rancor, discussões não resolvidas, brigas intermináveis – tudo isso vai, pouco a pouco, minando o vínculo, trazendo uma transformação dos sentimentos, intolerância, distância. Os dois vão se perdendo e se desconhecendo (...) Para muitos, quando os outros perguntam qual foi o motivo, fica difícil dar uma resposta clara e concreta: são as coisinhas miúdas que se acumulam, corroendo o amor.⁶⁷

Para alguns, até então, havia a esperança de manter o relacionamento. “Muitos parceiros não aceitam a idéia de que o relacionamento terminou, até que o iniciador se envolva com alguém de novo. Com este passo, terminou o período de tentar uma volta”.⁶⁸ Possivelmente, este seja um dos momentos mais difíceis da separação.

O quem vem em seguida, depende muito de como os estágios precedentes foram trabalhados. Se a família se torna muito reativa, a crise pode se estender por muito tempo, dificultando em muito o estágio seguinte. Para a maioria, persiste um apego mesmo com os ressentimentos. “O contato prematuro com os advogados muitas vezes aumenta a crise. Quando a separação se torna pública e os procedimentos legais são iniciados, a crise pode aumentar ainda mais”.⁶⁹

Os membros da família estão sob um acúmulo de pressões emocionais.⁷⁰ É um momento de grande ambivalência principalmente para aqueles que ainda tinham esperança de que a separação não os alcançaria. Por isso, há também existe um sentimento de desamparo e incompetência, conforme Giusti:

⁶⁷ ID., *ibid.*, p. 70,71.

⁶⁸ Diane VAUGHAN, *A separação. Momentos decisivos da vida comum.* p. 209.

⁶⁹ Judith Stern PECK, Jennifer R. MANOCHERIAN, *op. cit.*, p. 295.

⁷⁰ *Idem.*

A pessoa que sai da experiência da separação encontra-se em geral psicologicamente ‘maltratada’, afundada em sentimentos de culpa, cheia de interrogações sobre suas possibilidades pessoais e crivada de dúvidas e impulsos autodestrutivos. Essa que é considerada uma ‘derrota’ na vida particular estende-se, geralmente, a todas as dimensões do viver: a pessoa separada sente-se mais insegura no trabalho, com os amigos e nos relacionamentos íntimos. Questionando-se continuamente, tem a sensação de que todos a julgam⁷¹.

Para os filhos, principalmente para os mais novos, o divórcio é sem dúvida, uma experiência traumática, pois não conhecem outro mundo senão o da própria família. Pai, mãe, irmãos e irmãs são o universo em que vivem. Quando ficam sabendo que os pais vão se separar, as crianças entram inevitavelmente em crise, manifestando diferentes reações. Eles entram em choque, retraem-se, trancam-se no quarto, não falam mais, e fazem de conta que não é verdade. Começam a sofrer depressão, desvalorizando a si mesmas e fugindo do contato com outras pessoas. Não comem mais direito ou comem demais. Sofrem de ataques de raiva, quebram os seus brinquedos, maltratam a boneca preferida, envolvem-se em brigas feias com os irmãos e colegas ou jogam um dos pais contra o outro. Todas essas reações fazem parte de um processo de luto pelo qual a criança passa durante a separação, levando de um a dois anos para a superação. Conforme Waldemar:

As reações das crianças dependem da idade, do temperamento e da capacidade de lidar com a tensão. Também dependem do clima pré-separação: se havia violência familiar, a sensação poderá ser de alívio. A maior parte das crianças apresenta alguns sintomas nos dois primeiros anos após o divórcio, principalmente na escola. Após esse tempo, 80% funcionam bem e só 20% continuam mostrando sinais de desequilíbrio.⁷²

4.3. Reorganização

Começa-se a etapa de reorganizar-se, como pessoa e como família.⁷³ Este momento envolve o difícil processo de construção de uma nova história de

⁷¹ Edoardo GIUSTI, *A arte de separar-se*, p. 117.

⁷² José Ovídio WALDEMAR, *Divórcio e recasamento: enfrentando o desconhecido*, op. cit., p. 173.

⁷³ Esly Regina CARVALHO, *Separação e Divórcio*, p. 3

vida. As histórias de traição, rejeição, mágoas e ciúmes, bem como os discursos negativos do que seja uma pessoa divorciada afetam a todos. Os membros da família experienciam a perturbação e confusão que acompanham o processo de divórcio e têm dificuldade em negociar a transição durante este estágio.

A perda de um dos pais na casa, as muitas mudanças no funcionamento familiar, e os estresses em cada progenitor, que afetam sua capacidade de serem pais, tudo isso contribui para o impacto sobre filhos. Há, da mesma forma, a possibilidade de excluir o progenitor que foi embora, assim, “quanto mais o progenitor não-residente for excluído, maior será o potencial de disfunção familiar”.⁷⁴ Novas regras e padrões devem ser desenvolvidos, pois todos os hábitos e rotinas da vida cotidiana, que eram tomados como certos, não são mais.

É de vital importância entender que, conquanto este processo não ocorra de forma tão semelhante para todas as pessoas envolvidas, as pesquisas demonstram que o processo de ajustamento ocorre em estágios, num período de dois a três anos.⁷⁵

O processo de recuperação da dor do divórcio é muito similar ao processo de recuperação da dor do luto⁷⁶. Muitas pessoas sentem-se, de fato, como se a pessoa que partiu tivesse morrido, as dores são como as da perda por morte, como destaca Giusti: “Quase sempre a separação provoca um abalo emotivo que, na escala das causas de estresse, vem imediatamente após a morte de um parente...”.⁷⁷ Vaughan registra a avaliação que uma pessoa fez da sua própria separação: “Separação é um termo ferroviário. Quando

⁷⁴ Judith Stern PECK, Jennifer R. MANOCHERIAN, op. cit., p. 296.

⁷⁵ Com base nas pesquisas de Hetherington, Peck e Manocherian afirmam: “A pesquisa indica que o sistema familiar requer de um a três anos para lidar com o processo de divórcio, restabilizar-se e continuar seu processo desenvolvimental ‘normal.’” ID., *ibid.*, p. 291.

⁷⁶ Gilberto Brenson LAZÁN, *Manual de Recuperação Emocional - Caderno Para Adultos*. Lázan toma como base os estudos de Holmes e Rahe, que avalia o impacto das perdas sobre as pessoas, p. 5

⁷⁷ Edoardo GIUSTI, *A Arte de Separar-se*, p. 49.

um relacionamento termina, é como uma locomotiva desatada de um vagão ou este de um outro”.⁷⁸

É importante considerar o quanto, em muitos momentos, a rejeição está envolvida no processo, porque um dos cônjuges pode estar sentindo-se profundamente rejeitado. A rejeição é uma das maiores dores que se pode enfrentar na vida, levando-se em conta que pode ser como a dor da perda pela morte. No caso do divórcio, a pessoa da qual se foi privada, ainda está viva e pode estar agora “nos braços” de outra pessoa. Isso de fato pode ser terrível, pois o sentimento de perda é somado ao da rejeição. Disse uma senhora no contexto da dissolução do seu casamento: “o que eu sinto é como a dor da perda pela morte, mas, o pior é que meu marido está vivo. É como ser viúva de um marido vivo”.

Desde que o pânico é a resposta característica à rejeição, imagine quanto mais angustiada é a perda sentida quando um novo e talvez mais jovem amante é introduzido em cena! Nada na experiência humana pode ser comparado à agonia de saber que a pessoa a quem você prometeu dedicação eterna traiu sua confiança e está agora envolvida em intimidades sexuais com um ‘estranho’ (...) um competidor (...) um parceiro mais bonito e simpático. A própria morte seria mais fácil de tolerar do que ser posto de lado como um sapato velho.⁷⁹

Porchat⁸⁰ observa que a dor da experiência de perda do cônjuge sofre algumas influências: a história individual dos cônjuges e as perdas do passado. Da mesma forma, não se pode, segundo muito bem ela destaca, “esquecer a constituição psicológica individual, tal como a personalidade possessiva ou dependente cujas necessidades emocionais dificultarão o desvinculamento”.⁸¹

⁷⁸ Diane VAUGHAN, op. cit., p. 203.

⁷⁹ James DOBSON, op. cit., p. 15.

⁸⁰ Ieda PORCHAT, *Pensando a Dor da Separação Conjugal*, p. 105.

⁸¹ ID., *ibid.*, p. 105.

É importante também, levar em consideração a organização psíquica dos membros da família em processo de separação. Como no caso do vínculo marital simbiótico, no qual, o rompimento da relação, pode equivaler à morte.⁸² A separação se torna tão angustiante para o casal simbiótico que, muitas vezes: ela pode levar ao suicídio de um deles, ou produzir atos de violência.

Ao contrário do que se pensa, os que fazem a opção do divórcio, também geralmente sofrem. No primeiro momento, há um sentimento de alívio, ou até de libertação, mas nos momentos seguintes, nem sempre é tão fácil. Maldonado⁸³ observa que, para o que fez a opção da separação, pode predominar um alívio no início e, até mesmo, euforia. O que não é tão simples, pois a passagem de um passado conhecido para um futuro sem previsões, provoca sentimentos ambivalentes. Porchat,⁸⁴ da mesma forma, afirma:

Muito dificilmente alguém consegue sair impune de uma experiência marital. Se houver alívio, ele parece vir intercalado com sentimentos de desespero. Mesmo quando há indiferença ou sensação de estar se livrando de uma prisão – o casamento - esses sentimentos não impedem a intercalação de outros.

Os estudos apontam para o fato que a separação para as crianças e adolescentes foi o período mais estressante para elas. Wallerstein e Kelly⁸⁵ estudaram sessenta famílias e demonstraram que a experiência dos filhos durante o período de divórcio é de perturbação. A maior parte das crianças demonstrou sentimentos de desintegração. Menos de 10% das crianças, ficou aliviado pela decisão dos pais de divorciar-se, mesmo quando diante da alta incidência de exposição à violência física.

⁸² Idem.

⁸³ Maria Tereza MALDONADO, op. cit., p. 98.

⁸⁴ Ieda PORCHAT, op. cit. p., 104.

⁸⁵ Judith S. WALLERSTEIN, Joan B. KELLY, *Sobrevivendo à Separação. Como Pais e Filhos lidam com o divórcio.*

Nós ficamos sabendo que a resposta inicial de uma criança ao divórcio e à separação não é governada por qualquer entendimento equilibrado das questões que levaram à decisão dos pais. As crianças também não são muito afetadas, se é que são, por viver numa comunidade com uma alta incidência de divórcio. Ao invés, na época da separação conjugal, a atenção da criança se dirige inteiramente ao rompimento de sua própria família, e ela fica profundamente preocupada com o que vai lhe acontecer (...) O divórcio significa o colapso dessa estrutura, e ela se sente sozinha e muito assustada.⁸⁶

No entanto, outros estudos também demonstram que, se o processo do divórcio é bem trabalhado e as “fronteiras” são mais maleáveis, os filhos podem superar bem os primeiros momentos da separação, e daí terem um desenvolvimento normal de suas vidas⁸⁷. Waldemar, da mesma forma, informa que:

Existem estudos mostrando que as crianças que vivem em situação de conflito marital crônico são mais problemáticas que aquelas cujos pais se separaram relativamente bem, mantendo o respeito mútuo e deixando os filhos fora das brigas.⁸⁸

Esly Regina Carvalho⁸⁹ conta sua própria história de como experimentou a dor do divórcio e sobreviveu à separação. No primeiro capítulo de seu livro, ela introduz tal história, falando das terríveis perdas advindas da separação; perdas estas que ela não podia imaginar que poderiam advir do divórcio, no seu caso, perda do esposo, perda da filha de seu esposo (do primeiro casamento dele), perda do estado civil, perda da casa onde morava, a vizinhança e aqueles amigos que tinha. Descobriu que estava grávida e veio a perder a criança antes do nascimento. Ela interpretou aquele momento, como um momento de morte, um tempo para morrer. No capítulo três, Carvalho fala da dor do divórcio, para ela um dos fatores mais óbvios e mais difíceis de digerir sobre a separação é que ela dói. Não há separação sem dor e parece que nunca acabará, ela diz que: “parece que jamais

⁸⁶ ID., *ibid.*, p.

⁸⁷ Edoardo GIUSTI. *A Arte de Separar-se*, op. cit., p.50.

⁸⁸ José Ovídio WALDEMAR, *Divórcio e recasamento: enfrentando o desconhecido*, op., cit., p. 178.

⁸⁹ Esly Regina CARVALHO, *Quando o vínculo se rompe*.

será possível acordar um dia de manhã e ouvir os pássaros cantando ou ver o céu azul”.⁹⁰ Ela entende que é uma das maiores perdas na vida, afinal, a separação põe fim a um dos projetos de vida mais importantes, e, este fim é acompanhado por um sentimento de derrota. Carvalho afirma que assim como dói muito, um dia pára de doer, principalmente se o “luto” for bem elaborado.

Somente depois de dois ou três anos após o divórcio, os parceiros separados recuperam o equilíbrio psíquico e social. Streck observa que reorganizam a vida e começam a olhar para o futuro com um certo otimismo, e afirma que:

Uma boa parte dos cônjuges talvez já tenha assumido um novo casamento. Entretanto, recuperar uma vida sadia não é uma tarefa fácil, pois o antigo casamento nunca termina totalmente. Permanecem as lembranças, há a necessidade de negociar assuntos dos filhos com o ex-cônjuge⁹¹.

O mergulho rápido em outro relacionamento pode ser a causa da maioria dos problemas das famílias recasadas, visto que muitos se casam ainda no primeiro ano da separação.

“O divórcio pode colocar um fim a um relacionamento insuportável(...). Porém, ele também cria novos problemas.”⁹² Da mesma forma, deve-se levar em conta, a possibilidade de que alguns homens e algumas mulheres amadureçam através de um divórcio e, cresçam de uma maneira considerável.⁹³

⁹⁰ Idem, p. 23.

⁹¹ Valburga Schmiedt Streck, *Imagens da Família*, p. 99.

⁹² ID., *ibid.*, p. 99.

⁹³ Idem.

O que não se pode deixar de considerar, é o fato de que as repercussões emocionais, ainda que distintas nos membros da família que experimentam a separação, é uma realidade que não pode ser negligenciada tanto para o acompanhamento pastoral dessas pessoas divorciadas, como para aquelas que estão no contexto de uma nova família. Há muitas emoções negativas não tratadas, as quais podem ser trazidas para o novo relacionamento. Negligenciá-las seria um grande equívoco por parte daqueles que querem promover uma ajuda efetiva na vida de seus aconselhados.

5. Aspectos da família recasada

O surgimento de famílias recasadas a partir de remanescentes de casamentos anteriores torna-se um dos grandes desafios para a sociedade do terceiro milênio. Essa sociedade tem contempla no presente momento, não mais casos isolados, e sim um número cada vez maior dessas famílias.

Estas famílias reconstituídas trazem uma nova realidade vivencial e o estabelecimento de vínculos que não estão prefigurados na família de corte tradicional, seja ela nuclear, abrangente ou extensa. As reconstruções familiares acarretam obviamente mudanças significativas no campo relacional familiar, provocando a emergência de situações sem precedentes para as quais não há experiências prévias na evolução da família que possam servir de referência para balizar o processo de assentamento sócio-cultural dessas novas formas de convívio familiar.⁹⁴

Portanto, é importante, primeiramente, situar a família recasada no contexto das mudanças. Não é mais possível pensar na família apenas no modelo tradicional do padrão referido como a família tradicional nuclear, do pai sustentador, da mãe dona de casa, e suas crianças dependentes. Há uma nova forma de perceber a família. Stacey⁹⁵ descreve o declínio da família moderna como a resposta à condição econômica pós-industrial. Já a família pós-moderna é descrita por Stacey,

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Anne C. BERNSTEIN apud STACEY, *Reconstructing the Brothers Grimm: New Tales for Stepfamily Life*, op. cit., p. 416.

Como uma nova ordem na qual acordos de paternidade, sexualidade e distribuição do trabalho, responsabilidade e recursos, são todos negociáveis e constantemente renegociáveis. De fato, diante de suas variações e complexidades, a família recasada é o protótipo da família pós-moderna, um laboratório para as mudanças familiares que estão varrendo o mundo, sendo uma situação irreversível.⁹⁶

Observa-se, portanto que recasamento não é novidade, mas é importante levar em consideração que os conflitos pelos quais passam as famílias recasadas são novos. Os estressores que causam estes conflitos são diferentes daqueles que causam conflitos na família intacta. Com o recasamento, portanto, vieram os novos desafios a serem enfrentados pelas próprias famílias recompostas, pela sociedade em geral e, para as várias linhas de terapia familiar, inclusive para o aconselhamento pastoral. O que faz dessa uma situação nova e cheia de desafios para a sociedade atual é a importância de considerar as peculiaridades dessas novas estruturas familiares e a abrangência do fenômeno em sua inserção sócio-cultural.

Estas famílias reconstituídas trazem uma nova realidade vivencial e o estabelecimento de vínculos que não estão prefigurados na família tradicional, seja ela nuclear, abrangente ou extensa.⁹⁷

5.1. Aspectos sociais

Somente nos últimos anos a sociedade começa a tolerar as pessoas separadas. No contexto da Igreja Católica, e mesmo em alguns seguimentos da Igreja Protestante no Brasil, tem sido difícil aceitar o novo casamento, o que ocasiona uma resistência em criar novos paradigmas familiares. Há ainda muito preconceito contra a família recasada, neste sentido, Teyber afirma que:

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ Luiz Carlos OSORIO, *Família Hoje*, p. 56.

As segundas famílias têm a imerecida fama de problemáticas ou não naturais, de não serem tão boas como as famílias “reais” ou nucleares. Essa atitude provavelmente é uma extensão do estigma do divórcio.⁹⁸

McGoldrick e Carter observam que a maioria das pessoas, incluindo os terapeutas, não percebia a necessidade de um novo paradigma de família diante da realidade do recasamento. E afirmam:

Até os termos utilizados para descrever esse tipo de família sugerem os problemas envolvidos. Por exemplo, elas foram referidas como famílias com padrasto/madrasta, famílias reconstituídas, misturadas e reestruturadas. Em nossa experiência, “misturada” sugere um grau de integração maior do que normalmente é possível, enquanto “família com padrasto/madrasta” sugere que ela não é bem verdadeira e de certa forma tem uma conotação negativa. Famílias reconstituídas e reestruturadas soa como se tudo fosse uma questão de rearrumar as partes da família. McGoldrick e Carter preferiram o termo “recasada” para enfatizar que é o vínculo conjugal que forma a base para o complexo arranjo de várias famílias numa nova constelação. Muitas das dificuldades das famílias com padrasto/madrasta, na vida e na terapia, podem ser atribuídas à tentativa por parte da família e/ou do terapeuta de utilizar como orientação os papéis normais da família do primeiro casamento.⁹⁹

Surge o desafio de se construir padrões rituais na cultura que possam ajudar a manejar os complexos relacionamentos dos membros dessa nova família. Os termos de parentesco oferecidos por nossa cultura têm conotações negativas (por exemplo: madrasta), e produzem um discurso negativo sob o qual essas novas famílias se encontram. Isso está ligado ao preconceito contra a família recasada, segundo Teyber:

Este preconceito é claramente visível no mito, ainda florescente, da madrasta malvada. Cinderela e Branca de Neve nos ensinaram, há muito tempo, que as madrastas são egoístas, frias e cruéis. É injusto ver os padrastos/madrastas como apenas vilões, é hora de concedermos algum apoio a eles.¹⁰⁰

⁹⁸ Edward TEYBER, *Ajudando as crianças a conviver com o divórcio*, op. cit., p. 11.

⁹⁹ Monica MCGOLDRICK e Betty CARTER, op. cit., p. 344,345.

¹⁰⁰ Edward TEYBER, *Ajudando as crianças a conviver com o divórcio*, op. cit., p. 11.

5.2. Aspectos emocionais

As reconstruções familiares provocaram profundas mudanças no campo relacional familiar, e produziram uma emergência de situações emocionais sem precedentes. No entanto, deve-se rejeitar a idéia de rotular a família recasada como sendo uma família problemática; da mesma forma, que se deve evitar a idéia de famílias com saúde total, conforme Streck¹⁰¹: “Não é muito fácil distinguir uma família normal de uma família problemática, pois todas as famílias enfrentam dificuldades e precisam encontrar meios de se adaptar a elas”. Féres-Carneiro¹⁰², revendo os estudos de Ackerman, também observa que, na verdade, não existe família idealmente sadia e, do ponto de vista psiquiátrico, as famílias são predominantemente sadias ou predominantemente enfermas. Ackerman¹⁰³ considera importante para propósitos clínicos distinguir famílias sadias e enfermas, e, para ele:

Convém pensar em famílias enfermas como aquelas que fracassaram progressivamente no cumprimento de suas funções familiares essenciais. Tais funções referem-se à reciprocidade de relações entre os papéis familiares de prover vias de solução para o conflito, de estabelecer complementaridade eficaz e de prover apoio aos novos níveis de identificação.¹⁰⁴

Portanto, se por um lado é importante rejeitar a tendência de rotular a família recasada, é necessário, por outro lado, reconhecer alguns aspectos emocionais negativos, que podem ser percebidos em famílias recasadas que se encontram em crise:

¹⁰¹ Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 68.

¹⁰² Terezinha FÉRES-CARNEIRO, op. cit., p.15.

¹⁰³ Ackerman, apud. Terezinha FÉRES-CARNEIRO, ID., *ibid.*, p. 15.

¹⁰⁴ ID., *ibid.*, p. 15.

5.2.1. Apego doentio à idéia da família nuclear “intacta”.

Estudos têm demonstrado que o apego doentio à idéia da família nuclear “intacta” é uma emoção negativa ainda encontrada em várias famílias recasadas em crise. Para algumas pessoas têm sido extremamente difícil abandonarem a idéia da “família nuclear”¹⁰⁵.

5.2.2. Dificuldade de transição e integração diante da grande discrepância entre os ciclos de vida das famílias¹⁰⁶.

Para MacGoldrick e Carter, “Em geral, quanto maior a discrepância em experiência no ciclo de vida familiar entre os cônjuges, maior se torna a dificuldade de transição e mais demorada será a integração da família.” As autoras apontam como exemplo, o caso de pais de filhos adolescentes e/ou adultos jovens com uma nova esposa/jovem, que nunca fora casada. E demonstram que no período de ajustamento, o qual pode ser bastante ativo e demorado, o pai terá dificuldades de processar as responsabilidades emocionais e financeiras em relação ao novo casamento e aos seus (provavelmente perturbados) filhos. Isso tudo pode produzir uma crise na adaptação da nova família. Da mesma forma, elas apontam para a esposa e demonstram que ela, (...) “esperando os aspectos românticos de um primeiro casamento encontrará, em vez disso, os muitos estresses de lidar com adolescentes que provavelmente não facilitarão as coisas para ela¹⁰⁷”. Esse fato pode acontecer mesmo que os filhos não vivam com o casal.

Carter e McGoldrick concluem que se um deles tentar impor ao outro um estilo de vida ou atitude que negue ou limite as tarefas do ciclo de vida do outro, “as dificuldades se transformarão em sérios problemas”¹⁰⁸.

¹⁰⁵ Monica MCGOLDRICK, Betty CARTER, *Constituindo Uma Família Recasada*, op., cit., p. 352.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Idem. p. 353.

5.2.3. Desacordos inconciliáveis em relação à criação dos filhos.

Os estudos demonstram que o recasamento frequentemente conduz a uma renovação das dificuldades financeiras e/ou de custódia. Expectativas conflitantes de papel levam as mães e madrastas a disputas competitivas em relação a práticas de criação dos filhos.

5.2.4. Desejo de “intimidade instantânea”.

Quando a pessoa passou pela dor do final de uma primeira família, muitas vezes ela quer experimentar um alívio rápido impondo sobre o novo relacionamento a expectativa de uma intimidade instantânea. Mas a intimidade instantânea é impossível de ser adquirida¹⁰⁹.

5.2.5. Culpa.

Outro fator é o sentimento de culpa. Aquele sentimento de que, de alguma forma é culpado/a pela infelicidade do outro, principalmente quando, de fato o ex-cônjuge está infeliz. Isso intensifica principalmente quando a pessoa não se permite ficar primeiro, um tempo sozinha, para trabalhar alguns sentimentos negativos, possibilitando algumas curas para que um novo relacionamento seja iniciado. Esse sentimento de culpa pode trazer muita insegurança para o novo casamento.

5.2.5. Incapacidade de lidar com os novos papéis.

A dificuldade de lidar com os novos papéis alcança a todos os membros das novas famílias. No entanto, quando essa dificuldade é extrema, pode se tornar uma evidência de que a crise é mais profunda e precisa de cuida-

¹⁰⁹ Minuchin observa que: A cultura ocidental postula a formação instantânea da família. Depois do ritual, legal ou não, os membros de uma família ‘mista’ se precipitam para constituir holons familiares. Todavia o tempo ainda não lhes deu legitimidade funcional. Salvador MINUCHIN, Fishmann CHARLES, *Técnicas de Terapia Familiar*, p. 64.

do mais específico. A imagem do “padrasto” ou da “madrasta” e a insistência em não construir um espaço no qual estes relacionamentos complexos são trabalhados, sinalizam crises profundas. Carter e McGoldrick observam que:

Nossos costumes, rituais e suposições culturais, ainda se relacionam principalmente à família intacta do primeiro casamento, o evento mais comum, tal como preencher um formulário ou comemorar um feriado, pode se tornar uma fonte de agudo embaraço ou sofrimento para os membros das famílias recasadas.¹¹⁰

5.2.6. Incapacidade de lidar com problemas afetivos.

Desejar a resolução da ambigüidade, intensos sentimentos conflitantes, ou sua negação são sentimentos predizíveis nas famílias recasadas. Todos carregam para os novos relacionamentos a bagagem emocional de questões não resolvidas de relacionamentos passados importantes. Da mesma forma, há a tendência para se repetir padrões de relacionamentos internalizados. Esta bagagem torna as pessoas emocionalmente sensíveis nos novos relacionamentos, e todos tendem a reagir de uma dessas duas maneiras: tornando-se autoprotetores, fechados e temerosos de ficarem vulneráveis a novas mágoas (isto é, colocam barreiras à intimidade), ou tornam-se intensamente esperançosos e exigentes, querendo que os novos relacionamentos compensem ou apaguem mágoas passadas.

¹¹⁰ Monica MCGOLDRICK, Betty CARTER, *Constituindo Uma Família Recasada*, op., cit., p. 350.

6. A Igreja Presbiteriana do Brasil e a situação dos recasados

No grande contexto social brasileiro, encontra-se a Igreja Presbiteriana do Brasil. Os estudos de caso, que são apresentados no capítulo cinco, foram realizados com famílias recasadas de Igrejas Presbiterianas localizadas no Distrito Federal. Apresenta-se, portanto, um quadro resumido do contexto geográfico e eclesiástico, no qual é feita a pesquisa.

6.1. A comunidade Presbiteriana no Distrito Federal

O Distrito Federal fica na região Centro-Oeste do Brasil, sendo que suas cidades mais populosas são: Ceilândia, Taguatinga, Gama e Samambaia. O número de habitantes é de 2.051.146 (Ibge,2000). A taxa de analfabetismo é de 5,2% (2000). O Distrito Federal nasceu juntamente com a transferência e a criação da nova capital do Brasil, Brasília em: 21/4/1960 e em 1987 foi declarada patrimônio histórico da humanidade pela Unesco¹¹¹. A economia da cidade se baseia no comércio, serviços, administração pública, agricultura e indústria.

Já em 1891, a Primeira Constituição da República reservou a área na região central do Brasil para a futura demarcação do local onde seria construída a nova capital do Brasil, mas somente em 1956, com a eleição de Juscelino Kubitschek, teve início a construção de Brasília. Oscar Niemeyer foi designado diretor de arquitetura e urbanismo da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), e desenvolveu seus trabalhos com o apoio de Lúcio Costa. Em 21 de abril de 1960, após mil dias de construção, o Presidente Juscelino Kubitschek inaugura a nova Capital do País.

A Igreja Presbiteriana do Brasil no Distrito Federal nasceu com a própria cidade de Brasília. Quando a capital foi inaugurada em 1960, a Igreja

¹¹¹ Disponível na Internet. www.Brasilrepublica.hpg.ig.com.br/

Presbiteriana do Brasil já estava presente. Havia um trabalho no Núcleo Bandeirante, e de lá se espalhou por toda a região.

A Igreja Presbiteriana do Brasil, no Distrito Federal, é dividida em 54 igrejas locais que estão localizadas na região que vai além do Distrito, alcançando algumas cidades em Minas Gerais e Goiás, região conhecida como “Entorno” de Brasília. Contando hoje com mais de 10 mil membros entre adultos e crianças na região do entorno, procura exercer um papel religioso, social e político na região. A Igreja Presbiteriana do Brasil faz parte do grupo das igrejas cristãs que tem sido denominado como igrejas históricas e até hoje busca manter-se fiel à tradição das igrejas cristãs reformadas, seguindo os ensinamentos doutrinários que vêm desde a sua origem em João Calvino, que difundiu a reforma protestante a partir de Genebra.

Num breve levantamento junto às igrejas percebeu-se que, dentre as 54 igrejas Presbiterianas do Distrito Federal e “entorno”, há alguns pastores que fazem um acompanhamento dos noivos, mas não há um trabalho sistematizado preparando os membros para o casamento. Da mesma forma, verificou-se que há algumas igrejas trabalhando com famílias: desenvolvendo encontros de casais, classes de casais na Escola Dominical, e retiros com casais. O aconselhamento é generalizado, há alguns pastores com maior experiência no acompanhamento de famílias e assim são mais procurados que outros por alguns casais. No que diz respeito às famílias recasadas, não há nenhuma igreja trabalhando especificamente com elas.

6.2. Igreja e família

O casamento na Idade Média “deixa de ser um contrato meramente particular entre famílias e passa para o âmbito eclesiástico.”¹¹² A partir daí, a relação entre Igreja e família torna-se cada vez mais nítida. Dessa forma,

¹¹² Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op. cit., p. 148.

a Igreja passa a influenciar, a responsabilizar-se e a controlar juridicamente o matrimônio e a vida familiar. “Ela decide sobre a legitimidade de casamentos e separações e coloca normas morais em relação à vida íntima e à educação dos filhos”¹¹³.

O catolicismo toma a metáfora da Trindade para descrever a relação entre os membros da família, “e estabelece uma relação mística entre Deus, Igreja e Família”¹¹⁴. Ainda que seja contraditório, o catolicismo vê a família como santa e, ao mesmo tempo, proíbe o clero de se casar. No protestantismo, a partir de Lutero, Calvino, Zwinglio e outros,

Predomina, nos séculos após a Reforma, a metáfora da família para entender as relações de poder na Igreja e no Estado. Deus instituiu o ministério do pai para ordenar a responsabilidade e o poder na família. Ser pai e mãe é um chamamento de Deus, e os representantes do poder público devem cumprir a sua tarefa como bons pais e boas mães¹¹⁵.

No catolicismo bem como no protestantismo, a família é compreendida historicamente como a célula básica da sociedade, como também da própria igreja, observa-se por exemplo em Lutero que “O lar cristão é a verdadeira Igreja”.¹¹⁶

Na história da família na América Latina, observa-se que estabeleceu-se uma sociedade hierárquica, a qual se mantém através do apoio mútuo entre as hierarquias eclesásticas, econômicas, militares e familiares. Assim, as estruturas da sociedade refletiam-se de certa forma na família, e vice-versa. Mas faz tempo que essas hierarquias estão em crise¹¹⁷. Por causa dos laços nítidos entre Igreja e família, a crise familiar afeta também a Igreja.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ LUTERO apud. STRECK, op. cit., p. 148.

¹¹⁷ Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op. cit., p. 149.

No que diz respeito ao divórcio e recasamento, a igreja Católica continua não aceitando o divórcio, mas há vários trabalhos com estas pessoas nas comunidades. No caso das igrejas evangélicas, historicamente o que se tem no Brasil, é uma postura de preconceito, radicalismos, e exclusão. Somente nos últimos anos, as igrejas históricas vieram, pela própria pressão das leis do estado, a rever a sua postura que, na prática, demonstrava ser como a da igreja Católica que vê o casamento como sacramento. O próprio mercado da fé, com uma variedade de possibilidade diferente de exercer e experimentar a fé e a comunhão cristã, provocou, da mesma forma, uma busca mais inclusiva, no contexto das igrejas históricas. Nos grupos neopentecostais, o recasamento é visto com naturalidade e as famílias são recebidas com facilidade como membros das comunidades.

6.3. Ação pastoral

Na Igreja Católica, por exemplo, percebe-se uma tentativa de resgatar os valores antigos da família, de fortalecer os laços entre Igreja e ela, além de ajudá-la, dessa forma, a reestruturar-se e assumir de novo, apesar da crise econômica e de relações, as suas funções básicas de alimentar, preservar e educar os seus membros¹¹⁸.

Por meio do movimento de encontro de casais, várias igrejas históricas têm promovido reencontros de casais com o objetivo de um reavivamento da família. Este movimento tem proporcionado um reaquecimento na vida das comunidades, visto ressaltar a importância da vida na comunidade da fé¹¹⁹. Um dos desafios que a liderança precisa enfrentar neste processo, é que na tentativa de exercer um ministério inclusivo, não deixam de gerar um processo de exclusão, pois os grupos que participaram do encontro de

¹¹⁸ Idem, p. 151.

¹¹⁹ Idem, p. 150.

casais se aproximam e aquelas famílias e casais que não fazem parte do grupo do reencontro são excluídos do processo.

Dependendo da comunidade, os grupos do encontro de casais vivem uma espiritualidade mais evangelical ou entendem a sua convivência mais como um compromisso social e cultural que eles assumem como 'sócios' da comunidade¹²⁰.

Um aspecto positivo nestes encontros é a não exigência de ser uma família nuclear intacta para a participação. Na verdade, nem mesmo se exige um documento provando que são casados. No caso do reencontro na Igreja Presbiteriana do Brasil no Distrito Federal, do qual o autor faz parte, sabe-se que casais que vivem maritalmente são recebidos para participar.

6.4. Igreja, divórcio e recasamento

Famílias que fazem parte da Igreja Presbiteriana do Brasil enfrentam, como as famílias de outros contextos religiosos, crises e conflitos, algumas chegando à separação. Dessas famílias divorciadas surgem novas famílias, sendo a família recasada, um grupo social e religioso que faz parte da Igreja e exige atenção e apoios especiais da parte da liderança.

A Igreja Presbiteriana crê na instituição divina do casamento, e que a questão de lutar a favor da estabilidade da família não é apenas uma questão de tabu, e sim um dever cristão. Mas ao lutar pela estabilidade da família, vários pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil, ainda resistem às próprias decisões do Supremo Concílio da Igreja. Esses pastores parecem ignorar o fato que o divórcio faz parte da realidade pós-queda e, da mesma forma, parecem ignorar as pessoas que experimentam esta triste experiência precisam do apoio poimênico da Igreja (é preciso reconhecer a dor dos que passam pela experiência traumática do divórcio e que estão tentando constituir uma nova família). Pela resistência às decisões da própria igreja

¹²⁰ Idem, p. 150.

no contexto nacional, pastores continuam considerando o divórcio como um pecado e o recasamento, na maior parte, como adultério contínuo. Ainda há muito preconceito com famílias recasadas com membros advindos de situações de divórcio no contexto de algumas igrejas presbiterianas.

6.5. Matrimônio e divórcio na Confissão de fé da Igreja Presbiteriana do Brasil

A Igreja Presbiteriana do Brasil assume como um dos símbolos de fé A Confissão de Fé de Westminster, a qual no seu capítulo XXIV trata da questão do matrimônio e do divórcio, bem como do recasamento. Apresenta-se a parte que trata do divórcio e recasamento na íntegra do texto.

O adultério ou fornicação cometida depois de um contrato, sendo descoberto antes do casamento, dá à parte inocente justo motivo de dissolver o contrato; no caso de adultério depois do casamento, à parte inocente é lícito propor divórcio, e depois de obter o divórcio casar com outrem, como se a parte infiel fosse morta. Para tal juízo usam como referências. Mat, 1: 18-20, e 5:31-32, e 19:9. Posto que a corrupção do homem seja tal que o incline a procurar argumentos a fim de indevidamente separar aqueles que Deus uniu em matrimônio, assume-se que só é causa suficiente para dissolver os laços do matrimônio o adultério ou uma deserção tão obstinada que não possa ser remediada nem pela Igreja nem pelo magistrado civil; para a dissolução do matrimônio é necessário haver um processo público e regular, não se devendo deixar ao arbítrio e discricção das partes o decidirem seu próprio caso, conforme. Mt. 19:6-8; I Cor. 7:15; Dt. 24:1-4; Esdras 10:3¹²¹.

6.6. Decisões sobre divórcio e novo casamento na reunião do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil no ano de 1986

Em vários momentos a Igreja Presbiteriana do Brasil, por meio de seu Supremo Concílio, teve que responder às consultas das comunidades locais a respeito do assunto. Uma dessas consultas ocorreu em 1986, quanto o novo código civil havia sido lançado no Brasil, o qual permitia o divórcio e o recasamento. Na reunião de 1986 a Igreja reinterpreto a Confissão de Fé

¹²¹ *Confissão de Fé de Westminster Capítulo XXIV.*

de Westminster a respeito deste assunto¹²² e tomou a decisão de que cada igreja local deve avaliar criteriosamente cada caso de família recasada e, tanto acompanhar essas famílias integrando-as na vida da comunidade, como apoiá-las na sua integração social.

Dessa forma, a Igreja Presbiteriana procurou respeitar seus símbolos de fé, ao mesmo tempo em que, trabalhou a busca de inclusão dos divorciados e recasados na vida da comunidade.

Infelizmente, mesmo diante da decisão do Supremo Concílio, historicamente os líderes têm assumido uma posição muito preconceituosa diante do divórcio e do recasamento. Mesmo hoje, insiste uma tendência negativa que necessita ser trabalhada diante dos preconceitos contra as famílias recasadas no ceio das igrejas locais.

Diante da realidade social do país, mesmo os pastores que insistem na tese do divórcio como pecado e o recasamento como divórcio contínuo, acabam recebendo casais advindos da sociedade que, tocados pela mensagem do evangelho, procuram a comunidade de fé. neste caso, entram em contradição ao conceder perdão e graça de Deus aos pecadores que vêm de fora, sendo incapazes de curar os seus próprios feridos. O quadro demonstra que não é possível para a igreja fugir do fato que, de uma forma ou de outra, famílias recasadas estão dentro da igreja. O número delas é crescente e, há uma necessidade urgente de que essas pessoas sejam acompanhadas de forma mais específica e eficiente pelo corpo de Cristo. Este é o desafio que esta tese procura enfrentar. “Qual dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?”(Lc 15. 4)

¹²² Anexo 1. Resumo da decisão do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil a respeito dos divorciados e recasados.

Assim, reafirma-se a contribuição que esta tese procura trazer, a qual objetiva uma nova proposta para o aconselhamento pastoral, mediante o uso dos ritos e símbolos da tradição cristã, integrados à Terapia Narrativa, como instrumentos para uma nova postura no acompanhamento da família recasada.

Capítulo 2: Aspectos do Aconselhamento pastoral

1. Aconselhamento pastoral e teologia prática

O aconselhamento pastoral¹²³ é a parte da poimênica¹²⁴ que procura ajudar pessoas por meio da conversação e de outras formas de comunicação¹²⁵. Na definição de Clinebell: “O aconselhamento pastoral é uma função reparadora, necessária quando o crescimento das pessoas é seriamente comprometido ou bloqueado por crises”.¹²⁶

O aconselhamento pastoral firma-se na fé e na tradição do cristianismo e tem como desafio descobrir, com as pessoas, em diferentes situações da vida, e, especialmente, em conflitos a resignificação da existência e da liberdade cristã¹²⁷. Para Schneider-Harpprecht o ser humano tem direito de viver e descobrir a auto-aceitação, que pode ser descoberta por meio da graça de Deus. Para ele, o aconselhamento tem ainda como objetivo:

Ajudar as pessoas a viverem a relação com Deus, consigo mesmas e com o próximo, de maneira consciente e adulta. Isto inclui a capacitação das pessoas para assumirem a sua responsabilidade como cidadãos que se engajam em favor de uma melhora das condições de vida do seu povo numa sociedade livre, democrática e justa¹²⁸

¹²³ Christoph Schneider-harpprecht. observa que “o termo ‘aconselhamento pastoral’ é uma tradução da palavra inglesa *pastoral counseling*, Muitos consideram este termo uma expressão problemática, visto ela sugerir que o aconselhamento seria uma atividade do pastor como ministro ordenado que implicaria uma relação de poder sem espaço para a livre articulação do seu parceiro de comunicação. Para Schneider-Harpprecht é preferível permanecer na terminologia comum e refletir criticamente sobre as suas implicações e limites do que tentar criar outra palavra. Na discussão sobre a teoria e prática da poimênica e do aconselhamento pastoral, verifica-se que esta atividade não se restringe aos ministros ordenados, e que essa atividade implica relativização do poder, pois trata, em princípio, de uma relação livre entre dois parceiros iguais.”

Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, *Aconselhamento Pastoral*. p. 291-318.

¹²⁴ Howard J. CLINEBELL, *aconselhamento pastoral, modelo centrado em crescimento e libertação*, p. 25.

¹²⁵ Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, *Aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 291.

¹²⁶ Howard J. CLINEBELL, op. cit., p. 25.

¹²⁷ Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, op. cit., p. 292

¹²⁸ Idem.

A poimênica e o aconselhamento pastoral, por sua vez, fazem parte da Teologia Prática.¹²⁹ A partir da Teologia Prática desenvolve-se uma teoria de uma prática interdisciplinar do aconselhamento pastoral, que reflete sua relação com outras dimensões da vida comunitária, bem como com as ciências humanas. Schneider-Harpprecht¹³⁰, na sua aproximação da teoria do aconselhamento pastoral, dentro da Teologia Prática, percebeu imediatamente alguns temas fundamentais que exigiam um aprofundamento.¹³¹ Apresenta-se aqui um resumo da sua reflexão a respeito dos temas que ele procurou aprofundar:

a) Base Teológica: o cristianismo parte da crença em Deus, o Criador, e na encarnação do seu Filho em Jesus de Nazaré. O ser humano é visto como criatura da palavra de Deus que está inserido na convivência ecológica com as outras criaturas, seres humanos e outros. “Na cruz de Cristo Deus tornou-se solidário, compartilhou a carência de ser, identificou-se com o sofrimento e a morte das criaturas e denunciou as situações de ruptura da solidariedade dessas criaturas como pecado.”¹³²

b) Redescoberta da liberdade: O aconselhamento pastoral parte de situações concretas de sofrimento individual e coletivo: “(...)é a cruz erguida na cultura da pobreza, exploração, injustiça e violência deste continente.”¹³³ O aconselhamento pastoral tem como objetivo ajudar as pessoas a redescobrirem a libertação que pode ser encontrada em Cristo, e “a assumirem a si mesmos e a sua responsabilidade pessoal e social; a capacitá-los para viver de maneira solidária com aqueles que sofrem.”¹³⁴

¹²⁹ Lothar Carlos HOCH, O lugar da Teologia Prática como disciplina Teológica, p. 23.

¹³⁰ Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHET, op. cit., p. 291.

¹³¹ ID., ibid., p. 291.

¹³² Idem., p. 311.

¹³³ Idem., p. 312.

¹³⁴ Idem., p. 312.

c) Interação: o diálogo com as ciências humanas torna-se essencial para a reflexão teológica sobre o aconselhamento.

d) Método: o aconselhamento busca aproveitar a variedade de técnicas terapêuticas. “O critério teológico do seu uso é a sua contribuição para a libertação dos sujeitos, bem como a competência da pessoa que as aplica. A Bíblia é a fonte e um instrumento muito valioso da poimênica.”¹³⁵

2. A ausência dos recursos espirituais

Everton Ricardo Bootz¹³⁶ demonstra que o aconselhamento pastoral tem exigido, cada vez mais, conhecimento de outras áreas do saber humano. Isso traz alguns benefícios à poimênica, mas tem feito com que muitos conselheiros cristãos não valorizem a riqueza dos recursos espirituais deixados pela tradição cristã¹³⁷. Bootz conclui:

Enfim, o diálogo interdisciplinar, muito importante para o desenvolvimento de uma prática de aconselhamento pastoral coerente com o contexto de vida (social, econômica, política), está preenchendo a prática pastoral com recursos das áreas humanas e, concomitante, escasseando o espaço dos recursos espirituais¹³⁸.

2.1. Terapia Familiar

A ausência dos recursos espirituais na terapia familiar não é devida à inexistência da prática de rituais na terapia familiar. Alguns terapeutas familiares vêm usando rituais e símbolos há alguns anos.¹³⁹

¹³⁵ Idem., p. 316.

¹³⁶ Everton Ricardo BOOTZ, *O uso de Recursos Espirituais no Aconselhamento Pastoral*.

¹³⁷ ID., Ibid., p. 66.

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Considera-se que “o uso de rituais na terapia familiar teria sido introduzido em 1974 nos modelos sistêmicos de terapia familiar, por Mara Selvini Palazzoli, num livro onde falava sobre a mudança do enfoque psicanalítico para o enfoque sistêmico e, como esta estratégia era útil com famílias que tinham um padrão comprometido de funcionamento. Aos poucos os outros modelos de terapia sistêmica foram adotando e adaptando o uso de rituais na sua forma de trabalho.” Solange Maria ROSSET, *O uso de rituais na psicoterapia*, p.1.

Avaliando o trabalho de Imber-Black, Rosset¹⁴⁰ observa-se que o uso de rituais na psicoterapia gerou uma teoria geral sobre rituais. Rosset define essa teoria como sendo “um processo destinado a reelaborar as interações rotineiras num tempo e espaço especiais que estão fora dos limites usuais da interação cotidiana”.¹⁴¹

Para Imber-Black

Rituais são atos simbólicos que incluem as cerimônias e também o processo de preparação. Incluindo palavras ou não, os rituais contêm partes abertas e fechadas que se mantêm unidas por uma metáfora orientadora. Da mesma forma, o ritual pode ser entendido como sendo uma expressão em termos metafóricos dos paradoxos da existência humana.¹⁴²

O uso de rituais na psicoterapia, por um lado, traz uma contribuição indispensável para esta pesquisa porque revela a preocupação a respeito do uso de ritos e símbolos na terapia familiar. Por outro lado, observa-se que o uso de rituais na psicoterapia traz uma perspectiva secularizada de ritos, deixando um vazio existencial ao negligenciar a própria riqueza espiritual dos ritos e símbolos. Tudo isso aponta para a necessidade de uma busca de ritos e símbolos, a partir da riqueza da espiritualidade da tradição cristã, para que o aconselhamento pastoral possa exercer o seu papel terapêutico de forma rica e transformadora.

2.2. Aconselhamento pastoral às famílias

Os estudos de Bootz¹⁴³ demonstram que, a ausência do uso de recursos espirituais, encontrada na revisão bibliográfica em anos anteriores, no campo do aconselhamento pastoral, começa a ser suprida. Ele entende que é

¹⁴⁰ ROSSET, Solange Maria, *O uso de rituais na terapia*, p. 1

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² E. IMBER-BLACK, apud Solange Maria ROSSET, op. cit., p. 2.

¹⁴³ Everton Ricardo BOOTZ, op. cit., p. 72. BOOTZ toma como exemplos, o trabalho de Eugen Drewermann e Lothar Carlos Hoch.

perceptível a busca do “uso mais coerente e constante dos recursos espirituais na prática do aconselhamento pastoral”¹⁴⁴.

Não se pode afirmar, no entanto, que este fato ocorreu na área do aconselhamento pastoral à família. A revisão bibliográfica demonstra que essa ausência de recursos espirituais ainda é considerável. Há uma literatura razoável no mundo cristão que procura ajudar a família e os conselheiros. No entanto, estes livros, na sua grande maioria dispensam, por um lado, as contribuições das pesquisas das ciências humanas e, da mesma forma, utilizam muito pouco os recursos espirituais. Aqui e ali, verifica-se o uso da Bíblia e da oração, infelizmente com ênfase em orientações racionais de como ser uma família melhor. No que diz respeito ao uso de ritos e símbolos como recursos espirituais, há uma ausência enorme.

Os estudos de Schneider-Harpprecht e Valburga Streck¹⁴⁵ são de grande contribuição para o aconselhamento pastoral familiar. No livro *Imagens da família, dinâmicas, conflitos e terapia do processo familiar*, os autores fazem uma análise da família na atualidade destacando: o homem e a mulher nos dias de hoje; a comunicação na família; as fases na vida familiar; a realidade do divórcio e do recasamento; e as crises por que passam as famílias. No último capítulo é apresentado o trabalho da igreja em relação às famílias. Depois de se fazer uma análise da herança histórica e outros aspectos, os autores entendem que a partir da teoria dos estágios da fé de Fowler, a comunidade:

Trabalha na capacitação das pessoas para viverem autenticamente a fé cristã e assim contribui de uma forma específica para a vivência, o crescimento e a transformação da fé humana. Achamos importante ver como os diferentes tipos de viver a fé são relacionados com o ciclo

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Christoph Schneider-harpprecht apresenta a proposta de integração entre os recursos espirituais e as contribuições das ciências humanas, para o aconselhamento pastoral às famílias. Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, *Aconselhamento pastoral*, p. 291ss. Da mesma forma Valburga Schmiedt Streck, apresenta sua proposta de aconselhamento pastoral e terapia familiar para o acompanhamento da família. Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*.

da vida familiar. Fowler interpreta esses tipos a partir das teorias de desenvolvimento psicossocial de Erickson e do desenvolvimento moral de Kohlberg como uma seqüência de estágios¹⁴⁶.

Finalmente, e de maneira bem sucinta, os autores apresentam uma proposta de acompanhamento pastoral, destacando a necessidade e a importância de alguns ritos da cristandade. A importância dos ritos cristãos é destacada como parte importante do ciclo de vida da família. No entanto, não se levanta a questão do uso de ritos e símbolos como meios terapêuticos.

Assim, ainda que de forma sucinta, a contribuição dos autores é relevante e aponta para o que esta tese procura aprofundar: o fato de que os ritos e símbolos cristãos não podem ser negligenciados como meio terapêuticos no aconselhamento pastoral familiar.

No seu livro, *Aconselhamento Pastoral e Terapia Familiar*, Streck¹⁴⁷ propõe uma integração dos recursos espirituais, ao mesmo tempo em que, busca por uma linha interdisciplinar no aconselhamento pastoral e a terapia familiar. Mas percebe-se uma tendência bem maior para o uso dos recursos psicológicos em detrimento dos recursos espirituais no seu trabalho. Nesta obra, Streck fez uma pesquisa relevante e indispensável, na qual trouxe ricos elementos para a prática do aconselhamento pastoral junto às famílias de baixos recursos no contexto da realidade brasileira.¹⁴⁸ A autora procurou uma linha de integração entre a Terapia Estrutural de Famílias e a Terapia Narrativa e o aconselhamento pastoral para servir de referência para o aconselhamento pastoral e a terapia familiar.

¹⁴⁶ Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, p. 157.

¹⁴⁷ Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia Familiar e Aconselhamento pastoral. Uma experiência com famílias de baixos recursos*.

¹⁴⁸ É importante inclusive ressaltar que a professora Streck foi quem trouxe para o contexto do aconselhamento pastoral familiar as contribuições da Terapia Estrutural de Famílias e da Terapia Narrativa, sendo que inclusive, a Terapia Narrativa serve como aporte teórico para esta tese.

Na primeira parte da sua obra ela apresenta uma análise sociológica das famílias de baixos recursos no contexto brasileiro, demonstrando as diferentes teorias que estudam a família, bem como da própria análise da estrutura das famílias em si. No capítulo 2, Streck apresenta os aspectos teóricos da Terapia Estrutural de Famílias e da Terapia Narrativa, buscando as contribuições dessas linhas de terapia familiar para o trabalho com as famílias de baixos recursos. No terceiro capítulo, ela procura apresentar o aconselhamento pastoral defendendo primeiramente que este e a poimênica são tarefas da comunidade cristã, sem ignorar a perspectiva hermenêutica no aconselhamento. E em seguida apresenta os seus estudos de casos.

No seu primeiro caso estudado, “Evasão escolar e trabalho infantil: a família Übel”¹⁴⁹. Após apresentar a família e fazer um diagnóstico, apresenta os objetivos do aconselhamento que foram: a) trabalhar com a hierarquia; b) colocar limites entre os diferentes sistemas; c) aproximar mãe e Carlos; d) orientar a família sobre a importância da educação dos filhos; e) permitir que a família encontre novas narrativas. Na conclusão do estudo do caso, Streck afirma que para o aconselhamento pastoral com famílias de alto risco, é preciso verificar como está a evasão escolar dos jovens e como elas os pressionam para contribuírem para a renda familiar. A contribuição da comunidade na área da poimênica e do aconselhamento pastoral deve acontecer no trabalho preventivo de conscientizar as pessoas sobre o trabalho infantil. Observa-se, portanto, uma boa avaliação da estrutura familiar, uma excelente análise do impacto da estrutura social sobre essa família, e o uso positivo das linhas de terapia familiar apresentadas como aportes teóricos.

No caso 2 “Abuso Sexual a família Bender”¹⁵⁰, observa-se, da mesma forma, uma positiva utilização das linhas de terapia familiar, tanto para o diagnóstico da família, como para o processo terapêutico. Os objetivos do

¹⁴⁹ Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia Familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 162-205.

¹⁵⁰ ID., *ibid.*, p. 206-247.

aconselhamento foram: a) criar fronteiras entre os diferentes subsistemas; b) fortalecer Marina para que ela possa se tornar independente; c) fortalecer o subsistema mulheres para que elas não sejam mais vítimas do abuso de poder; d) orientar o casal quanto à educação da filha menor; e) aproximação afetiva entre mãe e filhas. Streck conclui desse caso que para o aconselhamento pastoral podemos aprender que não se pode passar ao largo da questão do abuso sexual. Um/a pastor/a que ouve um relato sobre abuso sexual precisa ir atrás e verificar o que está acontecendo. A comunidade, por sua vez, deve funcionar como um lugar onde as vítimas de abuso sexual possam experimentar solidariedade e onde sejam tomadas medidas para preservar a intimidade das vítimas.

Como pode ser observado, não era objetivo de Streck tematizar recursos espirituais. Como ela mesma afirma:

Convém lembrar que os objetivos deste trabalho foram: conhecer as estruturas das famílias de baixos recursos através da prática do aconselhamento psicológico; verificar a viabilidade da Terapia Estrutural de Famílias e da Terapia Narrativa através da prática de atendimento a elas; e trazer elementos para o aconselhamento pastoral com as famílias de baixos recursos, sendo a perspectiva teórica elaborada a partir da reflexão sobre a prática.¹⁵¹

Mas seus estudos são importantes para esta pesquisada visto que apontam para a necessidade de se aprofundar na busca dos recursos espirituais para o aconselhamento com famílias.

Dessa forma, afirma-se que os conselheiros cristãos precisam, e muito, das contribuições das outras áreas de pesquisa a respeito do ser humano e de seus relacionamentos. Mas assume-se e procura-se defender aqui a importância de se buscar uma proposta que esteja no caminho da espiritualidade cristã para o exercício do aconselhamento pastoral junto às famílias.

¹⁵¹ ID., *ibid.*, p. 345.

3. A recuperação dos recursos espirituais.

Alguns teólogos têm procurado recuperar o valor dos recursos espirituais como meios terapêuticos.

John Dourley¹⁵², por exemplo, ao examinar as reflexões de Jung a respeito da ambivalência do cristianismo em relação à psique humana e à ordem cultural onde se insere chegou a algumas conclusões importantes.

Para ele, Jung mostrou-se reservado em face das denominações e dogmas cristãos, desenvolvendo a partir daí suas análises das características tanto salutares quanto patológicas perceptíveis no cristianismo, pois várias pessoas que foram examinadas na prática da psicoterapia de Jung, acabaram por desenvolver doenças devido à sua formação religiosa. Assim, Jung concluiu que a religião pode tanto estruturar como desestruturar a psique humana. Por causa disso, ele se manteve ambivalente, vendo no cristianismo uma forma religiosa tanto perigosa como libertadora, ou as duas ao mesmo tempo.

Conforme Dourley, o desenvolvimento espiritual ocidental foi tomado por uma atitude teológica racionalista e intelectualizada. Essa atitude contribuiu para o empobrecimento espiritual da vida religiosa ocidental¹⁵³, observando-se, a partir daí, as doenças que causam perturbações ao equilíbrio psíquico nas pessoas. Por causa disso, a religião cristã tem sido causadora de inúmeros problemas de natureza psicológica ao negar na prática a sua própria riqueza simbólica.

No pensamento de Jung, o cristianismo é entendido como força simbólica capaz de promover tanto a cura interior como de fomentar perturbações psíquicas entre seus seguidores. O cristianismo tem sido importante para

¹⁵² John DOURLEY, *A doença que somos nós, a crítica de Jung ao cristianismo*.

¹⁵³ ID., *ibid.*, p. 36.

estruturar e formar símbolos na psique humana; esses símbolos são entendidos, a partir daí, como a principal linguagem da psique de toda a humanidade, seja ela pessoal ou coletiva. Portanto, em Jung encontra-se a valorização e admiração do cristianismo pela formação de símbolos e ritos, fundamentais na psique humana, como também a problematização de uma religião que tem propensão de tornar as pessoas doentes.

A religiosidade, portanto, se manifesta enquanto função psíquica expressa na religião. A religião dá acesso ao homem às energias da psique que tornam a vida da pessoa, tanto pessoal quanto coletiva, renovada. Isso quer dizer que a experiência religiosa tem relação com o processo de cura interior. Dourley ressalta que essa é uma das principais contribuições de Jung para possibilitar o entendimento da psicologia no âmbito das teologias e religiões. Esta contribuição está em fazer coincidir a fonte curadora do processo terapêutico com a experiência religiosa.

Dessa forma, Dourley, ao tomar as contribuições de Jung, procura resgatar esta perspectiva, valorizando o campo das ciências psicológicas e teológicas. Para ele, o cristianismo, por formar símbolos na psique humana, organiza a vida interior do homem na busca da compreensão do sentido originário da existência. Entretanto, do outro lado desta ambivalência reside o perigo do cristianismo de bloquear essa experiência salutar das energias psíquicas e desenvolver psicopatologias,

As concepções da fé, separadas de toda base experimental da consciência que o homem tem de si, tornaram-se desumanizantes substitutos da experiência vitalizadora do inconsciente, que os símbolos manifestam.¹⁵⁴

¹⁵⁴ Idem. p 26.

Eugen Drewermann¹⁵⁵, teólogo europeu é outro exemplo dentre aqueles que têm buscado o resgate dos recursos espirituais no aconselhamento pastoral. Ao avaliar os estudos de Drewermann, Bootz afirma:

A contribuição do pensamento teológico de Drewermann consiste na riqueza apresentada dos recursos espirituais da Bíblia e dos ritos, que é demonstrada não apenas no valor desses recursos espirituais em si mesmos, como também na indicação dos obstáculos que impedem a Bíblia e os ritos de serem recursos espirituais.¹⁵⁶

Lothar C. Hoch, da mesma forma, tem afirmado que “Ritos de antiga tradição eclesiástica podem contribuir para a experiência da presença divina em momentos cruciais de nossa vida”.¹⁵⁷ Ao afirmar a necessidade dos ritos, ele não sugere um abandono do uso da palavra de Deus como recurso espiritual, antes, afirma que a alma humana é mais receptiva para a palavra de Deus quando são envolvidos todos os sentidos.

Esta receptividade é mais sensível quando a palavra de Deus vem ao encontro do ser humano em forma de símbolos e ritos do que em forma de uma proclamação oral, muitas vezes árida e intelectualizada.¹⁵⁸

As contribuições de Hoch são de grande importância para esta pesquisa pelo fato de que seus estudos estão situados no contexto da América Latina. Observa-se na sua obra, uma preocupação crescente em busca do resgate dos ritos e símbolos da cristandade como meios indispensáveis para um aprimoramento do aconselhamento pastoral, como ele mesmo afirma: “A Igreja de Jesus Cristo tem uma riqueza de símbolos litúrgicos que vale a pena ser resgatada”.¹⁵⁹

¹⁵⁵ Eugen DREWERMANN, apud. BOOTZ, p. 77-87.

¹⁵⁶ Everton Ricardo BOOTZ, *O uso de Recursos Espirituais no Aconselhamento Pastoral*, p. 138.

¹⁵⁷ Lothar C. HOCH, *A cura como tarefa do aconselhamento pastoral*, p. 20.

¹⁵⁸ Idem.

¹⁵⁹ Lothar C. HOCH, *A Importância de Ritos e Símbolos no aconselhamento Pastoral e na Celebração*, p. 35.

Esta ausência de símbolos litúrgicos, observada pelo professor Hoch, é o grande desafio para o pesquisador dentro do seu próprio contexto eclesial, a Igreja Presbiteriana do Brasil, a qual representa uma parcela significativa na tradição protestante no Brasil e no mundo, pelo fato de ter abandonado o caminho dos ritos e símbolos do cristianismo, como elementos importantes para o aconselhamento pastoral e a celebração cristã.

Edwin H. Friedman¹⁶⁰, da mesma forma, tem procurado resgatar a riqueza espiritual dos ritos como meios terapêuticos indispensáveis para o acompanhamento da família. Para Friedman,

As cerimônias do ciclo da vida capturam o processo curativo do encontro terapêutico mais do que qualquer forma de experiência religiosa. Casamentos, funerais e outros ritos associados como batismo e puberdade são antigos em forma, e ainda produzem resultados muito atuais. Para ele, os “Ritos de passagem” foram o primeiro esforço humano para lidar com as áreas de preocupação das modernas psicoterapias: mudança e separação. Eles foram o primeiro modo de terapia, e originalmente, tanto quanto hoje, eles são de fato terapia de família.¹⁶¹

4. A abordagem contextual de libertação

Há várias abordagens para a prática do aconselhamento pastoral. A assumida para a pesquisa e prática desta tese é a abordagem Contextual de uma Poimênica de Libertação, a qual faz parte do modelo holístico de poimênica¹⁶². Tomam-se como referenciais os trabalhos de Christoph Schneider-Harpprecht¹⁶³ e Lothar Carlos Hoch.

¹⁶⁰ Edwin H. FRIEDMAN, *Generation to generation, family process in church and synagogue*.

¹⁶¹ ID., *ibid.*, p.165.

¹⁶² Everton Ricardo Bootz, observa que há dois modelos que envolvem várias abordagens de aconselhamento: o modelo bíblico e o modelo holístico. Everton Ricardo BOOTZ, *op. cit.*, p. 21.

¹⁶³ Christoph Schneider-harpprecht deu ênfase ao aconselhamento pastoral interligado à Terapia Familiar, trazendo contribuições significativas para a pesquisa nesta área. Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, *Aconselhamento pastoral*, *op. cit.*, p. 291ss.

4.1. Comunidade Terapêutica

Para Hoch a poimênica é:

Uma ação pastoral que, a partir da fé cristã, se propõe a solidarizar-se com pessoas em situação de crise e sofrimento através do diálogo, do estabelecimento duma relação de ajuda e da mobilização dos recursos terapêuticos da comunidade, ajudando-as a descobrirem as causas estruturais que geram o sofrimento¹⁶⁴.

Ao analisar os trabalhos de Hoch, Bootz encontrou três características básicas no seu pensamento teológico.¹⁶⁵ a) escolhe a *comunidade* como eixo principal onde ocorre a libertação¹⁶⁶. A comunidade terapêutica pode auxiliar tanto naqueles momentos tradicionalmente reconhecidos como religiosos (ex: funerais e luto)¹⁶⁷ quanto em processos sociais injustos, geradores de sofrimento¹⁶⁸; b) o valor da *psique* do indivíduo para a prática da libertação. Segundo a concepção holística, a psique faz parte do todo do ser humano e precisa ser levada em conta se quiser falar em salvação¹⁶⁹. Neste sentido, o professor Hoch procura ressaltar o valor interdisciplinar entre a teologia e a psicologia, e propõe uma psicologia pastoral como subdisciplina para a teologia prática. O valor das emoções, diante do racionalismo, na prática do aconselhamento pastoral precisa ser resgatado¹⁷⁰; c) a espiritualidade não é dicotomizada do restante da pessoa e, está igualmente vinculada ao aspecto social e psicológico¹⁷¹. Neste sentido, os recursos espirituais servem ao propósito de fazer o poder de Deus se tornar concreto em todas as esferas do viver humano¹⁷². Da mesma forma, os ritos e os

¹⁶⁴ Lothar C. HOCH, *Aconselhamento pastoral e libertação*, p. 17.

¹⁶⁵ Everton Ricardo BOOTZ, op. cit., p. 45-48. (O autor da tese não somente observou o resumo de BOOTZ, como também revisou a obra de HOCH).

¹⁶⁶ ID., *ibid.*, p. 23, 27s e 40.

¹⁶⁷ Lothar C. HOCH, *Acompanhamento pastoral a moribundos e enlutados*, p. 80s.

¹⁶⁸ Lothar C. HOCH, *Aconselhamento pastoral e libertação*, p. 17.

¹⁶⁹ Lothar C. HOCH, *Psicologia a serviço da libertação*, p. 250.

¹⁷⁰ Lothar C. HOCH, *A Igreja e o universo negligenciado das emoções*, p. 12s, 16s, 19s.

¹⁷¹ Lothar C. HOCH, *Espiritualidade e personalidade*, p. 161.

¹⁷² Lothar C. HOCH, *A importância de ritos e símbolos no aconselhamento pastoral e na celebração*, p. 44.

símbolos da tradição cristã contribuem para a experiência da presença divina.

Para Hoch, a libertação se dá estruturalmente¹⁷³, e a prática do aconselhamento pastoral precisa considerar um processo mais amplo de libertação.

4.2. Aconselhamento pastoral sistêmico

No seu labor teológico Schneider-Harpprecht centralizou-se em torno da terceira dimensão da integralidade (Clinebell)¹⁷⁴: a atenção aos relacionamentos familiares. Na busca do aprofundamento desta terceira dimensionalidade, Schneider-Harpprecht foi buscar recursos na área do modelo sistêmico de terapia familiar.

Para ele, o ser humano está inserido em diferentes sistemas (familiar, trabalho, lazer, etc.)¹⁷⁵, mudanças em um destes sistemas acarretam alterações nos seus membros. O grupo familiar é o espaço mais íntimo, onde seus membros podem reencontrar o equilíbrio necessário. A cada desequilíbrio, o sistema procura sua “homeostase”.¹⁷⁶ O problema reside no fato de que, muitas vezes, este sistema equilibrador não consegue mais produzir a homeostase.

Assim, o aconselhamento pastoral tem como alvo, “a capacitação da pessoa para encontrar seu suporte em Deus, e uma identidade saudável em meio à solidariedade da comunidade”.¹⁷⁷ Para tanto, os símbolos cristãos

¹⁷³ Lothar C. HOCH, *Aconselhamento pastoral e libertação*, p. 17.

¹⁷⁴ Howard J. CLINEBELL, *Aconselhamento pastoral*, p. 31.

¹⁷⁵ Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, Valburga Schmiedt, STRECK, *Imagens da Família - Dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*, p. 141.

¹⁷⁶ Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT & V. S. STRECK, *Aconselhamento Pastoral da Família: uma proposta sistêmica*, p. 185ss.

¹⁷⁷ Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, *Medo e Fé: a transformação do medo na poimênica*, p. 249.

participam como elementos evocativos da fé. A Bíblia é a fonte primeira de onde tais símbolos podem ser buscados¹⁷⁸.

5. Iniciativa pastoral

Alguns estudiosos do aconselhamento pastoral¹⁷⁹ têm levantado a importância da especificidade do papel do pastor/conselheiro, sustentando que o contexto e a estrutura do aconselhamento pastoral são mais variados e imaginativos do que a entrevista estruturada de aconselhamento - a “hora de cinquenta minutos” no gabinete de conselheiro¹⁸⁰.

A visita pastoral é considerada como um privilégio honroso disponível como para nenhum outro profissional cuidador. A iniciativa pastoral, no entanto, tem sido negligenciada por muitos conselheiros, esquecendo eles que uma das mais importantes vantagens do pastor é não precisar esperar até que as pessoas peçam ou procurem ajuda. Clinebell observa que:

A definição do papel profissional do pastor, espera-se que ele tome a iniciativa no sentido de proporcionar ajuda a pessoas que dela precisam, mas que ainda não estão dispostas a pedir auxílio. Em contraste com o conselheiro e psicoterapeuta secular, o conselheiro pastoral pode tomar a iniciativa, entrando em contato com as pessoas em crise e estabelecendo relacionamentos de confiança com elas, de modo que sejam capazes de aceitar a ajuda oferecida.¹⁸¹

Encontrar pessoas em suas casas realça o cuidado. O choque sentimental de ver algo em primeira mão frequentemente pode revelar a natureza da situação da família de um modo não disponível. Anderson¹⁸² observa que: a

¹⁷⁸ Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, *Morte, Luto e Perdas: Manual para Multiplicadores na área da visitação*, p. 5.

¹⁷⁹ Conselheiros como Howard J. CLINEBELL, Herbert ANDERSON, Lothar C. HOCH e outros.

¹⁸⁰ Howard J. CLINEBELL, *Aconselhamento Pastoral*, p. 34.

¹⁸¹ ID., *Ibid.*, p. 34.

¹⁸² Herbert ANDERSON, *The family and pastoral care*, p. 119.

própria casa física, demonstra uma representação vasta e viva da vida psicossocial da família. Ao dar as boas-vindas ao pastor, a casa também demonstra a hospitalidade, o que pode ser um indicador observável da possibilidade de abertura e adaptabilidade do sistema. Uma visita de casa pode revelar como o *hábitat* da família é criado, como o sistema mantém um equilíbrio entre o espacial público e privado, e como “fora do mundo”, é possível verificar se “o mundo” fica fora ou é trazido para o ambiente de casa.

O efetivo cuidado pastoral de famílias, porém, envolve mais que simplesmente juntar informações. O privilégio da visitação exige o uso cuidadoso e gentil de autoridade. O pastor tem a autoridade advinda de seu papel social como líder de uma comunidade de fé. A falta do exercício da autoridade pastoral construtiva esperada pelas famílias cristãs pode trazer frustração. Para Clinebell fala do uso construtivo da autoridade pastoral na poimênica e no aconselhamento, para ele:

O pastor tem tanto a autoridade de seu papel social como líder de uma comunidade de fé quanto a autoridade racional (o termo é de Fromm), qualquer que seja, que sua competência lhe dá como pessoa. Essas duas formas de autoridade influenciam – muitas vezes de forma poderosa – uma relação de poimênica ou aconselhamento.¹⁸³

Na visita à família, o pastor pode tomar um pouco de iniciativa para introduzir uma preocupação, a qual se iniciou por intuição e pode possivelmente, ser confirmada pela observação. Tomar a iniciativa inclui uma vontade para ser ativo nas relações pastorais. A iniciativa pode ocorrer, por exemplo, ao perguntar sobre o bem-estar de uma família cuja filha parece problemática na adolescência, ou inquirir sobre alguém que de repente parou de cantar no coro, ou buscar reconectar-se com alguém que ficou alienado do sistema da paróquia. Gostar das pessoas sempre inclui respeito

¹⁸³ Howard J. CLINEBELL, *Aconselhamento Pastoral*, p. 34

por sua relutância em considerar assuntos dolorosos como para sua rejeição de nossas intuições.

Em nenhum outro tempo podemos tão efetivamente cumprir a parte pastoral de nosso ministério sem ter que adotar modelos e metáforas do lado de fora de nosso chamado. E, em nenhum outro tempo estão as duas importantes dimensões de nosso potencial curativo tão aparentes: a singularidade de nossa entrada na vida da família, e o poder inerente em nossa posição na comunidade.¹⁸⁴

6. A perspectiva bíblica do recasamento

A interpretação das escrituras sagradas, por muitas comunidades cristãs a respeito do tema do recasamento, por séculos, tem assumido que o este implica em adultério¹⁸⁵. Para este primeiro grupo, o recasamento só é aceito diante da morte de um dos cônjuges. Alguns interpretam a possibilidade do recasamento para aqueles que forem considerados como a parte fiel diante de uma traição. Outros, indo um pouco além, abrem uma concessão para a possibilidade do recasamento diante do abandono por parte do cônjuge não crente, ao interpretar o texto de 1 Cor. 7.14, no qual Paulo afirma: “Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã...”

Ao interpretar o divórcio e o novo casamento como adultério contínuo, Plekker apresenta a proposta do arrependimento para o pecado cometido, afirmando haver perdão para o pecador. Para ele a proposta de um novo divórcio para o recasado que se arrepende, é um novo pecado, daí ele apresentar a proposta de arrependimento diante do pecado cometido. Ele

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ Para Robert Plekker “a pessoa divorciada e casada de novo está casada duas vezes e é polígama! Se os casamentos são por toda a vida, e se uma pessoa divorciada (porém não divorciada aos olhos de Deus) casar com outra, ela estará casada duas vezes. É isto que faz com que o pecado seja o adultério.” Verifica-se que para Plekker, portanto, a pessoa está em adultério contínuo. “Como poderia um segundo pecado (um novo casamento) realizar qualquer coisa que o primeiro pecado não fez? Os pecado são somados não subtraídos – alás, poderíamos afirmar que neste caso eles se multiplicam! Robert J. PLEKKER, *Divórcio à luz da Bíblia*, p. 91

afirma, “não se divorcie e não se case de novo”; e acrescenta: “Mas se você o fez assim mesmo, ainda há perdão e esperança”. Plekker toma como base o texto de 1 Jo 2:1 “filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo.”

A proposta de Plekker é um avanço na tradição conservadora que até então só entendia haver arrependimento verdadeiro, nos casos que havia o abandono do relacionamento presente e o retorno à primeira família.

Uma proposta diferente tem sido apresentada por Walter L. Callison.¹⁸⁶ Ele faz separação entre repúdio e divórcio, e procura demonstrar a importância dessa separação dos termos.

Quando Cristo foi questionado pelos fariseus, no evangelho segundo Marcos, tomando este texto, Callison observa que Cristo chama a atenção para a lei dos judeus¹⁸⁷: “é lícito ao marido repudiar sua mulher”, Jesus não respondeu, mas fez outra pergunta: “Que vos ordenou Moisés? Eles responderam: “Moisés permitiu lavrar carta de divórcio e repudiar” (Mc 10. 2-4).

No que diz respeito ao divórcio e recasamento a lei dos judeus no texto de Deuteronômio 24:1-4 afirma: ‘Se um homem tomar uma mulher e se casar com ela, e se ela não for agradável aos seus olhos, por ele achado coisa indecente nela, e se ele lhe lavrar um termo de divórcio, e lho der na mão, e a despedir de casa; e se ela, saindo da sua casa, for e se casar com outro homem...’ A lei ainda estava vigente na época de Jesus, e que, portanto, primeiramente, é necessário buscar a compreensão da própria lei. Josefo, que viveu um pouco depois da época de Jesus, referiu-se a ela como ‘a lei dos judeus’: ‘Aquele que deseja divorciar-se de sua esposa, por qualquer motivo (muito comum dos homens), deve registrar por escrito que nunca voltará a casar com aquela mulher. Portanto, ela terá a liberdade de casar com outro homem. Entretanto, enquanto essa carta de divórcio não lhe for dada, não poderá fazê-lo’¹⁸⁸.

¹⁸⁶ Walter L. CALLINSON, *O Divórcio, a lei e Jesus*.

¹⁸⁷ ID., *ibid.*, p. 94.

¹⁸⁸ Idem.

Na interpretação de Callison, muitos se casavam com mais de uma mulher, sem se pensar em divórcio. Ele cita alguns deles, os quais alguns foram servos de Deus: Salomão, Davi, Abraão, Jacó. “Por um lado, heróis das revelações de Deus, por outro, produto da cultura.”¹⁸⁹

Assim, Callison procura demonstrar que os homens, na maioria das vezes não se divorciavam da primeira esposa quando queriam assumir um novo casamento, colocando a esposa de lado. Para ¹⁹⁰ a palavra para este ato no Antigo Testamento é a palavra hebraica *shalach*. E, procura demonstrar que ela é diferente da palavra que significa divórcio, que é *keriythuwth* (como em Jr. 3.8), que poderia ser traduzida por cisão ou corte do vínculo matrimonial. “Na sua interpretação, o divórcio legal era escrito como pe-dia Deuteronômio 24, e o novo matrimônio era permitido.”¹⁹¹

Shalach normalmente é traduzido por “repudiar”. “As mulheres eram ‘repudiadas’ quando seu marido se casava com outra, para estarem disponíveis quando este necessitava dela ou a queria novamente.” Assim, as esposas ficavam como propriedade, e como escravas, ou mesmo em isolamento. Calisson entende que aqueles eram dias cruéis para as mulheres. “Elas eram ‘repudiadas’, (...) mas não lhes era dada carta de divórcio e, conseqüentemente, tampouco o direito de se casarem novamente.”

Na continuação de sua exegese, Calisson evoca o texto de Malaquias 2:16, no qual encontra-se a afirmação “Deus odeia o repúdio”. Na interpretação de Calisson, “a palavra usada em Malaquias não é a mesma palavra hebraica usada para divórcio, mas é *shalach*, repúdio.”¹⁹² Malaquias estaria respondendo aos líderes que perguntavam como tinham cometido abominação em Israel:

¹⁸⁹ Idem. p. 95.

¹⁹⁰ Walter L. CALLISON, op. cit., p. 95.

¹⁹¹ ID., Ibid., p. 95.

¹⁹² ID., Ibid., p. 96.

Perguntais: Por quê? Porque o Senhor foi testemunha da aliança entre ti e a tua companheira e a mulher da tua aliança. Não fez o Senhor um? Ele buscava a descendência que prometera. Portanto, cuidai de vós mesmos, e ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade. Porque o Senhor, Deus de Israel, diz que odeia o repúdio e também aquele que cobre de violências as suas vestes, diz o Senhor dos Exércitos; portanto, cuidai de vós mesmos e não sejais infiéis. (Mt. 2.14-16).

Para Callison¹⁹³, a discussão que se levanta é se Jesus usou a palavra repúdio ou divórcio. “Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério; e aquele que casa com a mulher repudiada pelo marido também comete adultério” (Lc 16:18). Para ele Jesus usou a palavra “repúdio”, Ele procura demonstrar que a palavra grega traduzida por “repúdio” vem do verbo grego *apoluo*, sendo este o termo usado pelos autores do Novo Testamento, o qual é equivalente ao termo hebraico *shalac* (“deixar” ou “repudiar”). O termo foi usado na lei de Moisés, demonstrando que, não era permitido repudiar (*shalac*). Callison, Portanto, entende que Jesus teria usado a palavra repúdio, a qual é diferente de divórcio, o que faz com que o texto que temos em português esteja errado.

Calisson continua procurando demonstrar que há uma palavra hebraica para divórcio no Antigo Testamento, *Keriythuwth*, a qual seria equivalente à palavra grega do Novo Testamento, *apostasion*. O Arndt/Gingrich Lexicon del Nuevo Testamento indica *apostasion* como o termo técnico para uma carta ou escritura de divórcio, remontando até 258 a.C.¹⁹⁴ Para ele, deve-se notar que,

Apoluo, a palavra grega que significa deixar de lado ou repudiar, não significava tecnicamente um divórcio, apesar de às vezes ser usada como sinônimo. Tratava-se de um termo de domínio totalmente masculino: o homem com frequência tomava outras esposas e não dava carta de divórcio quando abandonava as anteriores. A lei judaica que exigia que se concedesse carta

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ Idem., p. 97.

de divórcio (Dt 24:1-4) era amplamente ignorada. Não havia quem se importasse se um homem se casasse com outra mulher; e não havia quem se opunha ao fato de um homem repudiar (*apoluo*) sua esposa, sem incomodar-se de lhe dar carta de divórcio.¹⁹⁵

Callison procura demonstrar que, é justamente a isso que Jesus se opôs. “Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério; e aquele que casa com a mulher repudiada pelo marido também comete adultério” (Lc 16.18).

Nos dias de Jesus os direitos humanos estavam concentrados apenas nos homens. Jesus mudou isso. Ele exigiu obediência à lei e direitos iguais para a mulher no matrimônio.

Callison¹⁹⁶ conclui, dessa forma, que a leitura das passagens que afirmam: “aquele que repudiar ou abandonar sua mulher”, por “aquele que divorciar de sua mulher” começou onde *apoluo* foi traduzido erroneamente por “divórcio.” Isso ocorreu pela primeira vez, em 1611. A versão Standard Americana corrigiu o erro em 1901, mas nunca chegou a ser suficientemente popular para fazer muita diferença.

Wuest teve o cuidado de evitar os erros mencionados. Porém quase tudo o que foi impresso sofreu a influência da versão King James, e até os léxicos gregos americanos e os tradutores mais modernos parece que se deixaram influenciar por essa ocorrência, traduzindo *apoluo* por “divórcio”, mesmo quando o significado da palavra não inclui o divórcio por escrito (*apostasion*)¹⁹⁷.

Isso não significa que para Callison, divórcio deva sendo defendido como um fato a ser aplaudido. Não, para ele, divórcio é “um corretivo para situações intoleráveis.”¹⁹⁸ O qual, por vezes, é usado de forma abusiva.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Idem., p. 99.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Idem.

De acordo com o texto de Gn. 2:24, as escrituras demonstram que a intenção de Deus era a da estabilidade do matrimônio. “Deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher tornando-se os dois uma só carne.” Portanto, divórcio é separação, é rompimento de uma relação e de uma aliança. No entanto, é bom que se pense no divórcio como parte de uma permissão de Deus por causa da dureza de coração dos homens, dureza em perdoar, e dureza em insistir na prática da maldade contra o cônjuge e a família. Da mesma forma, divórcio é corretivo para situações de violência, humilhação e abandono nas quais viviam e vivem muitas mulheres, mesmo na realidade atual.

O divórcio não é um quadro bonito, na maioria dos casos. Solidão, rejeição, um profundo senso de ter falhado, perda de auto-estima, crítica dos familiares, problemas com a educação dos filhos e muitos outros problemas assaltam os divorciados¹⁹⁹.

Ao contrário do repúdio, a carta de divórcio, exigida pela lei, provê um grau de dignidade humana para mulheres sujeitas ao abuso cruel da poligamia adúltera e aos caprichos de homens de coração endurecido.

Para o autor dessa pesquisa, mesmo aqueles que interpretam o divórcio e o recasamento como pecado, precisam perceber que, o pecador arrependido que busca a graça de Deus, a partir do advento de Cristo, não precisa mais ser apedrejado (Jo 8. 7-12). Deveria-se, portanto, levar em conta, que o arrependido pode experimentar a graça restauradora da parte de Deus.

A igreja deveria aplicar toda a compreensão do evangelho aos divorciados e recasados, não sendo possível, a partir de uma correta visão da graça de Deus revelada no evangelho de Cristo, por exemplo, continuar afirmando

¹⁹⁹ Idem.

que estão em adultério contínuo, aqueles que, de alguma forma foram responsáveis moralmente pela destruição de seu casamento, e agora, arrependidos buscam seriamente constituir uma nova família e servir a Deus. A graça de Deus alcança os corações dos seres humanos, concedendo-lhes uma nova oportunidade, um novo começo, esta é a afirmação maior do evangelho (Mt. 4.17;1Jo 2.1,2).

A graça de Deus, é portanto, o grande tema teológico que precisa ser afirmado e aplicado ao aconselhamento pastoral com a família recasada. A teologia da graça pode mais claramente ser percebida, a partir da manifestação do Filho de Deus, o amor de Deus encarnado é a própria testificação da graça de Deus entre os homens. Na teologia da graça, afirma-se o favor de Deus àqueles que não tem qualquer mérito próprio. Graça é este favor imerecido, é oportunidade para recomeçar, é dádiva do amor de Deus para o arrependido e contrito de coração. Conforme Berkhof:

A Bíblia geralmente emprega a palavra para indicar a imerecida bondade ou amor de Deus aos que perderam o direito a ela e, por natureza, estão sob sentença de condenação. A graça de Deus é a fonte de todas as bênçãos espirituais concedidas aos pecadores²⁰⁰.

Falar da graça de Deus como manifestação do seu amor incondicional, não é assunto fácil para as mentes que estão acostumadas a procurar um impedimento para suas promessas. Philip Yancey, comentando o amor de Deus revelado na parábola do filho pródigo afirmou: “O que impede o perdão não é a relutância de Deus – ‘Quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão’ mas a nossa. Os braços de Deus estão sempre estendidos; nós é que nos desviamos.”²⁰¹ Alguns se desviam do amor de Deus, outros querem, em nome da religião, desviar aqueles que se voltam para a graça de Deus, que está sempre pronto a receber àqueles que o procuram.

²⁰⁰ Luiz BERKHOF, *Teologia Sistemática*, p. 74.

²⁰¹ Philip YANCEY, *Maravilhosa Graça*, p. 52,53.

Dizer que a graça de Deus está estendida aos pecadores que não têm compreensão da Palavra de Deus, e não aos que já têm essa compreensão, e caíram, não tendo eles acesso a sua graça, para recomeçar a vida, seria uma profunda incoerência teológica (1Jo 1.9). Não se propõe uma banalização da graça, o que seria outra incoerência, no texto tomado por Yancey, (a parábola do filho pródigo), a graça de Deus é revelada de forma profunda, e, indica, também, que o filho caiu em si, e, em arrependimento sincero voltou para os braços do pai (Lc 15). A graça de Deus recebe filhos que voltam para casa, com arrependimento, mesmo aqueles que erraram gastando parte de suas vidas longe da presença do Pai.

É importante ressaltar, que com isso, não se está dizendo que, todo divórcio e recasamento envolvem a questão do pecado. Ao tratar da necessidade de arrependimento, nos casos de atitudes morais destrutivas, que levaram ao rompimento dos relacionamentos passados, deve-se, também, ter o cuidado para não colocar todos os relacionamentos rompidos, no mesmo pacote. Nem todas as pessoas envolvidas em divórcio e recasamento caíram em erros. É preciso cuidado, e não se voltar aos moralismos religiosos. Moralistas percebem pecado e falha moral em todos os desencontros relacionais, e, até mesmo na tentativa de recomeçar a vida, como no caso dos recasados. Como observa Paul Tournier, “Sentimentos tenazes de culpa são constantemente colocados nas mentes dos fracos pelo comportamento dos outros, por suas afirmações, por seus julgamentos, pelo desprezo, mesmo pelas censuras mais injustas.”²⁰² Assim, os discursos negativos que afirmam pecado e culpa em todos os divórcios e recasamentos, devem ser confrontados e rejeitados, pois esta, é uma atitude legalista que não conhece a graça de Deus.

²⁰² Paul TOURNIER, *Culpa e Graça*, p. 13.

Concluindo, como pôde ser observado, o aconselhamento pastoral tem buscado sua própria identidade. Nesta busca, encontra-se como um grande achado os próprios recursos espirituais assumidos como indispensáveis para o acompanhamento de pessoas diante dos processos de crescimento dos seres humanos. Percebe-se hoje, uma crescente busca das contribuições das pesquisas das áreas humanas sem dispensar a busca dos recursos espirituais. Assume-se, na prática, a perspectiva da igreja como comunidade terapêutica, como proposta por Hoch²⁰³, o qual tem desenvolvido pesquisas a fim de que a tarefa da igreja, como comunidade terapêutica, possa ser mais bem desenvolvida.

O cristão, de forma especial, busca seu próprio significado na comunidade da fé²⁰⁴. Sabe que é um só “corpo”, com outros membros, e que fora desse corpo, está incompleto²⁰⁵. Assim, é importante para esta pesquisa a compreensão de que a libertação do indivíduo acontece na comunidade e para a comunidade.

Da mesma forma, afirma-se a importância da perspectiva do papel do pastor/conselheiro e do caráter positivo da iniciativa pastoral. Esta perspectiva associada ao valor dos recursos espirituais e, com o enriquecimento das pesquisas da terapia familiar, levanta possibilidades novas de exercer os ritos e símbolos cristãos associados a aspectos importantes da terapia familiar. Busca-se assim, a cura da família, no seu próprio contexto familiar. A realização dos rituais no contexto da própria residência da família, ajuda inclusive, a se ter uma perspectiva nova da família. O lar cristão é lugar de manifestações profundas da presença de Deus, de cura, de culto, e de celebração. Este é um dos resgates que se propõe com esta tese.

²⁰³ Lothar Carlos HOCh, *Comunidade terapêutica, em busca duma fundamentação eclesiológica do aconselhamento pastoral*.

²⁰⁴ ID., *ibid.*, p. 27,28.

²⁰⁵ Idem.

A pesquisa demonstrou, da mesma forma, a necessidade de se aprofundar a questão do uso dos recursos espirituais como meios terapêuticos, bem como aspecto principal desta tese, a especificidade do acompanhamento da família recasada, que com suas características e desafios específicos exige do aconselhamento pastoral o aprimoramento para acompanhar estas famílias. A Terapia Familiar demonstrou com suas intensas pesquisas, que estas famílias enfrentam problemas e obstáculos específicos, cada vez mais emergentes e necessários de serem analisados para que se possa contribuir significativamente no fortalecimento dessas famílias.

Capítulo 3: A Terapia Narrativa e a Família Recasada

1. Das teorias psicodinâmicas à teoria narrativa.

A Terapia Narrativa representa uma mudança fundamental de direção no mundo das bases terapêuticas, e nasceu como parte do movimento que tem sido denominado como a “Terceira Onda”.²⁰⁶

Conforme Lubrano, a Primeira Onda começou com Freud e estabeleceu as bases da psicoterapia. “Centrava-se na patologia do paciente e estava dominada pelas teorias psicodinâmicas e pela psiquiatria biológica”²⁰⁷. A perspectiva freudiana representou um avanço histórico, deixando de ver os pacientes como moralmente deficientes, e concedeu um vocabulário comum codificado nos manuais diagnósticos e estatísticos o qual tem de sido de grande valor para o trabalho terapêutico. Mas, de acordo com Lubrano, “esta onda trouxe um problema: muitas pessoas terminaram identificando-se elas mesmas com etiquetas estigmatizantes como ‘narcisista’, ‘dupla personalidade’ ou adulto filho de um alcoólico’”.²⁰⁸ Outro aspecto negativo observado, é que a Teoria Psicodinâmica transformava diagnósticos em verdades rígidas e absolutas. Esta perspectiva determinava quem estava são e quem não estava, quem era normal e quem era louco ou doente mental.

Em 1950 nasceu o movimento da Segunda Onda em psicoterapia. Os chamados, “terapeutas centrados no problema”. Alguns estudiosos, nem sempre terapeutas, influenciados pela Teoria Geral dos Sistemas, começaram a

²⁰⁶ Arcângelo Aldo LUBRANO, *La Terapia Narrativa uma nueva onda em grupo T*, p. 1.

²⁰⁷ ID., *ibid.*, p. 1.

²⁰⁸ Idem.

ver a família como um sistema, assim contribuindo para a criação do “Modelo Sistêmico de Terapia Familiar”.²⁰⁹

As terapias centradas nos problemas negaram que os pacientes estavam enfermos, e tentaram remediar o foco sobre a patologia do passado. A idéia principal era que o “doente” ou membro sintomático era apenas um representante circunstancial de alguma disfunção no sistema familiar²¹⁰. O “transtorno mental” era visto como a expressão de padrões inadequados de interações no interior da família.

Concentravam-se mais no aqui-e-agora em vez de buscarem significados ocultos e causas últimas. A personalidade começa a ser vista como influenciada por padrões de comunicação, relações familiares e sociais, resposta e estímulo.²¹¹

A mudança não era vista como muito difícil pelos pais desse movimento: manipulando uma das variáveis, o sistema em sua totalidade deveria mudar, incluindo as características pessoais. Os terapeutas converteram-se em *experts* em matérias como, por exemplo, a teoria do duplo-vínculo²¹², as intervenções paradoxais e as técnicas condutivistas. Poucos terapeutas viam a seus pacientes como agentes de mudanças decisivos em suas próprias vidas. De fato, para muitos a consciência que seus pacientes tinham de si mesmos devia ser abandonada; e as soluções correspondiam ao traba-

²⁰⁹ Conforme Streck, O modelo sistêmico começou com o grupo de Palo Alto na Califórnia. “Bateson, junto com Jay Haley, John Weakland, Don Jackson e William Fry, conduziu um projeto de estudos sobre esquizofrenia nos anos 60. O objetivo era verificar a comunicação existente entre os membros de famílias de esquizofrênicos. Bateson, um antropólogo, havia feito pesquisas sobre comportamento animal e tentou relacionar conceitos da cibernética com a antropologia. O grupo, interessado numa teoria da comunicação para explicar o comportamento esquizofrênico, tinha a hipótese de que quando o sistema familiar é perturbado, ele se move em direção ao equilíbrio. Este equilíbrio também é chamado de *homeostase*. A teoria geral de sistemas e a teoria da comunicação foram usadas por esse grupo para explicar a seqüência de comunicação existente nas famílias. Observou-se em famílias de esquizofrênicos o “duplo-vínculo”, este aspecto foi descrito pelo grupo no livro *Toward a Theory of Schizophrenia*”. Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 55.

²¹⁰ Adriane CARBONE, *Terapia Familiar Sistêmica*, p. 4.

²¹¹ Arcângelo Aldo LUBRANO, op. cit., p. 1.

²¹² Gregory BATENSON, apud Aldo LUBRANO op. cit., p. 2.

lho do terapeuta que era visto como um diretor de teatro, ou diretor cinematográfico.

A função do terapeuta era vista como a de ajudar o paciente identificado e a família, facilitando a transformação do sistema familiar. Conforme Minuchin²¹³, esse processo inclui três passos importantes: o terapeuta une-se à família, desempenhando o papel de líder; descobre e avalia a estrutura familiar; e cria circunstâncias que vão permitir transformação dessa estrutura. Essa postura deve ser criticada, pelo fato de que os pacientes ficam como países ocupados por nações mais poderosas, e são levados a abandonar a sua própria linguagem, experiência e conhecimento a favor da visão de seus terapeutas²¹⁴.

A Terceira Onda. Nos anos 80, muitos terapeutas começaram a abandonar a metáfora sistêmica em favor da metáfora narrativa²¹⁵, para organizar e descrever o seu trabalho.

Alguns terapeutas começaram a mudar o foco de atenção e a crença de que se centrar sobre os problemas muitas vezes obscurece os recursos e soluções que residem dentro dos pacientes. O terapeuta já não era visto como a fonte da solução e começamos a entender que as soluções aos problemas residiam na pessoa e nas suas redes sociais.²¹⁶

Esse movimento iniciou com o desenvolvimento das terapias sistêmicas construtivistas e, construtivistas sociais, desenvolvidas nos modelos conhecidos como conversacionais, dialógicos ou narrativos. Estas novas escolas, chamadas de pós-modernas, têm além dos aspectos em comum mencionados, o fato de questionarem os modelos diagnósticos tradicionais, as teorias clínicas e teorias de mudança, que tradicionalmente são centrali-

²¹³ Vera Lamanno CALIL, op. cit., p. 36.

²¹⁴ Arcângelo Aldo LUBRANO, op. cit., p. 3.

²¹⁵ Veja Lynn HOFFMANN, A Reflexive Stance for Family Therapy, p. 8.

²¹⁶ Arcângelo Aldo LUBRANO, op. cit., p. 3.

zados nos modelos apriorísticos de disfuncionalidade e patologias, ou de funcionamento saudável²¹⁷. Conforme Sluzki²¹⁸, a noção de narrativa é conceitual e, para ele, representou um salto epistemológico, um novo nível de análise de processos sistêmicos. Sluzki afirma que narrativa é:

O campo das histórias em comum, compartilhadas por famílias, (ser parte de uma família implica necessariamente em compartilhar histórias, descrições, valores, anedotas), por grupos sociais (desde as ideologias compartilhadas por um grupo religioso até as mitologias compartilhadas por uma cultura) e, progressivamente compartilhadas por terapeutas e pacientes no curso da consulta²¹⁹.

A perspectiva de se ver as famílias como sistemas homeostáticos, na qual o sintoma tem uma função, perde o seu valor. “O terapeuta deixa de ser visto como um *expert* passando a assumir um papel de “facilitador”, cujo conhecimento, como qualquer outro conhecimento está livre de um *status* privilegiado”²²⁰. Conforme Carbone:

A terapia propõe que o cliente seja especialista no que diz respeito ao conteúdo, isto quer dizer que ele sabe sobre sua própria vida e dos motivos que o trouxeram para a terapia, enquanto que o terapeuta é o especialista no processo, permitindo por sua especialidade criar um contexto propiciador e facilitador para uma conversação que permita a reconstrução dos significados.²²¹

Conforme Streck²²², o movimento construtivista ficou conhecido primeiramente como o movimento pós-Milão ou de “segunda-ordem”, isso, para

²¹⁷ Adriana CARBONE, op. cit., p. 3.

²¹⁸ Carlos SLUZKI, *Terapia Familiar como Construcción de Realidades*, p.10.

²¹⁹ ID, *ibid.*, p. 10.

²²⁰ Streck observa que “Harlene /anderson, Harry Goolishian, Lynn Hoffman e Tom Andersen, fazem parte do grupo que se opôs ao modelo de influência cibernética e tem uma perspectiva terapêutica que se preocupa mais com o ‘cuidado’ do que com a ‘cura’. Usam a ‘Metáfora Narrativa’ como os outros desta corrente. O terapeuta não é mais o *expert*, e sim muito mais um dos colaboradores. Por isso também a terapia é mais uma filosofia do que um método.” Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 89.

²²¹ Adriane CARBONE, *Terapia Familiar Sistêmica. Breve histórico: origem e desenvolvimento da Terapia Familiar*, p. 1.

²²² Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 86.

diferenciá-lo dos movimentos anteriores, estratégicos e hierárquicos. E ultimamente, na perspectiva de Lubrano²²³, o movimento também ficou conhecido como a “Terceira Onda”.

A partir da concepção de Prigogine²²⁴, a evolução de um sistema ocorre por meio da combinação de acaso e história em que, a cada patamar, surgem instabilidades que geram novas ordens e assim sucessivamente. Assim, como os sistemas vivos são considerados como hipercomplexos e interdeterminados, a instabilidade e a crise ganham um novo sentido no sistema familiar²²⁵. A crise não é mais um risco, mas parte do processo de mudança, assim como o sintoma. “O sistema terapêutico passa a ser definido como aqueles que estão envolvidos em conversação em torno de um problema”²²⁶.

Nesta nova perspectiva, o estudo da linguagem passa a ser fundamental²²⁷. Féres-Carneiro ressaltando os estudos de Goolishian e Winderman observa que:

É a linguagem que determina o sistema interacional que é relevante para o terapeuta. Da mesma forma, são os sistemas de significado da linguagem que organizam os comportamentos e os problemas que levam a família a pedir ajuda. Os terapeutas desse movimento trazem técnicas de “conversação” sobre problemas das famílias, que são vistas sem julgamento. Tem-se respeito pelo que a família diz e entende-se a realidade particular de cada pessoa.²²⁸

Os terapeutas voltam se mais para a perspectiva “não diretiva” de Carl Roger²²⁹ sendo mais gentis com a família e apostando mais na sua potencia-

²²³ Arcângelo Aldo LUBRANO, op. cit., p. 1.

²²⁴ L. PRIGOGINE, & I. STENGER, *A Nova Aliança*, p. 32.

²²⁵ Terezinha FÉRES-CARNEIRO, op. cit., p. 100

²²⁶ Idem.

²²⁷ Kathy WEINGARTEN, *The Small and the Ordinary: The Daily Practice of a Postmodern Narrative Therapy*, p. 3. A autora cita como exemplos: “(Hoffman, 1993; White & Epston, 1990; Zimmerman & Dickerson, 1994)”.

²²⁸ Terezinha FÉRES-CARNEIRO, op. cit., p., 101.

²²⁹ Valburga Schmiedt STRECK., *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 86.

lidade. Uma das principais características dessa ênfase pós-moderna é que o terapeuta também está aprendendo e juntamente com a família ou o paciente ele busca por uma história ainda não contada bem como busca uma nova história para família ou para o paciente. Streck analisando os estudos de Kenneth Gergen, conclui que:

Ouvir a história do cliente significa criar um ambiente onde ele sente que é aceito e entendido, mas não significa a aceitação ou confirmação das premissas do cliente. Implica antes a forma de inquirição interessada que abre as premissas para a exploração²³⁰.

A partir da perspectiva de Bruner de que “a narrativa é que organiza a experiência²³¹” Streck conclui que, na perspectiva construtivista, o terapeuta entra no mundo da família como um aprendiz²³².

O objetivo desta hermenêutica de compreensão é deixar o fenômeno nos dirigir. O conhecimento como conceito da realidade é transmitido pelo processo social e a linguagem é um veículo importante para a realização desta tarefa, já que a relação entre as pessoas é central para a construção do conhecimento.²³³

Streck também observa que conquanto a Terapia Narrativa²³⁴ tenha como origem o grande movimento construtivista, ao mesmo tempo, “diferencia-se de outros enfoques construtivistas, ao fazer uso da linguagem para ‘reescrever’ histórias²³⁵”. Objetiva-se nesse modelo terapêutico, que a pessoa possa contar uma nova história de sua vida, “podendo olhar seu passa-

²³⁰ ID. Ibid., p. 87.

²³¹ Jerome BRUNER, apud Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op., cit., p. 87.

²³² Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op., cit., p. 87.

²³³ Idem.

²³⁴ Para Streck “A Terapia Narrativa foi desenvolvida inicialmente por Michael White, um terapeuta de Adelaide Austrália, a seguir com a colaboração de David Epston, um terapeuta da Nova Zelândia (...) a Terapia Narrativa é um método terapêutico que atualmente tem repercussões mundiais.” Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 89.

²³⁵ ID., *ibid.*, 90.

do, presente e futuro de forma diferente, livre dos problemas que a atingem.”²³⁶

Enquanto Michael White trabalha com um estilo de entrevistas em que usa perguntas ‘aguçadas’ para separar as pessoas da opressão sofrida por parte do meio ambiente, Goolishian e Anderson conversam de forma empática sobre os problemas.²³⁷

A perspectiva narrativa é desenvolvida inicialmente por Anderson e Goolishian²³⁸ a partir da influência recebida do construtivismo social de Kenneth Gergen.²³⁹ White foi um dos expoentes desse grupo pós-moderno que também enfatizou o “contar histórias” ou narrativas sobre a família e o problema²⁴⁰. “Michael White usa a ‘externalização de conversas’ em que as pessoas falam de seus problemas.”²⁴¹ Os problemas passam a serem vistos como entidades separadas da pessoa que os têm. No caso da família, a externalização de problemas a ajuda a não se acusar mutuamente, e eles, os familiares, trabalham juntos para combater o problema. O terapeuta juntamente com a família busca por uma história não contada. A Terapia Narrativa ajuda a família a chegar a novas histórias: “a tentativa de chegar a uma história mais otimista e que ajude a família a ter condições de enfrentar seus problemas”.²⁴²

White reconhece que foi introduzido no método narrativo, a partir do pensamento de Bateson. Observando os estudos de Streck, verifica-se que os princípios de Batenson que influenciaram White foram:

²³⁶ Idem.

²³⁷ Idem., p. 88.

²³⁸ Idem., p. 86.

²³⁹ Streck também observa que “o grupo de profissionais da ‘construção social’ tem recebido especial atenção. Editaram um livro com este título em que mostram diferentes enfoques da terapia com esta ênfase. ‘A alternativa principal a esta concepção considera a construção narrativa um modelo interior, uma forma de história que pode ser questionada pelo indivíduo como guia para a identidade e ação. Novamente, não há uma defesa da verdade do modelo; ele opera simplesmente como uma estrutura duradoura que informa e direciona a ação.” Idem., p. 88.

²⁴⁰ Michael WHITE, *Re-Authoring Lives*.

²⁴¹ Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 88

²⁴² ID., *Ibid.*, p. 86

Todo conhecimento requer um ato de interpretação; (...) ao explicar os eventos dos “sistemas vivos” não é possível ter uma idéia da realidade objetiva, pois o conhecimento que se tem de algo sempre parte de um contexto ou de uma perspectiva, pressupõe que o que se sabe sobre os eventos da vida de uma pessoa ou sobre a própria história sempre são perspectivas, e nunca toda a verdade. (...) Também a idéia de tempo, pois os sistemas vivos são influenciados através do tempo e é desta forma que se percebe a diferença.²⁴³

2. Conceitos Teóricos

Conforme Streck, para White e Epston, a Terapia Narrativa é um método interpretativo para o qual “é importante ver como as pessoas se organizam em torno de um significado específico. Dependendo desta organização, darão “vida” ao problema.”²⁴⁴ White afirma que:

São as estórias que as pessoas têm a respeito de suas vidas que determinam ambas, as atribuições do significado para a experiência e a seleção daqueles aspectos da experiência que são para ser dada a expressão. Segue, então, que estas estórias são constitutivas ou formadas da vida das pessoas. A vida e relacionamento das pessoas evoluem como elas vivem ou apresentam estas estórias²⁴⁵

A pessoa ordena as suas experiências de tal forma que tenham uma continuidade e façam sentido²⁴⁶. Da mesma forma, essas pessoas se relacionam com outras de acordo com os textos de suas histórias, os textos guiam as pessoas e lhes concede significados.

Streck observa que White explica de forma didática a idéia de poder de Foucault, mostrando como ele interpreta e desenvolve a partir destes conceitos sua teoria do método narrativo. Para Streck, White ficou convenci-

²⁴³ Idem., p. 90.

²⁴⁴ Idem.

²⁴⁵ Michael WHITE, *Re-Authoring Lives*, op. cit., p. 17.

²⁴⁶ Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 91.

do de que o poder subjuga em vez de reprimir, e concluiu que todos agem dentro de um determinado campo de poder/saber.

As 'técnicas do poder' que subjugam as pessoas são de 'verdades' que foram desenvolvidas em nível local, onde um controla o outro. No entanto, não existe um poder maior definido. O poder é espalhado, bem como o saber. Nesse processo, as 'técnicas de poder' fazem com que as pessoas desenvolvam suas vidas através de 'verdades' (saber) e tornam-se presas ao poder/saber e, as que convivem com elas partilham do mesmo poder/saber. Para libertar as pessoas dessas verdades é preciso ajudá-las a externalizar o problema como uma forma de separá-las da 'verdade' ou do poder/saber.²⁴⁷

Streck²⁴⁸ observa que White refere-se às técnicas de poder que subjugam as pessoas à ideologia dominante. White recorre ao mapeamento do problema e da influência que o problema tem na vida das pessoas e nos relacionamentos destas, para identificar essas técnicas. Usando a idéia de Goffman de que há uma história dominante, White diz que há aqueles aspectos ou partes que caem fora da história dominante e, que são as chamadas "*unique outcomes*" ou exceções. As "técnicas do poder", uma vez identificadas, permitem ao terapeuta investigar as exceções ou "*unique outcomes*" em que o problema não ocorreu, sendo que a pessoa pode colocar um significado para essas exceções e reescrever a sua vida de uma forma não opressiva.

Assim, as pessoas podem alterar suas vidas pela mudança do problema da história dominante, a qual deixa as pessoas oprimidas e sem perceberem saídas. Da mesma forma, a terapia narrativa projeta histórias que destacam possibilidades e oportunidades²⁴⁹.

²⁴⁷ ID., *ibid.*, p. 92.

²⁴⁸ Idem.

²⁴⁹ Paul S. SRAND, *Toward a Developmentally Informed Narrative Therapy*, p. 325.

2.1. Externalizando discursos internalizados

Conforme White e Epston²⁵⁰, as pessoas têm discursos internalizados. A conversação externalizada separa as pessoas de seus problemas e bloqueia a integração da pessoa com o problema, vendo-se a si mesmo em relação ao problema em vez de ter um problema ou ser um problema. Cria-se, portanto, a possibilidade de imaginar a si mesmo em um relacionamento diferente ao problema e até imaginar o efeito de uma relação preferida. White:

baseia-se no entendimento de que os problemas são manufaturados num contexto social cultural e político. A criança recém-nascida é instantaneamente banhada numa “sopa” cultural. Da perspectiva narrativa, os problemas podem ser vistos como boiando nesta sopa. Os problemas com os quais nos defrontamos são multissortidos e são desenvolvidos através de um longo período de tempo, juntando-se através do meio da linguagem humana para construir e produzir a experiência.²⁵¹

Muitas das crenças que as pessoas carregam não são mais que a grande bagagem cultural: linhas de canções de amor, coisas e desenhos de revistas de *glamour*, comerciais, cenas e *jingles* memorizados, romances de conquistas, novelas cor de rosa, sermões de nossos pais do que significa ser um homem, recordações de amores passados e dos jogos e diversões da infância.

É possível que as pessoas tenham absorvido crenças de que não são boas, que só as mulheres magras são belas, que um homem de verdade é aquele que sabe como manter uma mulher "em seu posto" e assim por diante. Se a consciência for ensinada a reconhecer o efeito insidioso destas crenças e, a vê-las não como parte inerente do próprio ser, as pessoas poderão ser libertas delas.

²⁵⁰ Kathy WEINGARTEN, *The Small and the Ordinary: The Daily Practice of a Postmodern Narrative Therapy*, p. 9.

²⁵¹ Gerald MONK, citado por Valburga Schmiedt STRECK, op. cit., p. 93.

A conversação externalizada evita declarações patologizadoras que inadvertidamente encoraja as pessoas que estão lutando com problemas a se acusarem ou se sentirem culpadas, erradas, ou mal. Este tipo de conversação promove a capacidade das pessoas para agirem em relação aos efeitos dos problemas e também em relação ao contexto interpessoal que sustenta o problema. Na Terapia Narrativa, a externalização do problema é uma das primeiras atitudes a ser tomada, pois o problema é visto como uma entidade separada e que tem vontade própria. É o problema que domina a pessoa. Por outro lado, o problema domina a pessoa porque ela tem um discurso interno imposto pela cultura dominante, conforme Weingarten:

O discurso internalizado que é externalizado não é precisamente o mesmo que 'o problema'. Ao contrário, o discurso internalizado consiste de tipos de declarações próprias que podem ser produzidas pela incorporação de mensagens culturais dominantes (...) Estas declarações próprias tendem a ser avaliativas e comparativas, geralmente atadas com 'deveres' que são formados pelo discurso cultural. Geralmente a pessoa acredita que ela ou ele não está à altura de um 'dever'.²⁵²

Observa-se que todos vivem com discursos internalizados. Estes agem sobre os seres humanos de maneira similar: fazendo dos seres humanos objetos, totalizando-os, e separando-os do contexto com o qual suas vidas estão atualmente relacionadas. Conforme Strand:

De uma perspectiva narrativa, pensamento informa ação. A influência da metáfora narrativa em psicoterapia reflete uma crença que o que necessita ser reorganizado não é a natureza das interações entre indivíduos, mas a construção intraindividual que guia o comportamento.²⁵³

²⁵² Paul S. SRAND, *Toward a Developmentally Informed Narrative Therapy*, op. cit., p. 325.

²⁵³ ID., *ibid.*, p. 325.

Ao sentirem que não conseguem resolver os problemas, as famílias iniciam uma história de fracassos que então passa a dominar suas vidas. Ajudando as pessoas a falar e a externalizar os seus problemas, White amplia sua prática para uma variedade de situações diferentes onde as pessoas podem falar dos problemas e sentirem-se separadas deles. Ele conclui que esta prática:

1. Diminui conflitos não produtivos entre pessoas, incluindo aquelas disputas sobre quem é responsável pelo problema. 2. Mina o senso de fracasso que se desenvolveu em muitas pessoas como reação à presença contínua do problema apesar das tentativas destas de resolvê-lo; 3. Abre o caminho para as pessoas cooperarem umas com as outras, unirem-se na luta contra o problema e escaparem da influência deste na vida delas; 4. Abre novas possibilidades para as pessoas tomarem atitudes para distanciar suas vidas e relacionamentos do problema e da influência deste; 5. Liberta as pessoas para tomar uma abordagem mais leve, mais afetiva e menos estressada de problemas “mortalmente sérios”; e 6. Apresenta opções para o diálogo, ao invés de um monólogo, sobre o problema²⁵⁴.

Dessa forma, a abordagem narrativa tira os terapeutas de sua baixa produtividade e lhes permite evitar uma das grandes tramas da profissão: envolver-se no desespero de seus pacientes. Isto se evidencia na forma como os pacientes se apresentam na sessão. "Olá, sou depressão, eu sempre tenho sido depressão e sempre o serei". Frente a isto, o terapeuta se sente tão frustrado e atado como o próprio paciente. Mas o modelo narrativo, não vê a pessoa ou a família como o problema, o problema é o problema.

Os críticos da psiquiatria têm condenado o risco de etiquetar as pessoas, levando a um tipo de profecia que se cumpre ao considerar as pessoas *esquizofrênicas*. Eles têm argumentado que etiquetas estáticas e generalizadas, firmam a crença de cada um nas poucas possibilidades de mudança. Como observou Lubrano²⁵⁵, os terapeutas de família e outros terapeutas da Segunda Onda, no começo, trataram de ignorar as etiquetas individuais e trataram de remarcar-las como saindo de processos sistemáticos ou intera-

²⁵⁴ Michael WHITE, David EPSTON, apud STRECK op. cit., p. 93,94.

²⁵⁵ Arcangelo LUBRANO, op. cit., p. 4.

cionais. Segundo ele, “as etiquetas não desaparecem simplesmente ao ignorá-las, já que os pacientes também dependem delas.”²⁵⁶

Ainda que o terapeuta decida que é mais fácil tratar a uma criança ‘que não come’ que a um ‘anoréxico’, ou a uma pessoa que está ‘com energia baixa’ que a um ‘deprimido’. Em algumas ocasiões estas etiquetas, ou a falta delas, diz ao paciente que o terapeuta não o compreende ou não está escutando: ‘Meu filho é hiperativo e tem uma Desordem Deficitária de Atenção. Você está me dizendo que isso não existe? Este menino não é somente energético, é hiperativo!’ As etiquetas geralmente dão aos pacientes a idéia de que a seriedade de seus problemas é aceitável, assim como um sentimento de irmandade com outros que padecem o mesmo problema²⁵⁷.

Dessa forma, verifica-se que, por meio da externalização, os terapeutas narrativos são capazes de aceitar o poder das etiquetas, da mesma maneira que evitam a trama de reforço ou apego às mesmas. A externalização oferece uma maneira de se ver os pacientes como tendo uma parte deles mesmos, não contaminada pelos sintomas. Isto cria uma visão da pessoa como não determinada, e capaz de realizar escolhas e decisões em relação ao problema. Assim, conclui-se que, as idéias da terapia narrativa permitem o surgimento de respeito e auto-estima, não somente para o paciente, senão também para o terapeuta. “Esta é a conversação libertadora que os seguidores da Terceira Onda aspiram ter com seus pacientes”.²⁵⁸

2.2. Exceções

White e Epston têm usado o termo *exceções* para notar que sempre há histórias alternativas para aquelas que atualmente tem sido dominantes na vida das pessoas. Eles têm desenvolvido uma panóplia de questões para vivificar estas exceções as quais eles freqüentemente chamam “*unique outcomes*”,²⁵⁹

²⁵⁶ ID., *ibid.*, p. 4.

²⁵⁷ ID., *ibid.*, p. 4.

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ Kathy WEINGARTEN, *op.*, *cit.*, p. 7.

Assim, observa-se que a Terapia Narrativa é uma série de perguntas que examinam a influência que o problema tem sobre a família e perguntas que mapeiam a influência da família sobre o problema. Verificando-se em seguida, os sucessos ou exceções (“*unique outcomes*”) para poder escrever uma nova história²⁶⁰.

Streck observa que, ao se usar perguntas em busca do mapeamento da influência do problema e das pessoas sobre o problema, “o terapeuta passa a fazer perguntas de tal modo que a pessoa possa começar a separar a sua vida e seus relacionamentos do problema.”²⁶¹

Essas perguntas têm o objetivo de ajudar as pessoas a perceberem que podem viver sem o problema. “As estruturas narrativas organizam e concedem significado para a experiência, mas sempre há sentimentos e experiências não vividas completamente, cercadas pela estória dominante.”²⁶²

Weingarten²⁶³ usa geralmente as questões levantadas por White para inspirar o desenvolvimento de uma estória alternativa. Percebe também que, simplesmente *acreditando* que a versão corrente contada pelas pessoas a respeito de suas vidas, é justamente isto, uma versão, e pode-se promover a procura por alternativas a partir daí.

Dessa forma, as pessoas são argüidas “se querem continuar a explorar uma forma alternativa de encarar a situação. Isto ajuda a família e o terapeuta a estabelecerem uma aliança contra o problema.”²⁶⁴ A partir daí, é possível começar um processo terapêutico, em busca de uma nova história de vida.

²⁶⁰ ID., *ibid.*, p. 7.

²⁶¹ Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 94

²⁶² Edward M. BRUNNER, *Ethnography as narrative*, p. 143.

²⁶³ Kathy WEINGARTEN, op. cit., p.11.

²⁶⁴ Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia Familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p. 95.

2.3. Poder para produzir um consenso

Observando os estudos de Steven Lukes, Weingertein percebeu que ele oferece uma crítica radical às descrições do poder como “coerção”.²⁶⁵ O ponto de Lukes não é que a coerção não aconteça, mas, para ele, a focalização apenas sobre a coerção obscurece outros processos problemáticos e profundos que produzem dominação.

Lukes descreve três perspectivas de poder. A primeira perspectiva assume que o poder aparece como ações não secretas de coerção e dominação. O poder é um atributo de um indivíduo que escolhe uma ação coercitivamente. Nessa perspectiva de poder o foco é um comportamento na presença de um conflito observado.

A segunda perspectiva assume que o poder está nos relacionamentos. Nesta perspectiva, encontra-se a premissa de que o poder não somente se manifesta por ele mesmo na coerção, mas na supressão de conflitos e diferenças.

A terceira perspectiva coloca o poder não no indivíduo ou nos relacionamentos, mas no discurso dominante. Nesta perspectiva, o poder está tendo um significado de produzir um consenso. O poder se torna uma função de legitimidade, de posições estabelecidas por um discurso. Tendo não apenas a perspectiva ou o entendimento que se possa ter de poder, Weingarten afirma que essa perspectiva sobre poder a tem iluminado. Para ela é importante que não se considere apenas a aparência de consenso entre os membros da sala onde ela leciona, ou do grupo (família, por exemplo) em terapia. Por trás da aparência de consenso que, poderia ser considerada como um momento para seguir, dever-se-ia perceber, sim, um momento para parar e pedir às pessoas que reflitam, se é ou não apenas uma aparência de

²⁶⁵ ID., *ibid.*, p. 11,12.

concordância. Levando-se em conta, sobretudo, o que eles desejariam discutir e que, motivados pelo poder do discurso dominante possivelmente deixariam de discutir.

Para Weingarten²⁶⁶, teoricamente qualquer membro desse sistema terapêutico pode acessar essa terceira forma de poder. Mas na prática docente ou terapêutica, ela afirma que o significado de produzir um consenso é usualmente distribuído entre os membros da família e entre os membros da família e o terapeuta. Essa é uma tendência importante a ser verificada no aconselhamento pastoral com a família recasada, no qual deve se ter o cuidado de não se deixar levar pelo discurso dominante impondo um consenso, deixando de discutir aspectos importantes e profundamente guardados ou oprimidos pelos discursos internos impostos pela cultura.

3. Contribuições para o trabalho terapêutico com a família recasada

3.1. Desafios específicos da Família recasada

Terapeutas da abordagem narrativa²⁶⁷ percebem que os membros de famílias recasadas vêm para a terapia com problemas, feridas, ou com algumas mágoas da vida familiar passada. Por causa da experiência atual estão em conflito, tanto pelo fato das expectativas passadas quanto pelas ideologias prevalecentes do que seja uma família. Eles concluem que a própria vida das famílias recasadas conspira contra o senso de bem estar de seus membros, visto que a busca de auto-satisfação, ou eficácia, rompe e destrói suas ilusões de uma vida “como ela deveria ser vivida”.

Para Anne Bernstein, a pergunta que a Terapia Narrativa levanta, consiste na seguinte formulação: como libertar clientes que têm sido “capturados” (em termos da narrativa) e como criar condições para que os membros das

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ Anne C. BERNSTEIN, *Reconstructing the Brothers Grimm: New Tales for Stepfamily Life*, op. cit., p. 421.

famílias recasadas sejam capacitados a explorar suas possibilidades e recontarem histórias novas de suas vidas?

Hare-Mustin,²⁶⁸ um representante do modelo de Terapia Narrativa que procura responder à pergunta acima levantada, distinguiu entre dois caminhos errados em busca de se criar modelos terapêuticos para trabalhar com a família recasada: “preconceito de alfa”, que exagera diferenças entre grupos de pessoas, e o “preconceito beta”, que ignora diferenças quando elas existem. Diante disso, ele apresenta uma proposta para desconstruir mensagens culturais que indicam as possibilidades da família que estão circunscritas por uma estrutura. Para Hare-Mustin é necessário acessar tanto as similaridades como as diferenças e estar atento para os excessos tanto do preconceito alfa como do preconceito beta.

Um dos excessos do preconceito beta seria o de passar a idéia que a família recasada é a família nuclear sem alterações. Nesse aspecto é importante perceber que as dinâmicas das famílias recasadas são bem diferentes e, por isto, a superposição dos mapas das famílias nucleares, neste novo contexto familiar, deve ser evitada. Por outro lado, a tensão deve ser voltada para o preconceito alfa que insiste nas diferenças e supervaloriza o significado para a família recasada.

Hare-Mustin observa que o desafio é tanto para os que lidam com as histórias como para os que contam as histórias como indivíduos. Para Anne Bernstein a pergunta importante é: “Como construir os significados que nós almejamos tanto na narrativa individual ou coletiva sem ter essas narrativas como absolutas ou inevitáveis?”²⁶⁹ A resposta a esta pergunta é dada no sentido de que ao ouvir a história familiar o terapeuta escuta superimposições de parágrafos ou até mesmo capítulos retirados de histórias

²⁶⁸ R.T. HARE-MUSTIN. *The problem of gender in family therapy theory*, p. 15-27.

²⁶⁹ Anne C. BERNSTEIN, *Reconstructing the Brothers Grimm: New Tales for Stepfamily Life*, op. cit., p. 422.

de outras famílias, portanto, de seu contexto original. Busca-se, portanto, normalizar o estado emocional da mágoa e infortúnio, explorando as possibilidades, e indo além do impasse atual. Em seguida, o terapeuta deve ajudar num trabalho de transição tanto interpessoal como das relações negociadas e intrapessoais.

3.2. Novas narrativas para a família recasada

A Terapia Narrativa propõe a desconstrução das histórias de fracasso, insuficiência e negligência, experimentadas por muitos membros de famílias recasadas. E, por outro lado, busca ajudar os membros dessas famílias a descobrirem maneiras de pensar, sentir, e comportar que são mais satisfatórias e mais congruentes com o contexto de mudança de vida familiar que estão experimentando.

Para Anne Bernstein²⁷⁰, a terapia com a família recasada não deveria se preocupar tanto com a questão de técnicas e, sim, com uma maneira de engajar-se no discurso da família. Para ela, este engajamento deve ser tanto para ajudar a facilitar a dor daqueles cujas histórias de vida têm lugar em meio às rápidas mudanças sociais, quanto pela colaboração da construção de histórias que libertam relacionamentos reconstruídos.

3.3. O lado das sombras

Anne Bernstein ao interpretar os estudos de M. A. Bernstein,²⁷¹ observa que ele tem desenvolvido a metáfora de como, ao se variar a posição de um foco de luz, pode-se criar uma gama de sombras. Essa metáfora ilustra como a perspectiva temporal abre ou fecha possibilidades para criar significados nas narrativas. Quando o foco de luz está direcionado diretamente a frente ou atrás de um objeto, só existe uma sombra calculada de acordo

²⁷⁰ ID., *ibid.*, p. 415.

²⁷¹ Idem.

com o ângulo da luz, o tamanho do objeto, e a distância entre eles. Mas tem-se explorado o conceito de que é possível conseguir uma miríade de imagens (sombras) que resulta pela rotação da luz ao redor do objeto.

O termo em inglês para a metáfora é *Sideshadowin*. Conforme Anne Bernstein²⁷², *Sideshadowin* nunca é prescritiva por que ela não presume saber o conteúdo específico das alternativas para o presente. Ela sabe apenas que existem essas alternativas. Ela afirma a existência de múltiplas alternativas para o presente e para o futuro. Assim, *Sideshadowin*, na terapia, oferece a oportunidade para vivificar as ações e conceitualizações possíveis.

O terapeuta tenta localizar ou criar imagens, ações e metáforas que podem ser inseridas em desdobramentos seqüenciais desafiando os modelos de distúrbios. A família é convidada a considerar quais são os ganhos e as perdas do seu estilo de vida que se segue de cada perspectiva (ângulo). Como a sua maneira de pensar contribui para o seu bem-estar e quais os caminhos irão frustrar os seus objetivos? Para Gergen²⁷³, a pergunta importante seria: “onde nessa história existe uma abertura, ou um espaço para que uma luz possa brilhar de um ângulo diferente e como as sombras resultantes irão dançar na parede da caverna?”²⁷⁴

Ao recontextualizar a vida da família recasada Anne Bernestein²⁷⁵ propõe aos terapeutas familiares que privilegiem histórias que promovam relacionamentos, assim como se disponham a convidar a família a fim de criar soluções inclusivas para os seus membros. Da mesma forma, a família pode ser convidada a construir alianças entre os seus membros, e a redistribuir a divisão emocional do trabalho para todos os membros da nova famí-

²⁷² Idem., p. 423.

²⁷³ K. J. GERGEN, apud. Anne BERNESTEIN, op. cit., p. 424.

²⁷⁴ K. G. GERGEN, *Realities in relationships: Soundings in social construction of the justice*.

²⁷⁵ Anne BERNSTEIN, op. cit., p. 425.

lia, bem como para os membros da família ligada pela cadeia do recasamento. Ao invés de sugerir substituições particulares das histórias problemas, a proposta envolve a exploração de diferentes maneiras de pensar a família, convidando todos para possibilidades relacionais. A proposta, também procura por conceitos ou metáforas, que facilitarão mudanças favoráveis.

3.4. Lidando com diferenças relacionais

Talvez o assunto emocional mais espinhoso para os membros da família recasada é decidir quem eles serão uns para os outros. O desafio é poder chegar a bom termo, sem negar as diferenças, de forma amigável, e, ao mesmo tempo, encontrar tanto as soluções para as situações que se destacam para todos, como o próprio desafio à lealdade entre eles²⁷⁶.

Os papéis de pais recasados são reconhecidamente ambíguos e muito dependentes da idade das crianças. No entanto, alguns parecem desenvolver os seus papéis de forma mais produtiva. Bray²⁷⁷ percebeu que, para a monitoração paterna por parte de padrastos/madrastas, apoiar as regras fixadas pelos pais, como qualquer outra pessoa, proporciona melhores resultados que qualquer outro estilo de pais recasados. Isso especialmente nos primeiros anos e com os filhos mais velhos. Isto requer uma mensagem clara dos pais para os filhos, e uma clara compreensão dessa mensagem por parte dos padrastos/madrastas.

É importante aqui que padrastos estejam imbuídos com um senso do que eles podem fazer efetivamente. O objetivo é criar um sistema paterno no qual os parceiros tenham consciência das diferentes responsabilidades, mas não se sintam impotentes frente às condições de suas vidas no contexto atual. O desafio aqui reside em desenvolver uma divisão de papéis que

²⁷⁶ ID., *ibid.*, p. 428.

²⁷⁷ J. H. BRAY, *Family relationships and children's adjustment in clinical and nonclinical stepfather families* p. 60-68.

respeita e desafia, tanto os laços biológicos dos pais das crianças, como os papéis de gênero para os quais homens e mulheres têm sido socializados²⁷⁸.

Neste modelo, os clientes são convidados a questionarem o que eles esperam de si mesmos, o que os membros da família esperam deles, e quais as expectativas culturais que eles têm absorvido. Os terapeutas, por outro lado, devem verificar se eles estão enfrentando demandas e requerendo de si mesmos sentimentos e comportamentos que são mais apropriados à família de primeiro casamento. Devem verificar também, como estas expectativas se adequam às oportunidades e inclinações, quais as crenças que são remanescentes de um padrão patológico e o que eles poderiam projetar para ajustar suas vidas para experimentarem melhor a realidade atual. Isso ajuda a tentar criar alternativas adequadas. O terapeuta pode usar a flexibilidade em busca de conceitos que permitam a coligação que podem alongar as maneiras atuais de pensar.

Seguindo o desenvolvimento cognitivo ensinado por Piaget, Anne Bernstein sugere que mudanças podem ser mais bem ajustadas, ao procurar imagens que estão próximas o suficiente das estruturas existentes dos clientes a serem assimiladas, requerendo somente modestas acomodações²⁷⁹. Por exemplo, trabalhando com uma complexa família recasada, com uma história comum de vida, deve-se considerar como o pensamento dos membros da família que forma uma comunidade pode mudar as coisas, tanto comportamental quanto emocionalmente. Especificamente, a angústia do homem ao não se sentir aceito como um padrasto por suas enteadas. O objetivo aqui não é estabelecer a família como uma comunidade e impor alternativa particular com suas regras de relacionamento pré-determinada, mas

²⁷⁸ Anne BERNSTEIN, *op. cit.*, p. 425.

²⁷⁹ *Idem.*

antes deixar transparente as suas posições, gerando múltiplas possibilidades.

4. Avaliação Crítica

Streck²⁸⁰, que foi a primeira a trazer as contribuições da Terapia Narrativa para o aconselhamento pastoral no contexto brasileiro, não deixou de observar criticamente que uma das dificuldades do modelo de Terapia Narrativa é que ele não se preocupa em verificar mais a fundo o relacionamento que existe entre os membros da família, pois se atém principalmente a olhar para o problema e como ele afeta a vida das pessoas. Segundo Streck, “É neste contexto que entra a história da família.”²⁸¹ Neste ponto, deve-se levar em conta as importantes contribuições do aconselhamento pastoral, do modelo holístico, que não rejeita a perspectiva importante de se observar o problema, mas que busca, da mesma forma, pela história da família. Outro aspecto levantado criticamente por Streck é que nesta terapia também se usa o poder, visto que levar a família à re-escrever a sua história seria também uma forma de se usar o poder. Além disso, as perguntas propositadamente dirigidas dão poder ao terapeuta para dirigir a família para a sua própria forma de saber/poder.

Salvador Minuchin entende que, há algo paradoxal no movimento da Terapia Narrativa. Para ele, no processo da narrativa, os teóricos parece haver desprezado a família, “esse *locus* proeminente e intermediário de contexto e de cultura no qual vivem as pessoas”²⁸². Para Minuchin, os terapeutas do modelo narrativo voltaram-se para a psicologia humana individual, o que para ele não somente é uma postura tradicional, mas também, não encaixa com os postulados da teoria pós-moderna, a qual enfatiza a rela-

²⁸⁰ Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral*.

²⁸¹ ID., *ibid.*, p. 97.

²⁸² Salvador MINUCHIN, ¿Dónde queda la familia en la terapia familiar narrativa? p. 3. Minuchin é um terapeuta sistêmico, da escola Estrutural de Terapia Familiar?

ção social. A crítica de Minuchin é pertinente, enquanto focaliza uma tendência no modelo narrativo, a qual deveria ser evitada no processo de aconselhamento pastoral com a família recasada. Essa tendência foi evitada por Michel White, bem como por terapeutas narrativos posteriores, incluindo aqueles que têm trabalhado com a família recasada, como Anne Bernstein, por exemplo, os quais trazem a família para a terapia, e propõem a busca de soluções inclusivas para os membros da família recasada.

Outro aspecto crítico que se deve levar em conta, consiste em perceber que alguns modelos novos de terapia, quase que dispensam as contribuições do que os outros modelos já vinham desenvolvendo. Esta é uma das críticas de Salvador Minuchin²⁸³ à Terapia Narrativa, a qual, para ele, teria abandonado os princípios sistêmicos com o fim de destacar o contexto e a cultura. Para a perspectiva de interação, não é possível admitir tal atitude, visto que há contribuições indispensáveis em cada pesquisa que surge. De fato, como se observou na introdução deste capítulo, há falhas no modelo psicodinâmico, como no modelo sistêmico, que não podem ser negadas, mas há de se levar em conta as grandes contribuições desses modelos terapêuticos, se a terapia quiser, de fato, contribuir com a cura do ser humano.

Há casos que, nem um modelo nem o outro, possivelmente, será suficiente para trabalhar com uma pessoa ou família em crise. A resposta poderá estar na interação dessas linhas terapêuticas para que haja ajuda significativa para a libertação e crescimento daqueles que estão sendo tratados. Esta é a perspectiva do modelo de aconselhamento pastoral, que esta tese toma como referência.

Observa-se ainda que a Terapia Narrativa não leva em conta o importante aspecto espiritual e existencial do ser humano. Estes aspectos afetam pro-

²⁸³ ID., *ibid.*, p. 3.

fundamente a pessoa no seu interior e nas suas relações. Por um lado, o aconselhamento pastoral, como parte da teologia prática, portanto, não pode deixar de levar em consideração as grandes contribuições desse modelo de terapia. No entanto, por outro lado, não deve ficar restrito às contribuições da Terapia Narrativa na elaboração de uma proposta para o trabalho de aconselhamento pastoral na comunidade cristã. É preciso levar em consideração a dimensão espiritual do ser humano.

Não obstante, as críticas acima apontadas, deve-se notar o grande valor da perspectiva do modelo narrativo, no que diz respeito à especificidade da família recasada. Neste modelo propõe-se a desconstrução das histórias negativas, muitas vezes impostas pela cultura, a fim de que se possa fortalecer a família recasada. Pessoas vêm para o recasamento geralmente com problemas dos relacionamentos passados não resolvidos. Este aspecto não pode ser negligenciado, como os estudos demonstraram, caso o aconselhamento pastoral queira ser relevante para o fortalecimento das pessoas e dos próprios recasamentos. O presente autor tem percebido frequentemente, que, ao se admitir a necessidade de receber as famílias recasadas no ceio da igreja, a liderança tem ignorado, que essas famílias estão vindo de outros relacionamentos, na maioria das vezes, sem tratamento adequado. Agravando essa situação, percebe-se que as referidas famílias, em muitos casos, tentam negar os problemas da relação anterior não resolvidos, e que as afetam no presente.

O fato de que, várias pessoas vêm para o recasamento muitas vezes com problemas não resolvidos no passado, já havia sido percebido por terapeutas do modelo sistêmico²⁸⁴, os quais da mesma forma, perceberam o quanto é importante ressaltar, a influência dos relacionamentos passados na vida das pessoas. Este é, portanto, um aspecto extremamente relevante, o qual

²⁸⁴ Monica MCGOLDRICK, Betty CARTER., op. cit., p. 355.

serve como referencial teórico, para o acompanhamento da família recasada.

No modelo sistêmico, ao se perceber a influência do passado na vida das famílias recasadas, propôs-se o estudo da estrutura do relacionamento familiar, a fim de que se pudesse interferir na estrutura da mesma e promover mudanças positivas no relacionamento. Assim, seja qual fosse o problema apresentado por uma família recasada, para eles era essencial olhar lateralmente, assim como para trás, e avaliar os relacionamentos atuais e passados com ex-cônjuges, com o objetivo de determinar o grau em que a família precisaria de ajuda para desenvolver os padrões necessários à nova estrutura²⁸⁵.

A contribuição da Terapia Narrativa ao tratar do mesmo assunto vai um pouco além, e de forma significativa propõe, que, mais que interferir na estrutura familiar, é necessário ajudar na reconstrução da narrativa da família para isso, os discursos negativos impostos pela cultura precisam ser destruídos a fim de que as pessoas sejam libertas da própria visão de si mesmas como famílias negativas. Como foi observado acima, a Terapia Narrativa percebe que os membros de famílias recasadas vêm para a terapia com problemas, feridas, ou com algumas mágoas da vida familiar passada. Por causa da experiência atual estão em conflito, tanto pelo fato das expectativas passadas quanto pelas ideologias prevalecentes do que seja uma família. Isso acontece por causa dos discursos negativos muitas vezes internalizados pelos membros das famílias, que muitas vezes estão a massacrar a esperança de um relacionamento diferente.

Assim, há de se ter coragem para enfrentar estes discursos negativos e destruidores de esperança, na busca de sua desconstrução e na reconstrução de uma nova perspectiva de ver a si mesmo e a própria família num

²⁸⁵ ID., *ibid.*, p. 356.

contexto diferente. Isso não será fácil para a igreja, visto que muitas vezes, ela mesma foi a grande construtora desses discursos negativos e das metáforas pessimistas da família recasada.

Os discursos negativos reproduzidos, para muitos, estão profundamente entrelaçados na própria essência do viver cristão. Muitos, a partir de uma consciência muito afetada pelos discursos negativos, assumem que o próprio fato de ser uma pessoa recasada, seria quase que ser uma pessoa amaldiçoada.

Não faz muito tempo que o preconceito com pessoas recasadas no Brasil, era muito grande. No contexto da Igreja Presbiteriana, por exemplo, ainda há focos muito resistentes de preconceito com essas famílias. Ainda há discursos negativos internalizados, os quais precisam ser confrontados. É necessário desconstruir essa perspectiva cultural, social e teológica, se a igreja realmente espera ser relevante para o mundo atual.

Capítulo 4: Ritos e símbolos

1. Noções de ritos e símbolos

1.1. Ritos²⁸⁶

Todas as culturas têm seus ritos, crenças e práticas religiosas organizadas comunitariamente, por exemplo, “sob interrogatório, os Xamãs, assustados e enfermos, confessam publicamente violações de tabus que, provocam sua enfermidade e que tem posto em perigo o resto da comunidade.”²⁸⁷ Entre os americanos nativos, havia ritos públicos anuais de autotortura e busca de visões, conhecidos como a “Dança do Sol”²⁸⁸.

1.1.1. Ritos comunitários

Os ritos comunitários se agrupam em duas grandes categorias²⁸⁹: 1) ritos de solidariedade; 2) ritos de passagem. Nos ritos de solidariedade, a participação em rituais públicos de caráter dramático realça o sentido de identidade do grupo, coordena as ações de seus membros individuais e prepara o grupo para uma ação de cooperação imediata ou futura. “Os ritos de passagem celebram o movimento social dos indivíduos, entrando e saindo dos grupos, acedendo ou abandonando status de importância crítica tanto para eles como para a comunidade.”²⁹⁰ Os principais acontecimentos para a

²⁸⁶ Para Claude Revière, ritos são, um “conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com base corporal (verbal, gestual e postural), de caráter mais ou menos repetitivo, com forte carregamento simbólico para seus atores e, habitualmente fundamentada numa adesão mental, muitas vezes inconsciente, a valores relativos a escolhas sociais consideradas como importantes, e cuja eficácia simbólica não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica da ligação entre causa e efeito.” Claude REVIÈRE, Claude, *Os Ritos Profanos*, p. 10,11.

²⁸⁷ Marvin HARRIZ, *Antropologia cultural*, p. 428.

²⁸⁸ ID., *ibid.*, p. 428.

²⁸⁹ Idem., p. 429.

²⁹⁰ Para Gennep, os “ritos de passagem incluem três fases: separação, uma conduta simbólica que demarca a despedida da pessoa ou grupo da situação anterior dentro da estrutura social; o estado limiar ou margem se refere ao estado do sujeito do rito onde não tem nenhum atributo do estado passado nem do vindouro, e a fase de agregação na qual a passagem já está consumada.” Arnold, GENNEP, *Ritos de passagem*, p. 31.

celebração dos ritos de passagem são reprodução, a chegada ou a maturidade, o matrimônio e a morte.

Os ritos de solidariedade são frequentes entre clãs e outros grupos de filiação²⁹¹. Geralmente estes grupos têm nomes e emblemas que identificam os membros do grupo e separam os próprios grupos. Predominam os nomes e emblemas de animais, mas também se dão os de insetos, plantas e fenômenos naturais, tais como chuva e nuvens. Estes objetos que identificam o grupo se chamam *totens*, e há uma relação de filiação estipulada entre os membros do grupo e seus antepassados totêmicos. Levi-Strauss tem sugerido “que a unidade do conceito do totemismo consiste não em uma crença ou prática específica, senão em certas relações lógicas gerais, entre os grupos assim denominados e seus nomes.”²⁹² Falando a respeito dos ritos de passagem Gennepe demonstra que:

Os rituais de passagem são processos sociais que caracterizam uma zona marginal, na qual os iniciados em uma religião e inúmeras outras situações sociais ficam isolados da marcação linear temporal da sociedade, vivendo um tempo mágico e um estado social diferenciado. Os ritos de passagem acompanham as mudanças na posição estrutural ou status que são de interesse público geral. Nascimento, puberdade, matrimônio e a morte são ocasiões muito importantes para a celebração de ritos de passagem pelo fato de que provavelmente têm muitas implicações públicas: o indivíduo que nasce, alcança maturidade, casa-se ou falece não é a única pessoa envolvida nestes acontecimentos. Muitas outras pessoas devem ajustar-se a estas mudanças. O nascimento não só define uma nova vida, se não também origina ou modifica a posição dos pais, avós, herdeiros, companheiros de idade e muitas outras relações domésticas e políticas²⁹³.

Para Fernando de Tacca os ritos de passagem podem ser identificados por: “cerimônias de separação (preliminares) e de agregação (pós-liminares) as quais criam no seu interstício,(...) um estado de liminaridade acentuado principalmente nos casos de ritos de iniciação.”²⁹⁴ Ele continua

²⁹¹ Marvin HARRIZ, op. cit., p. 429.

²⁹² ID., ibid., p. 429.

²⁹³ Arnold, Van GENNEPE, *Ritos de passagem*, op. cit., p. 35.

²⁹⁴ Fernando de TACCA, *O profano sacralizado*, p. 3.

demonstrando que as características da liminaridade são: “submissão, silêncio, ausência de sexualidade e de anomia.”²⁹⁵

Gennep fala de uma categoria especial de Ritos de Passagens que pode ser decomposta em Ritos de Separação, Ritos de margem e Ritos de agregação e afirma:

Estas três categorias secundárias não são igualmente desenvolvidas em uma mesma população nem em nenhum mesmo conjunto cerimonial. Os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais, os ritos de agregação, nas do casamento. Quanto aos ritos de margem, podem constituir uma secção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação, ou se reduzirem ao mínimo na adoção, no segundo parto, no novo casamento, na passagem da segunda para a terceira classe de idade, etc. Se, por conseguinte, o esquema completo dos ritos de passagem admite em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação), na prática estamos longe de encontrar a equivalência dos três grupos, quer no que diz respeito à importância deles quer no grau de elaboração que apresentam²⁹⁶.

A principal função dos ritos de passagem é, dar reconhecimento comunitário a todo o complexo das novas relações, ou das relações modificadas. Esses ritos se ajustam a uma pauta notavelmente similar nas culturas mais diversas. Em primeiro lugar, os principais atores são separados das rotinas associadas a sua vida anterior. Em segundo lugar, dão-se passos físicos e simbólicos decisivos para extinguir os status anteriores. “Estes passos incluem a idéia de matar a velha personalidade. Para promover a ‘morte e a transfiguração.’”²⁹⁷ conforme Victor Turner,

O neófito na liminaridade deve ser uma tábua rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo “status”. Os ordálios e humilhações, com frequência de caráter grosseiramente fisiológico, a que os neófitos são submetidos, representam em parte, a têmpera da essência deles, a fim de prepará-los para enfrentar as novas responsabilidades e refreá-los de antemão, para não abusarem de seus novos privilégios. É preciso mostrar-lhes que, por si mesmos, são barro ou pó, simples matéria, cuja forma lhes é impressa pela sociedade.²⁹⁸

²⁹⁵ ID., *ibid.*, p. 3.

²⁹⁶ Van Gennep., *op.*, cit., p. 31.

²⁹⁷ A. SEEGER, *Os índios e nós*. Apud. CAVALCANTI., p. 3.

²⁹⁸ Victor W. TURNER, *O processo ritual*, p. 127.

George Zarur²⁹⁹ ao analisar os estudos de Turner, verificou que no último capítulo de seu livro: "Humildade e Hierarquia", Turner separa os ritos de passagem, associados com o ciclo de vida dos indivíduos de outros ritos de passagem, os quais são chamados de "ritos sazonais"³⁰⁰. Esses ritos envolvem inteiras coletividades e, caracterizam-se pelo exercício de posições de autoridade ritual, por parte de grupos ou categorias de pessoas de baixo status na vida cotidiana, sobre os seus superiores. Turner os denomina "rituais de inversão de status" e, expressam, em geral, a passagem entre escassez e abundância³⁰¹.

Uma característica comum a diversos ritos de inversão de status é o do desempenho de papéis de humildade por parte dos neófitos. Há mesmo casos de rituais políticos, como a escolha do rei em comunidades tribais do Gabão, em que o escolhido é insultado e fisicamente agredido pela mesma multidão que o quis como soberano. Após um momento de silêncio, o tumulto e a agressão são suspensos e substituídos pela investidura solene e respeitosa do novo rei³⁰². Há, também, rituais de inversão dos papéis sexuais. Zarur compartilha sua própria experiência, nos seus estudos antropológicos com o povo Xingu, ao descrever o ritual do Iamuricumã³⁰³, no qual as mulheres assumem o pátio da aldeia e o domínio dos homens na vida normal. As mulheres desempenham, durante os dias do ritual, os *status* e os papéis sociais de poder e prestígio político característicos do sexo masculino.³⁰⁴

Turner identifica duas funções nos rituais de inversão de *status*³⁰⁵. A pri-

²⁹⁹ George de C. ZARUR, *Ritos de passagem e ritos de inversão de status*, p. 1.

³⁰⁰ ID., *ibid.*, p. 1.

³⁰¹ Idem.

³⁰² Idem.

³⁰³ Idem., p. 2.

³⁰⁴ Idem.

³⁰⁵ ZARUR apud Turner, *op. cit.*, p. 3.

meira é psicológica, pois a inversão momentânea dos papéis de poder geraria maior aceitação da inferioridade pelos que a vivem no cotidiano. A segunda seria sociológica, pois a inversão momentânea dos papéis sociais, a antiestrutura seria fundamental para reforçar a própria estrutura e, assim, as hierarquias do cotidiano³⁰⁶.

1.1.2. Rituais e a terapia familiar

Como já foi mencionado, o uso de rituais na psicoterapia gerou uma teoria geral sobre rituais³⁰⁷. Rosset define essa teoria como sendo “um processo destinado a reelaborar as interações rotineiras num tempo e espaço especiais que estão fora dos limites usuais da interação cotidiana”.³⁰⁸

Friedman³⁰⁹, indo um pouco além, interpreta os rituais das cerimônias do ciclo da vida a partir da perspectiva da terapia familiar, ressaltando não somente o aspecto familiar sistêmico dos ritos de passagem, mas também a necessidade de líderes espirituais perceberem o valor espiritual dos ritos como de grande valor terapêutico.

Friedman observa de forma crítica que, o ser humano parece ter perdido a luz deste fato, porque a ênfase em tratamento moderno está na personalidade e na psicodinâmica. Para ele, esta perda tem destituído o clero de oportunidades valiosas para entender como o processo emocional familiar opera durante estes momentos significativos, e como também tem perdido a oportunidade de aproveitar tais oportunidades para ajudar as famílias a experimentarem curas, bem como tem perdido a oportunidade de encorajar o envolvimento familiar para exaltar a espiritualidade da ocasião³¹⁰.

³⁰⁶ ID., *ibid.*, p. 3.

³⁰⁷ Cf. p. 61,62.

³⁰⁸ Sandra Maria ROSSET, *Rituais em terapia familiar*.

³⁰⁹ Edwin FRIEDMAN, *Generation to Generation*, p. 163-190.

³¹⁰ ID., *ibid.*, p.163.

Mas, mais do que o aspecto curativo envolvido, Friedman ressalta que uma abordagem familiar para os eventos do ciclo da vida também realça a santidade inerente na tradição, porque os valores religiosos estão muito mais prováveis de serem ouvidos quando o processo familiar está trabalhando em direção ao sucesso da passagem, em lugar de estar contra isso³¹¹.

Conforme Friedman seria importante ver os ritos de passagem, mais do que apenas eventos individuais³¹². A visão dos ritos de passagem como eventos individuais, foi percebida na perspectiva antropológica, na qual os antropólogos parecem enfatizar que nos ritos de passagem é celebrado o movimento social dos indivíduos. Ainda que demonstrem o ritual acontecendo na comunidade, eles dão a entender que, quem está passando pela cerimônia é mais o indivíduo do que o grupo³¹³. Nessa visão, a família, como a comunidade na qual vive o indivíduo, teria um papel secundário. A família seria apenas um sistema de suporte, que participa nos costumes e formalidades providas pela cultura, com o fim de ajudar a celebração individual. Nesta celebração, o indivíduo busca por uma nova posição na sociedade.

Na perspectiva de Friedman, o batismo seria um exemplo, de que a família toda experimenta a celebração, e ela mesma está passando pelo ritual. Numa visão tradicional, quem estaria passando pelo ritual de passagem poderia ser visto como o indivíduo que está sendo batizado. Mas numa visão mais ampla, verifica-se que toda a família passa pelo ritual e pela celebração.

Da mesma forma o modelo individual de "visitação", no qual a família é vista como fundo em lugar de contexto, os serviços pastorais são reduzidos para ajudar os membros das famílias a lidarem com sua ansiedade, e

³¹¹ Idem.

³¹² Idem., p. 164.

³¹³ Cf. p. 107.

seus parentes seriam vistos apenas como suporte para o processo terapêutico, assim, o poder terapêutico inerente no processo familiar é omitido.

Portanto, Friedman, apresenta um modelo sistêmico familiar de ritos de passagem, criando uma perspectiva na qual conceitos sistêmicos de terapia familiar são aplicados aos eventos nodais (ritos associados com nascimento, puberdade, ritos como batismo, confirmação, casamento etc). Na concepção de Friedman “longe de ser um intermediário, a própria família está indo através da passagem. (...) É justamente por isso, que ritos de passagem têm tanto potencial terapêutico”.³¹⁴

Ritos “funcionam como ‘dobradiças do tempo’”³¹⁵. Todos os sistemas de relações familiares são destrancados durante os períodos de passagem. Portas se abrem, ou se fecham de forma natural entre vários membros da família, os quais podem ser balançados em tempos futuros, mesmo depois de anos em relação à experiência do ritual.

Eventos do ciclo da vida não são tão fortuitos como eles parecem. Eles são quase sempre manifestações de processos familiares profundos. Para Friedman é importante observar que famílias que passam por longos períodos de tempo sem experimentar ritos de passagem, tendem a estar presas no próprio emaranhado de emoções não tratadas³¹⁶ (falta de perdão, ressentimentos, amarguras etc).

Confundir a passagem com a cerimônia, é outro aspecto que para Friedman tem sido mal interpretado, causando uma perda para a ação pastoral nas cerimônias do ciclo da vida. Ele demonstra que:

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ Idem.

³¹⁶ Idem.

A passagem não é o mesmo que a cerimônia e, da perspectiva de um sistema sentimental, ritos de passagem começam de seis meses a um ano antes, e terminam em um comprimento semelhante de tempo depois da formalidade. Afinal, algumas pessoas eram casadas (emocionalmente) bem antes da formalidade, e alguns nunca saem emocionalmente de casa depois disto; alguns foram 'enterrados' antes deles morrerem, enquanto alguns falecidos permanecem ao redor para assombrar por anos. Realmente, somente quando vir estas passagens como um ano ou mais cercado a cerimônia, será possível entender que, a família está fazendo mais do que mudanças. Da mesma forma, será possível perceber que mais membros da família, além dos celebrados, estão atravessando a passagem³¹⁷.

1.1.4. Tipos de rituais usados em terapia familiar

A terapia familiar tem usado alguns rituais no seu trabalho terapêutico, os quais não são usados numa perspectiva religiosa³¹⁸:

a) pertinência: são rituais usados para: facilitar a ampliação ou redução dos membros da família; redefinir o significado das pertinências; facilitar entradas e saídas; definir fronteiras; famílias com novos casamentos etc; b) cura: usados para: assinalar a perda de um membro; facilitar a expressão da dor e apontar novas direções na vida; lidar com perdas de situações, funções ou papéis; "limpar" situações mal resolvidas; retomadas e reconciliações; c) definição e redefinição de identidade: usados como ritos de passagem, para: integrar crises e fases da vida; desbloquear rótulos cristalizados; d) expressão e negociação de crenças: para lidar com conflitos inter ou intrapessoal entre crenças; e) celebração: para celebrar as transições dos ciclos de vida, sempre que se precisa de celebração, homenagem, demarcação de um tempo especial.³¹⁹

1.1.3. Ritos no contexto cristãos

Segundo Hoch, ritos e símbolos cristãos, constituem-se em "valores da tradição cristã, que outrora tiveram uma função terapêutica (...) e que, (...) o protestantismo em boa medida perdeu."³²⁰ Esses valores têm sido recuperados paulatinamente em grande parte por teólogos e conselheiros cristãos, mas, no mundo das chamadas "igrejas históricas" do qual faz parte a Igreja Presbiteriana do Brasil, há inclusive a necessidade de recuperar o

³¹⁷ Idem., p. 167.

³¹⁸ Sandra Maria ROSSET, op. cit., p.3.

³¹⁹ ID., ibid., p. 6,7.

³²⁰ Lotar Carlos HOCH, *A importância de ritos e símbolos no aconselhamento pastoral e na celebração*, p. 36.

sentido das palavras “ritos e símbolos”. Por esta razão é importante levantar a perspectiva de Hoch, na qual ele afirma:

Estou me referindo a gestos litúrgico-pastorais, nos quais prevalece a linguagem dos símbolos. Desde os tempos imemoriais o homem se serve de linguagem simbólica, expressando e realizando com sinais e gestos corporais a comunhão religiosa com o Invisível. Através de sinais (gestos, palavras, etc.) o homem manifesta realidades invisíveis. Temos coisas perceptíveis de alguma coisa não perceptível. O símbolo é este ajustamento, sinal visível, perceptível, com um significado mais profundo, que é sua significação³²¹.

Portanto, ritos, no contexto litúrgico cristão, são o conjunto de normas e regras que regem as cerimônias do culto³²². Deve-se, porém, evitar confundir com “ritualidade”, que é a maneira própria dos ritos se expressarem numa celebração, com “ritualismo”, que indica a escravidão do homem sob o jugo do rito³²³. O ritualismo prevalece quando o rito torna-se mais importante que a pessoa e a norma toma o lugar da liberdade e do coração nas relações humanas. Ritualismo esvazia o rito de seu sentido e de espírito, e se enche de exterioridade.

Para esta tese, alguns ritos de passagem, de solidariedade e de inversão de status, conforme a perspectiva antropológica, são indispensáveis para o acompanhamento da família recasada. Ritos de passagem como o do luto, e o da Confissão, com oração e imposição de mãos, podem trazer reconhe-

³²¹ Lothar C. HOCH, op. cit., p. 35

³²² A Declaração de Chicago sobre liturgia e cultura, da Federação Mundial de 1998, a respeito do Batismo e Ritos de Passagem afirma: “No cristianismo os ritos de passagens são considerados como processos e atos comunitários simbólicos vinculados às culturas: dar a luz, alcançar a idade adulta, casar-se, partir, contrair e às vezes superar uma enfermidade, como também morrer, o duelo entre as muitas outras transições, caracterizam-se por diversos ritos de comunhão que expressão o processo de separação, de situação “limiar” (o estado de trânsito e intermédio) e de incorporação. Para acompanhar as pessoas em muitos destes momentos de trânsito, a comunidade cristã celebra ritos de passagem. Estes ritos, por meio dos quais a igreja invoca a proteção e providência de Deus para as pessoas em trânsito ou situação limiar, derivam de sua eficácia do poder da Palavra. Federação Luterana Mundial, 1998.” Declaración de Chicago sobre Liturgia y Cultura. *Bautismo y Ritos de Passagem*, p. 1.

³²³ Bootz observa que “o rito deve ser considerado muito mais que apenas repetição de gestos. Se isso acontecer, o valor espiritual do rito pode ser abafado, pois, ‘O ritual pode evocar o sagrado, transformando o espaço no qual o ritual é celebrado um espaço sacro.’ A cura advém da vivência dos enredos bíblicos mediados pela encenação do ritual”. Everton Ricardo BOOTZ, op. cit., p. 94.

cimento comunitário a todo o complexo de relações novas ou modificadas. Ritos de solidariedade como o da Santa Ceia, e ainda ritos de inversão de *status* como o Lava-Pés, podem contribuir com aspectos positivos para transformações psicológicas e sociológicas na família recasada.

As funções psicológicas dos rituais de solidariedade (Santa Ceia) e inversão de *status* (Lava-pés), podem ser observadas, no caso da Santa Ceia, pode-se vencer o medo de se aproximar do outro como aquele estranho e “inimigo” que é encontrado como irmão, adotado na família de Deus, pelo amor de Cristo que a todos une. Toda parede de separação, afirma-nos a Palavra de Deus, foi derrubada pela obra de Cristo (Ef. 2.13,14). No ritual do Lava-pés a partir da inversão momentânea dos papéis de poder, gera-se maior aceitação da inferioridade pelos que a vivem no cotidiano, pois os papéis não são destruídos, apenas circunstancialmente invertidos.

As funções sociológicas, dos rituais de solidariedade (Santa Ceia) e inversão de *status* (Lava-pés), podem ser percebidas, da mesma forma, nos processos de inclusão que são encontrados neste ritual. Todos somos família de Deus, não sendo mais necessário, olhar para o outro com os rótulos negativos impostos pela sociedade “padrasto/a madrasta malvados” e/ou “enteados rebeldes e desequilibrados”. É possível deixar-se envolver pelo ritual e perceber que na presença de Deus, sem negar as diferenças, é possível receber o outro como irmão e dividir com ele o pão e o vinho. Bem como, na inversão momentânea dos papéis sociais. A antiestrutura torna-se fundamental para reforçar a própria estrutura e, assim, as hierarquias do cotidiano. Esses ritos podem contribuir para uma nova visão dos papéis dos membros da família recasada, e sinalizam que, para o acompanhamento das famílias recasadas, no contexto cristão, sejam indispensáveis ritos e símbolos da tradição cristã.

Assim, o rito do luto, bem como o de confissão e perdão, com oração e imposição de mãos, pode-se observar a separação das pessoas das rotinas

associadas a sua vida anterior, dando passos físicos e simbólicos decisivos, para extinguir os status anteriores e reconstruir o status atual.³²⁴ Com o fim de promover a “morte e a transfiguração”, no ritual cristão, não se mudam as roupas e adornos velhos por outros novos, ou pinta-se e mutila-se o corpo, mas sim, busca-se por um rompimento simbólico com o status anterior. O ritual do luto poderá promover uma total extinção daqueles aspectos negativos que foram trazidos para a nova família, permitindo “morte e transfiguração” para um momento novo a ser experimentado, como nunca, neste novo momento da vida.

Da mesma forma, no ritual da Santa Ceia, numa profunda ação solidária, poderá se perceber uma verdadeira transição na vida da família recasada. Como pôde ser observado, nos ritos de solidariedade, como a Santa Ceia, a participação no ritual, realça o sentido de identidade do grupo, coordena as ações de seus membros individuais e prepara o grupo para uma ação de cooperação imediata ou futura³²⁵.

Esta nova perspectiva de vida é a que se percebe a partir dos laços do amor de Deus, que em Cristo faz dos seus filhos, uma só família. No contexto da Santa Ceia surge o tema adoção. Na Santa Ceia, todos os que crêem são reconhecidos como adotados na família de Deus. Neste rito, numa relação profunda com o sagrado, é possível ser transportados para uma nova perspectiva da família, sendo que os membros da família recasada poderão ver-se a si mesmos num processo profundo de adoção, tendo uma perspectiva totalmente nova da família recasada. A adoção, mediada pelo amor de Cristo, vence o preconceito *alfa* (que exagera diferenças entre grupos de pessoas), ou mesmo, o preconceito *beta* (que ignora diferenças quando elas existem). Na adoção cristã, seguindo o pensamento de Hare-Mustin,³²⁶ observa-se que as diferenças não precisam ser negadas nem e-

³²⁴ *Os índios e nós*. A. SEEGER, Apud CAVALCANTI, p. 3.

³²⁵ Cf. p. 107.

³²⁶ R.T. HARE-MUSTIN. *The problem of gender in family therapy theory*, p, 15-27.

xaltadas, sendo possível encontrar uma nova perspectiva para a família recasada, a perspectiva da família de Deus. Na Santa Ceia, portanto, é possível desconstruir histórias negativas do passado e, ver-se totalmente separado dos problemas que oprimem e separam as pessoas, sendo possível construir uma nova história de vida.

No ritual de inversão de status, os enteados, ao terem seus pés lavados por seus padrastos poderiam perceber que seus padrastos e madrastas, não são, de fato, seus pais, mas também não são, necessariamente inimigos. São pessoas mais velhas que se oferecem para servir, e que podem ser vistas como aqueles que podem contribuir com suas vidas. Outro aspecto, é que, na inversão de *status* conforme Turner³²⁷, não se nega os papéis, ou as estruturas, podendo-se neste ritual, vencer os preconceitos alfa que nega as diferenças entre as pessoas e o preconceito beta que reforça as diferenças entre elas. Os padrastos lavando os pés de seus enteados, estão servindo, estão confessando por meio do ato simbólico o desejo profundo de tudo de bom que se possa desejar e esperar para o outro, da mesma forma que não deixaram de ser mais velhos, e como tais merecem todo respeito dos mais novos (“Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos...;” 1 Pd 5,5). Assim, a antiestrutura reforça a própria estrutura, pessoas mais velhas podem lavar os pés dos mais novos, mas continuam sendo pessoas mais velhas que merecem todo respeito e carinho dos mais novos. Ao mesmo tempo, pode se observar nesta inversão de *status*, os mais velhos como o exemplo para os mais jovens, exemplo de serviço, de humildade e de amor cristão.

³²⁷ TURNER, apud ZARUR, op., cit. p. 3.

1.2. Símbolos

1.2.1. Estudo Etimológico

O termo “símbolo” provém do termo grego *symbolon*, derivado do verbo *sym-ballein*, que, em seu sentido primeiro, significa “lançar com, pôr junto com, juntar”. Daí decorrem alguns sentidos: “comparar, trocar, explicar”.³²⁸ Para Girard:

A etimologia nos ensina que o símbolo implica, primeiramente, uma dualidade; seguida de uma unificação: juntar duas coisas formando uma só; chega-se ao denominador comum de duas coisas, comparando-as; duas pessoas assumem um compromisso mútuo por contrato. Em todos esses casos, a unificação se faz não por redução à unidade ou por fusão, mas por ajustamento: “lançados com” ou “postos juntos”, dois pedaços de quebra-cabeça, duas coisas comparadas, duas pessoas que contraem matrimônio não perdem totalmente sua individualidade; não obstante, são feitas para estar junto.³²⁹

Girard continua demonstrando que uma dualidade pode ser encontrada, não do tipo concreto-abstrato³³⁰, pois o simbolizante, sem dúvida, é concreto, mas o simbolizado também o é. O simbolizado faz parte do que Girard chama de “concreto complexo e inapreensível.”³³¹ É a partir justamente desse aspecto inapreensível que desencadeia o processo de simbolização; em outras palavras: “existem algumas zonas do real concreto que o ser humano não consegue exprimir, a não ser por meio da intuição simbólica, mesmo em suas camadas subscientes”³³².

Não se está falando de simbolizados abstratos, pois, desde que se admita sua existência, as realidades divinas correspondem ao que existe de mais concreto, tão concreto que se tornam complexas e inapreensíveis aos espíritos humanos limitados e excessivamente inclinados para

³²⁸ Marc GIRARD, *Os símbolos na Bíblia*, p. 26

³²⁹ ID., *Ibid.*, p. 26.

³³⁰ Idem., p. 31.

³³¹ ID., *ibid.*, p. 26.

³³² Idem., p. 31.

a análise e abstração. Por isso, afirma-se que o concreto complexo e inapreensível é expresso e perceptível, muito mais facilmente pela linguagem evocativa dos símbolos.³³³

Partindo da analogia inspirada no velho *symbolon* grego, da jarra quebrada, Girard³³⁴ compara a realidade total com uma jarra imensa, a qual teria sido fabricada com uma sábia mistura de argila, cujo segredo tornou-se desconhecido pelo ser humano. O problema é que a jarra foi quebrada em data não conhecida e, o ser humano tem apenas um pedaço dela, um fragmento e a segunda parte está irremediavelmente perdida. Na simbolização, somente uma parte dele é diretamente acessível.³³⁵

1.2.2. Análise sumária do processo de simbolização

Para Girard, o que é tecnicamente chamado de processo de simbolização corresponde ao ato pelo qual, “em dado momento, os portadores das duas metades do *symbolon* as coloca junto e as ajustam, para reconhecer seu nexos.”³³⁶ O que para ele, em outras palavras, é a unificação do real observável e do real que escapa aos olhos físicos do ser humano. Para ilustrar seu raciocínio, Girard toma, como exemplo o sacrifício de Elias (1 Rs 18,38). Para ele, “o autor sagrado junta e ajusta duas realidades: um simbolizante observável (o fogo devorador...) e um simbolizado (a presença divina ligada ao fogo), o observável em seus efeitos. Com isso, o autor simboliza.”³³⁷

Na linguagem corrente, o termo “símbolo” é empregado redutivamente para designar o simbolizante (o fogo, no caso). É difícil escapar disso. Mas é bom não esquecer que o símbolo, em si, designa conjuntamente o

³³³ Idem., p. 32.

³³⁴ Idem., p. 34.

³³⁵ Na explicação de Girard. “Entenda-se acessível aos sentidos externos e à inteligência racionante.” Idem., p. 34.

³³⁶ Idem., p. 36.

³³⁷ Idem.

simbolizante e o simbolizado (o fogo material + a atividade divina que ele revela). Em suma, o símbolo exprime sempre uma totalidade (reconstituída).³³⁸

Neste sentido evoca-se a advertência de Mircea Eliade³³⁹, segundo a qual “o simbolismo não se refere unicamente às realidades espirituais. A experiência da ruptura e da contradição toca vários outros planos, nos quais a totalidade escapa”.³⁴⁰ Um desses planos é o relacional, ele é profundamente atingido pela ruptura e contradição, mas o mesmo, também pode ser tocado pelos ritos espirituais, os quais pode trazer possibilidades maravilhosas de reestruturação, reencontro e cura de relacionamentos.

1.2.4. Símbolo e a perspectiva religiosa e social

O símbolo não é nada se for considerado fora de sua cultura e dos condicionamentos sociais³⁴¹. Por isso, a fala religiosa (simbólica) aparece multifacetada através das condições temporais, históricas. O símbolo carrega também em si, em determinadas circunstâncias, um conteúdo de fé, religioso.

Os povos inventam, criam e, mantêm imagens, figuras, objetos e coisas que representam conceitos morais, afetivos, intelectuais, sociais, e ideológicos. O homem está situado no mundo da cultura como âmbito simbólico e relacional, intermediado entre o biológico e o social, entre subjetividade e objetividade, entre o espiritual e o material³⁴².

Os símbolos fortalecem as crenças e práticas culturais em um determinado grupo étnico. Em todas as civilizações e culturas e em todos os momentos da história, esse dado antropológico é registrado. “O ser humano percebe

³³⁸ Idem..

³³⁹ Mircea ELIADE, *Imagens e símbolos: ensaios sobre simbolismo mágico-religioso*, p. 233.

³⁴⁰ Marc GIRARD., op. cit., p.37.

³⁴¹ Conforme Tillich, “o simbolizante deve ser facilmente reconhecível por uma coletividade. Em outras palavras, ele deve ser aprovado, adotado e usado por uma sociedade, a qual encontre nele valores comuns.” TILLICH apud GIRARD, op. cit., p.38.

³⁴² Patrício MONCAYO, *Símbolo, signo y símbolo religioso*, p. 2.

as coisas pela linguagem própria, viva e silenciosa das coisas e se situa – ele próprio no mundo dos mistérios.”³⁴³

1.2.5. Símbolo e a perspectiva psicológica

O símbolo aponta uma realidade que transcende à realidade histórica. Para Drewermann, “a realidade dos símbolos está em relação com as forças psíquicas e não com a realidade externa”³⁴⁴. Da mesma forma, Girard observa que, o símbolo a partir da perspectiva psicológica, “deve ser ligado à vivência (pessoal/coletiva), isto é, deve ser objeto de uma experiência mais profunda do que a do simples conhecimento.”³⁴⁵

Inclui-se aqui aquilo que Ricoeur chama aspecto ‘onírico’. Um símbolo, por menos universal que seja só pode brotar das camadas mais profundas do ser humano, nas quais se acumulam e se enraízam as recordações e os gestos mais marcantes que misturam a massa bem concreta de nossa biografia interior. Por outro lado, um símbolo só é falante se atinge, no mesmo nível das camadas profundas a experiência vivida de mais ou menos todos os que o recebem. São, de resto, essas recordações e gestos que emergem em nossos sonhos, como os psicólogos do profundo se empenham em mostrar³⁴⁶.

O símbolo é a melhor forma de expressar um conteúdo psíquico, manifestando codificadamente múltiplas informações e indicações através do inconsciente coletivo. É na simbolização que o homem descobre sua alma e a plenitude de seu ser. O símbolo “supre e alimenta a estreita ligação entre consciente e inconsciente; sinaliza o caminho a ser percorrido, é a pista fundamental para se chegar ao âmago da cura interior.”³⁴⁷

Da mesma forma, Bootz afirma que segundo o pensamento de Drewermann,

³⁴³ ID., *ibid.*, p. 2.

³⁴⁴ E. Drewermann apud BOOTZ., *op. cit.*, p. 78.

³⁴⁵ Marc GIRARD., *op. cit.*, p. 38.

³⁴⁶ ID., *ibid.*, p. 38,39.

³⁴⁷ Patrício MONCAYO, *op. cit.*, p. 3.

O símbolo como expressão existencial de acontecimentos humanos, está impresso no córtex cerebral humano e de lá ordena o desenvolvimento humano. O inconsciente torna-se um organizador e controlador da psique. O símbolo torna-se analógico e um meio ideal de comunicação. Para se vencer o medo existencial, por conseguinte, requer-se do conselheiro o uso de elementos provenientes da mesma dimensão do medo: os símbolos³⁴⁸.

Para Drewermann, as religiões devem ter como um de seus principais objetivos anular a ansiedade existencial por meio do simbolismo³⁴⁹. Para que isso ocorra é necessário a integração do consciente e do inconsciente, pois,

A linguagem-mãe da humanidade é a simbólica. Com o passar dos séculos, o homem foi desconectando-se mais e mais de seus símbolos originais, tornando-se um ser essencialmente racional e lógico, provocando assim uma dissipação dos seus conteúdos mais ricos inconscientes, separando-o de sua real natureza, levando a humanidade a uma crise por novos valores simbólicos, trazendo sérias implicações para o auto-conhecimento, levando o homem a sentir-se só no universo³⁵⁰.

1.3. A importância de ritos e símbolos

Conforme Bootz “Os recursos espirituais são instrumentos essenciais da Teologia para a recuperação da saúde holística das pessoas.”³⁵¹ Portanto, o cuidado pastoral da família recasada não pode prescindir deles. “Ritos e símbolos cristãos são instrumentos que intermediam o acesso aos recursos espirituais que são doados por Deus a nós seres humanos.”³⁵² Não é por meio do racionalismo que se alcança os recursos espirituais.

O discurso apologético, tão fortemente encontrado no contexto da Igreja Presbiteriana do Brasil bem como em outras Igrejas, tem a sua importân-

³⁴⁸ BOOTZ, op. cit., p. 79.

³⁴⁹ E. DREWERMANN, apud. BOOTZ, p., 79.

³⁵⁰ Giancarlo Kind SCHMID, *Símbolos da Cura*, p. 1.

³⁵¹ Everton Ricardo BOOTZ, op. cit., p. 324.

³⁵² Lothar C. HOCH., op. cit., p. 35.

cia, mas demonstrou uma inclinação apenas aos aspectos racionais de propagar e experimentar a fé cristã, trazendo grandes prejuízos para os crentes. Há aspectos das riquezas espirituais da fé, que só são alcançados na prática de uma espiritualidade mais profunda, por meio de ritos e símbolos cristãos. Ritos e símbolos podem evocar forças internas e externas doadas por Deus. Forças que infelizmente o próprio racionalismo tende a encobertar.

No entanto, não se propõe a anulação do racional no ser humano, e sim, uma busca mais profunda da experiência com Deus por meio de ritos e símbolos. Analisando os estudos de Erick Erikson, o professor Hoch observou que:

Seus estudos demonstram que a ritualização é crucial para uma cultura, pois a decadência ou perversão desencadeia uma crise de sentido de valores. ‘O mito e o rito são as ações simbólicas que expressam os valores, asseguram sua transmissão autorizada e assim possibilitam as sociedades sobreviver. Se o processo ritual falha – na cultura ou na Igreja - segue-se a desintegração social’³⁵³.

Um exemplo disso é o povo judeu. Segundo o prof. Hoch, “foi graças à preservação de seus mitos, seus ritos e das suas festas que o povo judeu conseguiu preservar a sua identidade e até a própria sobrevivência.”³⁵⁴

Ritos e símbolos ajudam na aproximação do sagrado e na vitória contra a opressão do medo. Da mesma forma, por meio de ritos e símbolos é possível encontrar as forças espirituais necessárias para viver. Forças que estão, muitas vezes, abafadas pelo cientificismo e racionalismo bem como pelas negligências da própria religião cristã. “Por meio dos ritos e dos símbolos cristãos, o equilíbrio pode ser restaurado”³⁵⁵.

³⁵³ ID., *ibid.*, p. 36.

³⁵⁴ Lothar Carlos HOCH, *op. cit.*, p. 36.

³⁵⁵ Everton Ricardo BOOTZ, *op. cit.*, p. 326.

Ritos e símbolos são instrumentos de reaproximação: são formas valorosas de reaproximação a Deus, que podem de forma significativa ajudar na reaproximação das pessoas no contexto da família recasada. Ao ser envolto pelo amor de Deus nesse reencontro, o ser humano pode se abrir para envolver e ser envolvido por outros seres humanos.

Da mesma forma, ritos e símbolos cristãos, num resgate de espiritualidade na família, usados como recursos espirituais, contribuem ricamente para que a família recasada possa reconstruir suas histórias, promover o espaço do encontro com o outro na presença de Deus e enfrentar o medo de fracassos e históricas negativas.

Portanto, o aconselhamento cristão deve fazer com que recursos espirituais associados a outras contribuições das ciências humanas possam ser redescobertos e utilizados a fim de que um encontro profundo dos membros da família recasada aconteça por meio da relação terapêutica. O aconselhamento cristão a partir do uso destes recursos pode fazer renascer aspectos profundos e poderosos no fortalecimento dos relacionamentos entre os membros da família recasada.

Assim, ritos e símbolos podem ser praticados no contexto do aconselhamento familiar, como meios de se chegar à presença de Deus e do próximo. É preciso fazer perceber que os recursos espirituais são indispensáveis, sendo uma forma poderosa como fatores pacificadores de relacionamentos no acompanhamento das famílias recasadas.

A participação da dimensão espiritual, mediante o uso dos ritos e símbolos como recursos espirituais, promove não apenas o acesso ao antigo material reprimido, como também o afloramento de sentimentos de paz e de segurança.³⁵⁶

³⁵⁶ ID., *ibid.*, p. 328.

Não se alcança este material reprimido apenas por meio de recursos racionais; eles são especialmente alcançados por meio dos recursos espirituais, por meio da experiência. Conforme Revière, “a eficácia dos ritos e símbolos não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica”³⁵⁷, ou seja, para o alcance deste material reprimido exige-se a lógica da fé, na qual não se anula a razão, mas transcende o racional.

No pensamento de Drewermann, o problema básico do ser humano é a existência do medo. “O medo está sempre sabotando o processo da *individualização* no ser humano, e prejudicando o seu relacionamento com Deus e com o próximo”³⁵⁸. No caso da família recasada, muitos são os medos que tomam conta dos membros desse modelo de família. O medo de não conseguir de novo, da rejeição por parte dos filhos do cônjuge e de que o passado não seja superado etc.

Torna-se indispensável, o uso terapêutico dos ritos e símbolos para a superação do medo. Somente a superação do medo possibilitará o encontro do ser humano consigo mesmo, com Deus, com seus semelhantes, e com a própria natureza.³⁵⁹ Com base nos estudos de Drewermann, Bootz afirma:

A psique desenvolve cenas simbólicas a partir de situações reais, diante de diferentes formas de medo. Uma vez creditadas como sendo verídicas, estas cenas passam a controlar e a aterrorizar a pessoa, castrando sua liberdade de vida. O símbolo religioso, por seu turno, possibilita evocar uma experiência transcendente a estas realidades transfiguradas pelo medo, gerando segurança ao invés de ansiedades³⁶⁰.

³⁵⁷ Claude REVIÈRE, op. cit., p. 10-11

³⁵⁸ E. DREWERMANN apud BOOTZ, op. cit., p. 94, 95.

³⁵⁹ ID., ibid., p. 95.

³⁶⁰ Everton Ricardo BOOTZ, op. cit., p. 138

Portanto, o exercício do aconselhamento cristão no uso dos recursos espirituais tem uma possibilidade enorme de ajudar as pessoas a vencerem o medo, contribuindo para a cura de problemas do ser humano em todas as suas dimensões. Ritos e símbolos cristãos podem ser usados como meios de se apaziguar diferentes formas de medo, possibilitando assim, libertação na presença de Deus e do próximo, libertação para amar, servir, conviver, relacionar-se e crescer.

O ser humano sofre do vazio existencial e não sabe como responder a ele. O ser humano sofre de angústias, de doenças depressivas e psicossomáticas, demonstrando haver uma falta de harmonia interna entre suas diferentes dimensões. A existência de crises existenciais para as quais não há solução revela a falta de equilíbrio interno. A existência humana precisa de um rearranjo, de uma reestruturação de valores.³⁶¹

Por meio dessa reestruturação, não se afirma a solução de todos os problemas, como se fosse uma perspectiva terapêutica triunfalista. Não se deve, portanto, entender o uso de ritos e símbolos como resolvendo todos os problemas das pessoas. Na experiência religiosa com os ritos e símbolos, às vezes não será encontrada uma resposta para um problema específico, mas sim a força para lidar com situações “incuráveis”.

Muitos são os ritos e símbolos da tradição cristã que precisam ser recuperados como meios terapêuticos: o da Santa Ceia, o do lava-pés; o rito da imposição de mãos; o da unção de enfermos; o da confissão e perdão e do luto e outros. Para a pesquisa de campo com as famílias recasadas, são levantados apenas alguns dos ritos e símbolos da tradição cristã. Estes são tomados como aportes teóricos a partir de alguns teólogos que os têm recuperado como recursos terapêuticos espirituais. Portanto, os ritos e símbolos da tradição cristã, que poderão ser utilizados no processo de acompanhamento das famílias recasadas são: o rito da Santa Ceia (inclusos o

³⁶¹ ID., *ibid.*, p. 323.

rito do lava-pés e o tema da adoção com sua profundidade simbólica) e o rito do luto (inclusos, o rito de confissão e perdão, e o rito de imposição de mãos).

1.4. O rito da Santa Ceia

1.4.1. Lavando os pés uns dos outros

Seguindo o próprio exemplo de Cristo, propõe-se que o ritual da Santa Ceia seja precedido pelo ritual do lava-pés. Dessa forma, para o aconselhamento com a família recasada propõe-se que no início da celebração da Santa Ceia, com a família, proceda-se o ritual do lava-pés, como parte do grande ritual da Santa Ceia.

No ritual do lava-pés, utiliza-se a água: um dos símbolos mais ricos do cristianismo, também encontrado em outras religiões. Ela representa a graça purificadora de Deus por meio do seu Espírito Santo que, permite um recomeço de vida, trazendo esperança, perdão e purificação. A água é tomada como um símbolo riquíssimo em várias culturas. Também é um dos símbolos mais ricos encontrados na Bíblia³⁶².

Marc Girard³⁶³ destaca as grandes propriedades da água observável:

a) a água faz viver. “Do ponto de vista ativo, o poder de penetração da água, em todas as suas formas, faz dela o agente por excelência do desenvolvimento e da manutenção da vida. Em suma, água e vida clamam uma pela outra”³⁶⁴;

³⁶² Mircéa ELIADE, *História das crenças e das idéias religiosas*, p. 251.

³⁶³ Marc GIRARD., *Os símbolos na Bíblia*, op. cit., p. 187-189.

³⁶⁴ ID., *ibid.*, p. 189.

b) água dissolve. Ela desagrega as moléculas das substâncias sólidas instantaneamente. Ela tira a gordura, purifica, limpa, lava;

c) a água faz morrer. Essa propriedade tem um aspecto negativo, pois integra de tal forma a experiência humana que o temor da água e também sua fascinação estão nas profundezas do subconsciente. Mas é importante também observar que simbolicamente a Bíblia fala do batismo como um ato de entrar na água e morrer para uma velha vida, voltando para experimentar uma nova vida. A água simboliza a morte de forma positiva, ainda que implique, de fato, aspectos negativos de deixar uma vida passada com suas ações e até aparentes riquezas (lembre-se do jovem rico que é convidado a dar aos pobres tudo o que tinha) para experimentar uma nova vida com Cristo.

Goldstein³⁶⁵ uma rabina líder da espiritualidade judaica atual, usa a água num rito semelhante ao do batismo cristão (como rito terapêutico). O exemplo é trazido por que o uso terapêutico de ritos e símbolos no qual a água é tomada não só como símbolo de purificação, mas com outros aspectos simbólicos profundos. Conforme Goldstein:

Do ponto de vista da Midrash podemos representar as águas da mikvá como as águas do Éden, as águas do útero, o poço de Miriam, a chuva morna da criação. A imersão nos permite afundar profundamente e voltar à superfície cheios de esperança. Ela literalmente lava o passado. Da mesma forma que aquele que optou por ser judeu emerge das águas como uma pessoa diferente, o mesmo pode suceder com qualquer participante. A mikvá tem o potencial efetivar uma ablução que abre comportas e refaz as conexões entre o Judaísmo e a integridade de cada um de nós.³⁶⁶

O uso da água num ritual parecido com o do batismo no contexto cristão das famílias presbiterianas seria estranho. Pelo fato de que as famílias das igrejas reformadas têm a concepção de “um só batismo”; isso faria com

³⁶⁵ Elyse GOLDSTEIN, *A Mikvá como terapêutica espiritual*, p. 2.

³⁶⁶ ID., *ibid.*, p. 2.

que o efeito fosse contrário e, até mesmo, negativo, trazendo, desta forma, mais constrangimento e atropelos que cura. Como foi observado por Tillych³⁶⁷, o símbolo só tem valor no seu contexto cultural. Já o uso da água no ritual do lava-pés poderá ser de grande valor terapêutico no contexto das famílias dessa tradição cristã, que estão experimentando as dificuldades de adaptação no recasamento. Na experiência do lava-pés evita-se constrangimentos para aqueles que olham para o batismo apenas como um sacramento. No caso do lava-pés, o ritual pode ser visto como uma preparação, um ato introdutório para a participação da celebração eucarística.

No rito do lava-pés, convida-se a uma atitude extremamente simbólica: despir-se, colocar a toalha, tomar a água e lavar os pés do irmão. Neste rito, curas nos relacionamentos podem ocorrer, pois, a “A água é um símbolo santo da vida (...) mediada pelo amor do próximo, ela cura. A corrente da água pode ser comparada a uma oração”³⁶⁸.

O lava-pés é um evidente ritual de inversão de status, na forma definida por Victor Turner³⁶⁹, pois os que detêm posições mais altas, por um momento, são convidados a desempenhar um papel de humildade. “A cena paradigmática indica a de um prelado, vestido com luxo e símbolos de poder, assumindo o papel humilde de lavar os pés de pessoas pobres, socialmente inferiores.”³⁷⁰

Cristo desenvolve, durante o Lava-pés, como em quase toda a História Sagrada, a pedagogia do exemplo, pois se investe voluntariamente de posição de extrema humildade para, então, ensinar que tal posição, que assume por um instante, deverá ser reproduzida eternamente por seus discípulos, uns com os outros.

³⁶⁷ Cf. p. 122.

³⁶⁸ E. DREWERMANN, apud. BOOTZ., op. cit., p. 99.

³⁶⁹ George C. ZARUR, op. cit., p. 14.

³⁷⁰ ID., *ibid.*, p. 14.

A inversão voluntária de status entre Deus e homem, ao longo do Novo Testamento e, especialmente, no instante da inversão das incomensuráveis relações de poder ocorrida durante a crucificação é um dos grandes paradoxos do Texto Sagrado e, como tal, a afirmação da própria divindade de Cristo. Mas é justamente neste paradoxo que percepções profundas do Cristianismo podem ser assimiladas, Cristo, o Senhor e Rei, lava os pés de seus servos.

Para o ritual não é necessária a anulação de papéis. Na família recasada, por exemplo, os que assumem o papel de pai, ou amigo mais velho; mães ou amigas mais velhas no novo casamento, não precisam negar a autoridade que lhes é necessária, antes, pelo contrário, todos devem servir uns aos outros, sem negar quem eles de fato são.

Depois de lavar-lhes os pés, vestiu o manto, pôs-se de novo à mesa e perguntou-lhes: “Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque o sou. Se, pois, eu, Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. (João 13, 12-15).

Neste ritual não é necessário lavar todo o corpo. Para que a riqueza do símbolo alcance, no processo ritual o mais profundo do ser humano, apenas os pés precisam ser lavados. Quando Cristo lavou os pés dos discípulos afirmou-lhes que bastava o lavar dos pés para que o propósito do ritual fosse alcançado (Jo 13,12-15). O ritual quebra as barreiras de separação, de orgulho, de superioridade e de competição, trazendo uma profunda perspectiva de solidariedade, e um profundo valor de cura para os relacionamentos. Na última ceia, os apóstolos tiveram que pôr os pés na bacia, para terem parte com Jesus³⁷¹. Trazendo, assim, a mensagem de compro-

³⁷¹ Jo 13,5 (cf também vv. 8-11). Os vv 12-17 dão outra interpretação ao gesto, sem nenhuma relação com o simbolismo da purificação: dando o exemplo Jesus exorta ao serviço mútuo. Marc GIRAD op. cit., p. 235. Afirma: que “pena, que nossa opinião, que a homilética use quase só esse aspecto moral”. A crítica positiva de Girard, reflete a influência racionalista na exegese e homilética bíblica, provocando esse tipo de problema.

misso, de lealdade, e um interesse de que o outro tenha uma experiência profunda com o divino.

Esse ritual traz possibilidades de se ajudar na grande dificuldade que os membros da família recasada tem diante do conflito de papéis. Aqui, todos servem e são servidos, não há grande nem pequeno, são irmãos, são amigos, são cúmplices.

A água, neste sentido, serve para purificação³⁷² e indica o simbolismo da regeneração humana. Para a família recasada, a regeneração implica a possibilidade de um novo começo, e a possibilidade de que pode dar certo. A água graciosa e purificadora da parte Deus pode conceder ao ser humano uma nova oportunidade de vida (Ez 36.25-28). Ao lavar os pés uns dos outros, buscando o bem para o outro, pode haver uma luz para a fé de que recomeçar é possível, e que um tempo todo novo pode ser experimentado na família recasada, como afirma Girard:

Esse gesto tem sempre o mesmo sentido profundo: renovação do homem interior. Supõe-se que a matriz das águas reabsorva de tal modo tudo aquilo que se deteriorou no ser humano que ele saia delas regenerado³⁷³.

Mircea Eliade vê a água como um dos símbolos mais importantes usados no cristianismo, e afirma:

O contato com a água supõe sempre uma regeneração: de um lado, porque a dissolução é seguida de um 'novo nascimento'; de outro, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial de vida³⁷⁴.

³⁷² Restringe-se o uso da água à perspectiva do homem. A lavagem ritual dos objetos interessa menos, do ponto de vista simbólico; cf. Lv 1,9-13; 6,21; 8,21; 16,4; Nm 8,7,21; Ez 40, 38; Mc 7,4.

³⁷³ Marc GIRARD, op. cit., p. 214.

³⁷⁴ Mircea, ELIADE, op., cit., p. 236.

Para Eliade, tanto no plano cosmológico como no plano antropológico, a imersão nas águas corresponde “não a uma extinção definitiva, mas a uma reintegração passageira no indistinto, seguida de uma nova criação, de uma nova vida ou de um homem novo”.³⁷⁵

1.4.2. Partilhando do pão e do vinho

Na Santa Ceia afirma-se o Cristo como a refeição divina, “o símbolo arquetípico de integração”.³⁷⁶ Ao participar do ritual, “comendo e bebendo” do Cristo, a pessoa está, não somente participando do símbolo, mas até mesmo sendo envolvida por ele. Cristo, como símbolo arquetípico assumido no comer do pão e beber do vinho, integra a pessoa, a ponto de ela tornar-se mais humana em sua própria essência. Da mesma forma, na Santa Ceia, as pessoas são integradas umas às outras, assim, processos de integração na família recasada são facilitados.

O rito da Santa Ceia, em seu sentido original, é essencialmente comunitário. Como foi observado acima, os ritos comunitários se agrupam em duas grandes categorias³⁷⁷: 1) ritos de solidariedade e, 2) ritos de passagem. O rito da Santa Ceia, encontra-se na categoria da solidariedade. A Santa Ceia representa o sacrifício de Cristo pelo pecado, um estado que separava os seres humanos da presença de Deus. Observa-se aí, um caráter, portanto, dramático que realça o sentido de identidade do grupo, visto que é pelo sacrifício pascal de Cristo, que se realça o sentido de grupo. É, portanto, por meio da obra de Cristo que somos feitos um só povo, uma só família. O ritual coordena as ações dos membros individuais e prepara o grupo para uma ação de cooperação imediata ou futura.

³⁷⁵ Idem.

³⁷⁶ E. DREWERMANN, apud. BOOTZ., op. cit., p. 101.

³⁷⁷ ID., ibid., p. 429.

Neste caso, propõe-se a inclusão do recasamento, que, no contexto da Santa Ceia, como ritual de passagem, coopera para que os membros da família recasada possam experimentar a passagem do modelo negativo de família recasada impugnado pela sociedade podendo ser absorvido um novo modelo, no qual os membros da família podem se adotar como todos aqueles que, se aproximam de Cristo são adotados na família de Deus. Os membros da família passam de um status de relacionamentos negativos, para um relacionamento de adoção na presença de Deus, o pai de todos, que faz com que todos aqueles que se aproximam do seu amor sejam feitos seus filhos, adotados em uma só família na qual todos são filhos e irmãos de um mesmo pai amoroso.

A Santa Ceia é a resposta religiosa mais adequada para alguns problemas que envolvem os membros da família recasada, como por exemplo, a depressão. A depressão envolve sentimentos de rejeição, de punição e isolamento. Na Santa Ceia a depressão é superada pelo sentimento de pertença. Da mesma forma, na Santa Ceia outros problemas podem ser vencidos: a solidão, a ansiedade, a exclusão, a dificuldade de relacionamento e os problemas de pertinência que atingem a família recasada. Na Santa Ceia encontra-se a comunhão pura: comunhão, *comungar* tem o sentido de *comuna*, de comer em conjunto com outros, de se sentir parte de um corpo maior, e de ser aceito por este corpo³⁷⁸.

A Santa Ceia é inclusiva; convida a se estar com outros, mesmo com aqueles com os quais percebe-se dificuldade de se amar e se relacionar. Ela reverte o valor que a pessoa tem de si. Ao invés de se considerar e sentir-se nada, o depressivo, por exemplo, passa a sentir-se alguém importante dentro de uma relação saudável e comprometida. Da mesma forma, ela é terapêutica quando convida àqueles que poderiam rejeitar os outros a “examinarem-se a si mesmos” e verificar que ao redor da mesa não há lugar

³⁷⁸ Idem., p. 286.

para excluídos. A graça de Deus convida ao relacionamento, ao compartilhar do que é mais íntimo: a própria mesa, o próprio pão.

O rito da Santa Ceia, mais que um ato histórico, é um ato existencial, e revela-se como um espaço sagrado, no qual o sentimento de culpa é sanado. A Santa Ceia sana simbolicamente o que simbolicamente foi criado e torna-se um símbolo denso ante o sentimento de culpa. Nela, o ser humano encontra abrigo. A graça divina é assegurada e resulta em força consciente para enfrentar qualquer sentimento de culpa. Na Santa Ceia, Jesus Cristo é a refeição divina, o símbolo arquetípico da integração. O símbolo arquetípico integra a pessoa, a ponto de ela tornar-se humana em sua essência. Portanto, não são necessários sacrifícios, pois Jesus Cristo se dá como pão e vinho³⁷⁹. Aquele que morre para trazer vida ao doar o seu próprio corpo, para que outros tenham vida. Por isso, “a Santa Ceia é convite e amor, anulando o sacrifício exigido pelo sentimento da culpa.”³⁸⁰ Assim, aqueles membros da família recasada que enfrentam vários sentimentos de culpa, podem experimentar cura neste ritual, pois ao aproximar-se da Santa Ceia, percebe-se como objeto do amor e da graça de Deus, livrando-se de todo peso de culpa ao perceber que sacrifícios não são mais necessários para que se sinta aceito por Deus e pelo próximo.

O uso terapêutico do ritual da Santa Ceia é discutido pelo professor Hoch no contexto do acompanhamento aos enfermos. Citando o manual de ofícios da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, ele destaca que:

A celebração da Santa Ceia está estreitamente vinculada à confissão de pecados. Esta vinculação pode ser importante nos casos em que a pessoa enferma sente necessidade de confessar sua condição de pecadora diante de Deus e de outras pessoas.³⁸¹

³⁷⁹ ID., *ibid.*, p. 101.

³⁸⁰ *Idem.*

³⁸¹ Lothar C. HOCH., *A importância de Ritos e Símbolos no aconselhamento pastoral e na celebração*, *op. cit.*, p. 43.

Assim, a Santa Ceia pode ser precedida de confissão espontânea a Deus e ao próximo, visto que sua graça perdoadora está presente. Não é a culpa que deve ser exaltada, ou mesmo reafirmada e, sim, a graça de Deus, que acolhe, que perdoa, que restaura e que promove relacionamentos curados e fortalecidos. Por isso, sem moralismos, sem culpa, sem medo, é possível encontrar um espaço acolhedor, onde atitudes negativas que afetaram outras pessoas, podem ser confessadas, e deixadas aos pés de Cristo. Podendo a pessoa encontrar perdão, alívio e paz, na presença de Deus, bem como uma abertura para o reencontro com o próximo.

1.5.O rito do luto

1.4.1. Reações diante de perdas

Como já foi firmado alhures neste trabalho, conforme a escala de eventos estressantes de vida, de Holmes e Rahe, o divórcio vem em segundo lugar (em primeiro lugar está a morte de um dos cônjuges)³⁸². No caso do divórcio, além de perder a pessoa amada, na separação, ainda há o sentimento de rejeição, fazendo com que a dor aumente ainda mais.

Há um luto a ser assumido e processado, pois houve uma grande perda. Diante de uma grande perda, observa-se a necessidade de se experimentar um ritual de separação. Como pôde ser observado nos estudos de Genep, os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais, no contexto do luto. E, como destacado também por outros antropólogos, os principais acontecimentos para a celebração dos ritos de passagem são reprodução, a chegada ou a maturidade, o matrimônio e a morte³⁸³.

³⁸² Judith S. PECK, Jennifer R. MANOCHERIAN, op. cit., p. 294.

³⁸³ Cf. p. 108-112.

Assim, para que o aconselhamento pastoral ajude às pessoas a passarem por essa separação de forma terapêutica, primeiramente é necessário compreender as reações que a pessoa sofre diante da própria perda. As reações por perda de um ente querido pela morte são muito próximas das reações experimentadas pelas pessoas que enfrentaram o divórcio.

Em sua intensidade, a experiência da perda no divórcio aproxima-se da experiência da morte de um ente querido. A família sofre um processo doloroso de luto, em que todas as reações características de enlutados tomam conta das pessoas³⁸⁴.

As chamadas reações iniciais: incredulidade, negação, ansiedade traumática, as reações sintomáticas e o desassossego são reações consideradas normais e aceitáveis. As pessoas nesse caso necessitam de acompanhamento e apoio para que o processo de luto seja processado, e o novo relacionamento possa tomar o seu caminho sem traumas.

Quando essas reações são abafadas, negadas e oprimidas, o processo de luto não foi bem sucedido, provocando problemas não tratados que vão afetar as pessoas envolvidas, no novo relacionamento familiar.

As chamadas reações secundárias ou reações depressivas também podem ser experimentadas por pessoas que passaram pelo divórcio. As reações secundárias são reações depressivas e diferenciam-se qualitativamente de outras iniciais. São consideradas como reações patológicas diante da falta de solução oportuna ou adequada da perda.

Alguns fatores pessoais podem contribuir para aumentar o risco de o indivíduo desenvolver a depressão reativa. Destacam-se: 1. falta de preparo psicológico ou financeiro para enfrentar a perda; 2. carência de valores

³⁸⁴ Valburga, Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op. cit., p. 96.

espirituais; 3. ansiedade traumática unida à perda; 4. dependência excessiva da pessoa que foi perdida; 5. dificuldade para tolerar ou expressar emoções; 6. antecedentes pessoais do tipo: a) perdas anteriores não-resolvidas; b) perda de alguém importante na infância; c) depressão ou outros problemas psicológicos sérios.

A Terapia de Famílias assume o pressuposto sistêmico de que os assuntos passados não resolvidos afetam profundamente o relacionamento presente dos membros da família recasada³⁸⁵.

Ao contrário do primeiro casamento, os parceiros não começam do nada. O casamento anterior e o conflito do divórcio sempre os acompanham e deixam marcas quando os cônjuges tentam adaptar-se um ao outro. O novo parceiro completa um sistema familiar já existente. Ele precisa conhecê-lo e aceitar a relação parental que ainda existe com o ex-cônjuge³⁸⁶.

Durante o estágio da separação e, também nos seguintes, os membros da família em processo de divórcio estão propensos a um verdadeiro turbilhão emocional. Persiste um apego apesar da raiva e do ressentimento. Também há os sentimentos de: desamparo, de falta de controle sobre os eventos da vida, de incompetência – social e sexual, perda, solidão, raiva, frustração e problemas de identidade³⁸⁷. Ainda que contrário à vontade de cada um, esta bagagem pode tornar as pessoas emocionalmente muito sensíveis nos novos relacionamentos e, todos tendem a reagir de uma dessas duas maneiras: tornando-se autoprotetores, fechados e temerosos de ficarem vulneráveis a novas mágoas (isto é, colocam barreiras à intimidade) ou tornam-se intensamente esperançosos e exigentes, querendo que os novos relacionamentos compensem ou apaguem mágoas passadas.

Nossa visão do futuro se torna colorida pelas duas coisas: ansiedade e medo. Subconscientemente, nossa fita mental toca algo assim: 'Falhei antes (culpa) portanto, provavelmente falha-

³⁸⁵ Monica MCGOLDRIC, Betty CARTER, *Constituindo uma família recasada*, op. cit., p. 345.

³⁸⁶ Valburga, Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op., cit., p. 102.

³⁸⁷ Esly Regina CARVALHO, *Quando o vínculo se rompe*, op. cit., p. 20.

rei de novo (ansiedade)`. Se tocarmos esta fita o bastante, temos medo de sair e viver realmente. Então, nos tornamos prisioneiros do passado como profecias autônomas.³⁸⁸

Quando esses problemas não são tratados, eles são trazidos para o novo relacionamento, exigindo que se ajude processar o luto pela perda. E assim, na medida em que cada cônjuge consegue trabalhar para resolver suas próprias questões emocionais com as pessoas significativas do passado, o novo relacionamento pode prosseguir.

Esly Regina Carvalho³⁸⁹ conta no seu livro, sua própria história de como sobreviveu à separação e elaborou o seu luto: “Passei um ano de luto. A vida estava cinzenta”.³⁹⁰ No capítulo três, Carvalho fala da dor do divórcio, para ela um dos fatores mais óbvios e mais difíceis de digerir sobre a separação é que ela dói. Não há separação sem dor e parece que nunca acabará; ela diz que: “parece que jamais será possível acordar um dia de manhã e ouvir os pássaros cantando ou ver o céu azul”.³⁹¹ Ela entende que é uma das maiores perdas na vida, afinal, a separação põe fim a um dos projetos de vida mais importantes, e, este fim é acompanhado por um sentimento de derrota. Carvalho afirma que assim como dói muito, um dia pára de doer, principalmente se o “luto” for bem elaborado. “O luto bem feito não deixa seqüelas patológicas. Deixa maturidade, sabedoria e compaixão pelo outro”.³⁹² Carvalho, como uma cristã, buscou na fé, forças para enfrentar as dores da vida. Encontrou na sua espiritualidade conforto e consolo, bem como apoio importante da comunidade cristã à qual ela escolheu para conviver naquele momento de sua vida.

Por isso é importante que pessoas que passaram pelo divórcio, e mantêm sinais de “luto” mal processados, conforme os sintomas acima menciona-

³⁸⁸ Bud, PEARSON, *Solteiro Novamente, casando-se de novo pelas razões certas*, p. 42.

³⁸⁹ Esly, Regina CARVALHO. *Quando o vínculo se rompe*.

³⁹⁰ ID., *ibid.*, p. 20.

³⁹¹ Idem., p. 23.

³⁹² Idem., p. 34.

dos, sejam ajudadas a desenvolver o processo de “luto” encontrando a solução necessária para continuar o seu ciclo de vida.

Todas as culturas têm rituais de processo de luto. A tradição cristã oferece contribuições ricas para que o processo de luto seja desenvolvido. Podendo-se criar, a partir daí, um ritual de luto para pessoas que estão sob traumas conseqüentes da separação do último relacionamento. O acompanhamento a pessoas enlutadas requer a compreensão de que o processo de luto para ter um desenvolvimento sadio, não deve ser bloqueado, atrapalhado ou reprimido. Um dos aspectos importantes do processo do luto é o pranto: é necessário que seja criado um espaço para se expressar o pranto.

O Luto que encontra um ambiente de compreensão suficiente para se externar, liberta e desintoxica o interior da pessoa e possibilita um novo começo. Luto reprimido pode ser causa de doenças e de transtornos psíquicos futuros.³⁹³

Carvalho³⁹⁴ elaborou o seu próprio luto, e observa, como terapeuta de famílias, que chorar as dores da perda é parte indispensável do processo de recuperação. Ela percebeu, no seu trabalho clínico, que os pacientes que não choravam suas perdas, demoravam muito mais tempo para se recuperar, assim, ela passou a encorajá-los para que chorassem.

Assim, é importante que o conselheiro ou outra pessoa que, em nome da comunidade cristã, se aproxima de alguém que está processando o seu luto, tenha sensibilidade e transmita o conforto que textos bíblicos oferecem. Como afirma Hoch:

A poimênica tem na fé cristã, na Bíblia e na oração uma fonte inestimável e inesgotável de recursos para ajudar pessoas enlutadas. Quem abre a Bíblia com o auxílio duma chave bíbli-

³⁹³ Idem., p. 78.

³⁹⁴ Esly, Regina CARVALHO, op. cit., p. 20.

ca, se surpreenderá com o elevado número de passagens que tematizam conceitos como ‘sofrimento’, ‘lágrimas’, ‘pranto’, ‘lamentação’, etc. É importante que a pastora ou outra pessoa que, em nome da comunidade cristã, se acerca de um enlutado, seja capaz de transmitir o conforto que esses textos bíblicos oferecem, não de uma forma mecânica, mas efetivamente imbuída do espírito que está contido nessas palavras³⁹⁵

Hoch ainda observa que o cristão vive da esperança de que, “(...) em Cristo, cruz e sofrimento não terão a última palavra”³⁹⁶. No seu sofrimento, o cristão olha para aquele que, “sofrendo, superou o sofrimento e com isso mudou o significado do luto e do pranto humanos.”³⁹⁷

As pessoas que perderam seus cônjuges pelo divórcio, da mesma forma, precisam de ajuda para processar o seu “luto”. Propõe-se um ritual de passagem, envolvendo o tema da morte, do luto e da superação dos sentimentos negativos. Buscando-se a esperança da continuação da vida, para que livres das amarras do passado sejam envolvidos no amor de Deus. Assim, aproveitando as sugestões de Hoch e Carvalho, deve-se ajudar a que lágrimas contidas, possivelmente ainda guardadas depois de todo o tempo após a separação sejam extravasadas num ambiente profundamente acolhedor, onde a dor seja respeitada e acolhida.

Assim, como no processo de luto a pessoa enlutada é levada a agradecer a Deus pela vida do ente querido que partiu e, a evitar sentimentos de culpa diante da morte. No ritual de luto pela perda do ente querido pelo divórcio, busca-se ajudar a pessoa a evitar sentimentos de culpa, de cobrança e de ódio. Também se ajuda a buscar os sentimentos de gratidão pela oportunidade de um novo começo de vida. Enfim, o ritual não deve ser um processo mágico, e sim, espiritual; não impositivo, mas espontâneo.

³⁹⁵ Lothar Carlos HOCH, Aconselhamento pastoral a moribundos e enlutados. p. 79.

³⁹⁶ ID. Ibid., p. 80.

³⁹⁷ Idem.

Levar em consideração, também, que a pessoa pode levar um tempo para processar o seu luto. Pode-se recomendar que o luto seja processado por uma semana, sendo que no próximo encontro deve-se continuar o ritual. Neste momento novo, são evocadas as afirmações de esperança, encontradas na tradição cristã. Tudo isso num ambiente de rendição na presença de Deus, bem como de acolhimento e gratidão pela oportunidade do reinício de vida.

1.5.2. Lidando com sentimentos de culpa

Lutos mal processados diante das perdas conjugais envolvem muitos sentimentos de culpa, de remorso, de ira, autopunição e, algumas vezes, desejos de vingança. Na tradição cristã, o rito de confissão e perdão, dentre outros aspectos, traz a idéia de que o passado não precisa mais ferir. A confissão pode ser entendida como um reforço da culpa e do moralismo, mas pode, e deve ser compreendida como processo de oportunidade de recomeço. O aconselhamento pastoral, por meio do rito de confissão e perdão, evoca o sagrado, e ajuda a reconhecer a presença e a graça de Deus, que traz cura para as culpas reais, ou irreais.

Há pessoas que vêm para o aconselhamento pastoral assumindo erros que muitas vezes foram reais: o desrespeito ao relacionamento, as agressões físicas e verbais; as agressões morais; o abandono, rejeição, traições, e feridas abertas provocadas por atitudes irresponsáveis. Ainda, pode se observar neste sentido, as tentativas de destruir o outro no processo da separação. Tudo isso vindo a afetar profundamente a pessoa como indivíduo e o próprio relacionamento presente³⁹⁸.

³⁹⁸ Terapeutas da abordagem narrativa da mesma forma, “percebem que os membros de famílias recasadas vêm para a terapia com problemas, feridas, ou com algumas mágoas da vida familiar passada. Por causa da experiência atual estão em conflito, tanto pelo fato das expectativas passadas quanto, pelas ideologias prevalecentes do que seja uma família.” Anne C. BERNSTEIN, *Reconstructing the Brothers Grimm: New Tales for Stepfamily Life*, op. cit., p. 421.

Assim, afirma-se ser necessário trabalhar o ritual de confissão e perdão. Este é um dos temas que bem tratado pode trazer curas profundas nas almas: cura de culpas reais, cura do medo da incapacidade de amar, de aceitar e de ser feliz. O aconselhamento pastoral deve tratar desse tema, ajudando as pessoas a levarem aos pés de Cristo suas profundas dores, encontrando o perdão e alento. Para o perdão, e a ministração da graça de Deus sobre as pessoas quebrantadas, propõe-se interligar o ritual da confissão e perdão com o ritual da imposição de mãos.

Num ritual profundamente acolhedor, o aconselhamento pastoral pode, fiado nos textos da palavra de Deus, declarar o perdão sobre pecados confessados. Impondo as mãos num ato de amor, de aceitação profunda, de acolhimento cristão e de bênção, reafirmando a graça de Deus.

Sentimentos do medo de errar novamente, e de derrota, podem ser curados e as pessoas poderão experimentar uma nova chance de enfrentar a vida de cabeça erguida. Da mesma forma, quando erros são assumidos, a possibilidade de receber o outro, de perdoar, de reconhecer que o outro também pode ser perdoado e acolhido, amado e recebido na relação de amor familiar.

1.5.3. Oração com imposição de mãos³⁹⁹

A imposição de mãos tem sido vista como um espaço de segurança, no qual o “eu” pode se abrir na presença de Deus. Analisando os estudos de Drewermann, Bootz observa que,

³⁹⁹ Lothar C. HOCH. A importância de ritos e símbolos no aconselhamento pastoral e na celebração p., 37. O prof. Hoch observou criticamente nos seus estudos que o rito da bênção e da imposição de mãos durante o acompanhamento de pessoas enfermas ou moribundas é pouco usado, tanto na Igreja Luterana como nas outras igrejas do protestantismo histórico. Para ele, esse é um fato lamentável visto que se trata de uma prática antiga de comprovada eficácia terapêutica na tradição judaico-cristã.

A imposição de mãos oferece este espaço de segurança, ao colocar a pessoa sob o cuidado e a proteção das mãos.(...) O “eu” experimenta, no momento da imposição de mãos, o espaço necessário para abrir suas asas e voar livremente, livre do medo e do sentimento de culpa. A imposição de mãos fortalece o “eu” enfraquecido ante estes sentimentos negativos, ao cobri-lo com ternura e amor. No momento em que a pessoa recobra sua lucidez, ela consegue atestar que o “reino de Deus está próximo”, posto que o poder de Deus se manifestou em sua vida.⁴⁰⁰

A imposição de mãos tem mais do que um sentido ritualístico, e transcende ao formalismo. É um ato de fé, de bênção, de amor, e mesmo de compaixão (Mc 1. 41). “Ela intermedia a ação de cura de Deus, na qual a vida da pessoa é passada a limpo em todas as suas dimensões, oferecendo conforto físico, mental e espiritual”⁴⁰¹. Assim, ao ajudar as pessoas a processarem o luto, à medida que elas expõem suas lágrimas e expressam seus sentimentos negativos, confessando e entregando o passado nas mãos de Deus. Elas podem assumir a graça que lhes permite um novo começo, uma nova vida, e receber uma oração com imposição de mãos, por parte de um conselheiro cristão. A oração com imposição de mãos, ajuda a essas pessoas a experimentarem de maneira mais próxima, o perdão e a graça de Deus.

É possível que esses rituais sejam unidos num grande ritual de celebração, no qual há espaço para a confissão e perdão, a oração com imposição de mãos, o lavar os pés uns dos outros e a participação da Santa Ceia. Nessa celebração desenvolve-se a oportunidade de se experimentar a graça de Deus e a abertura de coração para o próximo. Essa abertura de coração segundo as escrituras sagradas é ato maravilhoso de adoção cristã.

Exige-se, assim, uma liturgia para a qual a família é convidada à celebração por meio dos ritos e símbolos. Uma liturgia a ser celebrada no contexto da vida familiar. Uma liturgia simples feita com muito carinho e cuida-

⁴⁰⁰ BOOTZ, op. cit., p. 296.

⁴⁰¹ Ricardo BOOTZ., op. cit., p. 296.

do, para que seja, de fato, uma celebração por meio de ritos e símbolos do mistério pascal de Cristo. Essa liturgia deveria ser um espaço aberto para a manifestação do amor de Deus, na perspectiva de que o ritual evoca o sagrado, uma oportunidade singular para se experimentar cura por meio dos ritos e dos símbolos cristãos⁴⁰². Como bem afirma Hoch,

A Santa Ceia, a confissão, a oração com imposição de mãos e a unção de enfermos são meios eficazes de testemunho de vivência comunitária do evangelho em situações cruciais da vida do povo de Deus. Todos esses ritos foram utilizados ao longo da história da Igreja. São meios de graça, dos quais as igrejas não podem abdicar. No entanto, fica a pergunta: São ritos milagrosos de cura? Podem ser, na medida em que são presença encarnada do Evangelho de Jesus Cristo entre nós. E sabemos que este Evangelho, seja através da Palavra, seja através dos ritos simbólicos, ainda hoje perdoa pecados, consola os abatidos, restabelece os enfermos e gera comunhão fraterna entre os membros do corpo de Cristo.⁴⁰³

2. O processo do ritual

Tomando-se como referência os estudos de Imbler-Black⁴⁰⁴, busca-se pelos aspectos necessários para uma ritualidade que possa ter eficácia no acompanhamento da família recasada.

2.1. Etapas dos rituais

2.1.1. Separação e preparação.

Para a celebração dos rituais é importante separar-se dos acontecimentos comuns, tendo um local preparado para o evento. Ao mesmo tempo são necessários, conhecimentos e atitudes, relacionados com o ritual.

⁴⁰² A liturgia é uma ação de fé e de culto e não um discurso. Aos discípulos reunidos para a Última Ceia, a ordem de Cristo foi: “fazei isto em memória de mim”. Dessa forma, a igreja é desafiada a não tornar os sacramentos e outros momentos litúrgicos, apenas discursos racionais vazios de ritos e símbolos. Destaca-se aí o aspecto relacional, afetuoso e afetivo simbólico e ritual de toda ação litúrgica, estabelecendo uma íntima relação entre os participantes e o Senhor.

⁴⁰³ Lothar C. HOCH, A importância de ritos e símbolos no aconselhamento pastoral e na celebração., op. cit., p. 44,45.

⁴⁰⁴ E. IMBER-BLACK, apud. Solange Maria ROSSET., op. cit., p. 2-7.

2.1.2. Participação ou concretização.

É o ritual em si, onde se vive e se experimentam, novas situações e novos papéis.

O celebrante torna-se um facilitador para que a comunhão se estabeleça, e a família poderá aproveitar este momento sublime de profunda comunhão espiritual, no qual todos são irmãos, são iguais e, são parceiros de sonhos e propósitos. Além de palavras, pessoas podem querer abraçar umas às outras expressando com o toque físico seus afetos e consagração interpessoais. Havendo lágrimas, confissões, expressões verbalizadas de temores e inseguranças. O celebrante deve dar tempo para que tudo seja processado de forma que produza cura. A ritualidade deve permanecer em cada ato, em cada palavra, em cada gesto, de forma espontânea e viva.

2.1. Avaliação da conduta ritual das famílias

A Terapia Narrativa neste aspecto tem uma contribuição relevante para esta avaliação. Ao ouvir a história da família recasada, pelas várias narrações dos membros da família, é possível conhecer a conduta ritual da família, bem como o ritual mais propício para facilitar o acompanhamento pastoral da família e as curas que podem ser experimentadas no processo do aconselhamento.

Geralmente, as famílias cristãs estão abertas a rituais. Há uma disposição para o uso de rituais pela própria experiência de fé envolvida nos rituais propostos. O que o conselheiro precisa avaliar é, se todos os membros da família têm a mesma disposição, e, se assim não for, os membros que estiverem mais arredios devem ser respeitados, sendo convidados a participarem sem imposições. Até mesmo as pessoas mais arredias, se convidadas a participarem sem pressões religiosas ou familiares, podem ser muito beneficiadas, sendo envolvidas pelo ritual mesmo sem perceberem o en-

volvimento. O ritual evoca o sagrado, fazendo desse espaço um espaço de cura, onde até mesmo os despercebidos podem ser tocados pela graça de Deus. O conselheiro é que precisa ter convicção de que o próprio ritual provocará aproximações e curas.

Paulo afirma que o marido não crente é santificado pelo convívio com a esposa não crente e assim, da mesma forma, a esposa não crente é santificada pelo convívio com o marido não crente. E mais, os filhos são santos e não impuros (1 Cor. 7:14). Assim, a prática ritual pode “santificar”, trazer cura, no convívio ritual, nesse espaço sagrado a graça de Deus pode se manifestar abundantemente.

3. Técnica dos rituais no aconselhamento pastoral

No caso do aconselhamento pastoral com a família recasada, o uso dos ritos e símbolos cristãos como recursos da espiritualidade cristã, são indispensáveis como instrumentos terapêuticos. Os conselheiros, também devem estar atentos aos riscos encontrados no uso de rituais. Conforme Imber-black:

Há risco no uso dos rituais. O risco de uso dos rituais é sempre relacionado com o uso inadequado desta estratégia terapêutica. Isso ocorre quando se usa exageradamente e indiscriminadamente os rituais, quando não se avalia a conduta ritual básica das pessoas e a adequação do tipo de ritual, quando o objetivo do trabalho ritual não é claro para o conselheiro, quando o aconselhado não está envolvido no processo, entre outros.⁴⁰⁵

Para que se evite os riscos no uso de rituais, pode se observar os seguintes cuidados:

Os cuidados necessários envolvem: a) avaliar a conduta ritual do cliente e seus sistemas de pertinência; b) elaborar cuidadosamente cada passo do ritual; c) envolver o cliente no clima e

⁴⁰⁵ E. IMBER-BLACK, apud. Solange Maria ROSSETE, p. 7.

no processo; d) compreender o aspecto inconsciente e energético do ritual sem cair nos exageros "mágicos"; e) compreender que o uso de rituais é um auxílio ao processo e não uma forma de evitar aprendizagens e responsabilidades.⁴⁰⁶

Conclusão

Todos vivem com discursos internalizados. Esses muitas vezes são discursos negativos impostos pela cultura dominante, os quais oprimem as pessoas. A igreja precisa questionar os seus próprios discursos negativos em relação à família recasada e acreditar nas profundas possibilidades espirituais da graça de Deus que pode alcançar e fortalecer a família recasada.

Foi demonstrado a partir da perspectiva de Jung que o cristianismo é entendido como força simbólica capaz de promover tanto a cura interior como de fomentar perturbações psíquicas entre seus seguidores. Afirma-se assim, que é possível assumir essa capacidade para promover a cura interior, em vez da doença. O cristianismo tem sido importante para estruturar e formar símbolos na psique humana; esses símbolos são entendidos, a partir daí, como a principal linguagem da psique de toda a humanidade, seja ela pessoal ou coletiva.

Assim, a partir da compreensão de Jung procura-se assumir os aspectos positivos do cristianismo que ajudou na formação de símbolos e ritos fundamentais na psique humana, bem como confrontar com coragem os aspectos do cristianismo que têm propensão de tornar as pessoas doentes. Um dos aspectos do cristianismo que tem tornado as pessoas doentes, são os discursos negativos da própria igreja. É preciso enfrentar esses discursos negativos em relação às famílias recasadas, discursos impostos pela própria igreja, muitas vezes por meio da cultura dominante, provocando a paralisação da família recasada em relação ao seu crescimento.

⁴⁰⁶ ID., *ibid.*, p. 8.

Com a perspectiva da Terapia Narrativa, propõe-se a desconstrução das histórias de fracasso, insuficiência e negligência, experimentadas por muitos membros de famílias recasadas. Para este processo, busca-se pela narração da história por parte da própria família, visto que é esta narração que, possibilita ao conselheiro conhecer as histórias que as prendem. Já, por meio dos ritos e símbolos cristãos, evoca-se uma experiência que transcende à realidade fundamentada no medo, a qual tem prendido as famílias recasadas e, busca-se transmutar essa realidade num ambiente de segurança encontrado na experiência com o divino. Esse processo atua diretamente nas famílias “capturadas” por narrativas negativas, criando condições para que os membros das famílias recasadas sejam capacitados a explorar suas possibilidades e, assim encontrarem possibilidade de contar uma nova história de suas vidas.

Ritos e símbolos cristãos são instrumentos valorosos na busca de cura de ressentimentos, amarguras, medos, culpas, depressão, ansiedades e outros. No entanto, o aconselhamento pastoral, não conseguirá realizar a tarefa do acompanhamento da família recasada contando apenas com os recursos espirituais. As contribuições da Terapia Narrativa tornam-se indispensáveis para o modelo de aconselhamento que propõe nesta tese, visto que os terapeutas que assumem o modelo narrativo têm estudado amplamente a família recasada. A partir da perspectiva do Modelo Contextual de uma Poimênica de Libertação, essa integração torna-se possível, visto que este modelo busca a cura holística das pessoas.

Na busca da recontextualização da vida da família recasada, Bernstein⁴⁰⁷ propõe aos terapeutas familiares que privilegiem histórias que promovam relacionamentos, convidem a família a criar soluções inclusivas para os seus membros, na construção de alianças e na redistribuição da divisão

⁴⁰⁷ Anne C. BERNSTEIN, *Reconstructing the Brothers Grimm: New Tales for Stepfamily Life*, p. 415.

emocional do trabalho. A redistribuição do trabalho deve ocorrer para todos os membros da família recasada, bem como aos membros da família ligada pela cadeia do recasamento. Ao invés de sugerir substituições particulares das histórias-problemas, a proposta envolve a exploração de diferentes maneiras de pensar a família, convidando para possibilidades relacionais e buscando conceitos ou metáforas que facilitarão mudanças favoráveis.

Uma vez gerada a segurança, num ambiente acolhedor e cheio de aceitação, promovida por meio de ritos e símbolos cristãos, cria-se a possibilidade e o ambiente para que pessoas possam melhor externalizar os discursos internalizados, e serem separadas, portanto, de seus problemas, livres da pressão dos discursos internos.

Por meio de ritos e símbolos cristãos evocando o sagrado, promove-se um ambiente de aceitação, de recomeço, de perdão e de renovação de alianças. Portanto, por meio dos ritos e símbolos cristãos é mais fácil mudar o foco da luz e criar novas oportunidades de se ver a vida positivamente.

A Terapia Narrativa associada aos ritos e símbolos cristãos traz um novo foco de luz sobre o tema do aconselhamento pastoral e a família recasada, conforme a metáfora proposta por Anne Bernstein, esse novo “foco de luz” promove uma variedade de “sombras que dançam na parede”. Essa interação torna-se um novo método e um instrumento indispensável para que se perceba a variedade de possibilidades (sombras dançando na parede) terapêuticas para a família recasada.

O rito do “lava-pés”, associado aos aspectos narrativos, por exemplo, emprega uma ação terapêutica de profunda aceitação, entrega e purificação. A metáfora envolvida é uma metáfora extremamente positiva, pois acontece não por imposição, mas por serviço de amor. A experiência desse ritual integrada a uma narrativa cheia de esperança pode provocar uma disposi-

ção para novas possibilidades relacionais. Deve-se ajudar a repensar a família recasada buscando construir um espaço onde haja possibilidade de recontar uma nova história onde pessoas servem umas às outras, onde haja um espírito de despir-se de uma roupagem de senhorio, para o revestimento de uma roupagem de servo, para o serviço de amor a favor do outro. O ritual transcendente à interpretação racionalista dos fatos, e remete os membros da família para um espaço sacro, cheio de novas possibilidades.

Capítulo 5: Acompanhamento Pastoral de Famílias Recasadas

1. “Acompanhamento de famílias recasadas por meio da comunidade presbiteriana”

Os estudos de casos foram feitos a partir do aconselhamento pastoral familiar. Apresenta-se a descrição do método de trabalho, e em seguida a descrição dos acompanhamentos e a forma como os mesmos se desenvolveram, considerando as pessoas que foram atendidas, como funcionou o atendimento, como foram feitos os encaminhamentos e o aconselhamento.

1.1. O método

O método proposto para o acompanhamento das famílias recasadas em crise é o do aconselhamento pastoral no uso de ritos e símbolos cristãos, associados a aspectos importantes da Terapia Narrativa. O método tem por finalidade a reconstrução de uma nova história da família, e envolve o uso de aspectos importantes dos ritos e símbolos cristãos integrados à Terapia Narrativa.

Por meio do método narrativo, permite-se o contar e o recontar da história com o objetivo de se descobrir histórias passadas negativas, muitas vezes cheias de amarguras, que trazem barreiras para o crescimento e desenvolvimento de um relacionamento construtivo. Ritos e símbolos cristãos são trazidos para a prática do aconselhamento pastoral e integrados aos métodos narrativos, com o propósito de ajudar nessa busca da desconstrução de histórias negativas das famílias recasadas com o propósito de se alcançar novas histórias para essas pessoas.

Ritos e símbolos promovem uma profunda aproximação com o sagrado, possibilitando um espaço de aceitação e segurança. Nesta perspectiva é

possível fortalecer as famílias, para que, num ambiente de aceitação e segurança promovido pelos ritos e símbolos, possam expor seus problemas de forma mais livre e mais profunda, podendo narrar sua história e serem livres das amarras dos problemas que as paralisam e as impedem de crescer.

Ao ouvir a história da família, o conselheiro não ficou neutro no processo, mas também não foi o agente de transformação⁴⁰⁸. O conselheiro cooperou com as famílias para que elas mesmas pudessem contar suas histórias, a fim de que experimentem os ritos e símbolos cristãos e recontar suas histórias de uma nova forma.

Para fins de análise foram utilizados estudos de casos com resumos. Conforme Gil⁴⁰⁹, “um estudo de caso é uma descrição detalhada de ‘um ou mais objetos’ que, analisados, possibilitam uma base para um estudo posterior.” O estudo de casos serve para: a) ilustrar casos típicos, por exemplo, o relacionamento das famílias recasadas; b) exemplificar casos extremos, que “podem fornecer uma idéia dos limites dentro das quais as variáveis podem oscilar;”⁴¹⁰ c) apresentar casos marginais, que são atípicos ou anormais e permitem “conhecer as pautas dos casos normais e as possíveis causas de desvio”. Conforme Streck⁴¹¹ este método também é conhecido como método clínico, sendo Sigmund Freud, um dos seus precursores. “Este [o] usou para analisar os seus casos, a partir dos quais elaborou a teoria psicanalítica”.⁴¹² Da mesma forma, a psicologia social, por seu turno, valorizou o método de estudo de casos difundindo-se daí para a antropologia e a sociologia⁴¹³. Para Sprenkle e Bischoff,⁴¹⁴ as pesquisas recentes em te-

⁴⁰⁸ Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia familiar e aconselhamento pastoral*, op. cit., p.156.

⁴⁰⁹ Antonio Carlos GIL, *Métodos e técnicas de pesquisa social*, p. 79.

⁴¹⁰ ID., *ibid.*, p. 80.

⁴¹¹ Parte da metodologia usada nesta pesquisa foi influenciada pela metodologia usada nos estudos de casos feitos por STRECK., com as famílias de baixos recursos. Valburga Schmiedt STRECK, *Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral*.

⁴¹² ID., *ibid.*, p. 155.

⁴¹³ Antonio Carlos GIL, op. cit., p. 80.

⁴¹⁴ Douglas H. SPRENKLE, Richar J. BISCHOFF, apud. STRECK, op. cit., p. 156.

rapia de famílias, ao invés do método quantitativo, agora tendem ao método qualitativo, por ser fenomenológico e exploratório.

Utilizou-se do método narrativo para ouvir as histórias das famílias, bem como a perspectiva narrativa da interação da Terapia Narrativa com os ritos e símbolos para o acompanhamento pastoral. No discurso narrativo objetiva-se que as pessoas falem e tragam a sua interpretação, ao contrário da tradicional forma de apenas serem analisadas e patologizadas.

Com a utilização da técnica de estudo de casos com resumo, o material foi coletado a partir dos encontros com as famílias.⁴¹⁵ O material coletado tomou a forma de anotações que por sua feita se tornaram as narrativas do pesquisador sobre os acompanhamentos feitos. A partir dessas narrativas, foram, então, feitas as análises. Os resumos das narrativas, por sua vez, dão apoio aos aspectos teóricos e ao mesmo tempo possibilitam interpretações diferentes.

Para coletar os dados da pesquisa (parte empírica) utilizou-se da técnica de resumo dos acompanhamentos. Após cada encontro de aconselhamento fez-se um resumo, com o objetivo de anotar os principais fatos que ocorreram no decorrer da sessão, informações novas, intervenções feitas, bem como perguntas que afloraram. Neste momento o analisador teve que tomar decisões um tanto quanto difíceis para transformar todo o acompanhamento em um resumo escrito visto que transmitir as experiências vivas das pessoas em resumos escritos já é em si uma interpretação; assim, ao interpretar as reações das pessoas exigiu-se do pesquisador, que o mesmo procurasse não impor uma interpretação ao próprio evento. Quanto às narrativas das pessoas, elas não só apresentam interações pessoais, mas contêm discursos sociais, culturais e institucionais que também precisam ser considerados na interpretação⁴¹⁶.

⁴¹⁵ ID., *ibid.*, p. 157.

⁴¹⁶ ID., *ibid.*, p. 61.

No aconselhamento com casais ou famílias Conforme Streck: há várias pessoas narrando e observa-se que a narrativa de cada membro da família é diferente. Com o objetivo de ter uma descrição da família e de sua história é preciso ouvir as diferentes vozes para ter um texto que descreva a família e, posteriormente, da mesma forma, fazer uma leitura criteriosa dos resumos com a análise dos mesmos.⁴¹⁷

A partir dos resumos foram feitas as transcrições para um arquivo no computador, em forma de um texto. Levou-se em consideração neste momento, a importante observação de Streck⁴¹⁸ de que numa transcrição e análise é preciso fazer cortes e limitar o assunto. “Efetua-se uma decomposição e uma recomposição que permitem chegar a uma avaliação mais clara do que se pretende estudar.”⁴¹⁹

No acompanhamento das famílias, buscou-se trabalhar a partir da seguinte metodologia:

- a) Narração dos casais sobre suas famílias, relatando quem faz parte dela, onde vive e outros dados significativos.
- b) Narração dos casais sobre suas famílias em relação à perspectiva que têm do problema. Como este afeta a sua vida, como lidam com ele e o que, na opinião deles, causa o problema e como constroem o seu mundo através da problemática.
- c) Ajuda às famílias para que experimentem os ritos e símbolos cristãos interligados à Terapia Narrativa, em busca de se separar as pessoas de seus problemas a fim de que encontrem possibilidades relacionais.

⁴¹⁷ Valburga Schmiedt STRECK, op. cit., p. 160.

⁴¹⁸ ID., ibid p. 157.

⁴¹⁹ Idem.

d) Avaliação do aconselhamento.

1.2. O encaminhamento

Marcelo e Fátima já estavam sendo acompanhados por um casal da sua Igreja, o qual estava fazendo estudo bíblico com eles. No entanto, o casal entendeu que Marcelo e Fátima precisavam de um acompanhamento pastoral mais específico. Havia reclamação por parte de Fátima de que havia agressões verbais feitas por Marcelo e que ela não estava agüentando mais a situação. Chegou a falar de separação ao casal da igreja. Foi então que o casal me procurou pedindo que os atendesse. Assim, foi marcado o primeiro encontro para o acompanhamento pastoral.

Geraldo e Márcia souberam que estávamos atendendo casais em aconselhamento e fui procurado pelo próprio casal. Primeiramente, por ele e depois pelos dois, em resposta à minha solicitação.

O acompanhamento das famílias foi desenvolvido, com duas famílias recasadas durante o período de oito meses, tempo no qual se buscou a avaliação desta metodologia de aconselhamento pastoral com famílias recasadas: seu valor, necessidades de mudanças, bem como as contribuições deste modelo para uma ação mais significativa da igreja junto à família recasada, como comunidade terapêutica.

O acompanhamento foi realizado na Igreja Presbiteriana do Jardim Botânico, no Lago Sul Distrito Federal. Somente algumas vezes os acompanhamentos foram realizados nas residências das famílias.

Os encontros foram inicialmente semanais, posteriormente quinzenais e, nos últimos encontros, tivemos espaço de um mês. No caso de Marcelo e Fátima não houve dificuldades para o acompanhamento, sendo que os dois permaneceram até o final do mesmo. Já no caso de Geraldo houve resis-

tência por parte dele, mas, a procura do conselheiro por Geraldo teve uma significação importante para o acompanhamento do casal. Não estipulamos um número exato de encontros, deixando que o próprio acompanhamento indicasse a necessidade deste número.

O conselheiro tem formação em Teologia e especialização em aconselhamento pastoral familiar e vem pesquisando as linhas de terapia familiar como instrumentos úteis para o acompanhamento das famílias. Trabalha com o aconselhamento familiar por mais de 14 anos. Não tem formação específica em Terapia Familiar. A Terapia Narrativa tem sido objeto das pesquisas de doutorado.

2. CASO N. 1: Medo de errar de novo. Álcool e agressões: A família de Marcelo e Fátima

2.1. A história da família

Marcelo e Fátima não eram casados quando começou o aconselhamento pastoral. Estavam juntos há mais de 4 anos. Ele estava no quarto relacionamento. Seus filhos moram com eles, bem como o seu pai. No início dos nossos encontros seu pai faleceu. Fátima veio de um casamento com um casal de filhos. A filha mora com ela e o filho com seus pais. Fátima não trabalha fora.

Marcelo é um pouco mais velho que Fátima, mas é um homem bem conservado, que se cuida bastante. Fátima parece vir de uma família mais simples (com menor poder econômico) do que Marcelo. Tivemos 12 encontros. De todos os encontros foram feitos resumos, imediatamente após o acompanhamento.

2.2. A narrativa apresentada

Fátima disse que estava sentindo que o relacionamento estava desgastado pelas constantes atitudes agressivas de Marcelo. Ela disse sentia medo, bem como reprimida, não sabendo se suportaria mais estas atitudes de Marcelo.

Perguntei a Fátima como era essa questão de Marcelo ficar nervoso e agredi-la. Fátima afirmou que Marcelo era um homem muito bom, mas às vezes ficava muito nervoso e a agredia com palavras, provocando-lhe medo.

Marcelo disse que estava se sentindo oprimido pelos conflitos internos no seu próprio ser e, medo de errar de novo. Pelo seu discurso podia se perceber que havia uma tensão no seu ser interior, possivelmente por uma

narrativa imposta pela cultura de que não conseguiria manter um quarto casamento; era como se dissesse: se não foi possível outras vezes, não será possível agora. Da mesma forma, Marcelo demonstrou em suas palavras ter uma consciência cristã aguçada pelas falhas reais e irreais cometidas na separação do último casamento, gerando um processo de sentimento de culpa esmagador percebido por sua expressão verbal, facial e tensão corporal.

Marcelo não negou. Assumiu que às vezes perdia o controle. Na sua compreensão, isso ocorria como conseqüência do acúmulo de problemas que estava enfrentando na família e no trabalho. Marcelo mostrou-se extremamente aberto para o acompanhamento pastoral, demonstrando desejo sincero de encontrar um caminho que viesse a trazer uma nova perspectiva de vida familiar para ele e sua família. Posteriormente foi revelado por ele que muitas vezes havia a questão do abuso do álcool associada às agressões.

Ao analisar o resumo da sessão, percebe-se que o problema indicado por Fátima - “fortes agressões verbais por parte de Marcelo”- era uma ponta de um problema maior. Possivelmente seu maior problema fosse as pressões sentidas por ele diante dos sentimentos advindos dos discursos interiorizados de medo de errar de novo e profunda insegurança.

Assim, o problema percebido foi o de que o casal não estava conseguindo administrar a situação estando quase a ponto de se separar. Envolvidos pelo emaranhado das pressões, sentimentos de fracasso e auto-punição, diante dos problemas não resolvidos do último relacionamento de Marcelo, ao mesmo tempo, sentiam-se achatado e impotentes diante do medo de errar de novo, vendo-se paralisados diante da situação problema.

O aconselhamento durou quase oito meses, sendo interrompido no meio por algum tempo. Tivemos doze encontros nos quais compareceu apenas o casal.

2.3. As narrativas da família

2.3.1. As narrativas de Fátima

Fátima conheceu seu primeiro esposo quando ainda era muito jovem. Com ele, teve dois filhos. Mas pelas constantes agressões do marido veio a deixá-lo. Deixou os filhos (um casal) com os seus pais, e mudou-se para outra cidade. Mais tarde sentiu falta de sua filha trazendo-a para morar com ela. Numa dessas festas que Marcelo freqüentava antes de deixar sua esposa, eles se conheceram. O relacionamento deles foi se firmando até que Marcelo resolveu deixar a antiga esposa. Fátima compartilhou muito afetada que, estava com medo, e pensava que não ia suportar o desequilíbrio emocional de Marcelo. Pensava em ir embora, em desistir.

Fátima compartilhou também que, às vezes, se sente rejeitada pelos filhos dele, mas que isso não a incomodava muito. Ela procura compreender a situação da melhor maneira possível, buscando não interferir no relacionamento de Marcelo com os filhos.

2.3.2. A narrativa de Marcelo

Marcelo contou que já fora casado duas vezes antes do último casamento, sendo então, com a Fátima, o seu quarto relacionamento. O primeiro casamento foi imposto pela família. Engravidou a namorada e foram obrigados a se casarem. Como não tinham condições financeiras, dependiam de seus pais. Depois de pouco tempo vieram a se separar. Havia incompatibilidade, falta de experiência e de preparo para o casamento. Foram alegações dadas por Marcelo. A filha de seu primeiro casamento foi criada por ele.

O segundo casamento foi um relacionamento mais pensado, conquanto ele avalia que pelos constantes problemas possivelmente viessem a se separar. Antes, porém, sua esposa veio a falecer. Depois de algum tempo veio a conhecer sua penúltima esposa. Quando se casou com ela tinha um casal de filhos adolescentes que viviam com ele. Para ele o relacionamento ia até bem, mas, no seu entendimento, a esposa não gostava de seus filhos. Era fria e indiferente com eles. No tempo do seu terceiro casamento, Marcelo passou a freqüentar assiduamente a Igreja Presbiteriana, tornando-se membro da comunidade e levando os seus filhos junto com ele.

Para ele tudo estava muito bem no seu terceiro casamento, até que voltou às velhas práticas: as badalações, festas, bebidas e mulheres. “Infelizmente, arruinei a vida de meu filho, pois, ele estava bem na igreja, e acabou me seguindo, no mesmo caminho.” O relacionamento esfriou cada vez mais, e ela não suportou as crises trazidas por Marcelo para dentro de casa (afirmou com lágrimas no rosto). Quando ainda estavam em crise, Marcelo conheceu a Fátima, envolvendo-se com ela. Isso piorou ainda mais as coisas. Depois de algum tempo, sua ex-esposa ficou sabendo do seu relacionamento com a Fátima: “foi um tempo de muito desgaste, de muitos conflitos, até não ter mais jeito, vindo a separação. A separação foi muito desgastante para nós. O processo todo foi muito sofrido, muito agressivo. Sei que errei, e que minhas opções não foram as melhores.”

Marcelo contou também que a situação financeira não estava fácil. Na verdade estava passando por um momento muito difícil e sentia-se pressionado diante da situação.

2.3.3. A narração de Marcelo a respeito dos seus filhos

No segundo encontro, Marcelo contou das suas várias crises com os próprios filhos e as dificuldades financeiras.

Pedi-lhe que me falasse sobre seu relacionamento com os filhos. Falou-me, então, que seu filho ia com ele à igreja, e estava muito envolvido com os jovens (falou demonstrando um certo remorso). Quando Marcelo saiu da igreja, seu filho saiu com ele. Daí passou a dar trabalho, afirmou Marcelo. “Tornou-se violento e estranho.” Da sua filha afirmou que é muito “dona do próprio nariz”. Ela o confronta, brigando e aqui e ali.

2.4. O aconselhamento com o casal

2.4.1. Análises das narrativas

Percebeu-se que Marcelo estava com muitos conflitos internos, e também sofrendo pressões externas: medo de não conseguir manter seu relacionamento atual. Cheio de sentimentos negativos de culpa e remorso por sentir que ele era culpado pela destruição de seu último casamento, além de reconhecer que não foi um bom pai.

Fátima demonstrou ser uma mulher um pouco sofrida, com medo de não conseguir continuar no relacionamento. Encontrava-se achatada pelas constantes agressões verbais e, possivelmente acumulado a isso, o fato de estar sendo sustentada por Marcelo. Vindo de uma situação social um pouco mais baixa do que a de Marcelo, Fátima demonstrava sinais de baixa auto-estima. Mas, da mesma forma, era perceptível o seu desejo intenso de encontrar um caminho, para que pudessem viver bem e com dignidade. Era perceptível sua inteira disposição para ajudar Marcelo a superar sua crise e melhorar sua comunicação.

2.4.2. Objetivos do aconselhamento

Promover um espaço em busca da libertação tanto de Marcelo como de Fátima dos medos advindos: em parte pelos discursos internalizados impostos pela sociedade, que demonstra pouca esperança em que casos como o

de Marcelo possam prosperar e, em parte, pelas próprias histórias de fracassos, de amargura, culpa e ressentimento experimentadas por eles. Promover o ritual do luto em busca da superação desses medos e separação das pessoas dos seus próprios problemas, em busca de “enterrar o passado” e experimentar a graça de Deus que nos permite uma nova oportunidade de vida. Enfim, buscar com o casal novas maneiras de ver a família, almejando possibilidades relacionais.

2.4.3. Ajudando as pessoas a se separarem dos problemas

O aconselhamento pastoral procurou fortalecer o casal, crendo que a estabilidade da família viria como consequência desse fortalecimento. Primeiramente, procurei focalizar o acompanhamento na pessoa de Marcelo, buscando ajudá-lo a se separar do problema, a fim de que, por meio da narrativa, pudéssemos encontrar as exceções e buscar por uma nova história que pudesse ser contada e experimentada pela família.

Marcelo insistia em que havia errado muito, que estava procurando o aconselhamento pastoral por sua convicção de que sem ajuda divina e da comunidade não conseguiria ir muito longe.

Marcelo afirmou: “não quero errar de novo, sei que sem Deus e sem a igreja eu não vou conseguir.” Continuou afirmando que Fátima é uma pessoa muito especial para ele que não queria errar de novo. Disse que queria acertar sua vida com ela, ter paz, viver em família, viver na igreja.

Marcelo via a si mesmo como o problema. Estava tomado por suas próprias histórias de fracasso, de sentimentos de derrota e medo de não conseguir sair da situação na qual se encontrava. Entendi que Marcelo precisava passar pelo ritual do luto; precisava “enterrar o passado”, entregar suas culpas, seus medos, remorsos, autopunição; tudo isso, enfim, nas mãos de Deus e assumir o perdão e a graça para viver.

2.4.4. Ritual do luto

O luto na vida de Marcelo e Fátima foi desenvolvido por meio dos ritos de confissão e perdão com oração por imposição de mãos, integrados à Terapia Narrativa.

Era uma manhã muito tranqüila. Estávamos num ambiente propício (gabinete pastoral da igreja). Convidei Marcelo para colocar todas as suas lágrimas diante de Deus. Assumindo que, o seu relacionamento passado, estava acabado, e que, a despeito de suas falhas, Deus o perdoava. Era tempo de entregar tudo a Deus. Terminar o seu luto pela morte do relacionamento, entregando todo remorso, toda culpa e todo medo diante de Deus e experimentar a graça para viver.

Marcelo abriu seu coração, chorou, e fez questão de confessar seus erros, seus medos e sua fé em Deus. Foi um momento muito difícil para ele, mas o medo estava sendo lançado fora. O ambiente favorável, o espaço ritual, no qual a graça de Deus estava sendo invocada, cooperava para sua inteira abertura de coração. Depois da leitura de um texto bíblico fizemos um tempo de silêncio e oração. Compartilhei do amor de Deus: Sua misericórdia que nos recebe com perdão e Sua graça que nos permite recomeçar e seguir em frente. Oramos juntos, e posteriormente ministrei sobre ele uma oração (com imposição de mãos), declarando o perdão de Deus sobre sua vida. Fátima participou em silêncio, demonstrando apoio sincero e profundo. Posteriormente, declarei a graça de Deus sobre sua vida e nova família. Marcelo chorou novamente. Havia uma percepção clara de que a graça de Deus fora experimentada e assumida. Que um peso estava sendo deixado no altar de Deus.

Finalmente oramos de mãos dadas. Propus que ele escrevesse uma carta a sua ex-esposa para que os laços de amargura e ressentimentos fossem de vez quebrados e o luto terminado.

2.4.5. Em busca de uma nova história

No encontro seguinte havia uma clara manifestação de um novo momento sendo experimentado pela família. Marcelo contou que seu filho chegou agressivo em casa; inclusive chegou a quebrar bens materiais da família, tal era o seu estado emocional. Mas como nunca, Marcelo reagiu com autocontrole diante da situação! Fátima afirmou que de fato Marcelo nunca havia se portado tão bem diante de momentos de crise na família, principalmente em relação ao filho. Assim, Marcelo aproveitou o tempo para falar um pouco mais de seus filhos e de si mesmo. Na verdade, é claro que nem sempre Marcelo agia com violência dentro de casa. Havia exceções que estavam sendo reencontradas para uma nova proposta de vida familiar.

Marcelo disse-me que depois do nosso último encontro, que aquela foi uma experiência muito forte: “eu tenho experimentado uma força nova, diferente, para enfrentar as situações difíceis da vida.” Disse também que descobriu que o álcool estava lhe fazendo mal. O álcool estava ajudando no meu descontrole emocional. Afirmou: “Estou fazendo o propósito de deixar o álcool”.

A experiência de gozar de paz na família ajudou a Marcelo perceber que o álcool estava prejudicando profundamente sua vida pessoal e familiar. De fato este tipo de consciência nem sempre é tão fácil de ser assumida. Normalmente as pessoas resistem, justificam-se e permanecem no problema. No caso de Marcelo ainda não havia uma séria dependência, o que facilitou a sua decisão em parar com o uso do álcool. Nos casos mais sérios não basta uma decisão, certamente a pessoa precisará de ajuda qualificada para deixar a bebida.

Marcelo viu-se separado do problema por meio do método narrativo e pela experiência espiritual do ritual do luto, da confissão e da oração com imposição de mãos, nos quais encontrou um lugar sagrado para exprimir as dores mais profundas da alma, deixando o peso da culpa e experimentando o poder da graça de Deus. Assim, deixou ali o seu fardo, sua história de fracasso e de amargura, o próprio medo de errar de novo, tão comum nas famílias recasadas.

2.4.6. Dificuldades com a comunidade de fé

Por outro lado, Marcelo compartilhou que estava tendo problemas em relação à sua igreja. Não sentia apoio por parte do pastor, que demonstrava um afastamento e frieza para com ele e com Fátima. Quando percebeu que não havia censura de minha parte por estar se sentindo assim, ele aproveitou para abrir mais ainda o coração em relação a esse sentimento. Marcelo vinha, na verdade, guardando todo um sentimento negativo diante da circunstância.

Marcelo falou com expressão de quem, de fato, estava chateado, que achava que havia hipocrisia na igreja. Segundo sua interpretação ele estava bem, e questionou: “o que eu posso fazer, eu estou firme com Fátima, venho todos os domingos à igreja por mais de dois anos, sou fiel à minha família, à minha igreja e a Deus, não sei porquê não nos recebem.” Afirmou que já havia pedido para conversar com o pastor, mas percebia que ele estava fugindo. E afirmou ainda que Fátima queria fazer sua pública confissão de fé (conforme o ritual da Igreja Presbiteriana), visto que ela estava plenamente convencida de sua conversão. Questionou: “e aí, o que vamos fazer?”

Falei-lhe então que talvez fosse bom que ele se colocasse um pouco no lugar do pastor para entender a situação? “Às vezes nós, pastores, também ficamos perplexos sem saber o que fazer”.

O pastor de Marcelo conhecia a situação dele, especialmente como o seu casamento veio a ser destruído. Também conhecia a ex-esposa de Marcelo, suas dores, suas lágrimas. Também conhecia a família de sua ex-esposa. Conquanto a igreja local dela fosse outra, havia na comunidade em que Marcelo estava freqüentando, pessoas e aspectos ligados à sua história que fazia com que as coisas não fossem mais fáceis. Incentivei Marcelo a insistir num encontro com o seu pastor.

Já a Fátima, mesmo concordando com Marcelo a respeito do problema da igreja, estava radiante, feliz. A esperança brilhava nos seus olhos. O desejo de experimentar a dignidade e a paz na família parecia se concretizando diante dela.

Encontro seguinte. O assunto da igreja se tornara o assunto do momento, pois à medida que os dois se fortaleciam, queriam ser aceitos e recebidos como uma família “normal” na comunidade. Marcelo gostava de cantar e não era convidado para participar dos eventos musicais da igreja. Fátima estava freqüentando a classe de novos membros, mas não havia qualquer indicação de que fosse ser recebida na igreja. Assim, eles sumiram por algum tempo. O pastor não procurou Marcelo; não atendeu ao seu pedido de acompanhamento. O silêncio da igreja (liderança) era o silêncio do peso de não saber se a graça experimentada na intimidade não estava na igreja.

Quando nos reencontramos eles haviam mudado de igreja. Não mais suportaram o peso da exclusão. Como afirmou Marcelo: “Domingo após domingo eu chegava na minha própria igreja como se fosse um estranho, um doente, um leproso!”.

A filha de Marcelo, estava freqüentando uma outra igreja, também presbiteriana, e os convidou-os para visitarem a sua comunidade. Gostaram muito da igreja (principalmente pela forma que foram recebidos). Encontraram uma comunidade na qual não havia ligações com o seu passado. Marcelo compartilhou com o pastor a sua história, e foram recebidos com muito amor. Eles estavam muito felizes. Agora podiam experimentar a graça de Deus também no meio da comunidade da fé, pois, eram vistos como pessoas dignas e honradas, e assim estavam se fortalecendo como família.

O cristão não vive bem fora da comunidade da fé. Ele precisa da comunhão para que, na sua existência encontre significado. Por isso pessoas cristãs recasadas continuam procurando as igrejas com um desejo intenso de comunhão, de inclusão e de experimentar a graça de Deus na comunidade da fé.

2.4.7. Tarefas de casa

Passei, também, uma tarefa de casa, para que a comunicação pudesse ser fortalecida (deveriam por algum tempo, ouvir o outro sem interrupção por algumas vezes na semana). Fátima estava sempre pronta para ajudar seu marido no crescimento do relacionamento conjugal e familiar. Eram perceptíveis, seu interesse e disposição, para que seu relacionamento pudesse ser melhor e mais estável.

2.6. Avaliação do aconselhamento

2.6.1. Os resultados obtidos

Fátima, ao fazer a sua narração demonstrou-se muito triste pela possibilidade de ter o seu relacionamento com Marcelo destruído. Ao mesmo tempo, a tristeza de Fátima demonstrou a frustração de sonhos que ela tinha para o relacionamento e que possivelmente seriam destruídos. Fátima, da mesma forma que Marcelo, estava tão envolvida pelo problema que já es-

tava vendo o próprio relacionamento como o problema. Por causa de já ter se separado de um homem que era violento, ela via-se tão tomada pelo problema, que os sentimentos de medo de fracassar estavam tomando conta da sua vida.

Percebe-se na vida de Fátima, que há discursos internalizados, de rejeição, e de baixa auto-estima, mas, ao mesmo tempo, nota-se em Fátima um desejo imenso de ver-se a si mesma separada dos seus problemas, e um desejo de vencer as barreiras sociais impostas no seu próprio ser, pelos discursos internalizados, no seu processo de desenvolvimento humano.

Marcelo também demonstrou ser uma pessoa cristã, muito sincera e desejosa de ver-se a si mesmo livre do emaranhado no qual se encontrava. Pelas constantes frustrações nos seus relacionamentos passados, e pelos próprios erros cometidos na tentativa de edificar um relacionamento estável com sua última esposa, Marcelo estava achatado pelos sentimentos de culpa, de fracasso e de medo de errar de novo. Os discursos negativos de uma pessoa em quarto relacionamento, internalizados no ser de Marcelo, estavam impedindo-lhe de ver-se a si mesmo separado do problema, estando escravizado pelo medo e a insegurança. Pressionado pelos discursos internos, Marcelo, sem perceber, expressava suas emoções negativas no seu relacionamento com Fátima e com seus filhos. Era perceptível o peso que estava sobre Marcelo. Além dos discursos internalizados, Marcelo estava enfrentando os problemas dos filhos que também estavam envolvidos no emaranhado de uma família com problemas não resolvidos, e ainda Marcelo estava enfrentando pressões pelo momento de instabilidade financeira que estava enfrentando. O fato de estar com instabilidade financeira, não podendo dar uma boa condição para sua família, sofria também com os discursos internalizados de que uma pessoa que não sustenta bem sua casa é um fracassado, ou impotente.

Outro fator é o sentimento de culpa, por falta de ter trabalhado o processo de luto pela perda do casamento anterior. Aquele sentimento de que, de alguma forma é culpado(a) pela infelicidade do outro, principalmente quando, de fato o ex-cônjuge está infeliz. Isso intensifica principalmente, quando a pessoa não se permite ficar primeiro, um tempo sozinha, a fim de trabalhar alguns sentimentos negativos e possibilitando algumas curas para que um novo relacionamento seja iniciado. Esse sentimento de culpa pode trazer muita insegurança para o novo casamento.

Confirmou-se no caso de Marcelo e Fátima o fato de que todos carregam para os novos relacionamentos a bagagem emocional de questões não resolvidas de relacionamentos passados importantes. Da mesma forma, verificou-se a tendência para se repetir padrões de relacionamentos internalizados. E, confirmou-se que esta bagagem torna as pessoas emocionalmente sensíveis nos novos relacionamentos, e todos tendem a reagir de uma dessas duas maneiras: tornando-se autoprotetores, fechados e temerosos de ficarem vulneráveis a novas mágoas (isto é, colocam barreiras à intimidade), ou tornam-se intensamente esperançosos e exigentes, querendo que os novos relacionamentos compensem ou apaguem mágoas passadas.

No caso de Marcelo e Fátima, a conversação externalizada os ajudou a perceberem possibilidades de verem a si mesmos separados dos problemas. No ritual de confissão e perdão com a oração com imposição de mãos, eles conseguiram, na sua comunhão com o sagrado, perceberem-se a si mesmos separados dos problemas.

A conversação também promoveu a capacitação de Marcelo e Fátima para reagir em relação aos efeitos dos problemas e, também, em relação ao contexto interpessoal que sustenta o problema.

O ritual de luto, associado à confissão e perdão com oração por imposição de mãos, foi introduzido na interação com a Terapia Narrativa que propõe

que os membros das famílias recasadas, ao sentirem que não conseguem resolver os problemas, iniciam uma história de fracassos que, então, passa a dominar suas vidas. Afirmando ser importante a desconstrução das histórias de fracasso, insuficiência e negligência, experimentadas por muitos membros de famílias recasadas.

Marcelo e Fátima foram “capturados” (em termos da narrativa), por narrativas negativas. Por meio do ritual de confissão e perdão com oração com imposição de mãos, foi possível criar um ambiente de segurança e apoio, no qual a cura começou a ser experimentada.

O ritual de luto com confissão e perdão e oração com imposição de mãos, como recursos espirituais cristãos, possibilitaram evocar uma experiência transcendente à realidade, que antes era fundamentada no medo, podendo posteriormente transmutar essa realidade em segurança. Esse processo atuou diretamente na vida de Marcelo e Fátima, os quais estavam “capturados” por narrativas negativas, e pelo medo. Processar o luto, por meio do ritual, aceitando o fim do seu relacionamento com a sua última esposa, deixando na presença de Deus a gratidão pelo relacionamento passado, mesmo com seus acertos e erros, juntamente com a confissão espontânea, não induzida nem conduzida, sem moralismos, sem discursos de culpa e punição, possibilitou as condições para que Marcelo e Fátima fossem capacitados a explorar suas possibilidades e recontarem histórias novas de suas vidas.

Processar o luto, aceitando o fim de seu casamento passado, juntamente com a confissão espontânea, sem culpas, moralismos ou condenações, foi um momento propriamente dito de externalização de discursos negativos, medos, autopunições e culpas, diante do amor de Deus. Ao confessar-se na presença de Deus, Marcelo foi envolvido pelo sagrado e, sentiu-se livre das amarras dos problemas. Ao receberem a oração com imposição de mãos fi-

cou claro que o toque, o carinho, a bênção do pastor, promoveu um espaço de segurança capaz de ser mais perceptível e experimentável. A declaração do amor e do perdão de Deus por parte do pastor, como aquele que é visto como portador da graça de Deus, demonstrou ter profundo valor na vida de Marcelo e Fátima.

2.6.3. Experimentando uma nova história

O divórcio de Marcelo finalmente se concluiu, e logo marcou seu casamento com Fátima. Convidaram o pastor da igreja, alguns amigos e parentes íntimos e celebraram o casamento numa reunião singela e cheia de amor. Contaram-me posteriormente toda a cerimônia. Era perceptível a alegria que tomava conta de suas vidas. Fátima era uma nova mulher. Quando iniciou o aconselhamento era uma mulher insegura, com baixa auto-estima, com medo da vida, com medo de não dar certo e com desejo de desistir.

Um outro fator que contribuiu muito para a transformação de Fátima, foi o fato de que agora ela pode ser recebida como membro da igreja. Ser de fato incluída, sentir-se parte da comunidade oficialmente como membro que efetivamente faz parte do corpo. Fátima falou daquele momento que para ela fora um dos momentos mais lindos de sua vida.

Fátima, como ser humano, estava participando de um processo de inclusão e de aceitação. Agora ela não era mais uma pessoa que podia ser questionada pela comunidade religiosa. Sendo casada, considerava-se reconhecida como uma senhora digna de todo respeito e honra. De fato, não era só isso. Ela estava em paz com Deus. Desejava ser recebida como membro da igreja. Assim, a baixo auto-estima deu lugar para uma pessoa cheia de dignidade e de autoconfiança. Até o seu jeito de andar mudou, cabeça erguida, fé confiante, segurança espiritual.

Da mesma forma, Marcelo, que chegou para o aconselhamento demonstrando medo de errar novamente, cheio de culpa por ter errado antes e estar errando no momento com Fátima, agora estava feliz, seguro, demonstrando sentir-se honrado, aceito e seguro no amor de Deus.

Fui com minha família visitar Marcelo, Fátima e sua família, em sua nova igreja. Fomos recebidos com muito carinho pelo pastor e pela família de Marcelo. Marcelo estava de cabeça erguida. Demonstrava todas as suas atitudes que recuperara sua autoconfiança, sentia-se honrado em me receber e me apresentar para algumas pessoas. Fátima era a alegria em pessoa, a beleza de seu ser interior contagiava toda a sua própria pessoa. Era uma mulher honrada, digna, membro da igreja. Inclusa, aceita, recebida. Não precisou falar nada, Pois seus olhos, seu sorriso, todo o seu corpo afirmava isso. Seus filhos, também, estavam muito bem!

Sabemos que nem sempre é assim, mas este foi um final (ou melhor, um início) verdadeiramente feliz. O filho de Marcelo mudou-se para outra cidade com o apoio da família, e está buscando encontrar o seu próprio caminho.

Marcelo e Fátima formam um daqueles casos de “final feliz.” É claro, a vida continua e seus problemas e desafios também, mas neste momento, no ciclo da vida deles, o aconselhamento pastoral integrado à Terapia Narrativa, contribuiu de forma significativa para que eles pudessem se ver separados dos problemas, desconstruindo discursos internalizados, e podendo começar a escrever uma nova história de suas vidas.

2.7. Conclusão

Nem todas as pessoas vêm para o aconselhamento com tanta abertura e sede de encontrar respostas para os seus problemas. De fato, há muita resistência para que o acompanhamento pastoral seja eficiente. As barreiras

sociais, espirituais, psíquicas e emocionais das pessoas, juntamente com o medo de serem expostas pelos conselheiros, prejudicam a eficácia do aconselhamento pastoral. No caso de Marcelo e Fátima, o apoio que encontraram de um casal da igreja, promoveu uma abertura para a procura de um aconselhamento mais profundo em busca de cura para a família.

A frustração com a comunidade da fé reflete uma realidade necessária de ser confrontada. Não há aqui a pretensão de julgar ou condenar o pastor e a liderança. Há séculos de interpretação bíblica diante do pastor que o coloca numa situação delicada. Mas é preciso haver uma avaliação mais aprofundada das circunstâncias relacionadas ao recasamento. Por isso, esta tese procura trazer resposta para as igrejas que buscam pela preservação da família, e que, ao mesmo tempo, precisam saber como lidar melhor com as novas situações que as pessoas estão enfrentando. Propõem-se que se busque enfatizar a graça de Deus que restaura os feridos, perdoa pecadores, alcança os perdidos, dá dignidade ao imprestável e concede uma nova oportunidade aos que falharam. “...não vim chamar justos, e sim pecadores” (Marcos 2.17).

O acúmulo de pressões sobre a classe média no contexto social brasileiro, (tais como a falta de espaço para homens da meia idade que perdem seus empregos, valores invertidos, entre o “ter e o ser”, etc.) faz com que muitos homens tornem-se dependentes do álcool e opressores nas suas casas. No caso de Marcelo, além das pressões externas acumuladas, ele externalizou um discurso interno de que ele não conseguiria manter a sua família unida. Ao mesmo tempo, externalizou que: era um fracasso em lidar com relacionamentos, falhara outras vezes, e possivelmente falharia de novo. A sociedade, principalmente uma parcela de cristãos, tem dificuldade de aceitar que pessoas como Marcelo consigam manter um relacionamento estável. Há uma perspectiva cultural de que pessoas assim são exemplo de fracasso e derrota. A maneira pela qual eles eram recebidos na

igreja, e a dificuldade do pastor de falar abertamente com ele, reforçava o discurso internalizado na vida de Marcelo.

O aconselhamento pastoral, deveria evitar a busca de “bodes expiatórios”, bem como a insistência em rotular as pessoas, ou mesmo impor sobre elas culpas e fardos. Quando necessário, o cristianismo ressalta a importância de se assumir falhas reais, a fim de que possam ser confessadas e colocadas diante do altar de Deus, onde há perdão e restauração por meio de sua graça. Não se ressalta a lei diante das falhas, mas ajuda-se a levar as falhas diante do trono de graça, para que essas possam ser perdoadas e a cura seja experimentada.

O tema da violência e agressões nas famílias tem se tornado um dos maiores desafios para o aconselhamento e a terapia, bem como, para os assistentes sociais, governo e igreja. Diante do acúmulo de agressões às mulheres, no Brasil, criou-se a delegacia da mulher, com o propósito de trazer mais segurança para as mulheres tantas vezes vítimas de agressões nos seus próprios lares. Conforme Streck:

Um dos fatores que induz crises profundas nas famílias é o alcoolismo. Ele tornou-se uma epidemia que perpassa todas as camadas da sociedade. A busca pelo álcool, que muitas vezes é tomado como meio de fuga, contribui para o aumento da violência doméstica dentre outros aspectos negativos. A dependência do álcool afeta toda a sua família e a envolve num jogo complicado e desastroso de relações, ações e reações e sentimentos. O abuso do álcool leva à perda do controle sobre a capacidade mental, sobre os afetos e os movimentos do corpo. Cenas de exaltação, brigas, violência: física, verbal ou moral, e abuso sexual incomodam o cônjuge e os filhos. O humor e o temperamento do dependente mudam conforme a quantidade ingerida, o álcool é depressivo.⁴²⁰

Por outro lado, a insistência apenas punitiva e condenativa nem sempre oferece cura para o culpado, que, da mesma forma, não deixa de ser vítima da realidade social e psicológica que o envolve. O aconselhamento cristão

⁴²⁰ Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op. cit., p. 131,132.

precisa buscar oferecer uma alternativa que possa contribuir no processo de recuperação de pessoas e de suas famílias.

No caso da família recasada, a pessoa agressiva tem a tendência de repetir o processo no contexto da nova família. Mudar de endereço não significa mudança de vida.

Como pôde ser observado: a influência do relacionamento passado, na constituição da família atual, é considerada como um fator de grande importância para o tratamento ou acompanhamento da família recasada. Membros de famílias recasadas vêm para a terapia com problemas, feridas, ou com algumas mágoas da vida familiar passada. “O casamento anterior e o conflito do divórcio sempre os acompanham e deixam marcas quando os cônjuges tentam adaptar-se um ao outro”.⁴²¹ Por causa da experiência atual estão em conflito, tanto pelo fato das expectativas passadas quanto, pelas ideologias prevaletentes do que seja uma família. A terapia precisa dentre outros aspectos focar a conclusão do divórcio emocional entre os ex-cônjuges. Num estudo de caso citado por Carter e McGoldrick “Após várias sessões, Catherine concordou que John não estaria livre para planejar uma vida com ela enquanto não tivesse resolvido seu apego culpado à sua primeira mulher”.⁴²²

Por outro lado, Fátima também estava experimentando o discurso interno imposto pela cultura de que ela era uma pessoa imprestável fazendo com que ficasse insegura e vendo-se mais como vítima do que como alguém que pudesse contribuir de forma significativa para edificação do seu relacionamento. Mulheres como a Fátima, relativamente jovem, entrando num relacionamento com um homem casado, são vistas por muitos na sociedade como aproveitadoras e, enfrentam o rótulo de mulher que rouba o marido

⁴²¹ ID., *ibid.*, p. 102.

⁴²² Betty CARTER & Monica MCGOLDRICK, *op. cit.*, p. 358.

de outra, “mulher adúltera”. Tudo isso reforçava em Fátima um discurso interno que afetava sua auto-imagem negativamente.

Para o aconselhamento foi importante assumir uma postura acolhedora e facilitadora de libertação dos medos. Pessoas que já estão sob a pressão de sua própria consciência, podem ser oprimidas pela moral da igreja e verem-se incapacitadas de uma vida diferente da que estão experimentando. Não se propõe que a igreja abandone seus princípios em relação à família, e sim, que crie um ambiente de profunda aceitação e segurança, para que pessoas possam expressar seus sentimentos de medo e insegurança, a fim de que sejam libertas dos seus problemas, e possam contar uma nova história de suas vidas. Este não é assunto novo para o aconselhamento, mas no que diz respeito à família recasada, é um assunto emergente. Isso, pelo fato de que essas pessoas já vêm para o aconselhamento muitas vezes com discursos negativos internalizados, com medos de fracasso e rejeição.

Foi importante por meio da narrativa e dos ritos e símbolos demonstrar tanto para Marcelo como para Fátima que, eles não eram o problema. Ao expor o discurso, por meio do rito do luto foi possível para Marcelo ver-se separado de seus problemas. E, separado do problema, foi possível trabalhar, por meio da narrativa, outros aspectos, para o fortalecimento da família. A conclusão do divórcio emocional na vida de Marcelo foi de grande importância para continuação do seu ciclo de vida.

Outro aspecto observado, foi que pessoas cristãs estão profundamente abertas para experimentar a graça de Deus, a qual se manifesta abundantemente através de ritos e símbolos cristãos, os quais são meios terapêuticos. A comunidade da fé, de fato, peca ao negar aos seus fiéis esta oportunidade tão rica de possibilidades.

O fato de que Marcelo e Fátima encontraram uma outra comunidade Presbiteriana que os acolhesse, foi de grande relevância para o seu acompa-

nhamento; o acompanhamento feito dentro do contexto da comunidade da fé demonstrou o seu grande significado para o aconselhamento cristão, visto que o casal não via sua cura fora da comunidade⁴²³. Para eles o processo precisava ser experimentado numa inclusão completa no seio da igreja. Confirmando que o aconselhamento pastoral deveria sempre estar sendo feito a partir da comunidade, e para a comunidade, famílias cristãs recasadas aspiram por serem incluídas e percebidas como famílias normais, No acolhimento que tiveram da nova igreja, confirmou-se que a cura acontece na comunidade, e fora dela seria uma cura incompleta.

⁴²³ Hoch tem insistido no fato de que apesar de reconhecer que “a comunidade eclesial pode ter uma função terapêutica e pode ter uma função neurotizante.” A igreja é uma comunidade terapêutica, a depender da qualidade de suas relações. Para ele, é importante ver a igreja como comunidade terapêutica, uma tentativa de viabilizar um pacto de complementaridade, enquanto caminho viável para a construção de uma identidade psicossocial individual e coletiva capaz de fazer frente à massificação de um lado e ao individualismo de outro lado. Lothar C. HOCH, *Comunidade terapêutica: em busca duma fundamentação eclesiológica do aconselhamento pastoral*, p. 26,27.

3. CASO N. 2: Crise nos papéis. Família de Geraldo e Márcia

3.1. A história da família

Geraldo é um senhor de mais de 70 anos, residente em São Paulo. Ele fora casado por mais de 30 anos com sua primeira esposa com a qual teve três filhos. Geraldo tem orgulho pela maneira que criou seus filhos e encaminhou sua família como um cristão. Sempre dedicado ao trabalho, com um sustento razoável, pôde conceder uma boa qualidade de vida para sua família. Há poucos anos, sua esposa ficou muito doente. Com a sua doença, muitos recursos financeiros foram despendidos e, além disso, acresceu-se significativo desgaste físico e emocional. Foram longos meses de lida com a enfermidade, com a dor e com todas as conseqüências envolvidas, culminando no falecimento da esposa. Geraldo entrou em processo de depressão, manifestando profundo abatimento.

Geraldo foi convidado para passar um tempo com um de seus filhos, em Brasília. Nessa época ele compareceu na Igreja Presbiteriana, acompanhado de seu filho. Ali, conheceu Márcia e logo começou um relacionamento de amizade. Ato seguido à amizade um romance envolveu os dois. Geraldo afirma ser ela um presente de Deus para sua vida, vindo num momento em que pensava ele não mais conseguir viver. Depois de certo tempo se casaram.

Márcia é uma distinta senhora com aproximadamente cinquenta anos. Ela alega ter sido muito bem criada. Veio de uma família católica do nordeste, na qual havia muito amor e muito respeito. Sempre menciona com muito carinho seus pais e demais membros da família. Márcia demonstra ser uma mulher: viva, inteligente, boa mãe, e cristã dedicada. Por meio de uma amiga, conheceu a Igreja Presbiteriana, teve uma experiência de fé nesta igreja e passou a freqüentá-la. Márcia quando solteira quis adotar duas

crianças, o que fez vários anos antes de conhecer Geraldo. Ela adotou um casal de crianças que hoje são adolescentes. O filho se chama Marcos. Ele tem 12 anos e demonstra ser muito ativo e inteligente. A filha se chama Roberta, uma adolescente de 14 anos, menina bonita, que também demonstra ser muito inteligente e amável. Os filhos estão na escola, freqüentam a igreja regularmente, participam do grupo de adolescentes. Roberta gosta inclusive de ajudar a ensinar as crianças na igreja. Apresentam ser muito saudáveis e alegres.

Os meninos eram pré-adolescentes quando Márcia conheceu Geraldo. Márcia, com o fruto de muito esforço e trabalho, conseguiu uma boa condição social e econômica para criar seus filhos. Quando ela se casou com Geraldo, estava terminando de construir sua casa, uma casa grande e confortável.

Conforme me relatou, Márcia estava orando e pedindo a Deus um esposo já há alguns anos, e viu em Geraldo a realização de seu sonho. Como uma pessoa madura que é, foi muito compreensiva diante dos sentimentos de Geraldo em relação à perda da esposa e, dos sofrimentos que vinha enfrentando. Com o apoio da família e de toda a igreja eles se casaram, começando uma nova fase no ciclo de suas vidas.

Geraldo teve que vender sua casa para pagar algumas dívidas, e com o pouco dinheiro que restou, ajudou Márcia no término da construção da casa. Depois de pouco tempo de convivência surgiram problemas com o modo de educação dos filhos, provocando uma crise na comunicação do casal.

3.3. A narrativa apresentada

Geraldo reclamou que os meninos eram mal educados, desobedientes e mimados. Para ele, eles chegam em casa e não ajudam nas tarefas, não obedecem quando mandados, não arrumam seus quartos. “O menino é um

folgado”. A menina, segundo ele, da mesma forma, chega em casa e não quer fazer nada.

Geraldo afirma que a Márcia não estava educando adequadamente os meninos. Ele alega que Márcia mimia os meninos, e não tem coragem de discipliná-los ou mesmo repreendê-los.

Geraldo disse às vezes se vê como um estranho dentro da família. O menino lhe chama de tio, ele diz que não gosta. Não é pai, mas não gosta de ser chamado de tio, como se fosse um “amiguinho”. Afirmou também que a menina, outro dia, na escola, o tratou como se não fosse ninguém, agia como se ela “tivesse vergonha de mim”, afirmou entristecido. Geraldo, ao buscá-la na escola, diz sentir-se como um “motorista de madame” e não como uma pessoa da família.

Márcia, afirmou que Geraldo era um homem amoroso, mas que às vezes se “transforma, agride, é bruto, impaciente, grita comigo na frente dos meninos, grita com os meninos de uma maneira muito agressiva.”

Márcia disse ainda que não esperava este tipo de relacionamento. Ela via Geraldo como um homem tão fino e tão educado. Disse que tinha expectativas de que as relações no casamento, fossem como na casa de seus pais, onde fora criada, e teve um pai amoroso e educado. Era um lar estável, mesmo com seus problemas particulares. Disse que foi uma ilusão, também, pensar que Geraldo sustentaria financeiramente a casa, quando poderia despreocupar-se um pouco com essa questão. Todavia, essa frustração financeira não seria a questão mais importante.

3.4. As narrativas da família

O aconselhamento durou quase oito meses, com pequenas interrupções. Tivemos doze encontros nos quais compareceu apenas o casal. Os filhos só estiveram presentes em um ritual com uma perspectiva cristã, o qual será detalhado mais à frente. Márcia compareceu algumas vezes sozinha.

3.4.1. A narrativa de Geraldo

Fui procurado primeiramente por Geraldo que afirmou não agüentar mais a completa rebeldia dos enteados, e a falta de atitude de Márcia que, conforme sua interpretação, deveria estar disciplinando mais duramente os meninos.

Geraldo contou-me um pouco da história de sua vida e como interpretava os problemas que vinha passando. Disse-me que tinha hoje mais de 70 anos. Viveu muito bem com sua primeira esposa, um relacionamento que durou 39 anos, criando bem seus filhos. Afirmou que seus filhos tiveram seus problemas, mas sempre foram respeitosos, e que hoje estão indo muito bem. Geraldo disse-me que quase morreu de desgosto em função da morte da esposa. Juntamente com a doença dela vieram muitas dívidas: “Enfrentei um grande problema financeiro somado à perda de minha esposa, e entrei em grande depressão. Perdi quase tudo.” A expressão de Geraldo era, de fato, de alguém que estava muito abatido.

Continuou afirmando que após um ano e poucos meses da morte da sua esposa conheceu Márcia. Disse que houve uma identificação entre eles e logo começaram a namorar. Para ele o relacionamento com Márcia salvou sua vida. Afirmou, com muito carinho, ser ela era um grande presente de Deus para ele. “Conhecê-la foi como um processo de ressurreição”. Namoraram e resolveram se casar. Disse que sua vida melhorou de “água para o vinho”. Passou, então, a morar na casa de Márcia, onde ajudou financeira-

mente com um pouco na parte do acabamento da construção (fez questão de afirmar).

Geraldo estava esperando que um projeto apresentado por ele a um município fosse aprovado. Cria mesmo que isso iria acontecer logo. Com esse projeto aprovado, disse que poderia sustentar a Márcia e as crianças e conceder-lhes uma excelente qualidade de vida. Infelizmente tal projeto ainda não foi aprovado, afirmou com tristeza. Alegou, ademais, que sua aposentadoria é muito pequena e não dá para ajudar quase nada em casa. Mas ainda sustentava esperanças de que seu projeto logo seria aprovado.

Continuou sua narrativa, afirmando que logo após terem se casado veio a questão dos meninos: “Estamos vivendo uma situação insustentável. O menino é muito levado, mimado pela mãe e muito desobediente”, afirmou Geraldo um pouco nervoso. Disse que o menino ficou, outro dia, de limpar o canil, mas não o fez: “deixou tudo uma bagunça. Ele é um folgado, um preguiçoso, a Márcia não soube dar-lhe educação.” Geraldo afirmou, também, não exigir que o chamassem de pai, pois tinha consciência que de fato não era pai deles. Mas reafirmou não gostar de ser chamado de tio pelos meninos: “que conversa é essa, eu não sou tio coisa nenhuma. Pastor, eu não sou respeitado e a Márcia nada faz para mudar a situação.” Geraldo estava muito emocionado, ficamos um tempo em silêncio.

Geraldo afirmou que o menino chegava da escola e ao invés de ajudar, não fazia nada, e continuou, de forma muito exaltada: “é uma piada, ele simplesmente não obedece, é um moleque. É um moleque, e do jeito que está sendo criado, eu não sei não, a Márcia que se prepare...”.

Alegou também, que a garota, igualmente, tem um problema com ele. Acha que ela o despreza, é desobediente, mal criada e preguiçosa. Geraldo repetiu que não exigia o reconhecimento de pai, mas que exigia respeito, disse: “preciso ser reconhecido pelo menos como uma pessoa que deve ser res-

peitada.” Conta que certa feita, estando ele em casa, e a Márcia fora, a garota chegou da escola, almoçou, e não cuidou da cozinha, disse: “simplesmente tudo ficou lá do jeito que estava, é um absurdo!” Geraldo afirmou ainda, que a garota o rejeita: “outro dia quando fui buscá-la na escola, ela simplesmente fingiu que eu não estava ali. É como se eu fosse apenas um motorista. Ela tem vergonha de mim. Eu não posso aceitar esse tipo de coisa.” Afirmou que até pensou no início daquela relação familiar em chamá-los de filhos e tê-los como tais⁴²⁴, mas agora, alegava ser isso “impossível.”

Geraldo afirmou estar arrasado, pois a Márcia o acusava de ser ele o errado, argumentando que menino é assim mesmo, e que ele é quem precisava ser mais paciente. Geraldo não concordava com ela, dizendo que não poderia admitir a falta de educação dos filhos que, segundo seu entendimento, era culpa de Márcia ao não estar disciplinando seus filhos como deveria: “eu e nada naquela casa somos a mesma coisa. Não é possível viver assim. Não quero me separar da Márcia, mas não sei o que fazer!”

Considerei com o Geraldo que percebia a gravidade da situação e que entendia que não estava sendo fácil para ele. Ele continuou narrando que em dia anterior, quando a ajudante tomava banho, o menino estava tentando vê-la pela janela do banheiro. Disse que ao comentar esse fato com a Márcia, ela declarou não ver isso como um problema tão sério. Ele manifestou discordância, entendendo tratar-se de algo muito sério, pois não criara assim seus próprios filhos. Afirmou ainda, que o garoto não quer atender às responsabilidades domésticas e fala palavrões.

Geraldo continuou afirmando que a menina não o respeitava. Certo dia ele deu ordens para que ela lavasse algumas vasilhas, mas, ela nem sequer se mexeu. Geraldo entendeu fazer alguma coisa para melhorar essa relação,

⁴²⁴ Geraldo começou inclusive um processo de adoção, mas solicitou que o mesmo fosse interrompido em função de dificuldades enfrentadas na relação, conforme sua interpretação.

pois percebeu que ela continuava a lhe tratar com muita indiferença. Então, um certo dia, Geraldo saiu com a menina para uma conversa sincera. Foram a uma lanchonete e ele perguntou-lhe por que era tão indiferente para com ele. Ela então respondeu que não gostava dele, e que tinha vergonha de ter um “pai velho”. Geraldo disse com tristeza que aquilo foi terrível para ele.

Disse ainda que às vezes tem dificuldades para se expressar verbalmente, então, resolveu escrever uma carta para sua esposa, confessando o seu amor por ela, mas afirmando que não seria possível para ele viver dessa maneira, numa casa como essa.

Ouvi Geraldo pacientemente e em seguida marquei um encontro com o casal.

3.5. A narrativa de Márcia

1º. Encontro: Compareceram Geraldo e Márcia. O casal estava muito reservado, falava pouco. Márcia inicia a conversa recontando a história de como se conheceram, de como Geraldo era muito importante para ela. Pede paciência a Geraldo, e afirma que tem esperanças de ainda serem felizes. Percebendo que o casal tinha dificuldades para abordar o assunto com mais profundidade, conclui que seriam necessários outros encontros. O casal mostrou receptividade para que continuássemos o aconselhamento, então, agendamos um segundo encontro.

2º encontro: neste segundo encontro compareceu somente a Márcia, atendendo o seu interesse.

Ela me disse que havia algumas coisas que precisava que eu soubesse e que não conseguiria falar na frente de Geraldo. Márcia demonstra ser uma pessoa muito polida, e receosa de magoar o marido, ao mesmo tempo com

medo de ser mal compreendida por ele, por isso, preferiu falar comigo particularmente.

Nesse encontro Márcia me afirma, com o semblante triste, que Geraldo revelou-se um outro homem logo que começaram os problemas com os filhos. “Ele se transforma, é bruto, grita, põe o dedo em riste e me acusa. Eu esperava que ele fosse um homem como parecia ser, um homem: gentil, educado, vivido, experiente, um cristão maduro.” Márcia disse que ele se acha humilde, mas para ela, isso não é verdade, pois ele tem dificuldades em reconhecer seus erros. Além disso afirma que ele tem dificuldades em administrar suas finanças, e isso estava contribuindo para aumentar a tensão entre eles. Mesmo narrando essa situação, Márcia declarava que não queria expô-lo e afirmando ter medo de como ele reagiria. Continuou dizendo que ele estava muito seguro de que seu projeto seria aprovado e que teriam uma boa condição de vida. Ela disse que inicialmente estava muito esperançosa de ser sustentada por seu marido e ter apoio e segurança de sua parte. Mas, agora percebia que isso estava muito longe de ser verdade. De fato, afirmou ela, não era a falta do dinheiro dele que mais a perturbava, isso seria mais fácil de aceitar. O problema maior, observou, é não saber quem ele era e como ela lidaria com algumas atitudes dele, as quais estranhava. Falando sobre os meninos, ela afirmou que são adolescentes normais, que dão trabalho sim, mas nada do que seja anormal.

Apenas ouvi a narração de Márcia sem fazer considerações ou conclusões.

3º encontro: Compareceram Geraldo e Márcia. Resolvo provocar a conversa, expondo as dificuldades encontradas pelo marido na criação dos filhos.

Márcia resolve falar abertamente, com voz baixa, bem suave e percebia-se seu cuidado em tentar não ofender seu marido. Disse que tinha profunda gratidão a Deus pela vida de Geraldo. Que ele apareceu na sua vida num momento especial, casaram-se e pensava que ele seria o pai dos seus fi-

lhós, o que tanto desejava. Mas logo se manifestaram as diferenças. Disse que Geraldo é muito exigente, afirmou respeitosamente, e que os meninos são meninos bons. Afirmou reconhecer que eles têm problemas na adaptação com o recasamento, e com a própria adolescência. Afirmou também entender que os problemas apresentados pelos meninos são naturais à sua idade. Disse ainda, que tem tentado educá-los, mas no entanto evitando agredi-los.

Márcia fala muito emocionada que Geraldo grita, fica nervoso, não tem paciência, aponta o dedo e acusa. Ela enfatiza sua criação: “eu não fui criada num lar assim, papai era um homem muito educado, nunca gritava.” Márcia, ainda que nervosa, procurava falar tudo isso com muito jeito, procurando não agredir e fazer com que fosse bem entendida.

Ela termina a sua fala dizendo diretamente para Geraldo que ele era uma pessoa muito boa, que entende que eles têm suas diferenças, que sabia que às vezes não é fácil para ele, mas observou que não era fácil para ela também. (Márcia chora).

Geraldo, reage proativamente, pontuando aspectos positivos do relacionamento deles e, reafirmando seu amor, seu respeito e seu carinho pela esposa.

3.6. O aconselhamento com o casal

Reportando ao primeiro encontro com o casal, relata-se o procedimento do aconselhamento realizado.

O casal, primeiramente recontou a história do começo de seu relacionamento demonstrando dificuldades para entrar no assunto específico da crise que estão enfrentando. Procurei deixá-los a vontade, não apressar as coisas e dar tempo para eles. Era perceptível o constrangimento para os

dois, estarem na frente de um conselheiro compartilhando seus problemas. Fiz perguntas básicas a respeito do seu relacionamento, criando um clima de liberdade para o casal se expressar. A experiência pastoral tem demonstrado que as pessoas vêm para o aconselhamento com muitas resistências, muitas vezes, com a perspectiva de que o pastor logo lhes dará um sermão. Ofereci-lhes todo o tempo e ambiente para se expressarem calmamente, criando uma situação de confiança. Eles não entraram diretamente no assunto propriamente dito, ainda havia muitas reservas. No final, após uma breve oração, marcamos outro encontro.

No terceiro encontro, após a narrativa de Márcia expondo abertamente como ela via o problema, Geraldo se expôs (ficou nervoso) falando com franqueza e afirmando com palavras duras para Márcia que ela era culpada pelo comportamento dos meninos, que Márcia os mimava, não os disciplina, que não se sentia respeitado, que era tratado como cachorro em casa. Em seguida, Geraldo fala muito nervoso e deprimido: “Eu amo você, mas não suporto mais essa situação.”

Mais uma vez, permiti-lhes falar abertamente, promovendo um espaço de aceitação, compreensão e apoio, demonstrei como conselheiro que encarava a situação sem qualquer julgamento, ou tentativa de dar respostas imediatas para o problema.

Com a concepção de Michael White em mente, segundo a qual as pessoas não são o problema, e que o aconselhamento, precisa ajudá-las a se verem separadas do problema, para que, separadas do problema possam ter uma nova perspectiva da vida, e buscar por uma nova história da família. Concedi-lhes, então, um tempo de silêncio e posteriormente procurei afirmar-lhes que de fato eles estavam passando por um momento muito difícil, mas que era perceptível o desejo de ambos de encontrar caminho, o que possibilitava em muito encontrar saídas e novas perspectivas para a vida.

3.6.1. Ritual de confissão e perdão

Mais um tempo de silêncio. Márcia estava chorando de cabeça baixa. Geraldo procurou fazer carinho na esposa, demonstrando sua abertura de coração e apoio. Num ambiente de amor e calor cristão, convidei o casal para um momento de reflexão. Naturalmente, num ambiente de profunda ausência de condenação ou exigência religiosa, ou mesmo de afirmação de textos bíblicos impondo que houvesse um ato de assumir culpas. Geraldo aproximou-se da esposa e pediu-lhe perdão.

Assim, a partir da atitude de Geraldo, ajudei-lhes a criar um espaço no qual o ritual de confissão e perdão pudesse ser aproveitado naquele momento de início de uma nova caminhada como casal. Eles então falaram palavras positivas de confissão e perdão, num ambiente acolhedor, sem culpa, no qual as mágoas foram afugentadas e foi dado lugar ao Espírito amoroso de Deus. Então de mãos dadas oramos.

Para o aconselhamento era apenas o começo, um bom começo, as pessoas estavam começando a se ver separadas dos problemas, podendo ver o problema como sendo o problema, possibilitando um início de acompanhamento pastoral.

Na seqüência do diálogo, pedi-lhes que me contassem da vida familiar, e eles contaram de vários momentos que eles experimentavam harmonia e respeito mútuo.

Perguntei se não seria bom que Geraldo se afastasse um pouco da disciplina dos filhos, deixando que o processo de exercer autoridade como mais velho, ocorresse um pouco mais devagar. Ele, então, afirmou que estava pensando justamente nisso. Entendi que seria uma oportunidade de permitir que as pessoas fossem separadas dos problemas, e que ao mesmo

tempo, as exceções, aqueles momentos de início de amizade e relacionamento da nova família pudesse crescer e ser experimentado. Ao mesmo tempo assumindo que a Geraldo está numa fase tão diferente da dos filhos de Márcia, e que esta situação é de fato muito delicada, exigindo tempo para que os novos papéis sejam conhecidos, experimentados e assimilados.

Perguntei também a Geraldo, se ele percebia a diferença entre a sua idade e a de seus enteados, a dificuldade dele e dos enteados de não conhecerem e saberem como assumir seus novos papéis nessa família. Não tendo até mesmo, termos adequados para que pudessem usar em relação uns aos outros. Da mesma forma perguntei se Geraldo percebia a dificuldade das expectativas frustradas na área do trabalho. Geraldo concordou que tudo isso era de certa forma difícil, mas concordou em desenvolver uma aceitação maior de suas próprias frustrações que o momento da vida lhe impunha e que deixaria a disciplina dos filhos um pouco mais com Márcia.

Geraldo disse entender que o amor deles valia mais do que exigir que tudo mudasse tão depressa.

Afirmar positivamente que concordava com ele. Márcia se dispôs a ser mais atenta à disciplina dos filhos. Que sabia que eles precisam de correção e educação, e que da mesma forma, estava disposta a investir na vida de sua família.

Quinto encontro: compareceram Geraldo e Márcia. Houve um tempo de separação entre nossos encontros.

Márcia está chateada e compartilha o fato de que Geraldo não conseguiu controlar-se. Foram alguns dias bons, mas depois aconteceu de novo. Geraldo ficou nervoso, os meninos falharam, ele gritou novamente, a família entrou em crise. Convidei-os a verificar os problemas. Insistindo em separar as pessoas dos problemas.

Os problemas dos filhos não eram diferentes dos problemas de outras famílias com filhos adolescentes. Márcia afirmava que insistia com a orientação dos filhos e que inclusive estava com medo de estar sendo muito dura com eles. Entendia que eles precisavam de fato de mais disciplina e que estava procurando exercê-la.

Márcia inicia confrontando a Geraldo respeitosamente. Disse-lhe que ele havia gritado novamente que perdera o controle. Muito emocionada Márcia afirmou que também estava perdendo o controle, brigando demais com seus filhos e que não queria isso para eles, crendo haver outras maneiras de se resolver os problemas.

Percebi que Geraldo estava muito “para baixo”. Perguntei-lhe se não era o fato de não ter trabalhado totalmente a sua perda. Sua grande perda (sua ex-esposa) e que talvez o processo do luto não houvesse sido completado. Ele sentiu muita tranquilidade para falar do assunto, e percebi que a minha suspeita era falsa.

Outra pergunta foi então a respeito da sua vida profissional. De fato, quando procurei trabalhar essa área com Geraldo, verifiquei que era muito difícil para ele. O fato de receber uma aposentadoria tão pequena e que representava tão pouco para as próprias necessidades, era um problema perceptível para Geraldo. Este, na verdade, é um problema difícil para a maioria dos homens, causador de muitas depressões e crises existenciais. Tão difícil que Geraldo concordou que havia uma frustração diante das expectativas não terem chegado a bom termo.

Perguntei a Geraldo se ele tinha percepção da dificuldade que, poderia estar sendo para ele, que esperava na sua idade poder parar, ter sossego, uma boa aposentadoria, controle da situação, ter que agüentar essa situação financeira tão difícil e ainda acompanhar filhos adolescentes novamente?

Geraldo concordou cabisbaixo.

No fundo Geraldo estava sentindo-se muito frustrado com a questão de não ter conseguido aprovação dos projetos profissionais esperados, os quais render-lhe-iam um bom dinheiro. Por um tempo trabalhou para uma empresa e isso ajudou numa melhora circunstancial. Mas logo depois, novamente estava sem emprego fixo. Apenas com a pequena aposentadoria. Verifiquei por outras conversas a respeito de suas expectativas de vida, que sua visão era a de que a sua virilidade dependia da sua situação financeira. Geraldo contara em outro encontro como fora um homem que trabalhou bastante e que com o suor do seu rosto conseguiu edificar uma família cristã digna na sociedade. Quando ele falava daqueles momentos passados era como se afirmasse, “naquele tempo eu era homem, agora não sou nada”. Geraldo não estava preparado para tantos problemas na sua vida. Ter que enfrentar novamente filhos adolescentes na sua idade avançada, toda as implicações da educação e sustento emocional para filhos nessa fase, que é considerada como normalmente uma fase que exige um “jogo de cintura” da parte dos pais e dos mais velhos. Assim, a expectativa frustrada de profundo respeito dos enteados para com ele, era como se eles o agredissem dizendo, “você é frustrado, um perdedor, não tem autoridade sobre nós”. Ao mesmo tempo em que outra voz dizia no interior de Geraldo, eu sou tratado como cachorro aqui, sou um fracasso, não posso suportar. E assim, de certa forma, inconscientemente Geraldo estava tomando os enteados como “bodes expiatórios” diante de sua grande frustração masculina, pelos discursos internos expostos pela sociedade a respeito da imagem de masculinidade que ele assimilou.

Dessa forma, certamente não era fácil para os meninos ter um “velho chato” dentro de casa, exigindo coisas, mandando, e até mesmo gritando com eles. Geraldo, sem perceber poderia estar lançando sobre os filhos muitas

vezes, com suas desobediências normais da idade, suas profundas frustrações diante da sua própria maneira de ver a vida.

3.6.3. Objetivos do acompanhamento

Buscar o fortalecimento do casal para aceitar a diferença da fase de ciclo de vida de Geraldo diante dos filhos com seus problemas tão diferentes e incompatíveis. Ajudar a não precipitar uma intimidade rápida, e ajudar a Geraldo a lidar com os sentimentos de frustração e vazio diante das suas perdas.

3.6.4. Em busca das exceções

Retomei a questão com Geraldo, perguntando-lhe novamente como ele percebia esta frustração diante da realidade de não ter seus projetos aprovados, estar recebendo uma aposentadoria tão pequena, e tendo que agüentar esses adolescentes?

Geraldo mudou, percebi que de fato, esta era uma situação muito difícil para ele.

Ele estava desconcertado, e afirmou, “É...eu tenho que admitir que tudo isso me afeta muito, mas estou tentando administrar esse momento da minha vida. “

Procurei, então, alguma forma de fortalecê-lo diante desse momento de perturbação emocional que percebi que ele estava enfrentando. Disse-lhe que, de fato, devia estar sendo muito difícil para ele, ter que enfrentar tudo isso num momento que possivelmente o que mais estivesse esperando era uma vida tranqüila, sem barulho, sem conflitos, respeito, carinho e paz.

Geraldo procurou demonstrar que estava com as suas emoções sob controle e disse que sabia que um pouco do que eles estavam passando como adolescentes fazia parte da idade deles. E afirmou que ia tentar trabalhar melhor estes assuntos.

Ao mesmo tempo perguntei a Geraldo sobre o que Deus estava permitindo a ele fazer como seu servo. Geraldo me disse com a cabeça mais erguida que ele e Márcia estavam coordenando um grupo de estudo bíblico da igreja, no qual estava se sentindo muito bem. Disse que as pessoas estão indo para os encontros animadas e trazendo outras. Geraldo disse demonstrando emoções muito positivas que era impressionante, pois eles não estavam fazendo muito, “só estamos estudando a Bíblia com eles!”

Aquela era uma verdadeira exceção. Toda a família, ia para a casa de uma pessoa que havia aceitado receber o grupo de estudo bíblico em sua casa. A filha cuidava das crianças, e o casal ministrava o estudo bíblico.

Geraldo demonstrava sentir-se profundamente realizado em contar como eram bem aceitos e como estava sendo frutífero o trabalho.

Convidei-lhe a avaliar se em vez daquele projeto rentável financeiramente, Deus não estava lhe concedendo uma das maiores riquezas nesses dias de sua vida, nos quais ele poderia perceber um profundo sentido de viver ao se ver como um instrumento valoroso nas mãos de Deus. Geraldo concordou, e foram para casa com a proposta de avaliar tudo que tínhamos conversado.

3.6.6. Ritual da Santa Ceia com toda a família

Geraldo resistiu ao aconselhamento, deixando de vir aos nossos encontros, e dando indicações claras para Márcia de que não mais queria participar. Mas com a perspectiva da autoridade pastoral, e da possibilidade e neces-

sidade da visita pastoral, dispus-me a procurar por Geraldo, indo ao encontro da família, de forma não impositiva, mas cordial, amorosa e fraterna.

Dispus-me a procurá-los e a propor-lhes uma visita pastoral para procedermos juntos uma celebração espiritual em sua residência. Queria avaliar com eles, o ritual da Santa Ceia, que como foi observado acima, é um ritual que ajuda a separar as pessoas de seus problemas, quebrando as barreiras, aproximando as pessoas visto sermos uma só família, um espaço no qual todas as barreiras de separação podem ser quebradas e as pessoas aproximadas.

Marquei antecipadamente com a família, primeiro falei com Márcia, que recebeu com muita alegria a proposta de lhes fazer uma visita pastoral no processo do acompanhamento familiar de aconselhamento pastoral que estávamos nele caminhando. Compartilhei da idéia de fazer uma celebração espiritual com a família, somente com a família na intimidade do lar. Eu estava um pouco receoso a respeito da reação de Geraldo, pois, diante da sua resistência ao aconselhamento pensei que ele pudesse resistir. Mas o fato do relacionamento pastor e cristão, e o carinho cristão que há, facilitou a sua pronta aceitação de forma muito positiva. Não senti qualquer ar de obrigatoriedade na sua resposta.

No dia marcado liguei pedindo que preparassem uma bacia e uma toalha para serem usados no ritual. Perguntei-lhe também se havia suco de uva e pão para celebrarmos a Santa Ceia. Ela consentiu positivamente com uma certa curiosidade (havia um ar positivo de curiosidade) a respeito principalmente da bacia e da toalha. Não disse para o que seria.

Aqueles objetos (bacia e toalha) no contexto da visita, fez com que todos estivessem um tanto quanto curiosos, percebi isso logo que cheguei, havia um ar de curiosidade. Ao mesmo tempo fui recebido com muito carinho.

Márcia estava terminando de preparar um delicioso lanche, o cheiro de bolo e pão de queijo assados tomava conta da casa.

Afirmar positivamente que isso era muito, o fato de um lanche estar sendo preparado.

Márcia respondeu com alegria que, sim, estavam me esperando para o lanche, e disse que logo ficaria pronto, que eu aguardasse só um pouquinho.

Conversei então, um pouquinho com Geraldo que me convidou para sentar num cantinho muito aconchegante da sala de estar. (Na verdade toda a casa deles é uma casa muito bonita e aconchegante, uma casa grande terminada a pouco tempo de ser construída e mobiliada, tudo muito bonito bem arrumado e, somando à hospitalidade tudo era agradável).

Ao perceber que a curiosidade a respeito da minha visita estava causando também um pequeno constrangimento, dei algumas explicações a começar com uma expressão de gratidão, na qual mencionei o fato de poder estar com a família e celebrar um momento de espiritualidade com eles, no contexto da intimidade familiar, e que esse era o maior propósito de eu estar com eles, para uma celebração espiritual. Ao mesmo tempo, aproveitei que o lanche estava ficando pronto, e propus intencionalmente que tomássemos o lanche primeiro (a mesa é uma oportunidade maravilhosa de comunhão) na verdade a celebração já estaria começando ali, e ao mesmo tempo, seria um tempo de rir e compartilhar a amizade. Rimos bastante ao colocar para eles algumas histórias cômicas da vida de pastor. Logo todos também contaram fatos engraçados. O lanche estava delicioso, havia um ar gostoso agora de relaxamento, percebi que estávamos prontos para continuar a celebração realizando o ritual da Santa Ceia.

Arrumamos a mesa da Santa Ceia. Aproveitamos a mesinha da sala de estar e colocamos ali os elementos de forma muito singela (pequenas taças, suco de uva e o pão). Envolver os membros da família no próprio preparo do ambiente fez com que todos ficassem a vontade e, percebessem a si mesmos como parte importante da celebração. A bacia e a toalha estavam lá. Pedi ao filho que pudesse me ajudar colocando água na bacia. Foi muito engraçado, pois, o ar de curiosidade voltou e tomou conta do ambiente. Cantamos um cântico espiritual, oramos juntos. Falei da Santa Ceia como um ritual no qual a graça de Deus se revela, pelo sacrifício de Cristo por nós pecadores, concedendo-nos a possibilidade de ter comunhão com Deus e com o próximo. Uma oportunidade de reexame espiritual, do meu relacionamento com Deus e com meu irmão. Por isso a Santa Ceia é tempo de reconciliação e oportunidade de renovar laços. Na Santa Ceia, somos lembrados de que fomos feitos uma só família de Deus, que todos somos irmãos, que podemos e devemos receber o outro com suas diferenças.

Fizemos um breve momento de silêncio. Posteriormente li o texto de João 13 e coloquei o fato do ritual de lavar os pés estava inserido no contexto da Santa Ceia, ainda que tão pouco lembrado por nós na caminhada da vida cristã. (Não fiz maiores explicações exegéticas do texto, em busca de perceber o próprio ritual “falando” aos membros da família). Compartilhei que havia proposto celebrar este ritual com a família na sua intimidade como um momento de nos lembrarmos do ato realizado por Cristo e, como oportunidade de nos despirmos, nos abirmos para servir os irmãos, servir, amar e, ver o outro melhor. Sem maiores explicações, começamos o ritual. Muitas explicações são desnecessárias, símbolos: água, toalha, lavagem dos pés, falam por si mesmos aos nossos corações e revelam o amor de Deus em nossas vidas.

Falhei-lhes, então, que quando vinha para a casa deles senti no meu coração um desejo sincero de lavar os pés de meu amigo e irmão Geraldo, e que gostaria de fazê-lo naquele momento. Geraldo não teve dificuldades

em aceitar, ele riu, disse que não tinha dificuldades de tirar o sapato e as meias, pois havia tomado banho. Ajoelhei-me no tapete da sala, peguei a bacia com a água e comecei a lavar seus pés, afirmei-lhe que era uma pessoa muito amada, um servo de Deus, um irmão muito querido, um enviado de Deus para estar conosco. Ele chorou, enxuguei-lhe os pés carinhosamente, levantei-me abraçamo-nos e nos beijamos, depois de um breve momento de silêncio ele disse que não esperava participar de um momento tão especial, que nunca tinha presenciado este ritual, e que foi uma idéia maravilhosa que eu tive de marcar essa visita para essa celebração. Afirmou que de fato, era um momento muito especial, que estava muito sensibilizado pelo amor de Cristo manifesto ali naquele momento.

Geraldo afirmou que infelizmente muitos não entendem o que Cristo fez ainda hoje! Disse que tudo se resume no amor, que Cristo quis foi mostrar amor, e que há falta disso na igreja.

Havia um ar sublime tomando conta daquela casa, o amor de Deus estava ali. Geraldo não conseguia parar de falar, afirmou ainda que estava muito grato a Deus que nos havia concedido um momento assim (repetia muito emocionado).

Márcia então, disse que gostaria de lavar os meus pés, lavando os meus disse-me que reconhecia que era um homem de Deus, um ungido do Senhor. Que para ela era uma honra lavar meus pés.

Posteriormente eu me ofereci para lavar os pés do filho. Ele, meio desconcertado pelo ritual, mas envolvido pelo momento, ofereceu-me seus pés para serem lavados bondosamente. Afirmei-lhe que era um bom rapaz, que era amado por nós. Abençoei-lhe e disse-lhe que a Bíblia afirma que: formosos são os pés dos que anunciam coisas boas.

Então eu o abençoei dizendo-lhe que deseja que ele fosse um anunciador de coisas boas, que seja um servo de Deus. Abracei-lhe então amorosamente.

Geraldo então pediu para lavar os pés de Márcia. Disse que estava um pouco enfermo, com algumas tonturas, mas que queria ajoelhar-se e lavar os pés de sua esposa.

Com muita dificuldade começou a se ajoelhar, reclamou de dor, fomos tomados de susto, o filho logo foi ajudá-lo (percebi ali uma grande exceção no relacionamento familiar, o filho realmente demonstrou preocupar-se com o seu padrasto). Ele fez questão de continuar

Enquanto lavava os pés de sua esposa, de joelhos, disse para Márcia que a amava e que pedia a ela que o perdoasse, pois errava mais do que acertava e que gostaria muito de acertar mais, afirmou que tinha convicção de que ela era uma pessoa que Deus havia lhe enviado e que tinha muita gratidão a Deus por sua vida.

A esposa chorou, e acariciando sua cabeça agradeceu. Mais um tempo de silêncio.

Márcia pediu para lavar os pés de sua filha. O filho brincou que ele é que queria lavar os pés dela, mas riu e disse que era só brincadeira, a mãe insistiu. Eu disse-lhes que poderiam ser os dois. Foi um momento também bonito, a mãe e o filho, ele um tanto quanto desajeitado, lavaram os pés dela. A mãe falhou-lhe do seu amor por ela, e que desejava que ela fosse muito feliz.

Estávamos, então, tomados pelo sentimento da presença de Deus, de sua bondade, de leveza e suavidades, espirituais. Havíamos nos exposto para Deus e para o próximo e estávamos envolvidos pelo divino.

Tomei o pão, e o parti. Após ter partido o pão e começado a falar do corpo de Cristo que foi partido por nós, Márcia pediu que fizéssemos um momento de silêncio e auto-exame. Após este momento, compartilhamos o pão, cada um pegou o pão tirou um pedaço e passou para o outro. Pedi á filha que fizesse uma oração. Ela fez uma oração simples e muito bonita, agradecendo a Deus por aquele momento.

O filho ofereceu para colocar o suco nas taças. Geraldo levou um susto, e disse: - “Não!” Havia um ar de “isso não é para você fazer menino!”. Sem confrontar a autoridade do pai, eu disse que não havia problema e que era bom que pudesse nos servir (Geraldo não percebeu o momento tão lindo que estava acontecendo, eu não podia perder aquela oportunidade que o filho percebeu de poder sentir-se parte importante da celebração). Como falei de forma amorosa, Geraldo então, apenas o orientou:

Geraldo então disse para ele carinhosamente, mas demonstrando que estava no controle, que ele deveria por apenas um pouquinho, para ficar como na igreja.

Propus que trocássemos o cálice uns com outros num momento de comunhão. Novamente risos, alegria, comunhão. Após tomarmos o cálice, fizemos mais um pequeno tempo de silêncio.

Depois os convidei a que verbalizassem uma palavra de bênção para sua família, (uma bênção, um desejo, uma esperança).

Geraldo logo tomou a palavra, estava seguro, firme, agora falando como um ancião maduro, cristão convicto de sua fé. Falou primeiro ao filho:

Geraldo afirmou para o filho que desejava que ele se tornasse um servo de Deus.

Voltou-se para a filha e disse-lhe a ela que desejava que ela fosse uma moça abençoada, principalmente no papel futuro de mãe, nesses dias tão difíceis. “Você se casará e terá filhos!”

Ainda voltando-se para a esposa, afirmou-lhe dizendo carinhosamente que lhe desejava, que queria fazê-la feliz. “Quero fazê-la feliz!” repetiu. Muito emocionado, o casal se abraçou, e choraram juntos.

Márcia deu a oportunidade para os filhos: Eles, não acostumados, constrangidos riram timidamente. Com um pequeno encorajamento de Márcia, a filha falou primeiro:

Roberta declarou que, desejava que fossem uma família unida. “Eu sei que algumas vezes eu sou responsável por alguns problemas”. (chorou). Conseguiu terminar... “desejo que sejamos unidos e felizes”.

O filho não conseguia falar. A mãe insistia. Então ele disse apenas uma palavra com muita dificuldade: “Unidos”.

Márcia fez questão de falar muito pausadamente, como uma verdadeira mãe abençoando sua família, com profunda consciência do que estava fazendo na presença de Deus, e querendo demonstrar que eram os desejos mais profundos e sinceros de seu coração. Ela começou a dizendo primeiramente ao filho que ele era um filho muito amado. Ele ficou constrangido. Márcia continuou dizendo para ele que precisava lhe dizer e afirmar, que ele era um filho muito amado, muito querido e que desejava que ele fosse muito feliz, então, terminou dizendo: “Às vezes sou muito dura, preciso ser, os dias estão muito difíceis, preciso estabelecer limites, mas é para o seu bem.”

Proferiu uma palavra de bênção para a filha. Márcia falava de forma muito amorosa, ele ficou muito emocionado com toda aquela profunda expressão de amor de sua mãe. Afirmou para ela que era uma filha muito amada e, que desejava tudo de bom para ela, e que desejava que ela fosse uma serva de Deus. Quase que mudando de assunto, Márcia afirmou: “Deus sabe como eu queria tanto uma comunidade de fé para que fossemos juntos, como hoje acontece”. (Ela estava falando da vida deles na comunidade da fé, como ela era feliz de ver sua filha envolvida e servindo a Deus). Márcia começou a chorar novamente e a filha falou também chorando para que a mãe parasse porque para ela estava parecendo uma despedida.

Márcia, com muito amor, disse para a filha que não era uma despedida e que era muito importante o que queria dizer para ela. Continuou então afirmando que seus filhos eram muito importantes para ela e que precisavam saber: “este é um momento especial para as nossas vidas”.

Falou também ao esposo e disse-lhe que ele era uma pessoa especial que Deus havia lhes enviado, que desejava que fossem muito unidos e felizes.

Depois disse que queria trazer uma palavra para mim e afirmou que eu estava sendo uma bênção para suas vidas.

Demos as mãos, proferi uma palavra de bênção sobre eles fui para minha casa tomado por aquele momento de bênção espiritual.

3.6.7. Fortalecendo Márcia

No próximo encontro somente Márcia comparece.

Márcia compartilha que o ritual experimentado pela família foi muito positivo, mas compreendeu que o relacionamento vai exigir dela mais do que ela pensava.

De fato, esta é uma situação especial, Geraldo aceita com muitas limitações o acompanhamento pastoral e resiste a vários aspectos do aconselhamento. Márcia diz que pensou muitas vezes em desistir, mas entende que foi Deus quem os colocou juntos.

Márcia compartilha que conseguiu confrontar Geraldo de forma amorosa, uma maneira que ela não tinha conseguido ainda. Vinha em sua mente, todo o momento positivo que havíamos passado juntos, no ritual da Santa Ceia, as afirmações, o sentimento de pertença, o sentimento da presença graciosa de Deus. E, como nunca, ele aceitou sua confrontação. Respirou e ouviu sua esposa.

Márcia disse estava profundamente admirada com o que aconteceu. E disse ter entendido que teria que trabalhar para aceitar o que não podia mudar, e aceitar que alguns aspectos, da sua fantasia de casamento, têm que ser deixado de lado. “Não vou esperar que meu cônjuge mude. Estou agora, procurando ajuda para enfrentar a vida, buscando me fortalecer para aceitar as coisas que não posso mudar”.

Márcia estava muito abatida diante do sentimento ambivalente do momento tão bom que experimentaram, por um lado, e pela inconstância do marido, por outro lado.

Oitavo Encontro. Somente Márcia comparece. Márcia retoma sua história de vida. Sua criação, sua vida sozinha com os filhos, suas expectativas de casamento. Ela havia construído muita coisa sozinha, e esperava agora por um marido que assumisse a casa, com uma presença forte, mas sensível, segura, mas educada, gentil.

Márcia afirmou que Geraldo era um homem bom, um cristão. Mas que ele era muito inseguro, orgulhoso e insensível muitas vezes. Por seu lado,

Márcia disse que estava muito impaciente com seus filhos adolescentes. “Grito também com eles. Pastor! Que coisa horrível”.

Ao analisar o discurso e a situação vivencial de Márcia. Perguntei-lhe se não seria justamente esta mulher forte que trabalhava sozinha e mantinha uma família, que Deus teria preparado para Geraldo, neste momento de sua vida? Sem sugerir com isso que assumisse um papel de mãe para ele ou que se anulasse como pessoa.

Márcia disse que já havia pensado nisso. E disse que era isso que precisava: assumir as forças que conquistou na sua caminhada de vida. Aceitar aquilo que não pode ser mudado, e procurar mudar em si o que for possível (concordou sorrindo).

Orientei-lhe que procurasse esse caminho, sem perder sua auto-estima, e sua firmeza. Conversamos sobre seus filhos. Eu disse a ele: O momento que eles passam como adolescentes é um momento em que precisam de apoio, e creio que você pode conceder-lhes esse apoio. Procure ter paciência com o momento deles. É tudo muito difícil para você, mas creio que ao trabalhar a sua paciência, eles vão perceber o seu apoio e vão responder a ele. Sugeri que ela fizesse algumas leituras, sobre a criação de filhos adolescentes.

Foi-lhe proposto buscar um caminho de amor que se doa, mas que, da mesma forma, se afirma e exige resposta do outro.

Dentre algumas estratégias de Márcia para envolver e fortalecer Geraldo com um sentimento de valor, Márcia pede a ele que faça as compras de casa. Percebeu que mesmo que o dinheiro na conta tenha sido colocado por ela, como fruto do seu trabalho, ele sente-se feliz em fazer as compras e trazê-las para casa.

De igual forma Márcia se preocupa com o fortalecimento dos filhos. Ela vem fortalecendo os filhos para aceitarem as limitações de Geraldo, cooperando mais com os trabalhos de casa e assumindo mais suas responsabilidades. Aproximando-se deles com compreensão e apoio.

Fui convidado com minha família para a celebração do aniversário dos filhos que seriam comemorados conjuntamente. O casal preparou um delicioso almoço no qual receberam vários adolescentes da igreja e da escola. Eu e minha esposa éramos uns dos poucos adultos que haviam sido convidados.

Foi uma celebração cristã, muito alegre, com muito barulho de adolescentes. Geraldo estava feliz, sentia-se de fato com um pai recebendo os amigos para o aniversário dos filhos. Márcia com toda a sua sabedoria cuidava de tudo, e tudo estava perfeito. Era um momento de celebração de rituais e tradições na família. Momento de fortalecimento de laços familiares e de colher frutos de um trabalho realizado em grupo.

O aconselhamento procurou trabalhar com o casal e a família, um caminho para se lidar com as diferenças. Percebeu-se na família aquilo que Anne Bernstein afirmou como sendo o assunto emocional mais espinhoso para os membros da família recasada, decidir quem eles serão uns para os outros, com a possibilidade de chegar a bom termo, sem negar as diferenças, de forma amigável, e, ao mesmo tempo encontrar tanto as soluções para as situações que se destacam para todos, como o próprio desafio a lealdade entre eles.

Da mesma forma, seguindo a perspectiva de Hare-Mustin⁴²⁵ que distinguiu entre dois caminhos errados em busca de se criar modelos terapêuticos para trabalhar com a família recasada: “preconceito de alfa”, que exagera

⁴²⁵ R.T. HARE-MUSTIN, *The problem of gender in family therapy theory*, p. 15-27.

diferenças entre grupos de pessoas e “preconceito beta”, que ignora diferenças, quando existentes. Procurou-se estabelecer um modelo que justamente nem enfatizasse as diferenças nem as ignorasse.

Percebeu-se, na família de Geraldo, que eles tentavam negar as diferenças inquestionáveis que havia entre eles. Assim, o aconselhamento, procurou interferir na perspectiva de Geraldo, por exemplo, que demonstrou ter o discurso imposto pela sociedade de que exige que o homem assuma o papel de liderança na família muitas vezes de forma impositiva. O que foi pior nesta situação foi a atitude de Geraldo em se ver como padrasto tentando impor esta liderança às vezes de maneira imediatista.

Outro aspecto importante, é que, de fato, nem Geraldo, nem os filhos sabiam quem eles eram uns para os outros. Se isso era difícil para Geraldo, não haveria como não ser também para os filhos que ficaram conturbados diante da situação nova dessa outra família. Assim, o aconselhamento, ao reconhecer que o relacionamento deles era muito complexo, visto que os próprios termos de parentesco oferecidos por nossa cultura têm conotações negativas (por exemplo: padrasto), procurou-se orientá-los, e trabalhar com eles, o fato de que a trajetória de um novo casamento é uma trajetória que implica um processo de grandes desafios a serem enfrentados, os quais são diferentes daqueles que a família nuclear “intacta” enfrenta.

Verificou-se a possibilidade de estarem tentando copiar a família nuclear “intacta”, pois nasceu um problema de competição entre Geraldo e Márcia, pelo fato de que o vínculo de Márcia com seus filhos antecedeu o vínculo conjugal deles. Geraldo queria impor sua perspectiva de criação de filhos somada ao fato do momento histórico existencial que estava passando. Possivelmente, sem perceber, culpando os meninos pelas suas frustrações, pela aceitação de discursos internos impostos pela sociedade de que um homem idoso que não conseguiu ter muitos bens, que não pode orgulhar-se das suas propriedades e do bom sustento que dá à sua família

é um homem fracassado. De fato, esse foi o discurso internalizado mais difícil para Geraldo, o qual não quis encarar, mas que era muito perceptível nos discursos. Por isso, como engenheiro, vivia na perspectiva da fantasia de ver seus projetos aprovados, podendo ganhar uma grande soma de dinheiro de um dia para o outro, e poder apresentar-se cheio de virilidade diante da sociedade.

Observou-se também, uma grande dificuldade de transição e integração diante da grande discrepância entre os ciclos de vida das pessoas da Família de Geraldo e Márcia. Geraldo e Márcia têm idades diferentes, ele é mais velho, mas não é o que complica muito o relacionamento. Márcia adotou os meninos com idade um pouco avançada, poderia ser avó deles. A diferença de idade de Márcia com seus filhos nunca foi um problema. Mas a diferença de idade de Geraldo e de seus enteados é enorme. Ele está com mais de setenta e os meninos entre 12 e 14 anos. Junte-se a isso, como já foi dito, as grandes perdas de Geraldo, muito próximas ao seu novo casamento, a perda da esposa tão amada, a perda de todos os seus bens materiais, perda de desejo de viver. Essa última recuperada no encontro com Márcia. Os meninos adolescentes, criados sem um homem dentro de casa, com a firmeza de Márcia que os mantinha bem na escola, em casa e na igreja, mas com suas lutas normais da adolescência. O relacionamento tornou-se mais complexo ainda, visto que diante de todas essas diferenças do ciclo da vida, somou-se a não compreensão de que a integração do relacionamento familiar, nesta situação, demandaria muita paciência e trabalho. O desejo de uma intimidade instantânea complicou ainda mais a situação, pois, a intimidade instantânea é impossível de ser adquirida. A respeito dessa intimidade Minuchin observa que:

A cultura ocidental postula a formação instantânea da família. Depois do ritual, legal ou não, os membros de uma família 'mista' se precipitam para constituir holons familiares. Todavia o tempo ainda não lhes deu legitimidade funcional.⁴²⁶

⁴²⁶ Salvador MINUCHIN, Fishmann CHARLES, *Técnicas de Terapia Familiar*. p. 64.

Houve um intervalo muito curto entre os casamentos, Geraldo casou-se com Márcia com menos de dois anos da perda de sua esposa. Verifica-se, ainda, outro fator complicador que é a falta de consciência da parte de Geraldo de como as dificuldades emocionais do recasamento atingem os filhos. Essa dificuldade por parte de Geraldo, somada às outras, veio a causar os grandes conflitos da família.

Conforme Martins⁴²⁷, é comum quando padrasto ou madrasta se envolve na educação dos enteados, surgir uma barreira à legitimidade dessa função.

3.7. Avaliação do aconselhamento

Como foi observado acima, conforme a perspectiva de Anne Bernstein⁴²⁸, na busca da recontextualização da vida da família recasada, deve-se privilegiar histórias que promovam relacionamentos, e convidem a família a criar soluções inclusivas para os seus membros, na construção de alianças e na redistribuição da divisão emocional do trabalho. Com esta perspectiva em mente, introduziu-se o ritual da Santa Ceia, juntamente com o ritual do lava-pés no acompanhamento da família de Geraldo e Márcia. Estes ritos permitiram um espaço especial na relação íntima com Deus, um ambiente de aceitação, de serviço cristão mútuo, de recomeço, de perdão e de renovação de alianças.

O ritual do lava-pés, foi inserido como um ritual de preparação, um ritual introdutório para a participação da celebração eucarística. O ritual foi de grande valor para esta família diante de seus problemas e dificuldade de definição de papéis, pois, o ritual convidou-nos a todos a uma atitude de

⁴²⁷ Angela MARTINS, *Recasamento com Filhos*. p.1.

⁴²⁸ Anne C. BERNSTEIN, *Reconstructing the Brothers Grimm: New Tales for Stepfamily Life*, op. cit., p. 415.

serviço e dedicação cristã a favor do outro. O fato de envolver-se com uma toalha, tomar a água e lavar os pés do irmão provocou processos de curas relacionais que vão além do momento do ritual. “A água é um símbolo santo da vida (...) mediada pelo amor do próximo, ela cura. A corrente da água pode ser comparada a uma oração”⁴²⁹.

O uso da água no ritual, demonstrou ser um símbolo terapêutico de caráter religioso com contribuições positivas de cura pela aproximação de imagens de purificação, de paz e de aproximação com o divino. Da mesma forma, a participação dos diferentes, na contribuição deste encontro com o sagrado foi muito significativa, pois, mesmo com as diferenças, perceberam-se as possibilidades de contribuir para que o outro recebesse da graça da purificação e pudesse experimentar o divino, como afirma o texto de bíblico de Ezequiel, “aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias (...) Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo (...).” Ez 36.25,26. O uso da água no ritual promoveu um ambiente de paz e segurança, para o cristão, a água em si, traz a imagem das águas de descanso encontrada no Sl 23. Este descanso é fruto da presença do sagrado.

O lava-pés é um evidente ritual de inversão de status, na forma definida por Victor Turner⁴³⁰, pois os que detêm posições mais altas, por um momento, são convidados a desempenhar um papel de humildade e de serviço. Assim, a cena paradigmática seria a de um prelado, vestido com luxo e símbolos de poder, assumindo o papel humilde de lavar os pés de pessoas pobres, socialmente inferiores. Esta cena manifesta o período histórico em que as altas posições da Igreja eram reservadas para os nascidos na nobreza.

⁴²⁹ E. DREWERMANN, apud. BOOTZ., op. cit., p. 99.

⁴³⁰ George de C. ZARUR, *Ritos de passagem e ritos de inversão de status*, op. cit., p. 14.

No caso de Geraldo, ele não lavou os pés dos filhos. Se o tivesse feito seria, talvez, muito positivo, mas o ritual tem valor nos aspectos voluntários e não na imposição. Mas, ao lavar os pés de Márcia, Geraldo demonstrou que estava disposto também a ceder, também a se oferecer para o serviço, para o trabalho de reconstrução familiar.

A inversão voluntária de status entre Deus e homem, ao longo do Novo Testamento e, especialmente, no instante da inversão das incomensuráveis relações de poder ocorrida durante a crucificação é um dos grandes paradoxos do Texto Sagrado e, como tal, a afirmação da própria divindade de Cristo. Mas é justamente neste paradoxo que percepções profundas do Cristianismo podem ser assimiladas. Cristo, o Senhor e Rei, lava os pés de seus servos.

Outro aspecto importante é que não é necessária a anulação de papéis. Na família recasada, por exemplo, os que assumem o papel de pai, ou amigo mais velho; mães ou amigas mais velhas no novo casamento, não precisam negar a autoridade que lhes é necessária, antes, pelo contrário, todos devem servir uns aos outros, sem negar quem eles de fato são. O ritual de lava-pés praticado na família, permitiu nesta inversão de status, a aproximação do outro, sem barreiras sociais ou culturais, provocando, possibilidades relacionais, que vão além do momento do ritual.

O ritual quebrou barreiras de separação, de orgulho, de superioridade e de competição, trazendo uma profunda perspectiva de solidariedade, tendo um profundo valor de cura para os relacionamentos. Todos serviram e foram servidos, não havendo grande nem pequeno, sendo irmãos, amigos e cúmplices na construção de relacionamento significativos e duradouros.

A água, neste sentido, foi usada como símbolo de purificação⁴³¹ e regeneração. O símbolo da água demonstrou possibilidades de recomeço e de compromisso, visto que no cristianismo, seja no batismo, seja no ritual do lava pés, a água traz idéias de purificação, de possibilidades de recomeço, de compromisso com o Cristo ressuscitado e com a igreja de Jesus na qual somos todos irmãos. A água graciosa e purificadora da parte Deus demonstrou seu poder de conceder ao ser humano, uma nova oportunidade de vida. Ao lavar os pés uns dos outros, buscando o bem para o outro, verificou-se uma grande aproximação relacional na família, a percepção por meio das expressões verbais e não verbais de que havia ali, a fé de que recomeçar é possível, e que um tempo todo novo pode ser experimentado naquela família. Pode-se dizer que houve uma regeneração, um novo começo na família, como observa Mircea Eliade vê a água como um dos símbolos mais importantes usados no cristianismo e afirma:

O contato com a água supõe sempre uma regeneração: de um lado, porque a dissolução é seguida de um 'novo nascimento'; de outro, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial de vida⁴³².

Por meio do ritual do lava-pés, por exemplo, somado ao fato de se ver separado do problema, foi possível encontrar maneiras diferentes de se pensar a família, encontrando possibilidades relacionais. Pois, no ritual do lava-pés, como foi observado, evocou-se a imagem do despir-se de tudo que separa os seres humanos, seja o orgulho e a soberba, sejam as mágoas, seja o coração endurecido para receber o outro, sejam as diferenças de posições, títulos etc. Nesse ritual, convoca-se para o serviço ao próximo. No lavar os pés do outro, com a água purificadora, a perspectiva de compromisso, de amor, de doação, de querer-se o bem estar do outro foi ressaltada e experimentada. Aquele que recebeu a ação simbólica, como a-

⁴³¹ Restringe-se o uso da água à perspectiva do homem. A lavagem ritual dos objetos interessa menos, do ponto de vista simbólico; cf. Lv 1,9-13; 6,21; 8,21; 16,4; Nm 8,7,21; Ez 40, 38; Mc 7,4.

⁴³² Mircea, ELIADE, op., cit., p. 236.

quele que a oferece, são irmãos, os quais podem se adotar em amor e podem encontrar uma nova história de vida. Novas maneiras de se pensar a família, um local de amor, de serviço, de encontro, de doação, de despir-se de barreiras que separam os seres humanos.

O ritual provocou o repensar da família construindo um espaço onde há possibilidades de recontar uma nova história, onde pessoas servem umas às outras, onde haja um espírito de despir-se de uma roupagem de senhorio e o revestimento de uma roupagem de servo, para o serviço de amor a favor do outro.

Portanto, por meio dos ritos e símbolos cristãos se tornou mais fácil mudar o foco, criando-se novas oportunidades de ver a vida de forma diferente. Ao mudar se o foco, não vendo o outro como inimigo, mas como um irmão a ser servido, amado, e edificado pelo amor, foi possível encontrar novas maneiras de ver a vida.

Já o rito da Santa Ceia, demonstrou envolver vários princípios teológicos da tradição cristã. Assim, no ritual da Santa Ceia, livres de culpas e condenações, as pessoas foram provocadas a adotarem umas às outras, por meio do perdão e da aceitação dos diferentes. Experimentou-se ali o fato de que todos os muros foram quebrados por Cristo. O sentimento de adoção foi provocado pelo celebrante no processo do ritual, de uma maneira especial nesta família, que na comunhão da Santa Ceia, ao trocarmos os cálices e trocarmos palavras de bênçãos uns aos outros. Podia se perceber que experimentavam o sentimento de adoção, ainda que a palavra adoção não tenha sido mencionada. Visto que todos que se aproximam da mesa, são adotados na família de Deus, somos filhos e irmãos. Havia uma mensagem de profunda aceitação. Não houve resistência por parte de qualquer um dos membros da família, esse era realmente o sentimento, adoção numa só família, a família de Deus.

Na a aproximação de uns aos outros, por meio do ritual da Santa Ceia, observou-se que o ritual facilitou mudanças favoráveis no processo de ver o outro no relacionamento familiar, como membros de uma só família, somos irmãos. Não era apenas o meu “padrasto”, “madrasta”, “enteado” que estavam ali. Quem estava ali era o amigo, o irmão em Cristo, aproximados pelo sangue da purificação.

Seguindo o desenvolvimento cognitivo ensinado por Piaget, Anne Bernstein⁴³³ sugere que mudanças podem ser mais bem ajustadas, ao procurar imagens que estão próximas o suficiente das estruturas existentes dos clientes a serem assimiladas, requerendo somente modestas acomodações.

Diante da mesa do Senhor, encontrou-se, como propõe Bernstein, uma multiplicidade de possibilidades simbólicas que se tornam metáforas que possibilitam novas perspectivas para a família recasada. Além do que já foi falado, verificou se a beleza da admissão do outro como meu irmão e ao mesmo tempo diferente de mim, pois na Santa Ceia, todos foram acolhidos com suas diferenças. Ali, Geraldo não deixou de ser um homem mais velho que chegou na família, mas é ao mesmo tempo, irmão em Cristo na família de Deus. O princípio da adoção, observado na comunhão da Santa Ceia, indicou também que as diferenças não precisam ser ressaltadas, pois todos se tornaram membros de uma mesma família.

Por último, ressaltou-se o valor simbólico da aliança incluído por Cristo no contexto da Santa Ceia, “este cálice é a nova aliança no meu sangue.” Quando o conselheiro provocou a troca de palavras de bênção de uns para com os outros, foi um momento sublime de expressões profundas de aliança, de compromisso com o outro, de expressões verbais sinceras revelando desejos de ver a família se fortalecendo na presença de Deus.

⁴³³ Anne C. BERNSTEIN, op., cit., p. 416.

Nem todos os objetivos foram alcançados, alguns foram mudados como no caso da busca do fortalecimento de Márcia diante da resistência de Geraldo ao aconselhamento. Esta mudança, no entanto, demonstrou seu valor, pois com o fortalecimento de Márcia, fortaleceu-se, indiretamente, a família.

O ritual não resolveu todos os problemas, mas, concedeu à família perceber novas formas de lidar com seus problemas. Alguns resultados imediatos puderam ser percebidos para a aproximação da família, e a perspectiva de novas maneiras de se ver a família. A experiência tem demonstrado, entretanto, que as conseqüências positivas do ritual não são medidas pelo resultado imediato, mas em longo prazo. Como observou Friedman,⁴³⁴ pode levar um período, por volta de seis meses, para a elaboração de tudo que pôde ser experimentado no ritual.

A participação da família na comunidade, e da comunidade na vida deles, foi de grande importância para o processo do aconselhamento. Isso porque em termos da comunidade, Geraldo era visto como um homem realizado, que pôde encontrar uma esposa maravilhosa na sua viúves. Como ele mesmo disse, concediam a ele que exercesse o ministério e esta realização contribuiu de forma significativa na vida de Geraldo, num momento em que na área profissional estava frustrado. Da mesma forma, o fato de toda a família estar envolvida na comunidade, e exercendo um papel relevante, contribuiu de forma significativa para que o método narrativo fosse facilitado. Outrossim, essa convivência comunitária contribuiu também para que o ritual tivesse profundo efeito, visto que eles estão inseridos na comunidade da fé, onde ritos e símbolos cristãos têm significado e valor. Assim, eles puderam com certa facilidade narrar suas histórias, e participar dos rituais, abertos para experimentarem o poder advindo do encontro com o sagrado por meio de ritos e símbolos.

⁴³⁴ Edwin H. FRIEDMAN, op. cit., p. 167.

3.8. Conclusão

Márcia e Geraldo estão quase na mesma fase do Ciclo da vida, o que tem a vantagem de trazer à nova família as mesmas tarefas de ciclo de vida e a mesma experiência prévia geral. Como Carter e McGoldrick observaram, suas maiores dificuldades estarão relacionadas a alguma fase da criação dos filhos. O que diferencia, e muito, é que Márcia não foi casada, seus filhos são adotivos, como dito acima, criados por ela desde a infância. Geraldo já é avô, poderia, na verdade, ser avô dos filhos de Márcia.

A despeito de ter chegado na vida de Márcia, vários anos depois que chegaram os filhos, eles tinham uma expectativa positiva da vinda de Geraldo para a família. A despeito da idade dos filhos de Márcia, eles são adolescentes que demonstram uma abertura para aprender os novos papéis a eles impostos pelo novo momento de vida. Márcia sempre falou com eles sobre seu desejo de se casar e, quando apareceu Geraldo, ela os preparou mais ainda para o relacionamento familiar nesta nova fase.

Os discursos de Geraldo demonstraram que era muito difícil para ele aceitar suas limitações, suas frustrações, sua impotência para resolver os problemas como ele achava que deveriam ser resolvidos, e viver bem com tudo isso. Mas, certamente, era o de que mais precisava. Geraldo era um homem que sempre teve o controle de tudo, não podia admitir o fato de agora não ter o controle do seu próprio sustento. Possivelmente, no seu íntimo, Geraldo pensasse erroneamente, que os meninos não lhe submetiam mais, por não ser ele o verdadeiro dono da casa, nem quem a sustentava e, assim, talvez, culpando os meninos pela sua frustração existencial.

Verificou-se que, de fato, um dos assuntos emocionais mais difíceis para os membros da família recasada é decidir quem eles serão uns para os ou-

tros⁴³⁵. Não sendo fácil chegar a um bom termo, sem negar as diferenças de forma amigável, e, ao mesmo tempo, encontrar tanto as soluções para as situações problemas que envolvem a todos, como o próprio desafio à lealdade entre eles.

Os papéis de pais recasados são reconhecidamente ambíguos e muito dependentes da idade dos filhos. Bray⁴³⁶ percebeu que a monitoração paterna preocupando-se em saber onde estão e, o que as crianças estão fazendo, apoiando as regras fixadas pelos pais, como qualquer outra pessoa, proporciona melhores resultados que qualquer outro estilo de pais recasados, especialmente nos primeiros anos e com os filhos mais velhos. Isto requer uma mensagem clara dos pais para os filhos. No caso da ausência do pai isso poderia ficar com a mãe.

Carter e McGoldrick⁴³⁷ observam que as famílias recasadas que possuem adolescentes enfrentam complicações adicionais que podem elevar o nível de estresse a um ponto não manejável. Destacam-se algumas questões comuns nesta fase para as famílias recasadas que são:

1. Conflito entre a necessidade de união da família recasada e a concentração normal dos adolescentes na separação. Os adolescentes freqüentemente se ressentem de mudanças maiores em seus padrões familiares habituais, e resistem a aprender novos papéis na nova constelação familiar, neste momento, quanto estão preocupados em afastar-se da família.
2. Dificuldade para o/a padrasto/a em disciplinar um adolescente.
3. Os adolescentes tentam resolver suas lealdades divididas tomando algum partido (...) ou jogando um contra o outro.⁴³⁸

Uma das situações mais comum no recasamento é a mulher, o segundo marido e os filhos da mulher. O novo cônjuge é visto tanto como um salvador quanto como um intruso. Deve ajudar a esposa na tarefa de criar os filhos,

⁴³⁵ Anne BERNSTEIN, op. cit., p. 428.

⁴³⁶ J. H. BRAY, *Family relationships and children's adjustment in clinical and nonclinical stepfather families*, p. 60-68.

⁴³⁷ Monica MCGOLDRICK, Betty CARTER, op. cit., p. 355.

⁴³⁸ ID., *ibid.*, p. 355.

mas talvez não o deixem entrar no sistema, o qual tem uma longa história antes do aparecimento dele.

Pesquisando a crise do homem, Streck observou que:

Ao perder o seu lugar exclusivo na competição dos gêneros, ainda que aparecendo como sexo dominante em algumas culturas no mundo, em boa parte dos países industrializados eles entraram na defensiva. No Brasil, grande parte dos homens tem que contar com o trabalho da sua esposa para manter a família. Assim, frente a essa situação, os homens estão desorientados e inseguros.(...)Na televisão brasileira, o papel do macho que manda fica reservado a homens mais velhos, tipo coronel ou empresário rico, que são respeitados por todo mundo. Ainda pode ser observado o homem conquistador e infiel, o homem certinho e atrapalhado, os honestos aparecem mais como perdedores, enquanto os malandros geralmente se saem bem. (...) O novo homem sente o estresse de manter a imagem do macho poderoso e invencível e sente-se no direito de mostrar as suas emoções, cultivar a sua sensibilidade e sensualidade e cuidar da sua aparência pessoal.⁴³⁹

No caso de Geraldo, deve-se juntar a tudo isso o fato dele ser um homem de terceira idade que não realizou todos os projetos profissionais, que recebe uma pequena aposentadoria, que tem que aceitar morar na casa da nova mulher, ver a casa sendo sustentada por ela, e ter que lidar com filhos que poderiam ser seus netos, que estão profundamente confusos com seus papéis e com a nova realidade familiar: não sabem a quem obedecer e têm dificuldade de definir o que este homem significa para eles. Isso complica como observa Streck, porque, para o homem:

Faz parte do seu papel a obrigação de controlar-se e lutar pelo poder. O seu valor define-se a partir do sucesso profissional e na cama. O jeito de conquista determina o seu comportamento sexual. Uma das suas maiores preocupações é não ser considerado impotente e fraco. A felicidade de sua família é para ele um indicador de sua virilidade.⁴⁴⁰

⁴³⁹ Valburga Schmiedt STRECK, *Imagens da família*, op. cit., p. 33, 34.

⁴⁴⁰ ID., *ibid.*, p. 35.

Márcia, a esposa, diante desse quadro, vê-se também em crise, pois possivelmente esperava encontrar um homem que representasse um pouco da figura de seu pai que a protegia e lhe dava segurança, tendo agora que enfrentar um homem em crise, inseguro, talvez desempregado, frustrado, e cobrando de seus filhos que se lhe sujeitem como a um “coronel”.

Um outro aspecto importante, foi a postura de buscar por Geraldo, quando ele desistiu do aconselhamento, e, quando eu mesmo temporariamente desisti de Geraldo. Pensei até em buscar outra família para o acompanhamento e para a pesquisa. Mas os orientadores disseram-me que eu não precisava desistir do caso, que era, inclusive, possível apresentar um caso no qual o aconselhamento “falhou”. O professor Lothar Carlos Hoch falou-me, por outro lado, da possibilidade de procurar Geraldo, já que o pastor é visto como “portador da graça de Deus” e tem autoridade para procurar os aconselhados. Diante dessas colocações, também confirmadas por Friedman⁴⁴¹, por exemplo, decidi insistir no acompanhamento de Geraldo a partir de novos contatos. Ele reagiu positivamente e superamos parcialmente sua resistência e pudemos realizar o ritual da Santa Ceia em sua casa. Mesmo que não tenha sido um processo de acompanhamento completo, a conscientização do pastor sobre a importância de sua atuação possibilitou uma intervenção terapêutica na família.

Constatou-se, assim, a importância dos conselheiros pastorais de assumirem o privilégio que têm de ir ao encontro de suas ovelhas, pessoas às quais está aconselhando. Aos pastores, tal privilégio é assegurado pela natureza poimênica do seu papel, pelo reconhecimento da sua ordenação para isso, pela autoridade espiritual reconhecida pelo povo de Deus e pelo fato de reconhecerem ser o pastor um portador da graça de Deus. Esse é um privilégio, como também um dever, ao qual o pastor ou pastora precisa estar atento.

⁴⁴¹ CF., p. 67.

Destaca-se, a importância de fortalecer o casal, nas famílias recasadas, para enfrentar os problemas de adaptação na nova família. Fortalecem-se os casais, à medida que são ensinados a conviver com a nova experiência de vida⁴⁴². Esta proposta encontra apoio também em Carter e McGoldrick⁴⁴³, que orientam aos conselheiros a ensinarem aos casais a que suportem o fato de que a intimidade familiar na família recasada demora um tempo maior para ser criada e experimentada do que na família “intacta”. Da mesma forma, este ensinar não é uma imposição, mas uma conversa com o casal, por meio do método narrativo, a fim de que novas perspectivas da família sejam assimiladas. Visto que, na perspectiva narrativa os *experts* nos seus problemas, são os próprios membros da família, observou-se o resultado positivo de apenas, como conselheiro, ajudar os membros da família contarem e recontarem suas histórias, ajudando-os a se separarem dos seus problemas, os quais puderam se ver separados dos problemas e assim alcançar um novo início, pelo menos o contar de uma nova história da família.

Geraldo e Márcia estão indo bem, a despeito de alguns desencontros. Estão juntos, freqüentando e trabalhando na igreja. Os meninos também estão bastante envolvidos na vida da igreja. Márcia assumiu o caminho que sentiu no coração ser o apontando por Deus, o caminho do fortalecimento e, como uma mulher forte, vem cuidando de sua família. Geraldo, com o apoio de Márcia, tem enfrentado melhor seus problemas. Márcia disse que vai me procurar quando “a barra estiver muito pesada”.

⁴⁴² A importância de ensinar os casais, buscando fortalecê-los para a experiência da família recasada, é destacada por José Ovídio WALDEMAR, *Divórcio e recasamento, enfrentando o desconhecido*, op. cit., p. 183.

⁴⁴³ Monica MACGOLDRICK, Bete CARTER, *Constituindo uma família recasada*, op., cit., p. 367.

CONCLUSÃO

Este estudo teve em vista cinco objetivos: primeiro, analisar, na perspectiva do aconselhamento pastoral, o uso dos ritos e símbolos cristãos integrados à Terapia Narrativa; segundo, verificar a influência dos relacionamentos passados na vida da família recasada; terceiro, refletir novo modelo de aconselhamento pastoral; quarto, verificar a influência da imagem do/a pastor/a no aconselhamento pastoral sobre a família recasada; quinto, contribuir com a sociedade acadêmica por meio de proposta de nova metodologia de trabalho pastoral, no acompanhamento das novas formas de ser família.

Ao se concluir esse trabalho percebe-se vários resultados positivos, bem como algumas limitações. Isso, certamente, dá origem a novas perguntas e, conseqüentemente, inspirará futuras pesquisas.

A integração entre Terapia Narrativa e os ritos e símbolos cristãos, demonstrou seu valor, ao sustentar que o aconselhamento pastoral não consegue realizar satisfatoriamente a tarefa do acompanhamento da família recasada contando apenas com os recursos espirituais. Tal tarefa, carece da contribuição de outras ciências na busca de um acompanhamento holístico de seus aconselhados. Terapeutas que assumem o modelo narrativo, por exemplo, têm estudado amplamente a família recasada, trazendo contribuições indispensáveis para o trabalho a ser realizado com os membros dessa família. Mas, é perceptível também, que as linhas de terapia familiar não consideram o aspecto espiritual das pessoas, perdendo muito no processo terapêutico. Há um espaço para a contribuição indispensável dos ritos e símbolos cristãos. Portanto, o tratamento que considera o aspecto

holístico do ser humano tem uma proposta mais consistente na busca da cura das pessoas. Famílias cristãs esperam que o conselheiro não se limite aos recursos da psicologia, o que poderia ser encontrado fora da igreja. Por isso, a integração desses dois universos demonstrou ser de grande vantagem para o acompanhamento pastoral da família recasada.

Constatou-se que não se deve considerar a família recasada como a família nuclear intacta. As dinâmicas das famílias recasadas são bem diferentes e, por isso, a superposição dos mapas das famílias nucleares, neste novo contexto familiar, deve ser evitada. Tal diferença confirma a necessidade de uma nova metodologia para o acompanhamento desse modelo de ser família.

Na interação dos ritos e símbolos cristãos com a Terapia Narrativa procurou-se ouvir as narrativas por parte das famílias, permitindo-se o contar e o recontar das histórias, com o objetivo de se descobrir suas histórias passadas e suas implicações para a atual realidade que estão vivendo. Muitas histórias eram negativas, e muitas vezes cheias de ressentimentos. As histórias negativas transformaram-se em barreiras para o crescimento e desenvolvimento de um relacionamento construtivo na vida das famílias. Por causa dessas histórias, muitas vezes as pessoas demonstraram estar presas aos problemas, as quais, se viam como sendo o próprio problema. Essa condição as incapacitava de perceber uma nova perspectiva de suas vidas.

Ritos e símbolos cristãos foram trazidos para a prática do aconselhamento pastoral, e integrados aos métodos narrativos, com o propósito de ajudar na busca da desconstrução das histórias negativas e, ao mesmo tempo, ajudar na construção de novas histórias para as famílias.

A conversação externalizada ajudou a evitar declarações patologizadoras, as quais, inadvertidamente, tendem a encorajar, as pessoas em conflito, a

se acusarem e se sentirem culpadas. Da mesma forma, esse tipo de conversação promoveu a capacidade das pessoas para agir em relação aos efeitos dos problemas e, também, em relação ao contexto interpessoal, que sustentava o problema. Confirmou-se que as pessoas se deixaram dominar pelos problemas, por terem um discurso interno negativo e derrotista. Os discursos negativos em relação à família recasada são impostos pela cultura dominante, e persistem principalmente em alguns contextos, atingindo pessoas que mais facilmente são afetadas por processos negativos e de culpabilidade. Discursos tais como: “a família recasada não é um modelo ideal de família”; “o fracasso no relacionamento é quase certo”; “padrastos e madrastas não são bons para os enteados”; “enteados são rebeldes”; “recasamento é um estado de derrota para um cristão.” etc. Observou-se por meio dos estudos de caso que esses discursos negativos, de fato ainda permanecem vivos e afetando pessoas.

Por meio dos ritos e símbolos verificou-se uma profunda aproximação dos membros da família com o sagrado, possibilitando um espaço de aceitação e segurança. Assim, foi possível fortalecer as famílias, para que, num ambiente de aceitação e segurança, promovido pelos ritos e símbolos, pudessem expor seus problemas de forma mais livre e mais profunda. Da mesma forma, tudo isso possibilitou à família narrar sua história, em busca da soltura das amarras dos problemas que as paralisavam e as impediam de progredir no processo de seu crescimento.

Ritos e símbolos cristãos demonstraram ser instrumentos valorosos na busca de cura de ressentimentos, amarguras, medos, culpas, depressão, ansiedades e outros. Livre dessas amarras tornou-se possível para a família recasada, por meio das técnicas narrativas, buscar pelas exceções, e trabalhar em conjunto em busca de se obter uma nova história para as vidas de seus integrantes.

Ao ouvir a história da família, o conselheiro de fato não ficou neutro no processo. A interação desses dois universos demonstrou-se significativa para que o conselheiro não fosse o agente de transformação, mas, para que trabalhasse juntamente com a família em busca do crescimento necessário. Portanto, o conselheiro cooperou de forma positiva com as famílias para que elas mesmas pudessem contar suas histórias e experimentar os ritos e símbolos cristãos.

Por meio do método proposto, tornou-se possível, também, aos membros das famílias recasadas, enfrentarem um dos assuntos emocionais mais espinhosos para eles, qual seja, decidir quem eles são uns para os outros. Nessa busca, a experiência com os ritos e símbolos cristãos na interação com a Terapia Narrativa contribuiu na construção de histórias que promovessem relacionamentos. Ao invés de sugerir substituições particulares das histórias-problemas, explorou-se diferentes maneiras de pensar a família. Assim, a família foi convidada a buscar possibilidades relacionais, criando soluções inclusivas para os seus membros.

Voltando a observar de perto os estudos de caso com as famílias, algumas conclusões são destacadas.

Quanto ao caso de Marcelo e Fátima, primeiramente ouviu-se pastoralmente suas narrativas e verificaram-se as histórias de fracassos, bem como a externalização dos discursos internos, tais como: medo de errar novamente, culpa pela destruição do casamento, autopunição, autocondenação e, ainda, verificaram-se as agressões na presente família e pensamentos de desistência. A experiência com o ritual do luto foi então proposta e demonstrou-se como significativa na ajuda às pessoas que perderam suas famílias pelo divórcio. Pessoas que perderam suas famílias pelo divórcio, como no caso de Marcelo e Fátima, demonstraram necessidade de ajuda para processar suas perdas. Como pôde ser observado, as pessoas perdem muito num processo de divórcio: a perda da família, a perda do

outro, a perda de aspectos importantes na própria sociedade e, circunstancialmente para alguns, a perda de endereço, enquanto para outros, a perda da própria auto-estima. Tornou-se crucial para as crianças, a perda de um dos pais, e para alguns, pode se destacar, ainda, a perda do próprio sustento. Muitas vezes restaram apenas os ressentimentos, os discursos internos negativos, a ausência, a depressão e, às vezes, a terrível solidão.

A formação de uma nova família, sem se tratar de assuntos importantes do passado, afetava diretamente o novo relacionamento, o que transparecia nos discursos de Marcelo e Fátima, tais como: morte da família, despedida daquele que se foi, dores não tratadas, lágrimas contidas, sentimentos de culpa, medo e fracasso, desejo de perdão e da presença de Deus.

Na experiência com o ritual do luto buscou-se a esperança da continuação da vida. Livres das amarras do passado as pessoas puderam ser envolvidos no amor de Deus. A partir das contribuições de Lothar Carlos Hoch e Esly Regina Carvalho, buscou-se ajudar ao casal incentivando-o a que derramasse as lágrimas contidas e guardadas no tempo, após a separação, e as lágrimas acumuladas, no tempo da tentativa de construção da nova família. Assim, num ambiente profundamente acolhedor, promovido pelo ritual e os símbolos envolvidos, as lágrimas puderam ser extravasadas sem medo, sem julgamentos e sem barreiras. Ajudando-os a completarem o processo de luto, a dor foi respeitada, acolhida e depositada aos pés do Senhor.

Ficou assim demonstrado que, por meio desse ritual, sentimentos de medo de errar novamente, e os sentimentos de derrota, como expostos por Marcelo e Fátima, puderam ser tratados e elaborados. A partir daí, as pessoas experimentaram uma nova chance de enfrentar a vida de cabeça erguida. Da mesma forma, demonstrou-se ser necessário, no contexto do ritual do luto, nos casos como o de Marcelo, a confissão de erros cometidos no relacionamento passado, tais como agressões físicas, agressões morais e

verbais, bem como humilhações no ceio da família e no espaço público (essa confissão só deve ocorrer quando de fato erros forem percebidos). Erros podem ser assumidos e confessados, sem autopunição ou moralismos religiosos, num ambiente amoroso e acolhedor, promovido pelo ritual. Essa confissão, além de possibilitar o extravasamento de sentimentos negativos contidos no profundo do ser, ajuda as pessoas a ficarem livres para receber a declaração do perdão e da graça de Deus, o qual a todos perdoaricamente e recebe no seu ceio de amor.

Após esse tempo de confissão, foi importante ministrar a oração com imposição de mãos, juntamente com a declaração amorosa do perdão de Deus. A recitação de textos bíblicos que, afirmam o perdão e o profundo amor de Deus, demonstrou-se ser muito positiva. A partir do caso de Marcelo e Fátima, no qual se experimentou o ritual do luto com essa perspectiva, constatou-se que, ao sentirem-se perdoadas e envolvidas pela graça de Deus, as pessoas ficaram mais livres para perdoar, pois demonstraram reconhecer que o outro igualmente pode ser perdoado e também deixado livre.

Assim, foram promovidas, como conseqüências positivas, as possibilidades propícias para que uma nova história de vida pudesse ser contada, quando se perceberam num novo contexto de vida, livres das amarras, dos ressentimentos, dos sentimentos de culpa e do medo.

Outra significativa contribuição para esse processo foi o ato de levar as pessoas a terem gratidão a Deus pelo relacionamento passado, incluindo as feridas abertas pelo desencontro e pela separação. Tanto Marcelo como Fátima, foram convidados a expressarem essa gratidão a Deus, e puderam experimentar libertação e crescimento, ao abandonarem sentimentos de rancor. As feridas tratadas, indicaram transformação e marcas de uma passagem para o crescimento humano e espiritual de cada um. Da mesma forma, as pessoas foram levadas a agradecer pela oportunidade de um no-

vo começo de vida. Constatou-se que, a gratidão também cura, e liberta de ressentimentos e pesares, não se percebendo as dificuldades encontradas na vida apenas como aspectos negativos, mas, também, como oportunidades dadas por Deus para o crescimento humano e espiritual.

Trabalhando com a família de Geraldo, observou-se que era uma complexa família recasada e, demonstrou-se importante, considerar o processo pelo qual o pensamento dos membros da família a afetava como uma comunidade. Geraldo, por exemplo, como tantos outros, trazia a angústia do homem, não se sentindo aceito como um padrasto por parte de seus enteados. Soma-se a isso os outros aspectos observados que afetavam sua mente, tais como sua idade, aposentadoria irrisória, desemprego. Geraldo, demonstrava que esses aspectos traziam-lhe profunda frustração e crise existencial. Essa crise, percebia-se, crescia diante dos discursos internos, incutidos a partir do contexto social, segundo o qual o homem de sucesso na idade de Geraldo é aquele que pôde ajuntar riquezas, construir um nome na sociedade e jamais ter que depender de uma esposa mais jovem.

A partir desse quadro, buscou-se como objetivo, não estabelecer a família como uma comunidade impondo-lhe uma alternativa específica com regras de relacionamento pré-determinadas. Buscou-se, outrossim, por meio da interação proposta, deixar transparente as suas posições, tornando possível encontrar novas possibilidades relacionais.

Constatou-se que um dos assuntos emocionais mais difíceis para os membros da família recasada é decidir quem eles serão uns para os outros. Os papéis de pais recasados são reconhecidamente ambíguos e muito dependentes da idade dos filhos. Assim, verificou-se que, de fato, a monitoração paterna (por parte do/a padrasto/madrasta) preocupando-se em saber onde as crianças estavam e o que faziam, quando apóia as regras fixadas pelos pais, proporciona melhores resultados que qualquer outro estilo de pais recasados. Isso é verificado especialmente nos primeiros anos e com

os filhos mais velhos. Da mesma forma, constatou-se que, para contribuir com os/as padrastos/madrastas, re-quer-se uma mensagem clara desses para os filhos.

Verificou-se também, no que diz respeito aos conflitos de papéis nas famílias recasadas, que famílias como a de Geraldo e Márcia, possuindo adolescentes, enfrentam complicações adicionais, elevando o nível de estresse entre os seus membros. Para enfrentar essa situação, demonstrou-se como muito positiva a perspectiva de que não se deve negar as diferenças entre os membros das famílias recasadas, bem como também não se deve reforçá-las (enfrentando o preconceito alfa e o preconceito beta).

Verificou-se, ainda, que uma das situações mais comuns no recasamento, é a condição de tensão relacional e funcional, que vivem a mulher, o segundo marido e os filhos da mulher. Nesse tipo de família, o novo cônjuge é visto tanto como um salvador quanto como um intruso. O marido deve ajudar a esposa na tarefa de criar os filhos, mas talvez não o deixem entrar no sistema, o qual tem uma longa história antes do aparecimento dele.

Assim, seguindo a proposta de Anne Bernstein, constatou-se que, no caso da família recasada, mudanças podem ser mais bem ajustadas quando se procura imagens a serem assimiladas de acordo com as que estão próximas, o suficiente das estruturas existentes dos aconselhados, para as quais, re-quer-se somente modestas acomodações. Assim, trazer o tema da adoção, encontrado no contexto do ritual da Santa Ceia, o qual no ambiente cristão, é altamente simbólico, contribuiu para que a família de Geraldo e Márcia pudesse se aproximar de forma mais construtiva, em busca de contar uma nova história de suas vidas.

Na ação de adoção, encontrada no ritual da Santa Ceia, é possível admitir diferenças, pois, todos podem ser recebidos na família de Deus independentemente de sexo, idade, e papel que desenvolve na família. Por outro

lado, o princípio da adoção indica que as diferenças não devem ser ressaltadas, pois todos se tornaram membros de uma mesma família. No uso deste tema simbólico é possível acessar tanto as similaridades como as diferenças e estar atento aos excessos, tanto do preconceito alfa, como do preconceito beta.

Na experiência do ritual da Santa Ceia, por meio da adoção, observou-se que os membros das famílias recasadas se aproximaram uns dos outros sem obrigarem-se a negar diferenças, ao mesmo tempo em que não precisaram dar ênfase às diferenças. Na Santa Ceia, experimentou-se um ambiente sagrado, no qual todos se perceberam como parte da mesma família, a família de Deus.

Por meio da adoção, esse tema teológico, com sua simbologia tão rica, possibilitou-se a afirmação da inclusão de todos os membros da família. A própria família foi vista como parte da grande família de Deus. Assim, confirmou-se a noção da família como um ambiente de adoção, de amor e de possibilidade de se experimentar o sagrado. Diante da dificuldade inicial de se perceber e trabalhar os papéis na família recasada, a iniciativa de compartilhar o tema da adoção possibilitou uma profunda aproximação das pessoas.

Na Santa Ceia, enfatizou-se, portanto, a comunhão e a aproximação. As diferenças, como não foram negadas nem reforçadas, foram encaradas como normais. Na família de Deus "...não pode haver judeu nem grego, nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" Gl 3.28. Todos partilham do mesmo pão e do mesmo cálice. O ritual contribuiu para que a família de Geraldo pudesse experimentar uma nova perspectiva de suas vidas. Como família de Deus, os enteados puderam se aproximar de Geraldo não como um velho intrometido que estava atrapalhando suas vidas, mas como um ir-mão mais velho, que poderia ser aceito e respeitado com as suas diferenças peculiares. Da mesma

maneira, Geraldo, demonstrou vislumbrar uma nova possibilidade, qual seja a de ver os seus enteados como filhos amados de Deus que estão na mesma família da fé, os quais merecem ser vistos como filhos e, receber do amor e da compreensão dos mais velhos.

Da mesma forma, na Santa Ceia, os membros da família sabem que, ao terem sido aceitos por adoção na família de Deus, não o foram por méritos próprios, como bem afirma a fé protestante, mas pela graça imerecida de Deus. Essa concepção da fé cristã, demonstrou-se de grande valor. Ao redor da mesa (Santa Ceia), foi possível para os membros da família recasada, perceberem que o outro também faz parte da mesma família, tendo sido igualmente recebido na família de Deus. Cada um foi adotado na família por meio da mesma graça e com o mesmo amor.

Verificou-se também, que o ritual do lava-pés apresentado como um ritual de preparação, inserido no próprio ritual da Santa Ceia, como aconteceu na primeira Santa Ceia (celebrada por Cristo), ajudou muito aos membros da família recasada a se verem separados dos seus problemas. Essa parte do ritual possibilitou maneiras diferentes de se pensar a família, encontrando-se novas possibilidades relacionais. No ritual do lava-pés, como parte do grande ritual da Santa Ceia, foi observado que, evoca-se a imagem do despir-se de tudo que separa os seres humanos: orgulho, soberba, mágoas, o coração endurecido para receber o outro, diferenças de posições. Assim, a família, por meio desse ritual, pôde ser percebida como um local de amor, de serviço, de encontro e de doação. O ritual contribuiu de forma significativa para o despir-se de barreiras que separam os seres humanos, permitindo uma nova visão dos papéis dos membros da família recasada. Nesse ritual de inversão de status, não foi necessária a anulação dos papéis, todos na família, serviram uns aos outros, na busca do crescimento do outro com suas próprias peculiaridades. Isso não afasta as reais possibilidades de haverem desencontros na família recasada, mas, possibilita a oportunidade para sempre recomeçar. Demonstrou-se, que, é possí-

vel se despir novamente e “lavar os pés uns dos outros”. No caso da família de Geraldo e Márcia, após o ritual, continuaram “despindo-se, e lavando os pés uns dos outros.” Como foi observado alhures, o ritual não afeta a família apenas no momento da experiência, mas sim, tanto antes, no tempo da preparação, como em meses após a experiência.

Constatou-se que o uso da água no ritual, demonstrou ser um instrumento terapêutico de caráter religioso com contribuições indispensáveis de curas interiores e relacionais, no contexto do acompanhamento da família recasada. Isso foi percebido, pela riqueza simbólica encontrada na água, ao trazer, em si mesma, as imagens de purificação, de paz e da presença do divino. Da mesma forma, foi muito significativa, a participação dos diferentes no ritual, os quais estavam contribuindo de forma significativa com a experiência pessoal do outro, neste encontro com o sagrado. Assim, mesmo com as diferenças, perceberam-se as possibilidades de se contribuir para que o outro receba da graça da purificação, e experimente a relação com o divino. Assim, verificou-se, neste ritual, um meio muito positivo, de aproximação dos diferentes.

O uso da água também contribuiu para que houvesse um ambiente de paz, confirmando a imagem das águas de descanso encontrada no Sl 23. Essa paz, esse “descanso”, contribuiu de forma muito positiva para que os membros da família de Geraldo e Márcia se desarmassem e se abrissem para usufruir a presença do sagrado, podendo ter um encontro com Deus, consigo mesmo e com o próximo.

A prática pastoral, no exercício dessa pesquisa, demonstrou que as famílias cristãs manifestam intensa disposição para o acompanhamento pastoral no uso dos ritos e símbolos em interação com a Terapia Narrativa. Famílias cristãs estão abertas para contarem e recontarem suas histórias, e aceitam, com certa facilidade, o papel do pastor ao fazer perguntas aguçadas no enfrentamento dos problemas. Além disso as famílias cristãs estão

predispostas a experimentar o sagrado, em busca de se verem separadas de seus problemas, podendo experimentar com maior facilidade a libertação do medo que as aprisiona e subjuga. Essa pesquisa constatou, portanto, que o uso de ritos e símbolos, associados à Terapia Narrativa, demonstrou ser um método terapêutico valioso para o acompanhamento da família recasada.

No que diz respeito às experiências dos relacionamentos passados e seu impacto no relacionamento presente, a pesquisa apenas constatou aquilo que já vem sendo afirmado por vários terapeutas: experiências dos relacionamentos passados, principalmente no contexto da separação, precisam ser levadas em conta e tratadas, a fim de que possa haver um progresso no aconselhamento da família recasada.

Algumas pessoas trazem para as novas famílias fortes sentimentos de fracasso, frustração, raiva e desejo de vingança, bem como sentimentos de culpa, medo de errar de novo e de depressão. Muitas vezes, os filhos ainda não superaram os problemas advindos da separação dos pais, e já têm que trabalhar as novas relações familiares do recasamento de um dos pais. Isso se torna um grande desafio, não raras vezes, além de suas possibilidades emocionais, requerendo ajuda externa.

Outro aspecto importante verificado, foi perceber que, para o acompanhamento de uma pessoa que vem para uma situação de recasamento, após a morte do cônjuge, dever-se-ia levar em conta o processo de luto não terminado, ou mal elaborado, bem como, a dificuldade em aceitar que os estágios do ciclo vital individual e marital podem ser incongruentes, e ainda, a dificuldade de lidar com os novos papéis no novo relacionamento.

Outro aspecto observado, foi que as experiências com as famílias, confirmaram a importância da iniciativa pastoral. Esse fato ajudou ao próprio conselheiro a superar suas dificuldades de lidar com a resistência do

aconselhamento pastoral. Desta forma, ao exercer seu papel, o conselheiro cristão pôde ir ao encontro de Geraldo e de sua família como um todo. Essa perspectiva abriu pontes de contato e ajudou a restabelecer a comunicação. Ao demonstrar profundo interesse pelas pessoas, buscando-as para o relacionamento terapêutico como afirma o texto bíblico, "...e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la." Lc 15.4. O conselheiro, assim, conquistou o respeito, a possibilidade de continuar o acompanhamento, e a possibilidade de ministrar por meio de ritos e símbolos cristãos na vida dessa família.

Os estudos de caso demonstraram que o cuidado pastoral, de algum modo, torna-se mais do que um assunto de relações públicas ou contato social. O cuidado pastoral deveria ir, até o ponto do pastor, tornar-se o anfitrião na própria casa das famílias em aconselhamento. Ao tomar a iniciativa para ser o anfitrião na casa da própria família, o conselheiro concedeu a possibilidade e a oportunidade para cada um de seus membros contasse a história da família, a partir de sua própria perspectiva. Como um bom anfitrião, não ignorou a contribuição de ninguém. Ser um bom anfitrião também significa compreender o descompromisso, a negligência e individualismo, quando presentes na experiência da família.

A cada indivíduo foi dada intencionalmente e, explicitamente, a oportunidade de expressar-se como parte da vida orgânica da família. Foi importante assumir o papel de visitante e de anfitrião para conduzir a família na experiência com os ritos e símbolos cristãos. Assim, a autoridade amorosa e espiritual do pastor/conselheiro, ajudou a família a perceber a presença do sagrado no processo ritual.

Quanto à atuação do pastor/conselheiro, verificou-se a importância de se assumir uma postura de empatia. A empatia comunica entendimento e edifica confiança. Para serem empáticos com as famílias recasadas, pastores e outros conselheiros da Igreja Presbiteriana do Brasil, bem como de ou-

tras denominações, precisam ter uma compreensão mais ampla da graça de Deus. Ressaltou-se, portanto, nesta pesquisa, a teologia da graça de Deus. A graça de Deus recebe pecadores e não atira pedras sobre suas vidas, antes, busca por sua restauração. Na perspectiva do Novo Testamento, verificou-se que a graça permite o recomeço, o renascimento, uma nova vida, uma nova oportunidade de viver em família.

Constatou-se também, a necessidade de se enfrentar os preconceitos contra a família recasada no contexto cristão. Inclusive contra aquelas famílias recasadas, nas quais se considera haver falhas no processo de sua organização. A partir da teologia da graça de Deus, mesmo para o cristão que cai em falha, ainda que seja o adultério, há a esperança da restauração. O adúltero pode ser restaurado e sua nova família pode encontrar o amparo da comunidade da fé, desde que haja arrependimento de sua parte. A graça de Deus não ignora a falha do pecador, mas o restaura. Assim, quando no caso de um recasamento, avaliando-se, por exemplo, que houve adultério no processo do recomeço de vida, o adultério não precisa receber outro nome, a graça não é a negação do erro, e sim, o favor imerecido de Deus ao pecador arrependido. Aquele que morreu na cruz do calvário pelo pecador, levou sobre si o pecado e a culpa trazendo nova oportunidade de viver.

Tanto o estudo bíblico-teológico como os estudos de caso, demonstraram que é possível ser fiel aos princípios cristãos relativos à família, encontrados nas escrituras sagradas e, ao mesmo tempo, ministrar a graça de Deus sobre as famílias recasadas de forma empática e amorosa. Marcelo, é um exemplo de um cristão que, a partir da sua própria narrativa de vida, compreendeu que estava errado, que havia destruído seu casamento anterior e que sofria por tudo que havia acontecido. Sem a perspectiva do perdão e da restauração, encontrados na teologia da graça de Deus, o processo de libertação na vida de Marcelo teria sido in-completo. Mas, a partir

da perspectiva da graça, na experiência com o sagrado por meio do ritual, Marcelo reencontrou a alegria de viver na presença de Deus.

Da mesma forma, seria bom para o conselheiro, estar consciente do fato de que só a empatia não evoca mudança, necessariamente. Ajuda, mas não é suficiente. Além disso, por causa do poder emocional da família, empatia ilimitada pode resultar em distância insuficiente da mesma. Assim, só seria possível, haver contribuição para que mudanças familiares ocorressem, se o conselheiro ficasse fora do sistema familiar. Tem-se sugerido todavia, que pastores são limitados em seu trabalho com famílias, porque eles não mantêm distância suficiente para serem objetivos. Assim, foi importante constatar que a presença do pastor com a família, a despeito dos limites da autoridade pastoral, pôde evocar mudanças, enquanto pôde se manter fora da rede familiar.

Assim, ao mesmo tempo em que deve ser empático, verificou-se que o conselheiro deve manter uma certa distância dos aconselhados. A despeito do desejo sincero do pastor e dos conselheiros de ajudarem famílias problemáticas, diante das necessidades óbvias das famílias de cura e crescimento, esses devem permanecer livres da rede emocional da família. Famílias problemáticas podem exigir uma presença intensa do pastor e dos conselheiros na sua vida, fazendo com que caiam na armadilha da dependência da família. Torna-se, pois, imprescindível que pastores e conselheiros cristãos amorosos sejam empáticos e, ao mesmo tempo, mantenham certa distância de seus aconselhados, afim de que, as famílias possam contar e recontar suas histórias, e construir novas histórias para suas vidas.

Constatou-se ainda, a partir dos estudos de caso, o aspecto da igreja como comunidade terapêutica. O caso de Marcelo e Fátima demonstrou a grande importância da comunidade da fé, estar envolvida no processo. Marcelo e Fátima não demonstraram sentimentos de paz, como casal, enquanto não

encontraram o apoio da comunidade da fé. O apoio de um casal que vinha ajudando-os, não foi o bastante, pois lhes faltou o apoio do pastor de sua comunidade. Da mesma forma, buscou-se respeitar e compreender a posição do pastor no seu contexto histórico-cultural, colhendo da situação, a constatação da necessidade de uma proposta teológica e pastoral, como a aqui proposta, para ajudar pastores que poderiam melhor acompanhar os membros de suas comunidade que se encontram processo de recasamento. Marcelo e Fátima, não teriam, como aconteceu, que buscar outra comunidade onde pudessem encontrar o apoio necessário para a sua libertação, inclusão e crescimento.

Esse fato, demonstrou no processo da pesquisa, o quanto o envolvimento da comunidade da fé, no processo terapêutico se torna importante e indispensável. O aconselhamento só encontrou possibilidades de continuar o processo terapêutico, quando o casal estava sentindo-se aceito (incluso) e apoiado pela comunidade da fé. Demonstrando-se ser necessário levar-se em conta a compreensão de que a própria comunidade da fé é parte do processo de cura e libertação, e que o aconselhamento pastoral não deve ser realizado fora desse contexto. Assim, como o conselheiro manteve contato com o novo pastor de Marcelo e Fátima, nessa compreensão de que o processo terapêutico acontecia além do momento em que o casal estava com o conselheiro, alcançando a vida deles no contexto da comunidade da fé, seria importante para pastores e conselheiros cristãos, envolverem toda a comunidade no acompanhamento da família.

No caso de Geraldo e Márcia, o fato de estarem exercendo um ministério na igreja, sendo aceitos e inclusos, demonstrou ser de grande importância para o seu crescimento. O acompanhamento terapêutico que não isola a família, e que conta com a vida da família na comunidade da fé, encontra um contexto e um ambiente de apoio e empatia que contribui diretamente na libertação e no crescimento dos membros da família recasada.

Sendo assim, verifica-se como indispensável a perspectiva da igreja como comunidade terapêutica para o acompanhamento da família recasada. Treinar conselheiros com esta perspectiva será um desafio para o ministério do aconselhamento cristão.

Quanto às limitações, constatou-se que, de fato, o aconselhamento pastoral não será bem sucedido na tarefa do acompanhamento da família recasada servindo-se apenas de recursos espirituais. Faz-se-lhe necessário, a agregação do uso de contribuições das outras ciências de estudo do comportamento humano, no exercício de um acompanhamento holístico de seus aconselhados. Exemplo disso, é que ritos e símbolos cristãos, teriam pouco efeito terapêutico usados à parte das histórias das famílias, as quais foram externalizadas a partir das contribuições da Terapia Narrativa.

Na busca da interação dos ritos e símbolos cristãos e a Terapia Narrativa, o presente autor reconhece algumas limitações por não ter formação específica em psicologia e, em Terapia Narrativa. Essas limitações, no entanto, não foram obstáculos para que esse trabalho fosse desenvolvido criteriosamente, visto do acúmulo da literatura pertinente disponível. A pesquisa sobre a Terapia Narrativa foi imprescindível por se tratar de uma contribuição significativa ao modelo proposto por esse autor. Esse modelo se propõe como padrão específico de aconselhamento pastoral. Sua elaboração faz uso de contribuições de outras áreas científicas, sem, contudo, pretender assumir o papel dessas referidas áreas, diga-se de passagem, a psicologia e a Terapia Familiar. Com essa postura o autor reivindica ao aconselhamento pastoral o status singular que lhe é peculiar.

O aconselhamento que valoriza e utiliza as contribuições de linhas de terapia familiar, não deve negligenciar o aspecto espiritual das pessoas. Assim, constatou-se que o acompanhamento que considera o aspecto holístico do ser humano, oferece uma proposta mais consistente na busca da cura das famílias. As limitações de ambos os lados devem ser assumidas.

Famílias cristãs esperam que o conselheiro não se limite aos recursos das ciências humanas, divorciados dos recursos espirituais. Isso poderia ser encontrado fora da igreja. Da mesma forma, espera-se que o aconselhamento cristão não seja sectarista diante das grandes contribuições encontradas em pesquisas nas outras áreas da ciência. A integração desses dois universos (Terapia Narrativa e ritos e símbolos cristãos) demonstrou-se de grande relevância para o acompanhamento pastoral da família recasada.

A pesquisa atual também tem suas limitações, pelo fato de que os estudos dos casos foram restritos (dois casos). Reafirmam-se os vários aspectos positivos expostos acima, detectados nos encontros e nos rituais, os quais contribuem para um acompanhamento mais eficiente junto às famílias recasadas. No entanto, assume-se que alguns aspectos poderiam ser mais bem trabalhados em outras pesquisas. Para isso, a partir dos resumos das narrativas das histórias das famílias, e das experiências desenvolvidas com elas, levantam-se algumas perguntas, tais como: seria relevante o uso de ritos e símbolos na família se houvesse resistência à prática de rituais da parte de um dos membros? Como seria o resultado se todos os membros da família estivessem presentes em todo o processo do aconselhamento familiar? Como seria o resultado se um dos cônjuges fosse de outra confissão religiosa?

No processo do aconselhamento, não foi possível envolver todos os membros da família recasada. No caso de Marcelo e Fátima, os filhos não estiveram presentes em todo o processo, sendo que o aconselhamento se restringiu ao casal. Não se pôde constatar o valor do ritual para toda esta família, a não ser por meio dos resultados da melhora do relacionamento do casal e do casal para com os filhos. No caso de Geraldo e Márcia os filhos participaram do ritual da Santa Ceia, mas estiveram ausentes da maioria dos encontros de acompanhamento pastoral. O valor do ritual para

a família foi de grande importância, mas nem todos os aspectos foram trabalhados, pela dificuldade de se reunir a família toda no aconselhamento.

A pesquisa, também contribuiu de forma significativa para o acompanhamento da família recasada no que diz respeito ao enfrentamento da assimilação e exercício dos novos papéis nesse modelo de família. E, quanto à busca de soluções de nomenclatura para estes novos papéis, no contexto da família recasada, não fez parte do propósito dessa pesquisa, ficando o desafio aberto para outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRO, Jorge H. (Org). *O pastor urbano: Dez desafios práticos para um ministério urbano bem sucedido*. Londrina : Descoberta, 2003.
- BERKHOF, Luiz. *Teologia Sistemática. Trad. De Odayr Olivvetti*. Campinas : Luz Para o Caminho, 1990. 791.p.
- BERNSTEIN, Anne C. *Reconstructing the Brothers Grimm : New Tales for Stepfamily Life*. New York : W. W. Norton. Family Process, v. 38. n. 4. p. 415-429.1999.
- BOOTZ, Everton Ricardo. “Consultei a Deus, ele me acolheu, e me livrou de todos os meus temores” *O uso de Recursos Espirituais no Aconselhamento Pastoral*. Tese em Teologia. IEPG, EST. São Leopoldo, 2003.
- CALIL, Vera Lúcia Lamanno. *Terapia Familiar e de Casal: introdução às abordagens sistêmica e psicanalítica*. São Paulo: Summus, 1987. 172p.
- CALLISON, Walter L. *O Divórcio, A Lei e Jesus*. p.93-103 In.: CARVALHO, Esly Regina. *Quando o vínculo se rompe; separação, divórcio e novo casamento*. Viçosa MG : Ultimato, 2000. 104 p.
- CARBONE, Adriane. *Terapia Familiar Sistêmica. Breve Histórico: origens e desenvolvimento da Terapia Familiar*. Disponível na Internet. Revista Catharsis <http://www.revistapsicologia.com.br>
- CARTER, Betty, McGOLDRIK, Monica. (Eds). *As mudanças no ciclo de vida familiar : uma estrutura para terapia familiar*. 2 ed. Trad. de Maria Adriana Veríssimo Varonese. Porto Alegre : Artes Medicas, 1995. p. 345-367. 510 p.
- CARVALHO, Esly Regina. *Quando o vínculo se rompe; separação, divórcio e novo Casamento*. Viçosa : Ultimato, 2000. 104p.
- CASTELLS, Manuel. *A Questão Urbana*. Trad. De Arlene Caetano. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983. 506 p.
- CAVALCANTI, Maria L. *Estudo de ritos*, Revista de Antropologia, departamento de Antropologia da USP. <http://www.scielo.br>
- CLINEBELL, Howard, *Aconselhamento Pastoral*, São Paulo : Editora Sinodal, 1976. 427p.

- COLLINS, Gary R. *Family Shock, Keeping Families Strong in the midst Of earthshaking change*. Wheaton, Illinois, USA : Tyndale House Publishers, Inc,1995. 430p.
- COSTA, Gley P. KATZ, Gildo. *Dinâmicas das relações conjugais*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1992. 260 p.
- DOBSON, James C. *O Amor Tem Que Ser Firme, Novas esperanças Para famílias em crise*. Trad. Neyd Siqueira, São Paulo : Mundo Cristão, 1983. 166 p.
- DOURLEY, John P. *A crítica de Jung ao cristianismo*. Tradução de Roberto Girola: revisão Iracema Santos Fantaguci, Ivo Storniolo. São Paulo : Paulinas, 1987.
- DUTY, Guy. *Divórcio, e Novo Casamento*, Trad. de Myrian Talitha Lins, Belo Horizonte : Editora Betânia, 1979.
- ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Idéias Religiosas*. Trad. de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1984, Tomo III 399 p.
- _____. *Imagens e Símbolos, ensaio sobre o simbolismo mágico-religios*. Trad. de Sônia Cristina Tamer. São Paulo : Martins Fontes, 1991. 178 p.
- FALCETO, O. Garcia. *As Mudanças Sociais e as Transformações das Funções Parentais*. In.: Luiz Carlos Prado. *Famílias e Terapeutas : Construindo caminhos*. Porto Alegre : Artes Médicas. 1996. 197p.
- FEDERACIÓN LUTERANA MUNDIAL,1998. *Declaración de Chicago sobre Liturgia Y Cultura: Bautismo Y Ritos de Pasaje*. Disponível na internet, <http://www.jelu.org/liturgia/documentos/declaracion-de-chicago>
- FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Família: diagnóstico e terapia*. Petrópolis : Vozes, 1996. 136p.
- FISCHER, Joaquim. *A doutrina católica romana do matrimônio*. In.: Estudos Teológicos 13,1973, Número Especial: O matrimônio interconfessional, 3-7.
- FLORENCE, w. Kaslow e Schwartz Brunner/Maze, *As Dinâmicas do Divórcio, Uma perspectiva de ciclo vital*. Trad.de Magda Lopes e Maria Carbajal. Campinas : Editorial Psy. 1995. 238 p.

- FOLEY, Vincent D, *Introdução á Terapia Familiar*: Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 179p.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 7. Ed. Organização de textos trad. por Roberto Machado. Rio de Janeiro : Graal, 1986. 293 p.
- FRANCKE, Linda Bird. *Filhos de Pais Separados*. Trad. de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.
- FRIEDMAN, Edwin H. *Generation to Generation. Family Process in Church and Synagogue*. New York : Guilford Press, 1985.
- GENNEP, Arnold Van. *Ritos de passagem*. Petrópolis : Vozes, 1978.
- GERGEN, Kenneth. *Realities in relationships: Soundings in social construction of the justice*. Cambrige : Howard Universit Press, 1994.
- GERGEN, Kenneth J., KAYE, John. *Beyond Narrative in the Negotiation Of Therapeutic Meaning*. In.: McNAMEE, Sheila, GERGEN, Kenneth J. (Eds.). *Therapy as Social Constrution*. 3. Ed. London : Sage, 1994. 220 p., p. 166-185.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo : Atlas, 1991. 207 p.
- GIUSTI, Edoardo. *A Arte de Separar-se, Um livro que ensina a superar o drama da separação*. Título em italiano: L'ARTE DI SEPARSI. Trad. de Raffaella de Filippis. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1984. 236 p.
- GOLDANI ALTMANN, A. M. & WONG. L.R. *Padrões e Tendências da Nupcialidade no Brasil*. In.: Anais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1980, p. 343- 415.
- GOMES, José Carlos. *Manual de Psicoterapia Familiar*. Petrópolis : Ed. Vozes. 1987. 271p.
- HARE-MUSTIN, R.T. *The problem of gender in family therapy theory, Family Process*, 26: 15-27.
- HARRIZ, Marvin, *Antropologia cultural*. Madrid : Aliança. 1996.
- HOCH, Lothar Carlos. A cura como tarefa do aconselhamento pastoral. In.: BOBSIN, Oneide, ZWETSCH, Roberto E. (orgs). *Prática Cristã : novos rumos*. São Leopoldo : Sinodal : IEPG, 1999.208p.

- _____. A experiência como parceira da palavra para a percepção do divino – aspectos bíblicos. In: *Teologia em Debate*, n. 1, Porto Alegre: Instituto Teológico João Wesley, p. 34-47, 1997.
- _____. Aconselhamento pastoral e libertação: *Estudos Teológicos*, v. 29, n. 1, p. 7-17, 1989.
- _____. A Igreja e o universo negligenciado das emoções – aspectos antropológicos e psicológicos. In: *Teologia em Debate*, n. 1, Porto Alegre: Instituto Teológico João Wesley, p. 12-23, 1997.
- _____. A importância de ritos e símbolos no aconselhamento pastoral e na celebração – aspectos pastorais. In: *Teologia em Debate*, n.1, Porto Alegre: Instituto Teológico João Wesley, -. 34-47, 1997.
- _____. Acompanhamento Pastoral a moribundos e enlutados. In: *Proclamar Libertação Suplemento 2 – Ofícios*, São Leopoldo: Sinodal, p. 58-82, 1988. 163 p.
- _____. *Aconselhamento Pastoral como processo comunicativo*. Manuscrito do curso de LATO SENSU, IEPG/EST, 2000. 8p.
- _____. Aconselhamento Pastoral e Libertação. *Estudos Teológicos*, n. 29/1, p. 17-40, 1989.
- _____. O lugar da Teologia Prática como Disciplina Teológica. In.: BOBSIN, Oneide, ZWETSCH, (Orgs) *Teologia Prática no Contexto da América Latina*, São Leopoldo : Sinodal, p. 21-35, 1998.
- _____. Reflexões em torno do Método da Teologia Prática. In.: *Teologia Prática no Contexto da América Latina*, São Leopoldo: Sinodal, p. 63-78, 1998.
- _____. Psicologia a serviço da libertação: possibilidades e limites da psicologia na pastoral de aconselhamento. *Estudos Teológicos*, n. 25/3, p. 2490-270, 1985.
- HOFFMAN, Lynn. A Reflexive Stance for Family Therapy. In.: McNAMEE, Sheila, GERGEN, Kenneth J. (Eds.) *Therapy as Social Construction*. 3 ed. London : Sage, 1994. P. 7-24.
- IMBER-BLAC, Evan, ROBERTS, J. E Whiting R. *Rituales Terapêuticos y Ritos en la Familia*. In.: ROSSET Sandra Maria. Disponível na Internet. www.rosset.com.br.

- IBGE, site oficial. *Censo 2002*. Disponível na Internet. [http://:www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/)
- LAZÁN, Gilberto Brenson. *Manual de Recuperação Emocional - Caderno Para Adultos*. Trad. de Esly Regina S. de Carvalho e Ana Maria de Brito Almeida. Brasília : Eirene do Brasil, 1989.
- MACEDO, Rosa Maria S. Editora. *Terapia Familiar no Brasil*. Estado da Arte. Anais Volume II. São Paulo : Associação Paulista de Terapia Familiar, 1995. 529 p.
- MALDONADO, Maria Tereza, *Casamento, Término e Reconstrução*, Petrópolis : Editora Vozes, 1987.
- MARINHO, Antônio. *Um manual para quem pensa em casar de novo*. Disponível na Internet. <http://www2.uol.com.br/JC>.18/11/02
- MARODIN, Marilene. *As Novas Constelações Familiares*. Disponível na Internet. Universidade de Passo Fundo. <http://www.upf.tche.com.br/noticias/> 18/11/02
- MARTINS, Angela. *Recasamento com Filhos*. Disponível na Internet. <http://www.sorocaba.com.br/relacionamentofamiliar/index.shtml>. 18/11/02.
- _____. *Relacionamento Familiar: Compartilhando os Problemas em Família*. Disponível na Internet. <http://www.sorocaba.com.br/>.
- MAURÍCIO, Knobel. *Orientação Familiar*. Campinas : Papirus. 1992.
- MCGOLDRIK, Monica. A união das famílias através do casamento : o novo casal. In: CARTER, Betty, MCGOLDRIK, Monica. (Eds). *As mudanças no ciclo de vida familiar : uma estrutura para terapia familiar*. 2 ed. Trad. por Maria Adriana Veríssimo Varonese. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995. p. 185-205. 510 p.
- MCGOLDRIK, Monica, CARTER, Betty. Construindo uma Família Recasada In.: CARTER, Betty, MCGOLDRIK, Monica. (Eds). *As mudanças no ciclo de vida familiar : uma estrutura para terapia familiar*. 2 ed. Trad. por Maria Adriana Veríssimo Varonese. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995. p. 345-367. 510 p.
- MINUCHIN, Salvador, NICHOLS, Michael P. *A cura da família: histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar*. Trad. por Maria Adriana Veríssimo Varonese. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995. 268 p.

- MINUCHIN, Salvador. ¿Dónde queda la familia en la terapia familiar narativa? Artigo disponível na Internet. <http://espanol.geocities.com/aguilera99/volumen32.htm>. p. 3.
- MOLINA-LOZA, Carlos Arturo. *Chaves para uma terapoética da família*. Belo Horizonte : ArteSã. 1998. 500p.
- MONCAYO, Patrício. *Símbolo, Signo y Símbolo Religioso*. Artigo disponível na Internet. <http://uinpi.nativeweb.org/>
- Novo Código Civil. *Exposição de motivos e texto sancionado*. Brasília : Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2022. 342 p.
- NUNES DE SOUZA, Anna Maria. *A família e seu espaço : uma proposta De Terapia Familiar*. Rio de Janeiro: Agir, 1985. 226 p.
- OLINTO, Rubem. *Luto, Uma Dor Perdida No Tempo*. Niterói : VINDE Comunicações,1993.
- OLIVEIRA, João Bosco, OLIVEIRA, Fátima Fonseca. *Casais Em Segunda União. Uma Experiência Pioneira*. São Paulo : Loyola, 2002. 255p.
- OSORIO, Luiz Carlos. *Família Hoje*. Porto Alegre : Artes Médicas. 1996.
- PEARSON, Bud. *Solteiro Novamente, Casando-se de Novo Pelas Razões Certas*. São Paulo : Editora Candeia. 1985.
- PECK E MANOCHERIAN. *Divórcio*. In.: CARTER, Betty e MCGOLDRICK, Monica, *As Mudanças no Ciclo da Vida Familiar*. Trad. de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995. 510p.
- PENN, Peggy., FRANKFURT, Marilyn. *Creating a Participant Text: Writing, Multiple Voices, Narrative Multiplicity. Family Process*, v. 33, p. 217-231. New York : W.W. Norton, september, 1994.
- PLEKKER, Robert J. *Divórcio à Luz da Bíblia*, H. Kietzmann. São Paulo : Edições Vida Nova, 1985.
- PORCHAT, Ieda, organizadora. *Amor, Casamento, Separação*. São Paulo : Editora Brasilense, 1992. 166p.
- PRIGOGINE, L. & STENGER, I. *A Nova Aliança*. Brasília : Unb, 1984.
- REVIÈRE, Claude. *Os Ritos Profanos*. Petrópolis : Vozes, 1997.

- RIESSMAN, Catherine K. *Narrative Analyses*. Vol. 30 Newbury Park : Sage, 1993. 78 p.
- ROSSET, Solange. Org. *O Sonho de uma vida a dois começa a três*. Disponível na internet. <http://www2.srosset.com.br/>
- ROSSET, Solange. *O Uso De Rituais Na Psicoterapia*. Disponível na internet. <http://www.srosset.com.br>. Agosto de 1995.
- RIBEIRO, Paula de Miranda. *Casa-separa: um estudo do descasamento e Recasamento*. Rio de Janeiro e São Paulo : 1984. Dissertação de mestrado na UFMG, 1993. disponível no site: <http://www.cedeplar.ufmg.br/demografia/>.
- SCARF, Maggie, *Casais Íntimos: convivência, casamento, afetividade*. Trad. de Ângela Perez de Sá. Rio de Janeiro : Francisco Alves. 1990. 409 p.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aconselhamento Pastoral. In.: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.) *A Teologia Prática no Contexto da América Latina*. 291-318. São Leopoldo : Sinodal 1998.344p.
- SCHMID, Giancarlo Kind. *Simbolos da Cura*. Disponível na Internet. <http://www.nlink.com.br>
- SKYNNER, A. C. Robin. *Pessoas Separadas: Um Só Corpo. Princípios de Psicoterapia Familiar e Conjugal*. Trad. de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro : Zahar Editores. 1995. 441 p.
- STRAND, Paul S. *Toward a Developmentally Informed Narrative Therapy*. New York : W.W. Norton. *Family Process*, v. 36. p. 325-339. December, 1997.
- STRECK, Valburga Schmiedt. *Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral, uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo : Sinodal. 1999. 384 p.
-
- Imagens Da Família, Dinâmica, Conflitos e Terapia do Processo Familiar*. São Leopoldo : Editora Sinodal. 1996. 169p.
- TACCA, Fernando, *O profano sacralizado*. Disponível na Internet. <http://www.naya.org.ar/congresso2002>.
- TEYBER, Edward, *Ajudando as crianças a conviver com o divórcio*. Trad. Carmen Youssef. São Paulo : Nobel. 1995.

- TOURNIER, Paul, Culpa e Graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do Evangelho. Trad. Rute Silveira Eismann. São Paulo : ABU, 1985. 218p.
- TURNER, Victor W. *O processo ritual*. Petrópolis : Vozes, 1974.
- VAUGHAN, Diane. *A Separação : momentos decisivos da vida em comum*. Trad. Osmyr Faria Gabby Jr. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1991.
- VILHENA Júnia. Organizadora. *Escutando a Família: Uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará. 1991. 176p.
- WALDEMAR, José Ovídio. *Divórcios e Recasamentos: Enfrentando o Desconhecido*, in.: Prado Luiz Carlos (org). *Famílias e Terapeutas: construindo caminhos*. Porto Alegre : Artes Médicas.1996. 237 p.
- WALLERSTEIN, Judith S, KELLY, Joan B, *Sobrevivendo à Separação, Como pais e filhos lidam com o divórcio*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre : Artmed, 1998.
- WEINGARTEN, Kathy. *The Small and the Ordinary: The Daily Practice of a Postmodern Narrative Therapy*. *Family Process*, v. 37, p. 3-15. Spring, 1998.
- WEISS, Robert. S., *The Emotional Impact of Marital Separation* in Levinger, George, Moles Oliver C, *Divorce and Separation, Context, Causes, and Consequences*: New York : Basic Books, Inc., Publishers. 307p., p. 205-209
- WHITE, Michael. *Re-Authoring Lives : Interviews & Essays*. Adelaide, Austrália : Dulwich Centre, 1995. 221 p.
- YANCEY, Philip. *Maravilhosa Graça*. Trad. Yolanda M. Krievin. São Paulo : Vida, 2001. 310 p.
- ZARUR, George de C. *Ritos de passagem e ritos de inversão de status*. Disponível na Internet. <http://www.ccbnet.org.br/news>.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)